

Romance

Lírios de Esperança

WANDERLEY S. DE OLIVEIRA
pelo espírito ERMANCE DUFAUX

Dufaux EDITORA





Lírios de Esperança

Conheça a trajetória de seareiros espíritas que desencarnaram sob o peso das ilusões, mas que encontraram em si a força divina para reconstrução e recomeço de suas vidas, motivados pela esperança na conquista dos bens eternos, amparados e devidamente cultivados pelo amor dos amigos espirituais nos jardins Celestes da Divina Providência.

Editora Dufaux

"Ao enfocar a história de líderes cristãos tombados no remorso sob o açoitado da negligência com a qual se conduziram durante a vida física, Ermance Dufaux abdica da visão derrotista de falência e queda irremediável, para alertar ao homem terreno sobre quanto lhe compete realizar no clima do sacrifício e da renúncia em favor de si mesmo, quando bafejado pelas benesses da Doutrina Espírita."

Maria Modesto Cravo — prefácio de Lírios de Esperança

Dufaux EDITORA

<http://www.ermance.com.br>
editora@ermance.com.br

ISBN 859808035-7



Lírios de Esperança

Wanderley Soares de Oliveira pelo espírito
Ermance Dufaux

**Série Atitudes de Amor
Romance**

Sociedade Espírita Ermance Dufaux - SED
Editora Dufaux

OUTUBRO-2005



Ermance Dufaux

ATENÇÃO: Este livro foi digitalizado por estar **ESGOTADO** na editora, e como é de fundamental valor para a educação espiritual e moral de todos nós, tomei essa liberdade.

As pessoas de bom coração deveriam portanto encaminhar uma doação às obras assistenciais **da Sociedade Espírita Ermance Dufaux.**"

Contatos em: <http://www.ermance.com.br/>

5.000 exemplares outubro/2005

Copyright © 2005 by **Wanderley Soares de Oliveira**

Retrato de Ermance Dufaux **José Reis**

Capa

Paulo Mouran

Revisão:

Ana Maria de Souza

Projeto Editorial e Gráfico

Departamento Editorial Sociedade Espírita Ermance Dufaux

Impresso no Brasil

PEDIDOS:

Rua Professor Baroni, 200/501 - Bairro Gutierrez

Belo Horizonte - MG - Brasil

CEP-30.440-140

(31) 3275-3953 ou editora@ermance.com.br

internet: www.ermance.com.br

D91l Dufaux, Ermance O45l

Lírios de esperança / Ermance Dufaux (*Espírito*); psicografado por Wanderley Soares de Oliveira. — Belo Horizonte : Dufaux, 2005.

304 p. (Série Atitudes de amor)

1. Espiritismo. 2. Psicografia. 3. Romance espírita, l. Oliveira, Wanderley Soares de. II. Título.

CDD130 ISBN: 85-98080-35-7

"O produto desta edição é destinado à manutenção das atividades da Sociedade Espírita Ermance Dufaux."

"A Cidade de Corinto começou, então, a produzir os frutos mais ricos de espiritualidade. A cidade era famosa por sua devassidão, mas o Apóstolo costumava dizer que dos pântanos nasciam, muitas vezes, os lírios mais belos; e como onde há muito pecado há muito remorso e sofrimento, em identidade de circunstâncias, a comunidade cresceu, dia a dia, reunindo os crentes mais diversos, que chegavam ansiosos por abandonar aquela Babilônia incendiada pelos vícios."

Emmanuel. As Epístolas. Paulo e Estevão.

"Todo o tesouro da literatura mediúnica produzida até hoje, apesar de sua excelsitude e valor, nada mais é que um mísero grão de areia na praia universal da imortalidade."

Dufaux, Ermance. Lírios de Esperança.

"A questão mais aflitiva para o espírito no além é a consciência do tempo perdido..."

Bacelli; Carlos. O Evangelho de Chico Xavier. Item 11.

Sumário

Lírios de Esperança.....	
Prefácio.....	
Introdução.....	
01. Olhai os Lírios.....	
02. Convocação de Eurípedes.....	
03. Medidas Imposteráveis.....	
04. Novos Colaboradores.....	
05. Primeiras Entrevistas.....	
06. Encontro com Inácio Ferreira.....	
07. Delicada Cirurgia.....	
08. Novas Motivações.....	
09. Ao Encontro de si Mesmo.....	
10. Os Ovóides.....	
11. Visão Ampliada.....	
12. Nossas Obras.....	
13. Técnica Anímica.....	
14. Cargos e Responsabilidades.....	
15. Projeto Essencial.....	
16. O Servo de Todos.....	
17. Horizontes Mentais.....	
18. Obra de Amor.....	
19. Ala restrita.....	
20. Segundo Andar.....	
21. Lição Áurea.....	
22. Subsolo 02.....	
23. Tribuna da humildade.....	
24. Geração Solidária.....	
25. Planos para o Futuro.....	

Anexo I - A Proposta das Atitudes de Amor de Bezerra
de Menezes

As páginas aqui numeradas não correspondem a numeração da edição original.

Lírios de Esperança

Os apontamentos desta obra são inspirados em fatos reais e refletem um trabalho de equipe. Coube-nos a tarefa de organizá-los e enviar à Terra sob chancela de Eurípedes Barsanulfo.

Enveredamos pela trama somente até o ponto de tornar compreensível a história, pois nosso objetivo é destacar as preciosas lições morais contidas nas experiências de vários corações. Para isso, dispomos da didática dos diálogos interativos, abdicando do enredo romanceado que poderia desviar-nos a atenção para o exterior, em detrimento das vivências interiores.

Esforçamo-nos tanto quanto nos permitiram as condições, para retratar as peculiaridades de cada personagem, no intuito de reconstruir os fatos com realismo.

Em nome de nossa amizade, que a cada dia se consagra, e mantendo-me esperançosa em dias melhores para nossa humanidade, recebam a bênção fraternal em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, endereçada aos leitores e amigos.

Ermance Dufaux - 1º de maio de 2005.

Prefácio

Nos Tempos de Transição

"Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada"

Jesus, Mateus, 24:2

Nos bastidores dos dramas sociais visíveis aos olhares humanos, trava-se uma batalha decisiva do bem contra o mal. Tirania e indiferença tomam conotações incomparáveis, estabelecendo uma hecatombe moral sem precedentes. Em meio dessa faina desairosa, os verdadeiros discípulos de Jesus são convocados à formação de trincheiras resistentes, de amor incondicional, em favor da paz e do bem.

Não teremos regeneração sem retaguarda e defesa. Se existem os missionários do progresso cuja função é criar o bem de todos, é mister entender que, mesmo eles, somente terão êxito sob regime de amparo e motivação. Enorme contingente de criaturas com tarefas definidas para o avanço social, em todos os campos das atividades humanas, tomba em armadilhas de perdição quando fustigadas pelos verdugos do mal que buscam, de todas as formas, reter o crescimento do planeta.

Muita ingenuidade acreditar que os inesquecíveis baluartes da ciência e da cultura, da política e da religião, agiram à mercê de cuidados espirituais especiais em suas missões. Quanta ordem e disciplina preenchem os caminhos das almas que mourejam de mente afinada ao progresso coletivo! Quanta atenção e interesse fraterno despertam os que abrem seus corações ao amor sem fronteiras! Como imaginar que Albert Schweitzer e Gandhi realizaram a messe de bênçãos sem enormes medidas de segurança do Mais Alto?! Einstein e Freud foram assessorados ininterruptamente. Kardec recebeu de Jesus a autorização para medidas de proteção jamais utilizadas a nenhum missionário na face da Terra. O bem, para ser espalhado, não prescinde de fileiras de defesa eficientes. Vivemos e respiramos sob os auspícios de uma *rede de reflexos*.

Quaisquer desordens, assim como uma oração, são capazes de alterar nosso psiquismo. Luzes que se acendem fortalecem toda a rede.

Quaisquer lampejos de paz atraem esfomeada multidão de almas atormentadas, sob o jugo de tiranos dotados de uma longa trajetória de inteligência e perspicácia na perversidade. Essas almas escravizadas pela maldade procuram agir como astutos vigilantes para arruinar todos os focos de luz sobre a Terra. Essa a razão dos golpes sucessivos nas "atividades-amor" do Espiritismo cristão.

Apesar da luz dos conhecimentos espíritas, o tesouro espiritual das informações não tem sido suficiente para despertar muitos adeptos a uma nova ordem de atitudes e idéias face aos desafios da hora presente...

O intercâmbio interdimensional nesse contexto, que poderia servir de fortaleza aos mais auspiciosos projetos de liberdade e ascensão, em inumeráveis casos, não passa de enxada afiada em plena semeadura à espera do lavrador que a deseje manejar a contento.

A história é a mãe da cultura, e a cultura é o conjunto das noções que os homens aceitam como referências para se conduzirem em seus grupos. A cultura espírita, em torno das questões mediúnicas, responde por uma mentalidade que inspira práticas e posturas nem sempre ajustadas aos reclames do tempo espiritual da transição. Transição é o tempo mental da renovação, a hora do recomeço e da reavaliação. Nesse cenário, os aprendizes da mediunidade serão aferidos com rigor. Muita coragem e sacrifício serão exigidos de quem realmente anseia servir sob novos e mais apropriados regimes, nesse tempo de contínuas mudanças.

Indispensável romper conceitos, vencer barreiras intelectuais e ter a ousadia para esculpir os novos modelos de relação intermundos, retirando a mediunidade do dogmatismo que aprisiona o raciocínio humano, e da tristeza que estorcega o coração como se os médiuns cumprissem severa sanção.

Sem exageros, vivemos um tempo em que as comportas mediúnicas, a despeito de estarem em plena movimentação, não permitem que a linfa cristalina da imortalidade goteje com a necessária abundância por suas frestas, para dessedentar o homem aprisionado ao deserto das paixões materiais...

Vivemos uma nova proibição mosaica como a do Velho Testamento!¹ Proibição essa mais nociva que a dos velhos textos hebreus, porque não se faz por decretos formais, passíveis de serem revogados, mas sob a coação impiedosa do preconceito sutil, das convenções estéreis e de sofismas aprisionantes - hábitos de difícil extirpação da mente humana.

Indispensável que haja um "Novo Tabor" em que Jesus, ao lado de Moisés e Elias, revogue a proibição da comunicabilidade dos espíritos com os homens.²

O espírito Charles Rosma e as irmãs Fox protagonizaram o "Tabor da Era do Espírito". O drama de Rosma, assassinado há décadas na residência dos Fox³, é o de bilhões de almas na humanidade à espera de quem lhe possa estudar a dor e amparar os caminhos, presos a grilhões de maldade e infortúnio, ou em porões fétidos de amargura e dor. Só haverá renovação social, quando houver limpeza psicossférica.

É hora de abertura, desenvolvimento de parâmetros experimentais sem perder o caráter moral e educativo, para o qual as atuais práticas de intercâmbio se destinam. Nesse objetivo se firma a autora espiritual Ermance Dufaux em continuidade à *série Atitudes de Amor*⁴, sob os auspícios do venerável baluarte do amor fraternal, Adolpho Bezerra de Menezes.

Um clamor ao serviço abnegado e consciente na regeneração da humanidade em ambas as esferas de vida, formação de frentes corajosas de amor, tarefas maiores de libertação e asseio psíquico da Terra. Eis os desafios delegados pelo Cristo a todos que O amam. Desafios que, em muitas oportunidades, são substituídos pela atitude impensada da acomodação...

Enquanto inúmeros aprendizes da mediunidade optam pelo fascínio da mordomia para servirem, preferindo o exercício mediúnico distante do sacrifício e nos braços do convencionalismo, Jesus

¹ Kardec, Allan. Da proibição de evocar os mortos. *O Céu e o Inferno*. Cap.XI

² Kardec, Allan. Da proibição de evocar os mortos. *O Céu e o Inferno*. Cap. XI

³ Doyle, Arthur Conan. O Episódio de Hydesville. *A Historiada Espiritismo*.Cap. IV

⁴ O primeiro livro da Série Atitude de Amor é *Unidos pelo Amor*. Editora Dufaux.

conta com os destemidos, dispostos à segunda milha das ações que ultrapassam o comodismo inspirado na rigidez da pureza filosófica.

A atitude de amor sem lindes de Eurípedes Barsanulfo deve ser exemplo inspirador para nossas ações no legítimo bem. Somente nesse clima de testemunho sacrificial, encontraremos condições de plantio das sementes do mundo novo que sonhamos para o futuro da humanidade.

Ao focar a história de líderes cristãos tombados no remorso sob o açoitado da negligência com a qual se conduziram durante a vida física, Ermance Dufaux abdica da visão derrotista de falência e queda irremediável, para alertar ao homem terreno sobre quanto lhe compete realizar no clima do sacrifício e da renúncia em favor de si mesmo, quando bafejado pelas benesses da Doutrina Espírita. Seu enfoque é compassivo e pródigo de esperança ao destacar a extensão da tolerância ativa das almas superiores para com nossas necessidades de aperfeiçoamento. Ao mesmo tempo, a autora convoca-nos aos mais árduos imperativos peculiares ao tempo da transição. Digno de nota, igualmente, é o seu esforço sacrificial em manter fidelidade ao pensamento e as características de seus personagens. Tarefa essa cumprida a contento segundo avaliação de nossa equipe espiritual.

O sentimento da imortalidade precisa ser construído na intimidade do homem reencarnado. É instrução a serviço da espiritualização. Essa instrução, no entanto, carece de aplicação prática que retrate quanto possível a realidade imortal. Daí o imperativo de vivências mediúnicas incomuns, para além dos rígidos padrões de segurança e utilidade consagrados pela comunidade doutrinária.

Um desafio de investigação e fé espera os servidores da mediunidade em tempos de transição. Nesses textos encontraremos uma preciosa reflexão a esse mister. Investigação para dentro e para fora de si mesmo.

Conscientes de que evolução é processo íntimo e gradativo, não temos dúvida que certos ensinamentos nem sempre acompanham o tempo psicológico e espiritual de alguns aprendizes. Estou convicta, porém, de que, nessas linhas despretensiosas, existem motivos de sobra para endossá-los como convite inadiável ao tempo de maioria das idéias espíritas, independente de aceitação e aco-

lhimento por parte de quantos se consideram os intelectuais do Espiritismo.

Perante a iniciativa dos discípulos sinceros ao mostrarem a estrutura do templo para Jesus, Ele declarou: *"Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada."*⁵ O templo material simbolizava a concepção encharcada de materialismo por parte dos que ansiavam seguir o Cristo.

Não deserdam dessa assertiva! Os conceitos e as práticas se renovam celeremente. Descerra-se um horizonte novo e belo, educativo e libertador ante os olhos de quantos tenham *olhos de ver e ouvidos de ouvir...*

Da amante do bem e servidora do Cristo,

Maria Modesto Cravo - 1º de janeiro de 2005.*

*** Maria Modesto Cravo**

Nasceu em Uberaba, a 16 de abril de 1899 e desencarnou em Belo Horizonte, a 08 de agosto de 1964. Uma das pioneiras do Espiritismo em Uberaba, atuou com devotamento junto ao "Centro Espírita Uberabense" e ao "Lar Espírita". Médiun de excelentes qualidades, trabalhadora incansável do amor ao próximo e mulher de muitas virtudes, dona Modesta, como era conhecida, foi a fundadora do "Sanatório Espírita de Uberaba", voltado para tratamento dos transtornos mentais, inaugurado em 31/12/ 1933, e em plena atividade até hoje. Foi nessa casa de amor que se tornou conhecido o valoroso companheiro Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra e um baluarte do bem.

⁵ Mateus, 24:2

Introdução

A Quem Vamos Seguir?

"E Pedro o seguiu de longe até o pátio do sumo sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados, para ver o fim"

Mateus, 26:58

Em todos os tempos da humanidade, os cooperadores do bem e os missionários da vanguarda sempre contaram com retaguardas espirituais seguras para as tarefas que desempenharam, mesmo desconhecendo, muitas vezes, o amparo do qual eram alvos. Toda luz que se acende requer cuidados especiais na continuidade de sua expansão.

Uma escola e um hospital, assim como quaisquer instituições sociais do progresso, jamais se verão livres das lufadas cruéis do mal e da treva que tentam apagar-lhes o brilho da bondade e do amor. É da Lei: os que avançam atraem para si quantos tentam entrar a ascensão. O objetivo é a multiplicação do bem através da cooperação sacrificial na renovação de almas.

Uma educadora alinhada ou um aluno promissor podem trazer, no âmago, o peso cruel da "lama psíquica" em que se encontravam antes do renascimento, ligando-se aos expoentes do desequilíbrio. Assim sendo, a escola educativa passa a funcionar como posto de orientação de almas em crescimento, atraindo o séquito indisciplinado de desencarnados para dentro de suas portas.

Um médico carinhoso ou um paciente em convalescença podem carregar, na mente, os "monstros da insensatez e da loucura" em sintonia com os asseclas da impiedade e do ódio. Dessa forma, o lugar abençoado de recuperação torna-se também um celeiro de amparo a corações desorientados, abrindo campo para a ação dos oponentes da Verdade que enxameiam nos seus corredores e dependências. Em quaisquer rincões da Terra, nos dias da transição, existe sede e fome, tormenta e dor, esmolando mãos amigas e ins-

trução correta em favor da libertação. Um encarnado representa as enfermidades ou as necessidades de uma multidão.

Nos bastidores imortais das tragédias e dramas da sociedade carnal, encontramos fatores causais ou influentes na ação organizada da maldade. As raízes do mal se alongam do visível para o invisível e vice-versa.

O avanço tecnológico, a explosão da cultura e a busca de Deus no século XX provocaram um desconforto nos abismos em forma de comoções ostensivas. Como se fosse um vulcão, a pressão exercida nas sombras expeliu para a superfície do orbe as larvas do desespero e da angústia, da maldade e da desobediência. A Ordem Divina é limpeza, regeneração, liberdade e paz.

Hoje, mais que nunca, o bem exige alicerces seguros e trincheiras eficazes. Essa a razão da oposição sistemática em relação aos esforços espíritas. Quaisquer projetos de elevação e consolo são alvos de atenções aguerridas dos adversários da luz. É nesse contexto que podemos entender o valor inestimável das trincheiras de amor, construídas no desinteresse e na forja da coragem. Entre os homens, equipes que se amam e respeitam. E, além da matéria, grupos socorristas que operem quais pólos produtivos de lídimo serviço cristão em favor da libertação de consciências.

Inúmeras atividades e metas espíritas têm sido boicotadas ou mantidas em retardo por faltarem esses círculos vibratórios de proteção. Sem retaguarda espiritual, até para manter um estudo do Evangelho no lar, será exigido da família a movimentação de forças incontáveis...

Os grupos mediúnicos funcionam, nessa hora grave de asseio da psicosfera, como salutareis ungüentos cicatrizantes ou medidas preventivas em favor da evolução e da ordem.

A superação de parâmetros na aquisição de conhecimentos novos pode ser amealhada através da instauração de iniciativas experimentais. Os contributos morais da compaixão, do desejo de auxiliar e de aprender são as únicas linhas morais a serem conservadas nessa modalidade de aprendizado. Quanto ao mais, bom senso, ousadia, rompimento com padrões e muito diálogo, serão os fios condutores de novos modelos de parceria entre mundos físico e espiritual.

Os grupos conscientes do momento pelo qual atravessamos, não se norteiem pelas convenções aceitáveis na coletividade doutrinária que, quase sempre, mostra-se indisposta a *andar a segunda milha...*⁶ Trilhar vivências novas...

O preconceito e a descrença alheia costumam arruinar muitos planos do bem!

Jesus estabeleceu: "não vim ab-rogar a Lei, porém, cumpri-la."⁷

A maioria das práticas de intercâmbio se orienta pelos textos, poucos ousam a investigação, a observação, a experimentação fraterna. O apego à letra é um rigoroso processo de engessamento relativamente a questões essencialmente subjetivas, portanto sem critérios definitivos de segurança. O estudo e a disciplina, conquanto imprescindíveis, não deveriam se converter em cadeados para a espontaneidade...

Sem produção de conhecimento novo sobre imortalidade, as práticas mediúnicas atolam em lamentável processo de estagnação, isto é, uma rotina de ação que estanca a mais preciosa qualidade dos médiuns e dos grupamentos: a criatividade - única habilidade capaz de ampliar os horizontes de análise sobre a profundidade das questões invisíveis que cercam a matéria palpável. Esse conhecimento novo, entretanto, depende da aquisição de vivências novas, sem as amarras do convencionalismo.

Uma questão credora de minuciosas reflexões aos companheiros de lide na vida física: que motivos estariam impedindo a formação de trincheiras corajosas nos serviços de intercâmbio para além dos padrões? Conquanto essa seja uma valorosa questão de debates de vós outros, na carne, deixaremos nossa colaboração, incondicionalmente aberta a críticas, embora nutrida de clareza.

Além da dogmatização, tal ordem de fatos na seara desemboca na formação moral do próprio grupo. Exigir-se-á uma convivência muito cristalina e rica de confiança, para que se ergam pólos valorosos e destemidos de serviço com o Cristo nessa hora de transição.

⁶ Mateus, 5:41

⁷ Mateus, 5:17

Por sua vez, o paciente labor de tecer essas relações duradouras e autênticas na convivência pedirá algumas condições, costumeiramente desprezadas por variadas razões. Que conjunto doutrinário esculpirá um clima familiar de confiança e honestidade sem ombrear desafios em comum, além da própria tarefa mediúnica? Que comunidade conseguirá vencer os ardis da vida emocional sem aprenderem a dialogar em grupo sobre seus sentimentos, com isenção de melindres? Quais grupamentos conseguirão diluir seus papéis na equipe para agirem como parceiros de uma jornada, sem desapegarem de suas expressões de personalismo no dia-a-dia do centro espírita? Quantos companheiros terão suficiente dignidade para colocarem suas dúvidas íntimas ou desconfiança em relação aos outros, sem recorrerem a terceiros, completamente fora do ambiente experimental em teste no seu grupo? Quantas iniciativas serão formuladas no clima da pureza de corações nas quais médiuns ou dirigentes, por mais experiência amealhada, disponham-se a "rasgarem" suas folhas de serviço e recriarem sempre o que aprenderam?

Imprescindível superar conceitos e barreiras culturais erguidas no valioso laboratório do intercâmbio intermundos. Todo saber acumulado deverá conduzir às novas sondagens com propósitos educativos. Assim como Allan Kardec lançou-se na pesquisa honesta dos fenômenos, contrariando todas as opiniões a respeito de sua atitude, hoje, os aprendizes da mediunidade que almejam servir à causa do Cristo são convocados a imprescindíveis discussões.

Até onde a "cultura das convenções" que avassalou o psiquismo de inúmeros cooperadores na seara terá penetrado, igualmente, nesse campo sagrado da relação interdimensional? Os parâmetros estabelecidos como roteiros de segurança mediúnica não estarão, em verdade, constituindo fortes amarras ao progresso das práticas de intercâmbio? Que caminhos tomar para situar a tarefa mediúnica como laboratório educativo de almas, distante do dogmatismo? Como edificar grupos de servidores mais adequados aos imperativos da hora de transição? Como resgatar e como utilizar a espontaneidade? Que noções cristãs exarar sobre educação mediúnica? Quais seriam os critérios na seleção dos componentes de uma frente de serviços mediúnicos em tempos de transição?

Sem as trincheiras espirituais do amor, o mundo padecerá ainda mais as dores da transição. O Hospital Esperança, essa obra de amor erguida pelo Apóstolo da Benevolência, Eurípedes Barsanulfo, constitui um dos mais avançados núcleos de defesa, orientação e abrigo para a comunidade espírita mundial. O Espírito Verdade, prudente em Sua tarefa de amor, projetou medidas preventivas para os desafios no transporte da árvore do Evangelho para o Brasil. A "Obra de Eurípedes" é um exemplo vivo da Bondade Celeste em suas expressões de compaixão sem lindes, uma "trincheira" do amor em favor da paz mundial.

Importa-nos indagar: "a quem seguiremos?" Ao Cristo e a Sua proposta ou ao estreito pátio das formalidades que tanto atraem as almas túbias e preguiçosas, interesseiras e vaidosas?

Pedro, no instante crucial de sua decisão, preferiu camuflar-se entre os criados, amargando terrível culpa pelo resto da existência. Seguir Jesus de longe é fruir o clima das facilidades, submisso à aprovação da coletividade. É gozar das concessões concedidas pelo Senhor, recebendo um talento sem a aplicação desejável.

Um "novo Tabor" apresenta-se aos lidadores da mediunidade. Nele transfiguram-se, além de infundáveis baluartes do mundo, gênios perversos. Desconhecera a erraticidade enquanto no corpo e agora anseiam por auxiliar a extinguir o estreito limite entre esferas de vida, cooperando com os planos do Mestre para o futuro da humanidade.

Artistas e expoentes da cultura, políticos e educadores, mulcumanos e evangélicos, índios e ecologistas, astrônomos e cientistas, poetas e escritores, economistas e pacificadores, todos eles têm procurado as tarefas interdimensionais sem serem ouvidos. Todos eles trabalham pela paz. Pelo Cristo. Imprescindível a abertura de mentes e conceitos. O Céu está mais próximo da Terra do que se imagina.

Paulo Freire e Tarsila do Amaral, Jacques Cousteau e Charles Darwin, Albert Schweitzer e Osho, Tancredo Neves e Joaquim Nabuco, Carlos Prestes e Rousseau, Sri Aurobindo e Elisabet D'Esperance, Einstein e Sigmund Freud, Jung e Pierre Janet. São alguns dos infinitos nomes de quantos estão recorrendo aos pólos protetores das reuniões mediúnicas de vanguarda, para buscarem recurso e

amparo para as obras que edificaram ou para aquelas que se tornaram tutores. Vivem todos eles nesse ecossistema intercontinental como artífices ativos dos tempos de regeneração, sob a tutela de almas nobres e mais elevadas, orientando-os na nova dimensão.

Além do Tabor, esse símbolo de abertura das trocas psíquicas, espera-nos os campeões do mal, mas, igualmente, os mais gloriosos expoentes do bem, com tesouros de alívio e incentivo à ingente caminhada dos homens.

Trabalhem sem cessar pela formação desses postos avançados de ligação com a vida extrafísica, e um magnífico horizonte se abrirá aos nossos olhos. Somente então perceberemos com mais clareza a exuberância da mediunidade e a interpretaremos como canal por onde flui a Excelsa Misericórdia em favor da Obra da Criação para o bem de todos.

Cícero dos Santos Pereira - 1^o de janeiro de 2005.*

*** Cícero dos Santos Pereira**

Nasceu em 14 de novembro de 1881, no povoado de Gorutuba, próximo à Diamantina, Minas Gerais. Além do exercício do magistério, foi guarda-livros, taquígrafo e bacharel em direito. Foi presidente da União Espírita Mineira (1937 a 1940) e fundador de vários centros espíritas em Belo Horizonte e Montes Claros. Foi um dos fundadores do "Abrigo Jesus", instituição espírita de amparo à criança carente, na capital mineira. Foi colaborador da imprensa espírita, especialmente "O Espírita Mineiro". Desencarnou em 04 de novembro de 1948, na cidade de Belo Horizonte.

01

Olhai os Lírios

“A piedade é a virtude que mais vos aproxima dos anjos; é a irmã da caridade, que vos conduz a Deus! Deixai que o vosso coração se enteneça ante o espetáculo das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes”

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XIII, item 17.

A alta madrugada impunha silêncio. Sob o lençol alvinitente, encontrava-se o fiel servidor. A tez desfigurada pela dor física alterou-lhe os traços fisionômicos. Olhos semi-abertos digladiavam com a impiedosa febre da *influenza*.

Era o primeiro dia de novembro, ano bom de 1918. No dia anterior, a despeito de seu torpor, já havia previsto seu desenlace. Uma lufada de forças sublimes tomou-lhe a cabeça, estancando o avanço acelerado da enfermidade. O doente repentinamente abre os olhos, recosta-se melhor no leito e observa uma luminosidade irradiante vinda do Alto. Mesmo abatido pela peleja física, emociona-se às lágrimas. Uma suave cantiga de sua predileção brotava-lhe na mente. As imagens inesquecíveis do coral entoando melodias... Recordava a inauguração do Colégio Allan Kardec. Sentia-se transportado ao vitorioso dia em que abriu aos caminhos humanos um significado novo para o ato de educar.

Seu mundo mental agora se confundia entre a realidade das estreitas percepções físicas e os sentidos da alma. Dilatava-se a visão. Um vulto feminino desenha-se em meio ao clarão das energias refazentes. Vestida com trajes típicos da era cristã primitiva, uma judia de olhos fulgurantes apresenta-se com ternura e serenidade:

— Eurípedes, servo do Cristo, sabes quem sou? Surpreendentemente refeito, ele responde:

— És tu, Mãe Santíssima?! Tão jovial e bela?!

— Venho em nome de meu Filho amado.

— Maria... Maria... - o discípulo fiel balbuciou o nome entre incontidas emoções que lhe afogaram as palavras.

— Eurípedes, mestre de sacramento e servidor do amor, Jesus convoca-te a novos rumos. Uma classe de aprendizes empedernidos suplica educação e luz. Um submundo de atrocidades e loucura está à espera de serviços imediatos. Chega o tempo de banir a escuridão da Terra, separar o joio do trigo. Uma clarinada de paz desce das esferas maiores em direção aos pântanos da maldade. O Pastor conclama teu coração generoso a esse mister.

— Serva do amor, orienta-me, se posso auxiliar o Bem Maior.

— Este século será o tempo da alforria para a humanidade terrena. Urge, entretanto, salvar os escravos da ignorância e converter os senhores da perversidade. Uma sanha enfermiza lança-se nesse momento sobre o Consolador. A sociedade assiste, angustiada e estarecida, aos efeitos da guerra cruel que vitimou o mundo na epidemia do medo e da insegurança nesse primeiro quartel do século XX. Um império de trevas aguarda o lume da bondade... O Senhor prepara as trilhas para um porvir de glórias à Sua Mensagem Rediviva.

— Que fazer, Mãe Santíssima?

— Os pântanos da maldade estão repletos de almas túbias. São lírios encharcados pela lama pútrida das imperfeições, mas não perderam o viço, a exuberância. Não deixaram de ser lírios. Ali jazem, atolados nos lamaçais da insanidade, muitos laços de nossa trajetória pela cristianização nesse orbe. Vem, servidor do amor! Uma obra que já começaste na erraticidade aguarda-te! Um celeiro de esperança e promessa encontra-se à tua espera. O Senhor Compassivo, no entanto, permite-te a continuidade junto ao templo corporal. Queres a cura ou aceitas a vereda da esperança?

—Mãe Amantíssima - falou Eurípedes aos prantos -faça-se em mim a vontade do Pai!

—Então, Filho Amado, recebe a unção prometida pelo Teu Senhor. O Espírito Verdade chama-te para o labor de implantação de Sua Leira Bendita. Nessa Terra abençoada, a mensagem do Consolador será a luz do mundo para o século. Auxilia, meu filho, na tarefa redentora do transporte da árvore do Evangelho. Estruge um grito de pavor e remorso nas grutas da sordidez. Quais meninos

atormentados, suplicam socorro e alívio ante as bravatas de sangue e dor.

— Mensageira Bendita, quem são os sofredores a que te referes?

— Nos abismos, encontram-se os Lírios de Deus, aqueles que amam a mensagem do Cristo, todavia não souberam honrá-la. Inúmeras almas rebeldes que amam ao Cristo. Uma nação de exilados que o tempo não converteu. São lírios de esperança em pleno pântano de egoísmo. Olhai pelos lírios, meu filho. Jesus te chama para erguer-lhes abrigo acolhedor e oferecer-lhes descanso e elevação. Por quem o Senhor chorou naquela noite de abençoado encontro contigo? Lembras-te?⁸

— Sim, Digna Serva! Jesus chorou pelos que lhe conhecem os ensinamentos e não os vivenciam na atitude.

— Esses serão teus novos filhos. Doravante, serás o Apóstolo da Esperança. Darás conforto educativo aos cristãos de todos os tempos, que foram atingidos pelo encanto da negligência e pela tirania da ilusão⁹. As Ovelhas Perdidas de Israel serão teus novos alunos. Ensina-lhes a pedagogia do amor. Restitui-lhes a Herança Divina de Filhos de Deus. Assegura-lhes suficiente misericórdia para testemunharem o roteiro de Meu Filho Amado: "Meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem." Todos ainda vão florir, serão lírios nos campos da vitória. Vão embelezar os destinos da humanidade.

O Apóstolo sacramentano fora novamente surpreendido por novas visitas. Maria, a Mãe das dores do mundo, afastou-se de sua clarividência, e Doutor Bezerra de Menezes surgiu-lhe aos olhos do espírito. Não contendo mais as emoções, chorou como criança, sem dizer palavra. O velho paladino do Cristo estendeu-lhe os braços. Um abraço amoroso e, com incomparável leveza e naturalidade, Barsanulfo desprende-se do corpo como se deixasse uma veste de panos. A testa empapada de suor lívido decretou-lhe falência instantânea. Eram seis horas da manhã do primeiro dia de no-

⁸ Silva, Hilário (Espírito). Visão de Eurípedes; psicografado por Francisco Cândido Xavier e Valdo Vieira. *A Vida Escreve*.

⁹ Nota do digitalizador: ILISÃO, como no original.

vembro. Trinta e oito anos¹⁰ na edificação de um monumento eterno...

Barsanulfo partiu para continuar. Partiu para servir com mais liberdade. A obra implantada na vida física teve continuadores honrosos. Seu desafio maior esperava-lhe nas esferas próximas ao orbe. Um enxame de doentes de outra natureza lhe bateria às portas. Uma nova dimensão de dores se lhe apresentaria ao coração bondoso. Uma nova ordem de lutas e armas a serem ensarilhadas. Um outro cortejo de aflitos para confortar. Uma classe de doentes empedernidos suplicava-lhe a palavra salvadora, nos roteiros da educação de suas almas, clamando por piedade e compaixão.

Passaram-se oitenta e dois anos desse momento glorioso na vida do Apóstolo da Esperança.

Convocação de Eurípedes

"Essa a estrada pela qual temos procurado, com esforço, fazer que o Espiritismo enverede. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do Espiritismo cristão e humanitário, (...)"

O Livro dos Médiuns, Capítulo XXI.X, item 350.

Estamos nos primeiros dias do ano 2000. As atividades do Hospital Esperança intensificaram após ordenações maiores, descerradas por Bezerra de Menezes em nome do Espírito Verdade. Sua magistral palestra "Atitudes de Amor", proferida no mês de outubro de 1999¹¹ inaugurou um tempo de renovação e medidas promissoras para a causa do amor.

O movimento em torno das idéias espíritas, no plano físico e na vida dos espíritos, não foi mais o mesmo depois da predica do

¹⁰ Eurípedes Barsanulfo (1880-1918).

¹¹ A referida palestra está contida na obra Seara Bendita- Editora Dufaux.

paladino do bem. Fazia-se urgente uma nova ordem de medidas para o sacrifício incondicional de quantos nutrem o desejo de servir à obra regenerativa da Era do Espírito na Terra. O iniciar do novo milênio constituía-se num apelo retumbante para o engrandecimento moral da Terra, perante a uniformidade das leis que regem o ecossistema no cosmo universal.

Eurípedes, por sua vez, recebeu diretriz urgente da Falange Verdade e convocou-nos sem demora. Nosso diretor já havia preparado com antecedência um encontro no qual os trabalhadores e cooperadores ativos do Nosocômio Esperança reunir-se-iam no salão principal para ouvir-lhe os novos alvites.

À noite, pontualmente aos dez para as oito horas, adentrou Eurípedes, como de costume, acompanhado por dona Maria Modesto Cravo¹², conhecida como Dona Modesta.

Acomodamo-nos nas últimas fileiras, junto ao professor Cícero¹³, apelido mantido na vida espiritual, e a Inácio Ferreira¹⁴.

Dona Modesta, depois de sentida prece, notificou a todos, pela sua mediunidade, que a Equipe Verdade velava pelo nosso encontro. Sem formalidade de qualquer espécie, o diretor se postou atrás de um singelo púlpito e iniciou sua fala: "Amigos em Cristo, esperança em seus corações.

Um fenômeno social irreversível vem ocorrendo nas relações: a superação dos modelos verticais de convivência.

Contrapondo os velhos referenciais de autoridade para ditar o que fazer e como fazer, a família e a escola, a religião e a cultura, assim como todas as organizações humanas são convocadas a repensar as carcomidas formas de relacionamento. Ninguém estabelece as normas, ninguém tem certezas ou verdades definitivas. Todos em busca de posicionamento a partir de suas necessidades mais profundas. O caminho atual aponta para a criação de relações horizontais, a diluição dos papéis e a formação de grupos cooperativos. Os clamores da alma retumbam no coração humano à procura de paz, equilíbrio, saúde e sossego interior. Um extenso labirinto apre-

¹² Maria Modesto Cravo - fundadora do sanatório espírita uberabense.

¹³ Cícero dos Santos Pereira- espírita atuante no estado de Minas Gerais.

¹⁴ Inácio Ferreira - diretor do sanatório espírita uberabense.

senta-se, cujo percurso é individual, singular. É a saga da alma em crescimento, eterna perseguidora da felicidade e das respostas para ser em plenitude.

Cartilhas e padrões, estatutos e regras sofrem golpes impiedosos. A nova ordem social conduz a uma decisiva derrocada na supremacia de velhos e corroídos significados.

Ressignificar... Dar sentido novo em direção a um porvir de esperanças e completude interior.

Encontramo-nos em meio a essa turbulenta gestação de idéias, valores e referências. A humanidade prepara-se para adotar o conceito sistêmico, solidário. Enquanto isso, ruí todos os paradigmas em verdadeira hecatombe de convenções hegemônicas. Os velhos parâmetros não atendem às necessidades do agora. Por outro ângulo, ainda não se formaram novos modelos de inspiração para que o homem se guie nas suas experiências e metas. O certo e o errado variaram totalmente seus sentidos, e ainda não se teve tempo bastante para estipular outros conceitos.

Portanto, nutrir muita certeza sobre algo, cultivar rigidez de entendimento, é postura extremamente arriscada nessa fase de mutação. Não menos arriscado é assumir a desafiante atitude de "inventor" de novas formas de caminhar. Esse fenômeno social que nasce nas entranhas da alma exige siso moral, responsabilidade individual, coragem. É algo bem diferente. Antes se tinha alguém para ditar o caminhar, algum modelo, uma experiência em que se apoiar. Tornava-se cômodo responsabilizar o próximo ou alguma orientação institucional a fim de evadirmos ou esquivarmos dos efeitos nocivos de nossos atos.

Esperam-se mudanças para melhor na humanidade, todavia poucos são os que perceberam uma realidade inquestionável: a Terra mudou rapidamente. Seus habitantes não conseguiram ainda avaliar a profundidade de tudo que ocorreu nas últimas três décadas. Em trinta anos, efetivaram-se séculos de mudanças. Atordoados e aflitos, sem direção e sem rumo, a humanidade debate-se à procura de bússolas que resgatem o sentimento de segurança.

Nesse cenário global, repete-se, no início do século XXI, a mesma experiência do Espiritismo prático no alvorecer do século XX. Naquele tempo, as bússolas não existiam, foram criadas. Ago-

ra, somos chamados a **recriá-las**. A mediunidade e seu exercício obedecem a esse ciclo inadiável e dinâmico. Os seareiros do intercâmbio, em quaisquer patamares de conquistas, são convocados a construir sentidos novos na utilização das forças psíquicas e mentais, que envolvem a relação interdimensional entre esferas de vida.

A diversidade, conquanto, a princípio, cause insegurança, é propícia à expressão da criatividade. Criatividade que deverá sempre ser regida pelos valores morais da sensatez, da responsabilidade e do amor.

Allan Kardec, o emissário da Era do Espírito, refere-se *ao fermento da incredulidade* que ainda tomaria conta da humanidade *por duas ou três gerações*.¹⁵ Incredulidade em relação à imortalidade e comunicabilidade do ser espiritual. Adentramos exatamente essa terceira geração, dividida em três períodos de setenta anos, a partir da chegada do Espiritismo.

É o período da sensibilidade, da fé que supera o medo humano de existir e progredir no bem.

Fé é a adesão espontânea da alma na busca da Verdade. Mediunidade é o ventre sagrado do fervor. Através dela, ocorre a sublime gestação do patrimônio da crença lúcida e libertadora.

Raciocínio é o dínamo da lógica e do bom senso. Quando atacado pela rigidez emocional, converte-se em preconceito e estagnação.

Inúmeros grupos doutrinários transformaram o critério do raciocínio em medida prática de defesa, para não serem enganados pelas bem urdidas mistificações. Com essa postura, se não são enganados nas suas produções mediúnicas, são ludibriados quanto ao significado abrangente das relações de amor entre as almas, circunscrevendo a prática de intercâmbio à expressões superficiais de conversão de desencarnados, com espaço acanhado para a manifestação livre dos benfeitores e aprendizes da erraticidade. Vigilância excessiva é um cadeado nas portas da sensibilidade, aprisionando os sentimentos aos severos regimes de descrença e engessamento

¹⁵ Allan Kardec - comentário da questão 798 *O Livro dos Espíritos*.

mental. A cautela excessiva com a fantasia e o engodo manietaram inúmeros servidores.

E o resultado mais infeliz de tanta censura é o enfermício de-sânimo com as sagradas práticas de intercâmbio entre os mundos. O mais grave efeito do engessamento cultural das idéias espíritas é a paralisia da noção de imortalidade. Um plano espiritual estático e desconectado da vida na Terra.

Jesus, o paradigma do Amor Universal, ao estabelecer pela Sua Atitude a era da ética aplicada e sentida, assegurou em suas palavras: *"Não vim ab-rogar, porém, cumprir."*¹⁶ Que definição mais precisa se pode ter de uma transição? Quando se fala em novos significados, estamos, em verdade, referindo-nos ao ingente desafio de viver a mensagem esquecida do amor. Transição, portanto, muito antes que uma etapa que deflagra o novo, significa a sublime decisão de afinar-se com o bailado cósmico do amor, o ritmo pulsante de Deus desde a origem dos tempos infinitos.

No século XX, os espíritos procuraram os homens. Agora, os homens deverão ser os parceiros dos espíritos. Buscar-lhes para a vivência de uma relação mais consciente e educativa. O "telefone" tilinta daqui para lá, todavia, chega o instante de recebermos também os "chamados" do homem, cujos interesses repousem na transformação de si mesmo.

A bondade celeste conferiu-me novos desafios nesta casa de amor. Imperioso refletirmos sobre os destinos da mediunidade ante o clímax da transição espiritual do planeta. Nossa missão consiste em avaliar medidas promissoras a nosso alcance, que facilitem a consolidação dos Planos do Espírito Verdade para a messe espírita do mundo físico no século XXI. Os primeiros cem anos do terceiro milênio serão os alicerces da Era do Espírito.

Na condição de educadores da alma, importa-nos reconhecer o exato valor das instituições humanas, jamais as adotando como expressões absolutas da verdade. Tradições e valores estão em acelerado processo de metamorfose. Estamos atravessando uma crise de referências sem precedentes na seara. O movimento espírita está

¹⁶ Mateus, 5:17

sendo sacudido por um terremoto de diversidade. Porém convenhamos, é nesse cenário que vai emergir a rota da regeneração.

"O Espiritismo não cria a renovação social". As necessidades do homem elegerão seus princípios como senda indispensável. Não se deve deduzir, todavia, que seu perfil social servirá de modelo, porque a diversidade nesse terreno será avassaladora a tal ponto de diluir, apropriar e melhorar as características de suas práticas e conceitos. Ante essas mutações necessárias, os discípulos aferrados a modelos serão convidados a sofrido teste de desapego.

A ciência e a religião, a arte e a filosofia serão caminhos propulsores da força do pensamento espírita, sobrepujando o materialismo que grassa. Nenhum deles, no entanto, servirá de via preferencial. Por essa razão, urge desenvolver um novo significado para a comunidade adepta da verdade consoladora face ao predominante caráter religiosista. Religião com religiosidade. Religião com educação. Se a religião não educar, ficará retida no dogmatismo. Se a ciência não educar, será sovinice. Se a filosofia não educar, transformará em cátedra de vaidade. Se a arte não educar, constituirá um palco para exibicionismo. O momento converge todas as conquistas humanas para a espiritualização da criatura e pelo desenvolvimento de seus valores nobres e divinos.

Amigos e trabalhadores, nessa hora tão decisiva, os médiuns maduros revestem-se de importância singular.

O primeiro século de mediunidade orientada pelas luzes da doutrina, desde as reuniões realizadas nos núcleos familiares, ensejou um nível de intercâmbio intermundos jamais deflagrado em qualquer tempo da história da Terra. Apesar disso, somente ao libertarmo-nos do corpo, averiguamos claramente quão rude ainda são nossos contatos com o mundo físico. Por esse motivo natural, não será exagero afirmar que o século XX, no que tange à mediunidade, foi o período de ensaios promissores, tendo em vista o futuro glorioso que espera o homem psíquico do século XXI. Os médiuns mais consagrados de nossa seara fizeram-se canais abençoados para que a linfa da Divina Providência jorrasse sobre o mundo. Eles próprios, contudo, sabem que estamos, indubitavelmente, na infância dos contatos entre as esferas física e espiritual.

O século XX foi uma farta sementeira. Os grãos deram uns a trinta, outros... Outros foram sufocados, pisoteados... Que o otimismo e a bondade não entorpeçam nossa visão quanto às infelizes ciladas da maldade... Em meio à farta sementeira de bênçãos nascidas do intercâmbio mediúnico, vicejou lastimável semente de joio...

O que era apenas uma ameaça ao intercâmbio mediúnico responsável, regido pela espontaneidade, hoje se concretiza como autêntico cerceamento criado por padrões rígidos e institucionais nas leiras de serviço. Tais padrões, a princípio erigidos como "estacas de segurança", transformaram-se em "cartilhas" por sugestões de corações bem intencionados, porém, desprevenidos quanto ao significado da singularidade nos assuntos metafísicos. Além disso, a existência dos "mentores culturais" de sofismas, em ambos os planos, multiplicaram as noções inconsistentes absorvidas pela comunidade em suas práticas e conteúdos. O resultado inevitável é o restringimento, ainda maior, das manifestações do céu para a vida terrena.

Chega a hora de um *novo chamado!*

A hora que atravessamos é similar à parábola das Bodas, narrada em Mateus, capítulo vinte e dois. Os convidados do Rei não compareceram para o evento. A eles, foi destinado o convite, a oportunidade lhes pertencia, entretanto, por motivos pessoais, não compareceram. O Rei, perante a ocorrência, manda seus servos nas aldeias e campos a chamar quantos se apresentassem ao mister.

O tempo e a aquisição do conhecimento têm causado perturbadora sensação de grandeza a muitos aprendizes das frentes de labor mediúnico. Desse modo, afastam de si próprios os convites ininterruptos aos novos misteres que a cada época são dirigidos à vida física, destinados a promoverem o progresso e amadurecimento de nossas relações interdimensionais.

Não se trata de criar novidades nas laboriosas frentes de intercâmbio, e sim de resgatar a linfa cristalina da produção mediúnica, exonerando-a dos pedregulhos e impurezas provenientes dos "entulhos culturais" a ela infligidos. Em verdade, propomos um retorno ao exercício mediúnico conforme as propostas do Cristo de Deus.

Somente a poder de trincheiras produtivas, implantadas em solo brasileiro no início do século XX, foi possível ampliar o raio

social de ação do pensamento espírita. De tudo fizeram os vales da sombra e da morte com fins hostis a esse projeto. As tarefas socorristas constituíram-se em "válvulas de alívio" às pressões ininterruptas e incansáveis. Passaram-se cem anos nesse campo de lutas acirradas.

Ao penetrarmos esse terceiro período de mais setenta anos na busca da maioridade das idéias espíritas¹⁷, urge algumas medidas salvadoras. A vitalidade do movimento em torno dos postulados espíritas dependerá de uma nova ordem cultural em todos os seus setores de ação, especialmente na sementeira da mediunidade.

A solidez da investigação fraterna requisita das equipes cristãs o gosto pela crítica, sincero apoio ao crescimento de todos, honestidade emocional em relação uns aos outros, tratamento responsável com todas as dúvidas. Somente nesse clima de relacionamentos sinceros e leais, respaldados pelo desejo de aprender e servir, a luz da misericórdia celeste brilhará, transformando a fragilidade humana em abundante celeiro de imorredouras venturas.

Existem servidores sérios e vigilantes na seara, experimentando o açoite da calúnia de trabalhadores incautos e orgulhosos. O tempo indica aos tais servidores do amor a discrição a fim de não terem seus ideais esmagados pelo peso da chocarrice alheia. A truanice não merece resposta. Compete-nos destinar a eles, servos destemidos, um alerta para que, nesse momento, não declinem da oportunidade de colocarem a luz onde possa ser vista por todos, no velador. São as bússolas indicadoras para os caminhos do Cristo ante os tempos novos.

O século XXI será o tempo do sentimento, e até as esferas abissais do planeta vivem esses momentos. Antes, dominavam pelas idéias, agora, com o avanço da ética e da cidadania, não conseguem usurpar, com a mesma facilidade, a inteligência humana, no entanto agredem o homem pelo coração. A inteligência avançou, mas a emoção humana, com raras e honrosas exceções, estagia no instinto!

É assim que atuam os hábeis manipuladores dos sentimentos perturbadores de desmerecimento e inferioridade. Fazem esquecer as conquistas para exacerbar a indignidade. Uma análise antropoló-

¹⁷ Referência contida na palestra "Atitude de Amor", *Seara Bendita*, Editora Dufaux

gica cuidadosa nos apontaria a intensidade com a qual as estruturas religiosas e políticas, de todos os tempos, exploraram a "cultura da indignidade" como instrumento de domínio. Os líderes das regiões abismais utilizaram de semelhante expediente na gestação desse estado deplorável das agremiações doutrinárias do Espiritismo no que tange às relações extrafísicas.

Que esse foco não entorpeça nossa razão, por se tratar de realidade previsível, considerando o caminhar lento, mas progressivo, da humanidade.

Incentivemos os caminhos novos aos nossos parceiros no mundo físico! Os médiuns que melhor irão retratar as mensagens celestes são os que educarem seus sentimentos.

As bússolas serão encontradas. É lei. O longo percurso de descoberta e criatividade solicita a aplicação de atitudes de amor condizentes com os novos tempos. Assinalemos algumas delas no intuito de estudar e debater as sendas da mediunidade em tempos de transição:

- valorosa noção e aplicação do 'espírito' de equipe;
- desapego de concepções;
- coragem para experimentar;
- adesão afetiva e espontânea na participação de novas vivências;
- investigação nas conquistas da ciência;
- acendrada postura de despreensão ante as vitórias com as novas práticas;
- incansável abertura mental para ouvir, alterar, avaliar e discutir em clima de aprendizado e fraternidade;
- superação dos limites filosóficos doutrinários em busca de conceitos universais aplicáveis à mediunidade."

Nesta altura da palestra, Eurípedes alterou perceptivelmente o tom de voz. Uma luz de intenso brilho envolveu todo o seu corpo. O apóstolo parou de falar e fechou os olhos. Em meio à luminosidade, quase não podia ser mais percebido. Eurípedes transfigurou-se e surgiu um vulto de mulher. Uma Judia de roupagem similar ao cetim, com detalhes em azul claro. Rosto cândido e olhos verdes. Cabelos aos ombros. Uma paz indefinível tomou-nos a todos. Olhei para o professor ao meu lado e notei as lágrimas descendo pela fa-

ce. Doutor Inácio, em ato reflexo, trouxe as mãos à boca, recordando um menino surpreso. Uma voz terna, como se penetrasse nossa alma como um todo, dizia:

— *Filhos do amor! Perseverai nas veredas que meu Filho amado vos conclamou! Exultai em serdes os servos benditos do último instante, chamados à gloriosa missão! Recordem Seu chamado quando ao Seu lado encontravam-se Moisés e Elias: "Levantai-vos; e não tenhais medo".¹⁸ Sede solidários com a excelsa obra da regeneração humana. Dizei aos homens que Jesus está na Terra e convocai seus servidores ao ministério do amor incondicional, interligando dimensões, enaltecendo a vida!*

Dona Modesta, guardando equilíbrio e sensibilidade, descreveu, pela clarividência que percebia, um enorme painel acima do Hospital Esperança. Era um retrato trazido por almas angelicais que reproduzia a cena do *lava pés*¹⁹ conforme o acontecimento original narrado no Evangelho.

O encontro foi encerrado em clima de extrema sensibilidade e sentimentos elevados.

Em poucos minutos, nosso diretor sintetizou uma previsão sobre o que será o século XXI no que tange aos rumos da espiritualização, e Maria abriu-nos as portas do coração como a preparar-nos aos desideratos da hora nova...

A ocasião foi um clamor do Mais Alto em favor do Espiritismo cristão e humanitário.

¹⁸ Mateus, 17:7

¹⁹ João, 13: 1 a 20

Medidas Impostergáveis

"Ora, assim como, numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está, a Humanidade inteira"

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo III, item 7.

A palavra sábia de nosso diretor revestiu-se de caráter emergencial. Os cooperadores do Hospital Esperança, recebemo-la como uma convocação para medidas inadiáveis.

A hora presente reclamava maior soma de informações sobre a natureza das provas depois da morte. Diversas equipes se mobilizaram ante os alvitreiros de Eurípedes para traçar planos.

Após o término da inspirada explanação, Dona Modesta convidou o Professor Cícero e o Doutor Inácio ao seu gabinete particular, a fim de se organizarem.

— Inácio, creio que acabamos de obter endosso a velhos anseios! - abriu o diálogo Dona Modesta.

— Modesta, você sabe, há quanto tempo, espero para levar ao plano físico um noticiário franco e destemido sobre a situação dos espíritas nesta casa. Adoraria assustar um bocado de gente...

— Chega de sustos, Inácio! O momento nos pede clareza, entretanto com objetivos puramente educativos. De nada nos valerá surpreender e não educar.

— Jamais deveremos esquecer esse foco - atalhou o professor. Nossos confrades na Terra, especialmente os operários da mediunidade, carecem de apontamentos sobre mediunidade e transição. As colocações de Eurípedes foram decisivas. Imperioso oferecer-lhes mais vasta noção sobre o momento que atravessamos. De fato, as "cartilhas" e os "mentores culturais de sofismas" somente deixarão de existir quando fomentarmos a lucidez pelo bom senso.

— Continuo intrigado sobre como escalar essa montanha de condicionamentos sem "dinamitar".

— Sim Inácio, sua assertiva não deixa de ter fundamento - aclarou Dona Modesta -, desde que apliquemos farta dose de lógica e instrução moral, junto às novidades contundentes que detonam os paradigmas.

Entre uma xícara de chá e outra, os três seareiros continuavam a conversa. O professor, sempre muito ponderado, procurava oferecer um roteiro para as medidas da hora:

— A evolução é uma Lei Natural norteadada por ciclos. Homens e instituições, idéias e fenômenos da natureza obedecem ao sublime princípio da "emancipação ordenada". Nascer e renascer, infância e maturidade, semeadura e colheita.

O Espiritismo alcança seu *período de maioridade*. É a etapa na qual ocorre a ceifa. Instante divino de definições, tendo em vista o futuro de expansão e glória a que tudo e todos se destinam na vida. Esse ciclo da ceifa orienta-se pela separação do "joio e do trigo". Após crescerem juntos, é mister discernir para que servirá o fruto da plantação.

Após mais de um século de Espiritismo prático em Terras brasileiras, desponta o momento de avaliação face aos horizontes novos que se descortinam para nossa abençoada colmeia doutrinária. Hora de pesar as conquistas e construir parâmetros adequados às necessidades no momento presente. Espiritismo é dinamismo e ação. Somos todos conclamados a ressignificar, repensar, avaliar e edificar.

Desde o surgimento do *Guia dos Médiuns e Experimentadores - O Livro dos Médiuns* - lançado em janeiro de 1861, o mundo ganhou o mais lúcido roteiro de condução das forças psíquicas. Inspirados em suas abordagens profundas e seguras, médiuns e doutrinadores lançaram-se ao exercício. As conquistas foram ilimitadas. Mais de um século de vivências com o mundo espiritual, através das célebres reuniões mediúnicas, foi suficiente para consolidar uma noção clara e consciente de imortalidade entre os encarnados. Embora acanhadas para um orbe que passou milênios na ignorância intencional sobre as realidades extra físicas, essas foram passos muito significativos.

A hora da **maioridade** é, no entanto, uma chamada à mais vasta investigação nos domínios da vida futura.

Imprescindível superar conceitos e barreiras culturais erguidas no valioso laboratório do intercâmbio intermundos. Todo o saber acumulado deverá conduzir às novas sondagens com propósitos educativos. Assim como Allan Kardec lançou-se na pesquisa honesta dos fenômenos, contrariando todas as opiniões a respeito de sua atitude, hoje, os aprendizes da mediunidade que almejam servir à causa do Cristo são convocados a imprescindíveis discussões.

Até onde a "cultura das convenções" que avassalou o psiquismo de inúmeros cooperadores na seara terá, igualmente, penetrado nesse campo sagrado da relação interdimensional? Os parâmetros estabelecidos como roteiros de segurança mediúnica não estarão, em verdade, constituindo fortes amarras ao progresso das práticas de intercâmbio? Que caminhos tomar para situar a tarefa mediúnica como laboratório educativo de almas, distante do dogmatismo? Como edificar grupos de servidores mais adequados aos imperativos da hora de transição? Como resgatar e como utilizar a espontaneidade? Que noções cristãs exarar sobre educação mediúnica? Quais seriam os critérios na seleção dos componentes de uma frente de serviços mediúnicos em tempos de transição?

— Excelente reflexão, professor! - manifestou Dona Modesta.

— Sem dúvida, essas indagações são pertinentes ao contexto de muitas histórias que nós conhecemos neste Hospital! - exclamou o médico uberabense. Daí, por que não oferecer aos companheiros na carne uma nova série de obras que retratam os sucessos e insucessos dos espíritas?

—Não só dos espíritas, mas dos amantes da mensagem Cristã.

—Que seja, Modesta. O que importa é o casuísmo. Para mim, os escritores espirituais foram muito generosos, poupando notícias nesse particular- asseverou, com sua típica sinceridade, o Doutor Inácio.

—Generosos, não, Inácio! Foram compassivos -retrucou o professor.

—Pode ser! Ainda assim o momento pede um "susto" - insistiu o doutor.

— Tenho a certeza, Inácio, de que sua ligação com o médium uberabense será o caminho certo para os recados mais "diretos". Essa será uma vertente a seguir. Por outra análise, Eurípedes tem demonstrado enorme esforço na formação de trincheiras do amor cristão e humanitário. Fale-nos um pouco mais de sua experiência no assunto, professor - solicitou Dona Modesta.

— Em todas as épocas, os inventores e descobridores, cientistas e expoentes da cultura, educadores e religiosos tiveram a proteção de frentes solícitas e benfazejas, a fim de exercerem suas missões e compromissos. Trincheiras de amor sempre foram organizadas em torno de quantos acalentaram e viveram pelos sonhos de progresso e amor. Se esse é o dinamismo do Mais Alto em favor de quantos cuidam do avanço linear do planeta, que se dirá daqueles cuja tarefa é abrir os olhos dos homens, verticalizando a mentalidade e a ação para os destinos além da matéria? Os vanguardeiros da espiritualização sempre são alvos da Misericórdia Celeste no cumprimento de seus misteres.

Por essa razão, nossa fala converge para um apelo clamoroso e urgente na formação de trincheiras de amor para o planeta. Tais medidas fizeram-se indispensáveis e, algumas vezes, insubstituíveis para com os projetos de caridade e resgate em tempos de transição planetária.

Os serviços defensivos do bem, nessa etapa de mutações, são imprescindíveis. Urge a criação de pólos de retaguarda e refazimento espiritual. Toda pequenina luz que se acende no bem é tremendamente procurada pelo movimento das trevas densas. Difícil avançar na direção da luz sem inspiração e equilíbrio. E, sem imunidade, não garantimos por muito tempo as aspirações nobres.

Os ataques e a criatividade dos gênios da perversidade nunca foram tão pujantes. Essa é a lei. É preciso que o inferno procure o céu para exterminá-lo e acabe concluindo sobre a conveniência de aceitá-lo.

Pesada nuvem se adensa na psicofera terrena, proclamando a decisiva hora do ajuste. As espessas crostas do mal são cuspidas dos abismos e sobem à superfície em regime de higienização psíquica do planeta. Uma marcha, jamais vista em todos os tempos, movimenta as regiões abissais da erraticidade. Tempo de transição!

Uma semicivilização se esconde nas entranhas da subcrosta. Por lá, enxameia a vida em estágios de precariedade e sordidez. São nossos irmãos. Nossa família.

Nossas notícias não devem, porém, ser analisadas sob um prisma apocalíptico de decadência e ruína. Muito ao contrário! Se a humanidade "atrai" a sua parcela enfermiza "para cima", é porque adquiriu os recursos profiláticos para se curar. Essa é a ordem. Esse é o ciclo pelo qual passamos nessa Casa de Esperança, chamada Terra.

Nos compromissos da espiritualização, despedem-se do mundo físico os "desbravadores da Era do Espírito" para que assumam os "operários audaciosos da regeneração". Somente com muita coragem e desprendimento de convenções e padrões rígidos, seremos capazes de estabelecer ambientes para as sentinelas vigilantes do amor nesse turbilhão de lutas e conflitos.

O espírita, nesse cenário, é convocado a severo chamado. *"Muito será pedido a quem muito recebeu..."*²⁰ Hora de romper com as amarras do receio e, a exemplo do Senhor Allan Kardec, em plena Paris da cultura e do saber, lançar-se ao trabalho.

Decerto todo espírita consciente, por fazer parte da sociedade encarnada, deverá agir como um cidadão cuja tarefa é realizar seu papel responsável na erradicação dos males coletivos em todas as esferas. Ledo engano, todavia, será ignorar que a origem de todos os males humanos, em todas as épocas, sempre teve como raiz os sítios da perversidade, organizados há mais de dez mil anos nas grotescas localidades da vida errática.

Ninguém, em são juízo, vai querer resolver os problemas do mundo dentro de uma reunião mediúnica de amparo, descuidando da tarefa de responsabilidade social. Mas nosso apelo dessa hora é para a formação de grupos conscientes, dispostos a cooperarem em uma das mais árduas medidas de saneamento e solução, ante os destinos novos da humanidade.

Há vida nesses antros fétidos e nauseantes. Cabe-nos enxertá-los de esperança para recobramos a lucidez.

²⁰ Lucas, 12:48

Há vida nesses pântanos de amargura, compete-nos nutri-los de carinho para sentirem que podem recomeçar.

Nesses pântanos de dor, existem lírios exuberantes capazes de refletir a luz do sol. É nossa família que ficou no tempo, mendigando nosso amor. Apresentam-se iludidos pelo orgulho e, fazendo-se de fortes e vingativos, entretanto, amam e amam muito. Nosso desafio é amá-los ainda mais para descobrirem o quanto vale a pena viver plenamente e retomar nossos caminhos para Deus. Busquemos os nossos lírios.

Depois de uma pausa em que se mostrava, sobremaneira, emocionado, continuou o professor:

— Nossos números de censo são muito próximos do censo humano.

No período da vinda do Cristo à Terra, a faixa estimativa populacional girava na ordem de trezentos milhões de almas reencarnadas. Nessa ocasião, os censos do Mais Alto notificam fel que, entre encarnados e desencarnados, a Terra possuía uma ^w população geral na ordem de vinte bilhões de almas. Nunca aconteceram tantas reencarnações na humanidade até essa época. Depois houve um declínio acentuado em virtude da precária condição de vida na derrocada do império Romano, reduzindo a população humana a menos de duzentos milhões de criaturas no corpo. Somente no segundo milênio da Era Cristã, a população voltou a crescer vertiginosamente, atingindo pouco mais de quinhentos milhões de almas na carne até o século XV. Em 1900, o contingente girava em torno de um bilhão e seiscentos milhões. Mas somente após 1950, encontramos o período decisivo da humanidade. Viramos o milênio com a estimativa da população terrena de seis e meio bilhões de espíritos no corpo e com uma população geral de trinta bilhões de criaturas.

Essa projeção nos auxilia a concluir que, em certas épocas, os serviços socorristas realizaram-se totalmente na vida espiritual, considerando ser inexecutável efetivá-lo com a participação humana. Depois da Doutrina Espírita e da experiência adquirida em mais de cem anos de atividades mediúnicas, o cenário é outro. Hoje são mais de seis bilhões de espíritos no corpo e nunca a Terra passou

por tão diferenciado processo de êxodo, migração e emigração de espíritos entre o mundo dos sentidos físicos e extra-sensoriais.

A senhora tem reflexões mais claras, Dona Modesta, sobre o significado desses dados!

— É verdade, professor. Venho analisando-os para ter uma noção mais fiel sobre a extensão do trabalho que nos aguarda nesse século, junto aos servidores da mediunidade em ambas as esferas.

A Terra tem hoje um pouco mais de seis bilhões de almas, envelopando o corpo carnal. Sua população geral, conforme os "censos" do Mais Alto, chega à faixa de trinta bilhões de criaturas atraídas pelo magnetismo e lutas do planeta.

Do contingente geral, temos vinte por cento dos habitantes reencarnados. O que possibilita pensar em quatro almas de cá para cada uma na vida física.

Através de controles bem mais elaborados e sem margens de falhas, as equipes de celestes sociólogos, que orientam os destinos dos continentes, destacam que quatro bilhões desses seis bilhões reencarnados são almas doentes que purgam dolorosos processos de reeducação. Os outros dois bilhões são corações na busca ostensiva de sua recuperação, entre os quais, pouquíssimas vezes, encontramos os chamados "missionários coletivos", ou "encarregados de outorgas específicas" que venham a corroborar com o planejamento do progresso e bem-estar social.

Algo muito similar sucede-se com os outros vinte e quatro bilhões da população terrena na erraticidade. Temos doze bilhões de desencarnados em patamares de luta e sofrimento, seis bilhões de almas medianas que já cooperam eficazmente na tarefa regenerativa de outros, e mais seis bilhões de condutores elevados, entre os quais se encontram os "avatares" que velam pelo grande plano do Cristo para o orbe, missionários, guias espirituais, avalizadores, espíritos superiores, auxiliares galácticos. A maioria deles liberados da reencarnação ou ainda inúmeros homens e mulheres comuns, que venceram as provas expiatórias no suceder das reencarnações.

Algumas inferências tornam-se necessárias para que possamos apresentar propostas de serviço e cooperação inadiáveis aos amigos no corpo. Somando-se à aglomeração de seres em franca condição de dor e doença, temos um total de dezesseis bilhões, em ambos os

planos devida, distribuídos em quatro bilhões no corpo e mais doze bilhões nas regiões de pavor e desequilíbrio de nosso plano. Uma média de três almas em crise para cada uma em tormenta na vida física, totalizando um pouco mais de cinquenta por cento da população geral do orbe.

Desses dezesseis bilhões encontramos quatro bilhões de almas, apesar de enfermas, em franca busca do bem. Outros quatro bilhões são criaturas perversas que deliberadamente agem no mal. Os oito bilhões restantes se encontram em postura de indiferença ou indecisão, com fortes apelos para a apatia e o desânimo. Essa faixa de doze bilhões de enfermos traz em comum a falta de idealismo superior e o apego às questões materiais, dois traços que se distribuem de conformidade com a individualidade, seus pendores, seus valores e sua cultura. E daqueles quatro bilhões de irmãos nossos que gerenciam o mal através da perversidade, temos hoje nada menos que um bilhão deles em plena sociedade terrena, destilando o fel da cultura nociva e da atitude insana, enquanto outros três bilhões ainda guardam os postos mais elevados nas "ordenações infernais" juntos às esferas extrafísicas.

Imaginem uma casa terrena com cinco membros na família e considerem que, no mínimo, mais vinte entidades ali transitam quase que diuturnamente. O critério que define essas aproximações são variados e multifacetados, criando as mais infinitas formas de interação e convivência.

Tomando por base a colocação de *O Livro dos Médiuns*, item 232, temos:

Consideremos agora o estado moral do nosso planeta e compreenderemos de que gênero devem ser os que predominam entre os espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos, pelo caráter dominante dos habitantes, pelas suas preocupações, seus sentimentos mais ou menos morais e humanitários, dizer de que ordem são os espíritos que de preferência se reúnem no seio dele.

O Brasil insere-se como grande pólo magnético que renova e alivia as dores humanas pela força natural que irradia de seu povo e de seu solo. Fé espontânea e natureza rica são fontes inesgotáveis

de atração para quantos se encontram sem norte na vida espiritual. Razão pela qual esse torrão tem funcionado como um centro de gravidade para todas as questões que dizem respeito à história e aos caminhos da Terra.

Nessa etapa chamada transição, torna-se imprescindível alargar os horizontes dos depositários da revelação espírita, a fim de não reduzirem, em míseros informes literários, a complexidade das operações de que se revestem esses períodos decisivos para o futuro.

Transição é o período que separa dois ciclos. Passamos, neste instante, pela transição entre o ciclo provacional-expiatório para o ciclo regenerativo.

Além de fatores sócio-políticos e econômicos, o traço indelével dessa metamorfose é, antes de tudo, espiritual. Os caracteres do homem civilizado são claros conforme a questão 793, de *O Livro dos Espíritos*:

Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os v/dos que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que hão percorrido a primara fase da civilização.

Homens civilizados, na acepção integral da palavra, são aqueles que integram moral e inteligência a serviço do bem de todos.

A moralização do planeta é condição essencial para que se instale a Era da Regeneração.

— Esses dados deveriam ser os primeiros a serem revelados ao plano físico! - intercedeu Doutor Inácio. Somente estando por aqui para se ter noção do significado de uma tarefa de intercâmbio nesse cenário de lutas globais.

— Exatamente, Inácio. Esse é um foco importantíssimo!

— Volto a insistir...

— Lá vem o cabeça dura!... - descontraiu Dona Modesta.

— Você já sabe Modesta...

— Claro que sim! Você adoraria dar notícias sobre os infernos.

— Que sabem os espíritas sobre dragões, as sete organizações do mal, a origem de Lúcifer, a influência das falanges perversas na

raiz do mal?... Que noções possuem sobre a antropologia da maldade organizada no planeta? Será que já ouviram sobre as "escórias", o "vampirismo assistido" e os "vibriões"? Quem revelou algo sobre os sete vales da perversidade e o cinturão vibratório que agasalha a humanidade? Quantos conhecem sobre as relações entre religião e as ordenações das hostes do mal? Quais informações possuem sobre a vida social nessa semicivilização? Que conhecem além do umbral?

— E acreditariam? - apartou o professor.

— Certamente teriam dificuldade. Se eu mesmo, estando aqui, me assusto ainda com o que vejo, que se dirá no plano físico?! Apesar disso, a hora chegou e estamos convocados a novos procedimentos.

— Inácio tem razão, professor! Eurípedes referiu-se à Parábola das Bodas. Não podemos pensar naqueles que são considerados os "aprovadores da pureza doutrinária" se desejamos servir ao Cristo. Se nossos propósitos forem honestos e consistentes, serão ouvidos pelas almas livres de amarras culturais e dispostas a dilatar sua visão espiritual. Só não podemos ser ingênuos... - concluiu Dona Modesta.

— Nossa coragem não pode ser ingênua! Nisso concordo... - completou Doutor Inácio.

— E o professor, que pensa?

— Realmente compete-nos informar sobre a extensão do mal para chamar os homens a dimensionar o serviço que nos aguarda. Entretanto, haveremos, igualmente, de noticiar sobre as medidas salvadoras do bem a fim de incentivar o otimismo.

O "excremento mental" de expressiva parcela da humanidade geral, decorrente de hábitos primitivos e de atitudes perversas, contamina a psicosfera terrena com espessa "nuvem bacteriana" capaz de provocar desequilíbrios de variado matiz.

Organizações que envelheceram nas técnicas do mal e da sordidez, da crueldade e da inteligência beligerante, mais que nunca, agitam seus "bastonetes de ódio" contra as felizes investidas do Mais Alto em seus "Túmulos de Maldade".

Essa matéria mental, por si só, representa pesado ônus para o psiquismo humano que, para se ver livre de seu contágio, carece de

severo regime de asseio nos pensamentos, nos costumes, na oração defensiva, na meditação e na ação benfazeja.

Estamos todos, sem exceção, a serviço do programa regenerativo da humanidade, planejado pelo Cristo para instauração da Era do Espírito na Terra.

Os corações apaixonados pelos interesses maiores assumem espontâneos retornos à vida material no desafio dos testemunhos. Outros tantos, que já se encontram nos ofícios de espiritualização, são convidados a trabalhar pela "escória das trevas" em ambos os planos de vida.

Uma encarnação nesse clímax vale por mais duas, considerando o aproveitamento que se fará.

Essa é a mensagem contida no Evangelho quanto aos trabalhadores da última hora, que recebem salário igual, mas que suam com mais intensidade os seus membros no trabalho ativo.

Quem desdenhar semelhante quadro aqui apresentado por nós, certamente estará optando pela ilusão que prefere tirar-nos a chance de enxergar e vislumbrar o desafio mais difícil e doloroso, em detrimento das leiras confortáveis de labor, assemelhando-se ao lavrador que, pretextando prudência, não sai ao sol, nem vai aos campos, aguardando farta colheita de frutos somente porque tem em seus celeiros os divinos grãos do espiritismo...

Mensagens como essas ainda não devem ser dirigidas a uma comunidade que não se sente sensibilizada por trocar horas de lazer pela edificação moral. Se muitos aprendizes ainda vacilam em acreditar que as trevas podem com grande mestria reencarnar os veredugos do vício e da veleidade, como acreditarão em propostas voltadas para o sacrifício e o desprendimento? Se muitos médiuns ainda vacilam em deixar seus prazeres de fim de semana, como receberão semelhantes notícias?

Certamente, nesses casos, os "velhos chavões" funcionarão como escape e justificativa: "Por que mensagens tão desastrosas quando o espiritismo devem confortar?!" "Por que notícias tão tristes quando a função da Boa Nova é dar a boa notícia?!" Outros mais dirão: "A que pode nos conduzir essas idéias senão ao medo e terror?!" Ainda outros vão asseverar: "Com que fim, algum espírito do bem trataria desses assuntos?!"

As perguntas se multiplicarão, embaladas pelo desculpismo e pela invigilância dos que se acostumaram aos regimes de "dever cumprido" no limite das folgas.

Porém, aos que destinamos essa convocação em regime de urgência, será pedido muito equilíbrio ante o medo de dar novos passos e a prudência que, nós próprios, os conclamamos para não se perderem nos labirintos da fascinação e do fanatismo.

— Tomaremos, portanto, medidas no intuito de apressar a formação de novos horizontes aos lidadores espíritas no que concerne à mediunidade. Que cada qual reúna sua equipe e defina os passos - arrematou Dona Modesta.

04

Novos Colaboradores

Aliás, que importam algumas dissidências, mais deforma que de fundo! Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos hão de unir num pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem"

O Livro dos Espíritos, conclusão, item IX.

Era chegado o momento de levarmos ao mundo físico um novo contingente de reflexões acerca das relações interdimensionais. Todas as atividades do nosocômio, especialmente as alas destinadas a médiuns e dirigentes, passariam por avaliações profundas no intuito de melhor atenderem aos desígnios dos Planos Maiores. Entre nós, os desencarnados, havia muito a ser feito.

No dia posterior à palestra, reunimos com o professor Cícero Pereira. Discutimos algumas medidas para as tarefas de rotina junto ao pavilhão dos dirigentes espíritas. Seria de bom alvitre ampliar o raio das discussões, oferecendo maior liberdade aos recém-ingressos no Hospital. Suas impressões, ainda carregadas pelo teor

das idéias geradas no plano físico, constituem farto material educativo.

Nas atividades matinais, cujo objetivo é realizar o processo gradativo de adaptação e desilusão *posf morfem*, reunimos pequeno grupo de líderes espíritas recentemente desencarnados e passamos ao labor. O Professor Cícero fez breve resumo da predica "Atitudes de Amor", de Bezerra de Menezes²¹, passando em seguida a debater a seguinte questão: "Que dizer aos amigos na leira espírita carnal sobre imortalidade nesse momento de transição?". Uma servidora consciente destacou:

— Professor, de minha parte, creio ser urgente deixar claro aos companheiros reencarnados o significado do "período de maioridade" no qual adentra o Espiritismo, conforme a fala amorável de Bezerra de Menezes. Como sabemos, muitos idealistas ainda estão subjugados por noções ilusórias acerca da expansão das idéias espíritas. Muitos chegam mesmo à infantilidade de acreditar que toda a humanidade se tornará espírita. Não concebem a urgência do centro espírita se deslocar para os meios sociais em regime de participação e responsabilidade social. Ao invés disso, aguardam a sociedade bater às portas dos núcleos de amor.

— Concordo! - asseverou um colaborador. A palestra de Bezerra, sem dúvida, é um marco na história do movimento espírita de ambos os planos. Será oportuno aos homens na carne saberem que o Espírito Verdade continua com um programa bem definido para o futuro do ideário.

— De minha parte - atalhou outro integrante do grupo - além dos dados preciosos sobre a fala do benfeitor, creio que devemos mostrar aos amigos de doutrina os efeitos da negligência e descaso com os recursos concedidos pela Divina Providência. Raros de nós escapam dessa aferição.

— Permita-me discordar! - atalhou um dos integrantes que fora presidente de centro espírita por quarenta e seis anos consecutivos - para mim, a melhor advertência destina-se ao problema dos cargos. Quem sabe um estudo sobre o poder e o apego?!

²¹ A referida palestra está contida na obra *Seara Bendita*- Editora Dufaux.

As falas multiplicavam conforme as visões pessoais quando o professor, inspiradamente, ofertou-nos precioso foco condutor das idéias.

— Amigos, inegavelmente, todas essas propostas são valiosas. Podemos utilizá-las com enfoque mais abrangente e profundo.

— Como? - interrogou o jovem Lisandro, trabalhador da cidade do Rio de Janeiro, recém-chegado ao Hospital.

— Convém-nos usar as vivências pessoais sempre em função da Obra do Cristo e não apenas para noticiar efeitos de nossos destinos ou transmitir informes reveladores ao mundo terreno.

Lisandro, não satisfeito, voltou a expressar-se:

— Explique melhor, professor!

— Nossos equívocos são diferentes quanto à forma, entretanto, quase sempre trazem origens morais similares. Seria oportuno adequar todas as idéias expostas a um tema geral que auxiliasse mais claramente na identificação das causas das lutas humanas. Assim, contribuímos para formação de uma coletividade espírita mais ativa e consciente de seus deveres sociais e humanitários.

Existe um velho tema que merece toda a atenção dos trabalhadores do Cristo. A mensagem do Evangelho, em todos os tempos, vem sofrendo o golpe dos "inimigos do Cristo" através do ofuscamento da verdade. O objetivo deles sempre foi reter a Terra na ignorância sobre as luzes espirituais como sendo a mais eficaz estratégia de domínio.

— E qual tema é esse? - insistiu Lisandro.

— As nuances da imortalidade. E hora de rasgar o véu, "desmascarar" o plano espiritual. Mostrá-lo como ele é. Ajudar nossos companheiros no corpo a entenderem a vida dos espíritos sem o dogmatismo com o qual ainda teimam em pintá-la com as cores dos velhos condicionamentos religiosos. E comum ouvirmos os espíritos dizerem que o plano terreno é uma cópia daqui. Apesar disso, com raras exceções, ainda enxergam o mundo espiritual através das lentes das tradições religiosas. Urge eliminar os mitos sobre a erradicidade, "demitificar" e desmistificar a realidade das esferas evolutivas adjacentes ávida material. Os adversários da causa sabem que não podem mais esconder a imortalidade da alma, porém, trabalham muito para tentar turvá-la e subjugá-la a malfadados regimes

de ameaças e penitências do céu e do inferno, agora conhecidos, por lá, como umbral e Nosso Lar desde o surgimento da literatura mediúnica subsidiária.

O professor mal terminou sua fala e foi interrompido por um doutrinador de grande cidade do estado de Goiás. Visivelmente incomodado, embora sincero, assim pronunciou Marcondes:

— Estará o meu irmão fazendo uma crítica velada às obras de André Luiz que explicam em detalhes o plano espiritual?

— Não se trata de crítica, Marcondes. Você está chegando agora em nosso plano e, tanto como nós, verá que muito temos a aprender e a repensar sobre as noções trazidas da vida física acerca do plano espiritual. Comumente, carregamos para cá os conceitos e pontos de vista individuais, talhados pela cultura da comunidade doutrinária. Tudo muito natural! No entanto, o meu amigo terá tempo bastante para descobrir que, o farto material sobre vida imortal destinado aos homens, por André Luiz, representa minúsculo grão de areia na praia infinita das verdades espirituais.

— Essa colocação é um reducionismo ao nobre guia! Que autoridade tem o senhor para essa afirmativa sobre ensinos tão completos?! - desabafou o dirigente.

— Reducionismo sobre qual sentido?

— O senhor, dessa forma, diminui o significado da excelsa obra mediúnica de Chico Xavier. Para mim, essas obras constituem a quarta revelação. Que mais precisa um homem saber além dos ensinos enviados por André Luiz? Além do mais, quem pode questionar a literatura do médium Xavier?

— Não intenciono diminuir. A excelência desse Nobre Guia se manterá para a eternidade. Ele próprio, todavia, nunca assumiu, assim como seu medianeiro, a condição popularizada de infalibilidade. Se encontrar por aqui com André Luiz, verá que ele mesmo gostaria de complementar seus apontamentos, alguns deles atualizados pela ciência. Suas percepções, irmão querido, ainda estão marcadas pela natural influência de acanhadas percepções da cultura terrena. Os livros desse mensageiro são como capítulos bem escritos no "grande livro da verdade". Muitos capítulos lhes antecedem e vários outros o sucederão. Teremos a quinta, a sétima, a milionésima revelação e ainda haverá o que ser revelado. Quanto a

questionar médiuns e os frutos de sua lavra, é questão credora, igualmente, de muitas considerações. Nesse campo, infelizmente, ora os homens têm sido ingratos e antifraternos, ora idolatras e crentes demais.

— Com o conteúdo desses livros, temos material para quatro reencarnações ou mais; então que idéia é essa de enviar mais novidades mediúnicas? Com qual finalidade? - falou o líder já com certo grau de irritabilidade.

— Sem dúvida, essa série mediúnica será material para muitas encarnações, se estivermos falando do fundo moral que as compõem. Entretanto, meu companheiro, referente a novidades e revelações, André Luiz ainda tem, ele próprio, muito a dizer em acréscimo ao que já escreveu. Parece-nos, infelizmente, que os médiuns se sentem indignos de sua companhia. Eis um dos problemas muito explorados pelas trevas. Os núcleos do amor cristão no planeta precisam tomar consciência dessa ocorrência. Urge rasgar véus...

— Estaria, porventura, afirmando que existem outros médiuns em condições de receber André Luiz pela mediunidade?

— E por que não? Não só André Luiz, mas todo o céu está à procura da Terra. É de se lamentar a crença difundida entre os médiuns espíritas sobre a distância na qual se encontram os Bons Espíritos. Mais sofrível ainda é o conceito que possuem sobre mentores espirituais e espíritos superiores, como se fossem almas eleitas e infalíveis, vestidas de túnicas brilhantes, com linguagem empolada, as quais só seriam vistas, sentidas ou entendidas quando os médiuns vencessem todos os seus vícios e se tornassem criaturas impolutas. Os opositores desencarnados não conseguiram impedir a difusão das idéias doutrinárias, todavia, causaram-lhe extrema deturpação, atrasando, sobremaneira, o alcance da maioria do Espiritismo e a maturidade dos espíritas. É de todos os tempos essa cultura de inferioridade. Muito agrada aos líderes da perversidade a idéia de que o Cristo e seus enviados estejam muito distantes das nossas necessidades, inalcançáveis por criaturas como nós... Com essa cultura da indignidade, atingiram alvos fundamentais...

Evidentemente, será mais difícil a André Luiz obter os resultados excepcionais através do médium que não saiba conjugar os verbos servir e aprender, acrescidos da atitude do sacrifício. O pro-

blema não é a suposta distância na qual estejam os Espíritos Sublimes em relação aos homens, e sim a atitude enfermiça de apatia que preferem manter os homens relativamente aos Espíritos Sublimes. Eis a razão de se rasgar o véu e apresentar, aos nossos parceiros de causa, o mundo espiritual despido de inverdades alimentadas pela obsessão da ignorância e do preconceito que ainda carregam. Urge levar-lhes a mensagem de que as esferas de vida imediatas à morte não são tão diversas quanto se imagina, na qual os efeitos de nossas ações se prolongam natural e claramente em regime de continuidade. Bilhões de almas de nosso plano vivem como se na Terra estivessem. Ainda há muito a ser dito sobre essa interação interdimensional.

— E difícil acreditar que seja dessa maneira. Prefiro não ouvir mais nada. Não foi nada disso que aprendi nos livros idôneos da doutrina... Gostaria de me retirar da reunião, Ermance! Posso?

— O meu irmão é livre para retornar ao seu quarto. Seria melhor ficar e acompanhar o desfecho de nosso encontro. Depois falaremos em particular. Faz parte de seu novo aprendizado.

— Não sei se devo continuar a escutar essas inovações, pois tenho minhas próprias visões. Minha formação doutrinária não condiz com essa linha excessivamente inovadora. Depois de servir ao Espiritismo por tantos anos, já começo a me decepcionar com o ato da morte. Desde quando cheguei aqui, nada é como esperava - externou o dirigente com um mal súbito. Amiga, não sei se quero aprender, ouvindo o que não me agrada! Creio não merecer isso depois de tanta luta no corpo.

— Sim, compreendo seu desgosto!

Para corações como Marcondes, é muito constrangedor despir-se de preconceitos enraizados no mundo físico, simplesmente em razão de não se adequar ao dinamismo da troca e da abertura mental para reciclar as concepções e posturas. Ele foi um bom homem, no entanto, descuidou da edificação do reino espiritual em seu sentimento, restringindo-se a volume de informações cerebrais, o que lhe dificulta a adaptação após o desencarne. Elegeu o conhecimento como sinônimo de autoridade e, em verdade, mesmo dizendo ouvir a todos, preferiu sempre seus pontos de vista pessoais.

A morte, no entanto, convida-o a ter de ouvir o que deve, por não querer ouvir o que precisava quando na vida corporal...

Refeito o mal estar, que quase se instalou entre todos, Professor Cícero continuou sua explanação.

— Também tive meus desacertos e compreendo sua indisposição, amigo querido. Faça um esforço para superar, pois quanto mais rápido se lançar a esse trabalho, menos doloroso se tornará o processo da desilusão. E digo mais: bom que sua desilusão comece aqui entre amigos, porque, no meu caso... Aqui no Hospital, cada contato, cada encontro fraterno, cada ocasião se tornará um convite de elevação ao qual a alma não tem como resistir. Agora que nos libertamos da carne, falta libertarmo-nos de nós mesmos... O meu relato não é uma inovação. São fatos e vivências. O amigo terá chance de presenciar com os próprios olhos. Necessário deixar claro que, quando falo em rasgar o véu, falo de meus próprios fracassos os, quais poderiam ter sido evitados, caso tivesse noções mais claras sobre as célebres questões: *"De onde viemos? Para onde vamos? O que fazemos no corpo?"*.

Procurando aprender um pouco mais, assim apresentou-se Anita, experiente trabalhadora da oratória:

— Estou aqui há menos de duas semanas. Meu trespasse foi muito doloroso em razão da doença lenta e progressiva. Sinto-me como se tivesse renascido depois da morte, e, mesmo com tão pouco tempo nesse Outro Lado, já percebi muita coisa que jamais ouvi dizer através dos livros mediúnicos. Fico deveras entusiasmada com a iniciativa de levar aos confrades no corpo informações novas sobre os fatos presenciados na vida extrafísica.

— Fico feliz com sua contribuição, Anita! - atalhou o professor. Nossa tarefa, contudo, não pode circunscrever-se ao mero ato de fazer revelações sobre o que vemos ou a forma como vivemos nesse Outro Lado da existência. Os espíritas, nesse sentido, já estão, demasiadamente, enriquecidos de notícias. A revelação deve ser poderosa ferramenta que os auxilie a mensurar os resultados de nossas escolhas e condutas para além das percepções sensoriais. Sabe-se muito sobre o que ocorre por fora em matéria de morte. Agora é necessário tecer maiores considerações sobre seus efeitos em nossa intimidade.

Quando o explanador terminou de falar, Marcondes, imediatamente, levantou-se da cadeira e disse, inconformado:

— Para mim, chega! Com licença. Não quero ouvir tanto sofisma. Tem que estar havendo algum problema com vocês. Isso não é Espiritismo, é "achismo", pontos de vista transgressores da pureza doutrinária - e saiu furioso da sala.

Logo após a saída de nosso irmão, outro fato inusitado veio da parte de experiente líder espírita, cujo trespasse havia se dado há alguns dias. Assim expressou-se Selena, líder influente em Minas Gerais:

— Perdoem-me, tenho que falar, senão vou explodir! Estou muito decepcionada com tudo que presenciei aqui. Acreditei que a morte me livraria desse mau humor de alguns espíritas de topete. Minha mente está muito confusa e não gostaria de escutar mais nada. Chego a pensar se não foi uma grande ilusão ser espírita. Com licença, tenho que repousar.

Outros encontros que fizemos com várias pequenas equipes de recém-desencarnados trouxeram farto material para pensar. Presenciamos muitos comportamentos agressivos e arrogantes, e, poucas vezes, algumas expressões de alegria e cooperação com a tarefa em curso; entretanto, nada constituía obstáculo ou aflição para nós. Era uma rotina nos inúmeros serviços de adaptação e aprimoramento. Em verdade, tais ocasiões revestiam-se de valores para todos e, para alguns, era o início de um despertar longo e doloroso.

Ouvir a palavra daqueles que chegavam ao nosso plano, ainda tomados pelas ilusões mundanas, revestia-se do valoroso aprendizado de contextualizar nossa linguagem de espíritos à linguagem dos homens, dando o colorido mais próximo da realidade terrena quando nos serviços da escrita mediúnica.

Ante as reações de Marcondes e Selena, a fala fraterna de Eurípedes exarada na noite anterior ecoava em nossas reminiscências. Quanto a ser feito pela criação de pólos genuinamente cristãos de serviço e amor! Quanto a realizar para definirmos nossas relações de concórdia em torno do amor a Deus e a prática do bem!

Nossos irmãos seriam convidados a encontros particulares para o dia posterior.

05

Primeiras Entrevistas

"O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes urna comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece" (Um Espírito protetor: Bordéus, 1863.)

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo IX. item 9.

Logo pela manhã, no dia seguinte, solicitamos a presença de Marcondes em nossa sala. Ao chegar, o dirigente cumprimentou-nos:

— Bom dia!

— Como está, Marcondes? - externou o professor com amabilidade.

— Estou confuso e insatisfeito!

— Por qual razão? - indagou o professor. Tem algo a ver com a reunião de ontem?

— Não só por isso. Tenho sido tratado como se algo grave houvesse ocorrido comigo. Medicamentos, repousos, pouca atividade. De fato, passo por uma zonzearia inexplicável. Os incômodos da doença pela qual desencarnei não cessaram integralmente, mas exigirão tantos cuidados médicos?

— É temporário! Trata-se de adaptação gradativa.

— Já são três semanas e nada!

— Têm lhe faltado carinho e atenção por parte de nossos colaboradores?

— Não.

— Então!... Do que se queixar?

— Não queria ser tão paparicado assim, queria mesmo é trabalhar. Quando poderei usar minha experiência doutrinária?

— Qual experiência, Marcondes?

— O senhor tem informações sobre minha bagagem com doutrinação de espíritos?

— Sei que foi muito dedicado.

— Pois saiba que tenho quarenta e cinco anos de vivência! Espero com isso merecer dar continuidade a meus ofícios nesse plano - expressou-se com evidente prepotência.

— O que gostaria de fazer com sua bagagem? - indagou o professor, habituado a utilizar desse expediente devido aos efeitos psicológicos positivos sobre o recém-desencarnado.

— Ingressar nos abismos e conhecer de perto essas criaturas que sempre doutrinei. Poder continuar a libertá-las dessas regiões infelizes.

— Muito nobre seu anseio. Creio, porém, que, antes disso, terá longos estágios.

— Estágios?! Gostaria de partir agora mesmo para os abismos e trabalhar. Afinal de contas, quarenta e cinco anos não são quarenta e cinco dias!

— Marcondes, costumamos usar a simbologia de uma árvore para explicar a questão dos atendimentos aos sofredores desencarnados. A copa da árvore trata-se dos espíritos tombados pela culpa, comandados pelos exploradores espirituais. Os galhos e o tronco são os hipnotizadores e dominadores de todo porte, organizadores de falanges e grupos do mal. As raízes são a origem da maldade no mundo, os corações endurecidos pela perversidade.

— Lutei com todos eles durante essas décadas!

— Equívoco de sua parte, Marcondes!

— Equívoco? - indagou contrariado.

— Você sequer atingiu a copa da árvore. Nunca estive com nenhum espírito dos abismos. Pelo menos na doutrinação...

— O senhor deve estar caçoando, Professor Cícero. Não é esse o seu nome?

— Sim, é esse mesmo o meu nome e não estou caçoando, estou afirmando. Você ainda vai conhecer alguém no Hospital que realmente caça - olhamo-nos, o professor e nós, por saber a quem referíamos...

— Com base em que faz essas afirmações? Quem teria autoridade para afirmar isso sobre minha tarefa exercida com amor?

— Seu tutor espiritual.

— Meu tutor?!

— Veja com seus próprios olhos nas anotações contidas aqui nesta ficha de suas tarefas doutrinárias.

O professor passou às mãos do dirigente para que ele mesmo pudesse lê-las.

— Não posso acreditar nisso! - exclamou depois de breve leitura.

— É a pura verdade! Devolva-me a ficha, por favor.

— Que mentor é esse que nem se dignou a se apresentar depois de vários dias por aqui? Qualquer um poderia ter feito essas anotações. Tudo muito estranho para mim... Por que não me lembro do passado? Conforme o que aprendi nos livros, ao largar o corpo, passaria por uma regressão! Quando ocorrerá?

— Você teve. Apenas não se lembra. Sofre de amnésia intermitente.

— Tenho esquecido muitas coisas realmente.

— Será assim por mais alguns dias. Bem, vamos encerrando nossa entrevista! Nosso tempo esgotou por hoje!

— Mas eu ainda tenho infinitas questões a tratar! Muitas dúvidas. Por que só agora me chamam para uma entrevista?

— Lamento, Marcondes. Nossas entrevistas não excedem a dez minutos. Você será encaminhado à ala específica sob os cuidados de excelente cooperador. Começará amanhã bem cedo. Suas dúvidas devem ser encaminhadas a ele. Tomaremos as providências.

O dirigente não manifestou entusiasmo com nossa atitude. Saiu taciturno e sem despedir-se. Selena, que já aguardava lá fora, entrou sorridente.

— Olá, Ermance! Como vai, professor?

— Vejo que está feliz, Selena!

— Estou começando a gostar desse lugar. Pude sentir, nessa manhã, uma incomparável sensação de liberdade do corpo físico.

— Boa notícia, querida amiga! O nosso irmão Cícero vai conduzir sua primeira entrevista.

— Que alegria poder estar com o senhor! Em Minas Gerais, seu nome é sempre lembrado.

— Felicita-me a lembrança - externou sempre humilde. Quer nos falar sobre sua trajetória espírita?

— Com prazer! Presidi o Centro Espírita Paulo e Estêvão por mais de três décadas com muita devoção. Para falar a verdade, não assumi essa missão por vontade própria. Ninguém queria se empenhar quanto exigia a tarefa.

— Que avaliação tem você de sua participação nesses trinta anos?

— Muito positiva. Realizamos muito. No início, foi bastante tumultuado, até percebermos que nosso problema era a mediunidade. Tomamos algumas medidas corajosas, e o resultado vocês devem conhecer.

— Como você acredita que ficará a instituição agora, depois de sua passagem?

— O senhor tocou em um ponto que me preocupa. Meu pensamento é assaltado por idéias que desconheço a origem. Sinto-me insegura em relação ao que ocorrerá por lá. Angélica, meu braço direito na tarefa, é uma mulher muito depressiva e temerosa. Certamente será minha substituta na diretoria, no entanto, apesar de tê-la orientado, não sei o que poderá ocorrer.

— Você gostaria de presenciar a reunião de diretoria que ocorrerá dentro de algumas semanas na qual decidirão o futuro do centro?

— Adoraria! Será que suporte? Ainda tenho algumas dores no peito. O senhor sabe... O coração me demitiu da matéria... Será possível, professor, essa alegria?

— E por que não? Sua liberdade mental permite-lhe tal ensejo sem maiores dificuldades. Quanto às dores, creio que haverá tratamento para seu caso.

— Se assim é... não vejo a hora!

— Ficamos então combinados, minha filha. Vamos avisá-la na hora adequada. Tomaremos as providências para a visitação.

— E o movimento espírita, Selena?

— Nem me fale em movimento, professor! Afastei deliberadamente nossa casa das querelas da unificação.

— Por quê?

— Muita falsidade e pouca utilidade. Quando paramos de nos envolver com essas questões administrativas de movimento, nossa

casa passou a produzir mais e todos ficamos mais gratificados pelo trabalho.

— Compreendo seus motivos. Teremos tempo para mais detalhes oportunamente.

— Esse assunto não me encanta nem um pouco!

— Quero aproveitar para me desculpar com vocês dois. Ontem fiquei muito chateada com aquela reunião. Como disse, tenho aversão a esses "espíritos topetudos" que acham que podem controlar tudo. Jamais imaginei que os encontraria depois da morte. Deparei-me com o "tal senhor" - referiu-se a Marcondes - aí fora, e sequer me cumprimentou.

— Essa a razão de nossas discussões, Selena. Rasgar véus significa deixar mais claro aos homens os acontecimentos que cercam a morte. Analisar as lutas que carregamos para cá.

— Tenho me deparado com muitas surpresas neste Hospital. Começo a compreender a razão de notícias detalhadas ao mundo físico sobre a situação dos espíritos depois da morte.

— Muito bem! Por hoje é só. Apresente-se bem cedo, amanhã, em sua nova ala de serviços preparatórios.

— Obrigada, professor. Obrigada, Ermance. Sinto-me muito bem entre vocês!

— A alegria é nossa, minha filha. Jesus a abençoe nos novos passos.

Selena e Marcondes seguiam a trajetória da grande maioria nos serviços de adaptação. Novas e mais profundas experiências os aguardavam. A nova ala de serviços seria-lhes um ponto de partida a vastas novidades e aprendizado.

06

Encontro com Inácio Ferreira

"Os Espíritos que conosco simpatizam atuam em cumprimento demissão?"

Não raro, desempenham missão temporária;porém, as mais das vezes, são apenas atraídos pela identidade de pensamentos e sentimentos, assim para o bem como para o mal"

O Livro dos Espíritos, questão 513.

Ambos dirigentes chegaram na hora prevista, acompanhados dos auxiliares de suas respectivas alas. Ao se avistarem, destacou-se nítida indisposição de Selena em relação a Marcondes. Ambos compartilhariam a tutela do mesmo orientador.

Era um consultório simples e bem arejado, com largas janelas, das quais se viam exuberantes *flamboyans* nos jardins bem-cuidados do sanatório. Professor Cícero, que aguardava na anti-sala, convidou-os:

— Venham! Quero lhes apresentar o Doutor Inácio Ferreira.

— Aquele de Uberaba? - perguntou Selena espontaneamente.

— E ele mesmo.

— Vejo que temos muitos mineiros no Hospital! -referiu Selena às origens do professor.

— Mais do que você imagina!...

Batemos à porta e fomos atendidos pelo coordenador daquela ala.

— Doutor Inácio, estes são os novos estudantes.

— Alegria em recebê-los. Já os aguardava. Venham, vamos nos acomodar!

Assentamos em algumas poltronas dispostas em círculo.

— Meu nome é Inácio Ferreira. Na prática, sou chamado por Doutor Inácio. Temos, sob nossa responsabilidade, essa ala destinada a médiuns e doentes de natureza psíquica. Estive lendo a ficha dos amigos e, se desejarem fazer algum questionamento...

— Eu quero - respondeu Marcondes antes que Doutor Inácio terminasse sua fala.

— Fique à vontade!

— O que faço neste Hospital? Não deveria estar em alguma colônia em tarefa? - expressou com severidade e rancor.

— Aqui é um sanatório, companheiro!

— Eu sei disso.

— Se o senhor sabe, então deveria saber também a razão de sua presença aqui - utilizou-se o médico uberabense da franqueza como recurso educativo.

— Ninguém me notificou nada até este momento. Como poderia saber?

— E fácil deduzir. Um sanatório! O que é um sanatório, Marcondes, senão um local para recuperar a sanidade? Aqui todos estão em recuperação da saúde mental - o paciente não gostou do que ouviu.

Selena observava o diálogo com certo constrangimento. O professor e nós, habituados a semelhante cena, mantínhamos na certeza de que se aproximava um momento delicado.

— Recuperando de quê, Doutor Inácio? Porventura me confundem aqui com algum doente da cabeça?!

— O senhor irá descobrir por si mesmo.

— O senhor quer me ofender?

— Por enquanto, não.

— Mas, não é o senhor que é médico aqui?

— Até que me demitam!...

— Então, por que não falar o que ocorre? Que espécie de médico é o senhor?

— Façamos dessa forma: eu vou lhe fazer algumas perguntas no intuito de auxiliá-lo.

— Está bem! Comece.

— Como o senhor se sente em relação à sua experiência reencarnatória?

— Como um vitorioso. Cumpri minha missão.

— Qual missão?

— Suportei médiuns indisciplinados, espíritos renitentes e co-operadores vacilantes durante mais de quatro décadas.

— Em seu trajeto, ao longo desse tempo, aconteceu muita rotatividade em suas atividades?

— Sempre! Sabe como são as pessoas, não é mesmo?! Houve muita deserção.

— Sei! E a que o senhor atribui esse giro contínuo de trabalhadores e tantas deserções?

— Pura falta de vigilância.

— E se eu lhe dissesse que muitos deles, em verdade, não o suportavam?! Vai acreditar em mim?

— Absolutamente, não!

— Não é o que consta em sua ficha.

— Esta ficha novamente?! - e olhou com desagrado para o professor que acompanhava o diálogo.

— Aqui constam várias anotações sobre resultados infelizes de suas atitudes arrogantes, afastando excelentes trabalhadores.

— Arrogância?! Então ser convicto e determinado é ser arrogante?! Era só o que me faltava! Até no plano espiritual vou ter pendengas e críticas!

— Quer ler as anotações de seu mentor?

— Quem é essa criatura que sequer apresenta-se pessoalmente para falar o que pensa sobre mim?! Que mentor é esse? Será que esse mentor ignorado não anotou nada de bom sobre mim? - o dirigente mostrava-se visivelmente alterado.

— Claro, Marcondes! Claro que sim! Existem muitos valores destacados em sua folha espiritual.

— Por que então esse enfoque pessimista?

— Mudemos um pouco o assunto! Fale-me algo sobre sua família e sua vida privada.

— Família? Vida privada?

— Lembra-se de Eulália?

— Mas... Isso é um interrogatório policial, ou... que é isso? Quero... - e alterou-se por completo.

Quando desejava continuar a extravasar, Marcondes teve uma crise de vertigem. Tão forte, a ponto de tombar no chão em súbito desmaio. Doutor Inácio e o professor ajoelharam para levantá-lo e o recostar no sofá. Pedimos agilidade por parte dos enfermeiros no posto de atendimento em sala contígua. Com rapidez, foi levado

para o núcleo de urgência. As entrevistas foram interrompidas. Selena voltou ao seu aposento. Os demais, destinamos a acompanhar o caso. O episódio era esperado por nós a qualquer instante. Portanto deliberamos algumas medidas já previamente acertadas no bloco cirúrgico.

07

Delicada Cirurgia

"Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. 'Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente aposição em que se encontram"

O Livro dos Espíritos, questão 165.

A ação eficiente dos enfermeiros durante o transporte de Marcondes não o poupou de dores acerbadas. Embora em estado de inconsciência passageira, ele se contorcia na maca, a caminho do centro de urgência, recordando os quadros comuns de parto eminente nos hospitais terrenos. Atravessamos vários corredores até chegarmos à sala cirúrgica. Empapado em suor e exsudando um odor desagradável, foi completamente despido e acomodado na mesa de operações.

Doutor Inácio convocou a presença de Dona Maria Modesto Cravo ao bloco. Ele próprio tomara as medidas de socorro e amparo, em posse de instrumentais avançados, guardando certa similaridade de funções com as pinças e fórceps terrenos. Dona Modesta entrou na sala de forma discreta, já devidamente informada sobre o caso, e oramos em conjunto. Tomamos as vestes adequadas ao momento, e Marcondes foi literalmente anestesiado.

Doutor Inácio colocou a médium uberabense, Dona Modesta, com as mãos estendidas sobre a genitália do paciente. Orientada a tocar a bexiga, ouvimos um som como se algo vivo se movimen-

tasse por baixo da pele do paciente. As mãos da medianeira funcionavam como se fossem potentes aspiradores de sucção. Serviço lento e de muita concentração. Enquanto isso, Doutor Inácio esquadrinhava com profunda atenção a medida em curso. Após dez minutos, uma coloração arroxeadada formou-se em torno das mãos de Dona Modesta. Uma mutação energética desenvolvia-se com rapidez a ponto de dar liquidez àquela matéria, que começa a escorrer pelas virilhas de Marcondes como uma cera aquecida. A médium acentuou seu poder clarividente e informou que foi um sucesso a operação. Os auxiliares atentos limpavam-no com incomparável zelo e respeito. Subitamente, observamos a formação de um enorme inchaço à altura da bexiga urinaria. Doutor Inácio assentou Dona Modesta em cadeira próxima para recuperar o desgaste, enquanto nós aplicávamos passes dispersivos em sua aura.

Oramos novamente em conjunto, suplicando o amor paternal em favor de nosso irmão. O silêncio era quase absoluto no bloco operatório. O inchaço atingiu vasta proporção. Com habilidade e demonstrando segurança, foram chamadas duas integrantes da equipe que traziam um recipiente qual um pequeno berço, na proporção de uma caixa de sapatos. Era uma "incubadora móvel". Então assistimos a um fenômeno singular. Seria belo não fosse a causa geradora. Com pequeno e certo corte na altura da bexiga, como procedesse a uma cesariana, foi cuspidor uma forma ovóide para as mãos de Doutor Inácio, como se Marcondes a desalojasse de suas entranhas por ato inconsciente. Era do tamanho e formato de um abacate e de cheiro repugnante. Uma matéria viscosa com coloração esverdeada envolvia todo aquele ser. Para quem olha, torna-se difícil acreditar que um ser humano encontra-se naquelas condições.

Imediatamente acomodada na incubadora, a criatura de aspecto repulsivo foi levada com atitude maternal e sagrada pelas companheiras das alas do subsolo do Hospital. Olhamos para Dona Modesta, que deixava escapar algumas lágrimas de alegria. Ela sempre diz que, apesar da dramaticidade da cena, Deus é tão bom que nos faz sentir como se estivéssemos em uma sala de partos, dando vida e luz a almas que se iludiram no cadinho das provas. É um parto para a vida, para o recomeço.

O paciente não dava mostras de consciência. Sangrava intensamente. Doutor Inácio tomava as medidas para estancar a hemorragia que, além do líquido, expelia formas de vida não inteligente em condição larvária. Aparelhos de cauterização com recursos naturais e passes de sopro foram usados durante alguns minutos. Logo se constatava que a organização perispírica de Marcondes, através do automatismo adquirido nos milênios, cessava o processo de expurgar aquilo que não serviria mais ao desiderato da evolução.

Ao todo, a operação durou sessenta minutos. Agradecemos em prece. Logo após, o dirigente, ainda sem consciência, foi transferido para a "ala restrita" dos pavilhões inferiores no subsolo. Doutor Inácio aparentava exaustão, entretanto sua verve peculiar ainda pronunciava-se com uma ou outra pitada de humor para com todos.

Somente depois de três horas, aproximadamente, nos informaram de que nosso irmão havia recobrado os sentidos. A pedido de Doutor Inácio, fomos à ala restrita.

Passando pelo corredor repleto de casos iguais ou mais graves, ouvíamos os gritos de dor lancinante. Quando chegamos, o paciente acabara de balbuciar a primeira palavra.

— Que aconteceu? - falou com dificuldade e lentidão

— Quanta dor! Quem é o senhor?

— Aquiete-se Marcondes. Você acabou de passar por uma delicada intervenção cirúrgica - manifestou Doutor Inácio.

— Cirurgia?

— Isso mesmo! Fique tranqüilo. Tivemos sucesso integral. Essa é Rosângela, a enfermeira que vai cuidar de você - e apresentou a jovem cristã, devota às fileiras das igrejas evangélicas na Terra.

— E essa dor? Não vai passar?

— Vai ser assim por algumas horas. Mas tenha certeza de que não será como a dor que teve no corpo físico.

— Corpo físico? Então eu já morri? - o estado de confusão do paciente era imenso.

— Depois falamos. Procure se aquietar.

Sáimos e deixamos o paciente a cargo de Rosângela e alguns médicos da ala restrita.

A ala restrita do Hospital Esperança abriga casos gravíssimos de almas com extremo apego às sensações físicas, ou recém- resgatadas de vales e regiões abismais. São três andares de subsolo que chegam a estabelecer elos muitos próximos com as vibrações terrenas. São maças e alojamentos adequados a casos de delírios e estados mentais de desequilíbrio intenso. A atmosfera ambiente, até mesmo para os trabalhadores do nosocômio, é de mais difícil absorção. As luzes são apropriadas aos casos em tratamento. Cada ambiente é devidamente acústico, face aos gritos ou gemidos em altos brados, que tornaria impossível o êxito da recuperação; é também arejado o suficiente para impedir as conhecidas contaminações viróticas que ocorrem com frequência nesses estágios de dor.

Após mais algumas horas, em plena noite, Doutor Inácio é chamado pelo interfone na sua mesa:

— Doutor Inácio! É Rosângela quem fala! Marcondes iniciou um intenso processo de purgação pela região do umbigo. Devemos utilizar os aparelhos de absorção induzida?

— Rosângela, o que dizem os médicos da ala?

— Eles aconselharam esperar mais algum tempo, no entanto, Marcondes está com as lembranças do passado em estado muito acentuado. Não pára de pronunciar o nome Eulália e já esteve em várias fases de sua vida pregressa.

— Tem febre?

— Muita.

— E o odor?

— O senhor quer saber se atingiu o "estágio- enxofre"? Rosângela era detentora de excepcional capacidade

olfativa e havia feito cursos sobre como reconhecer os estágios de recuperação de tais casos através do odor.

— Isso mesmo!

— Começo a sentir, junto aos líquidos em expulsão, um início de mutação gasosa para o enxofre.

— Então tome as providências imediatamente. Peça aos nossos companheiros para provocarem a drenagem e, em seguida, aplicarem elevada dose de "morfina homeopática".

— Está bem, Doutor Inácio. Logo retorno com outras notícias.

Passadas dezesseis horas da cirurgia, ele apresentou os primeiros sinais de estabilidade. Dormiu sossegado por longo tempo.

08

Novas Motivações

"Sois chamados a estarem contado com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estíverdes" Um Espírito protetor: (Bordéus, 1863.)

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XVI, item 10.

Dois dias depois, Marcondes encontrava-se lúcido. Não carecia de cuidados especiais. Rosângela já não estava mais ao seu lado. Doutor Inácio passou para uma avaliação de rotina e, como de hábito, cumprimentou jocosamente:

— Olá, Marcondes! Vejo que sobreviveu!

— O senhor é... Doutor Inácio?! - recordou ainda com certa dificuldade.

— Sim, sou eu mesmo em carne e osso, digo, em espírito!

— O que aconteceu comigo, Doutor Inácio? Por que me encontro nessa sala sozinho? Porventura meu câncer não acabou?

— Calma! Vamos por etapa. Não é bem isso. Digamos que a causa do câncer continuava! - e apontou com o indicador a região genital do paciente com várias suturas.

— Mas como pode? Não deixamos as doenças no corpo quando desencarnamos?

— Nem sempre é assim, amigo! Eu mesmo tive um terrível enfisema e estou tossindo até hoje. E veja que já morri há mais de quinze anos.²²

Como sempre, em tom de humor, o médico uberabense alegrava Marcondes com sua fala descontraída.

²² Inácio Ferreira de Oliveira desencarnou em 27 de setembro de 1988.

— Mas o corpo não é um "mata-borrão" como ensina a doutrina?

— O que os espíritas não sabem é que o perispírito é mais mata-borrão que o próprio corpo. Tem até morte por aqui.

— Doutor Inácio!

— Certamente o senhor não acredita, não é mesmo?

— Não li nada a respeito nos livros espíritas.

— Ah, os livros espíritas! Sempre os livros espíritas!

— O que há de errado com eles?

— Não é com eles o problema! Os espíritas estão transformando-os em "bíblias sagradas" como se possuíssem a última palavra em matéria de Verdade.

— Tenho opinião divergente à do senhor!

A perspicácia do médico era ilimitada. Divergir significa interessar-se pelo tema. Ele percebia a atração do paciente para o diálogo e via nisso uma terapia. Já o vimos dialogar horas a fio com alguns pacientes que se entretêm com a prosa e esquecem suas dores. Divagar, entreter com assuntos nobres, em algumas situações, tornava-se terapêutico.

— Os livros são ótimos, mas as interpretações dos espíritas, com raras exceções, rastejam no religiosismo. Estão sacralizando livros que deveriam ser estudados, meditados e pesquisados. Chamo isso de "dogmatismo psíquico", uma doença incrustada na cabeça da maioria de nós que peregrinamos pelo igrejismo.

— O que o senhor acha, por exemplo, de André Luiz? Marcondes lembrou-se da reunião que participara dias antes no Hospital e desejava voltar ao assunto.

— André Luiz é uma contribuição ímpar. E você Marcondes, o que pensa de André Luiz?

— Não existe nada melhor para mim! Queria mesmo saber se poderei ler a sua obra aqui na vida espiritual.

— Aqui você terá acesso a livros bem mais completos e reveladores.

— Imagino que devam ser livros bem fiéis à pureza doutrinária, certo?

— Achei que você estava melhorando! - disse caçoando o médico.

— Bem que me disseram que acharia alguém que adora caçar por aqui!...

— Minha vida é caçar e refestelar com as diferenças de todos nós! Não se espante!

— O senhor ainda não me respondeu sobre a pureza doutrinária!...

— Marcondes, você não está mais no seu mundo espírita imaginário, gestado pelas estreitas concepções dos cinco sentidos. Isto aqui é realidade e não o que a pureza doutrinária lhe ensinou. Os problemas dos companheiros de ideal com o livro espírita começam exatamente neste tema. O que é puro? O que é Verdade? Quem a pode decretar? Quais os limites da sensatez em matéria de filosofia da imortalidade? Amigo, vou lhe dizer uma verdade sobre a Verdade: os espíritas estão doentes de soberba ao imaginarem que sabem tudo sobre vida espiritual.

— Começo a perceber, Doutor Inácio! Começo a perceber! Nisso concordamos... - expressou Marcondes, demonstrando alegria.

—Você tem noções de quantas semanas se encontra no Hospital?

— Pouco mais de quatro semanas em meus cálculos. Estou certo?

— Sim, está! Quanta diferença o senhor presenciou nessas paragens que nunca leu nos livros doutrinários?

— Nem sei como responder. Tudo é bem diferente do que imaginei. Quando olho meu corpo e vejo estes curativos, este odor... Esta sala, a sua conversa, este Hospital, aquela reunião de debates e outras tantas coisas, começo a pensar que não sabia nada sobre vida imortal.

— Bom sinal Marcondes! Bom sinal!

— Doutor Inácio, posso ser franco?!

— Admiro pessoas francas!

— É que passam algumas idéias pela minha cabeça e...

— Fale logo, homem, porque senão vou ler seu pensamento!

— Tem hora que o senhor me deixa dúvidas sobre seu comportamento.

— Em que sentido?

— Nunca conheci um espírita tão franco.

— O senhor quer dizer mal-educado e irônico. Não se acanhe de falar!

— Confundo-o com um mentor, ou... , ou um...

— Um capeta?! - expressou-se o psiquiatra com seu irremediável bom humor.

— E! E isso mesmo!

— Não tenha dúvidas que sou! Digamos que sou um "bom capeta"!...

— Jamais imaginei um espírita com suas características!

— O que faz o senhor pensar que sou espírita?

— E não é?

— Não! Na minha avaliação sincera, nunca me vi plenamente espírita.

— Então o que o senhor é?

— Alguém à procura de si mesmo. Um sujeito "meio-louco"!

Marcondes sorriu prazerosamente, embora com muita limitação.

— Agora vou me retirar. Volto assim que puder para jogarmos uma conversa fora!

— Antes de ir, uma última pergunta, por que gosta tanto das pessoas francas?

— É muito fácil gostar de pessoas iguais à gente. Entendeu?

— Acho que sim! Obrigado Doutor Inácio!

— Agradecer é um ótimo sintoma de melhora. Gostei da atitude. Por isso vou lhe dar um "prêmio".

— Prêmio?

— Estarei liberando visitas para você a partir de amanhã. Até!

— Até!

Antes de deixar a ala, o psiquiatra prescreveu algumas medidas junto aos atendentes no posto. A dor modificara, sensivelmente, o coração do doutrinador. E por um desses caminhos singulares da vida, Doutor Inácio, com seu temperamento ímpar, despertava-lhe um sentimento de admiração. Novas motivações começavam a tomar conta de suas emoções. A gratidão e admiração pelas diferenças alheias constituem excelente quesito de avanço para as criaturas habituadas à arrogância. Marcondes iniciou sua educação emocional sem ter noção abrangente do que significou aquele momento espontâneo de interesse pelas palavras do médico.

09

Ao encontro de si mesmo

"Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado" Santo Agostinho

O Livro dos Espíritos, questão 919/a.

Com pouco mais de quarenta e oito horas após a cirurgia, a cicatrização era completa. Seu estado de ânimo era dos melhores. Reunimo-nos ao professor para visitá-lo. Convidamos Selenia para nos acompanhar. O episódio do desmaio havia lhe despertado compaixão em relação ao nosso irmão. Ao longo dos corredores, nas alas restritas, a dirigente mostrou-se assustada e compadecida pelas dores que presenciava. Solicitamos a ela que entregasse alguns lírios ao convalescente, em nome de Eurípedes. Com carinho, ela os ofertou nestes termos:

— Senhor Marcondes, como tem passado?

— Estou bem. Desculpe-me, mas não me recordo quem seja a senhora!

— Sou Selenia, uma amiga. Já estivemos juntos em reuniões nesta casa.

— Perdoe-me não ter a lembrança. Ainda estou um pouco confuso.

— Não se preocupe! Tenho aqui este ramalhete de lírios, um presente do Senhor Eurípedes, que lhe entrego em nome do professor e de Ermance.

— Eurípedes? Barsanulfo?...

— Ele mesmo!

O dirigente acolheu as flores ao peito, sensibilizado. Por sua vez, o professor provocou o diálogo.

— Amigo, como está se sentindo?

— Estou me sentido leve como uma pluma e muito emotivo. É como se tivesse me livrado de enorme pressão interna. Não

me lembro de ter experimentado este estado íntimo quando na Terra. Começo a me sentir muito só neste quarto. Gostaria de sair desta ala. Andar, conhecer melhor o Hospital. Chega de doença!

— Estamos providenciando algumas medidas nesse sentido. Fique tranqüilo.

— Quando poderei saber com mais detalhes o que aconteceu comigo, professor? Doutor Inácio disse-me algo sobre a causa do câncer...

— Você passou por uma cirurgia de extirpação.

— Seria um tumor?

— Não é bem isso. Era a causa matriz de sua enfermidade na próstata.

— Foi bem-sucedida a cirurgia?

— Graças ao exímio cirurgião, tivemos excelentes resultados.

— Quem terá sido esse hábil cirurgião?

— Filmamos nossas cirurgias com fins terapêuticos e educacionais. Tenho permissão para disponibilizá-la ao seu conhecimento. Gostaria?

— Agora mesmo! Seria possível?

— Então, vamos lá!

O professor ligou o sistema de vídeo.

— Apenas peço sua permissão para que Selena acompanhe, já que nós outros estivemos presentes ao ato cirúrgico.

— Não vejo nenhum problema!

Marcondes e todos nós assistimos às cenas atentamente. Selena demonstrou pavor ao ver as mãos arroxeadas de Dona Modesta. Quando foi feita a cisão, ambos impressionaram-se, sobremaneira. Finda a amostragem, a mente do dirigente fervilhava de indagações. Todavia, preferiu o velho hábito de opinar sem conhecer para defender-se do sentimento de vergonha:

— Não imaginei que as doutrinações pudessem causar semelhante enfermidade! Acho trágico e injusto, após tantos anos

de devoção, ter sido prejudicado dessa forma. Agradeço por me livrarem desse terrível mal.

— Retifique sua visão, caro irmão! - falou o professor com firmeza. Ter respostas para tudo é um hábito enfermigo de graves proporções. Aprenda a dizer "não sei" e a perguntar com humildade e desejo de aprender. Absolutamente isso não foi resultado do trabalho de amor aos desencarnados.

— Que mais poderia provocar o alojamento desse ser indesejável em minhas entranhas?!

— Nada lhe ocorre na lembrança?

— Não!

Ao responder, Marcondes passou rapidamente o olhar por todos nós. Era perceptível que havia recordado algo grave. Com astúcia psicológica, o professor pediu licença a nós e à Selenia, a fim de travar um diálogo íntimo com o paciente. Retiramo-nos da sala para algumas visitas na ala. O doutrinador estava sendo estimulado a tratar de lutas muito árduas e íntimas.

— Seja franco, caro amigo - insistiu Cícero Pereira -você se encontra no mundo da Verdade. Chega o instante de olhar-te sem as mascaras enfermigas que costumamos usar para ocultar nossos conflitos. Extirpe de si mesmo o sentimento de vergonha e fale sobre seus segredos sem medo. Tenha disposição de trazer à tona as mais secretas revelações de sua vida a bem de sua própria paz. Sua permanência neste leito é sintoma de carência.

— Desculpe professor, mas os assuntos pessoais me dizem respeito e não pretendo e nem posso dividir com qualquer pessoa. Desculpe-me!

— Marcondes, o mal que guardamos na vida íntima jamais é assunto pessoal, e sim conta coletiva onerosa que tentamos pagar sozinhos tão somente em razão da imagem soberba que construímos sobre nós mesmos. O orgulho tem o poder de enlouquecer-nos a tal ponto, que imaginamos ser melhor a dor do segredo, que o alívio da sinceridade e do auto perdão. Fique sabendo, porém, que nosso papel nesta casa corretiva não se restringe à alegria de fazer-mo-nos amigos uns dos outros. Compete-nos o papel de educadores da alma junto ao extenso leque de necessidades de quantos aqui se

aportam como enfermos. Sendo assim, se necessário for, contarei eu mesmo o que relata sua ficha reencarnatória, conquanto a partir de então seus méritos fiquem diminuídos ante o convite à libertação.

— Porventura, estará me ameaçando, professor?

— Seu entendimento, meu filho, está turvado pelas lutas e vícios humanos. Na minha posição, não posso mais lhe permitir avançar em direção ao velho homem manipulador e prepotente. Se, na sua cegueira, a minha palavra fraterna representa uma ameaça, então se considere intimado a dizer a verdade.

— Isso é demais. Jamais imaginei ser tratado dessa forma e...

Quando se preparava para continuar sua defesa, o professor falou com determinação:

— Conte-me sobre Eulália e pare de se defender! Liberte-se dessa culpa, meu irmão!

— O que o senhor sabe sobre Eulália?

— Tudo.

— Então por que me pergunta?

— Para que você mesmo descubra a extensão dos reflexos de seus atos em si mesmo.

— Certamente o espírito que chamam de meu mentor anotou isso também na minha ficha!

— Fez parte de seu aprendizado terreno.

— Vocês realmente adoram mostrar as nossas faltas por essas paragens.

— Para quem passou a vida inteira tentando fugir!... Nada mais justo!

— Eu não quero falar sobre o assunto. Onde fica meu livre-arbítrio?

— Seu livre-arbítrio foi caçado, meu filho, desde o momento que a insanidade formalizada tomou conta de sua vida. Para os que conheceram as verdades espíritas, espera-se o tributo da autenticidade e da honestidade consigo mesmo, sem os quais, dificilmente a criatura conseguirá vencer o velho hábito da ilusão. E a ilusão nada mais é que loucura.

— O senhor me chama de louco?

— Qual de nós não o é? Deixar de seguir o bem e o dever é a maior loucura do homem.

— Pois fique sabendo que me recuso a falar.

— Marcondes, se eu sair desta porta para fora, só retornarei aqui depois de dois dias. Tenho dezenas de casos graves a acompanhar ainda hoje. Sua vida mental, extremamente sensível como se encontra, ficará como uma chaleira prestes a explodir. Mais algumas horas, caso você não a alivie, tenho péssimas previsões para seu quadro, que começa a se estabilizar graças a medidas a que você mesmo acabou de assistir no vídeo. Saia desse circuito enquanto é tempo e encoraje-se a dizer o que não gostaria. É para seu próprio bem. As medidas exteriores só terão valor se optar por cuidar de suas feridas interiores.

— O senhor está me forçando! Isso é um desrespeito! É muita pressão! Tenho medo de dizer...

— Por que o medo?

— Que farão comigo quando eu confessar?

— Nada, amigo! Absolutamente nada será feito por nós. O trabalho é todo seu. Experimente livrar-se dessa culpa que o atormenta. Fale, Marcondes!

— Está bem! Está bem! - manifestou irritado. Chega de pressão, eu não agüento mais! Isto é pior do que a culpa que sinto!

— Fale!

— Eulália foi minha amante. Minha mulher preferida! Está satisfeito com a confissão?

— Sou seu amigo e não confessor. Tranqüilize-se - disse o professor com humildade - não há razões para ofensa.

— Não há razões?! O senhor...

Quando Marcondes preparava uma nova ofensa, o benfeitor cortou sua fala e revelou:

— O ovóide que você viu na fita veio dela, meu filho!

— O ovóide veio dela?... De Eulália?

— Sim, veio.

— Pelo amor de Deus! Vamos parar por aqui!

O professor, notando o desejo de fuga da conversa, teceu algumas considerações sobre o caso para despertar interesse. Envolvendo-o afetivamente através das informações, acalmou o paciente que, por fim, curioso, mas ainda muito constrangido, solicitou:

— Se assim deve ser, explique-me com detalhes!

— O sentimento de culpa forma um campo vibratório dinâmico e receptivo na criatura. As ações que colidem com nossa consciência, especialmente aquelas que são praticadas em milênios de repetição, consolidam os "tumores energéticos" na vida mental que irradiam por todo o corpo físico e perispiritual em forma de ondas potentes de atração e retenção. Semelhante teor de energias desenvolve o sistema ecológico vibracional do homem, agasalhando formas de vida correspondente à natureza de suas emissões. A análise microscópica do corpo humano revela bilhões de seres vivendo em regime de co-habitação, um autêntico ecossistema na massa corporal. Bactérias e fungos, vírus e milhares de microorganismos trabalham incessantemente formando uma extensa fauna e flora celulares. O perispírito, igualmente, é um sistema organizado que reflete a vida mental da criatura. Eulália carrega várias formas ovóides em seu útero que a ela renderam o câncer fulminante. A origem das provas de Eulália está em vidas pregressas, nas sucessivas e impiedosas atitudes abortistas.

— Mas como essa coisa passou para mim, professor?

— Não trate como coisa uma alma humana nessas condições meu filho! Os ovóides, a despeito de sua condição repugnante, são seres que um dia amaram e foram amados. A negação da culpa adotada para nos defender dos efeitos de nossos erros, cria abscessos energéticos. Você os agasalhou no sistema genital em razão da Sublime Lei Universal de solidariedade.

— Mas eu não pedi isso. Muito injusto! Não fiz nada por mal!

— Não precisa pedir. É cláusula da Lei Natural. O homem é o único animal pensante, portanto com capacidade de escolher.

Sua escolha, porém, implica igualmente responsabilidade pelos seus atos. Pode optar pela vida livre ou pelos regimes de escravidão, jungindo-se aos processos retardatários do sofrimento para crescer. Ao decidir-se pelos caminhos em desacordo com a Lei Divina, está automaticamente assumindo para si os efeitos naturais de seu arbítrio. Mesmo nos caminhos inferiores da levandade ou do mal, pulsam os Estatutos da Cooperação Iniludível e da evolução em sinergia. Cada criatura, por deliberação consciente ou por injunções decorrentes de sua insanidade, vive em regime de troca e apoio, submetendo-se aos imperativos da natureza.

— Por que não me livre disso... quer dizer... dessa criatura... com a morte?

— A morte nem sempre é alforria. Muitos morrem, mas não desencarnam. Permanecem com as lutas do corpo. Tudo depende de como vivemos a vida para que a morte seja luz e paz em nossos caminhos. Que são os ovóides e outras tantas expressões teratológicas de vida, senão irmãos nossos que perderam temporariamente a razão e a consciência? Quem são os corações achincalhados pela zooantropia nos pátios infernais, senão almas sensíveis que tombaram na culpa? Quais movimentos obedecem às formas vivas não inteligentes acomodadas ao corpo material, senão à atração para evolução à qual, igualmente, encontram-se submissas? Só mesmo a soberba humana poderia imaginar uma caminhada livre de semelhantes desígnios do crescimento. Evidentemente, o homem, único depositário do pensamento contínuo, é convidado a outro gênero de caminhada, conquanto ainda posicione-se como quem prefere os percalços do instinto, atraindo um contingente de dores voluntárias para si.

— De que me valeram mais de quatro décadas devotadas à causa espírita? Que sentimento de arrependimento o meu! Então sou um falido?! Era essa a conclusão a que o senhor queria que eu chegasse? Qual o tamanho de minha queda?

— Marcondes! Marcondes! Trajetória igual à sua é rara entre nós. Pouco mais de um mês para se libertar de efeitos que costumam exigir séculos de reparação... Você já começa a registrar uma profunda alteração na sensibilidade. O ovóide, em seu caso, era

uma manifestação viva do "tumor emocional da prepotência e da culpa", um fator de obstrução do afeto.

Devido a créditos auferidos no serviço do bem, chegou seu instante de libertação dessa prova voluntária. Existem muitos casos que renascem com o ovóide implantado.

— Foi uma prova voluntária?

— Exatamente. Para Eulália, era um programa previamente acertado para o renascimento. Para você, foi um ônus adicional. Naturalmente obedecendo à lei da causalidade...

— Causalidade?...

— Você também tem seus laços com a história de Eulália, conquanto dispusesse de outras alternativas de quitação e não as utilizou.

— Portanto o câncer que me vitimou foi um suicídio?

— Quase isso! Devido aos seus trabalhos de amor, conseguimos prolongar sua vida até o tempo previsto de sua partida. Contudo, seus últimos vinte anos tão sofridos com a doença poderiam ser evitados, caso sua escolha fosse outra.

— Afinal! Sou um falido ou um vitorioso?!

— Que você acha?

— Não sei, professor! Sinceramente não sei de mais nada!

— É assim mesmo, meu bom amigo! Quase sempre, ao ultrapassarmos os portais da morte, mesmo guardando extenso conhecimento espiritual, sentimo-nos sem respostas, sem referências. Somente o tempo responderá a essa indagação. O trabalho e o estudo lhe ensinarão a aferir melhor as sutilezas do templo sagrado de sua consciência. Por agora, acredite que sua situação não é das piores. Apenas isso.

— Ajude-me a entender melhor minha dúvida, por caridade.

— Meu filho, não existe falência, existe resultado, efeito... Sob análise de seu projeto reencarnatório, pode-se afirmar que houve desvio, tamanha a extensão das oportunidades que desperdiçou ou não soube aproveitar. Sob o enfoque das Leis Divinas, avançou, considerando o passado torpe pertinente à grande maioria de nós. Em síntese, evitou quanto pôde o mal do qual se encontrava avisado, mas não criou todo o bem que poderia. Eis o problema: pura negligência! Frequentemente, os dramas do arrependimento tardio

são adquiridos nas sendas infelizes da negligência e da indiferença aos deveres conscienciais. Optamos em aceitar os encantadores convites do desejo inferior em detrimento da oportunidade redentora da superação.

— Estou me sentindo envergonhado!

— Bom começo! Porém não fique nisso. Há muito que fazer pela sua recuperação. Quem converte a vergonha do remorso em humildade, aprende a sentir-se pequeno sem punir-se. Olhe os lírios que Eurípedes lhe endereçou - e apontou para a cabeceira da cama. Nestas flores, há uma mensagem de esperança do apóstolo para sua caminhada.

— Qual é a mensagem, professor Cícero?

— Eurípedes foi chamado por Maria, a Mãe Santíssima, para uma tarefa inigualável em todos os tempos da humanidade. A tarefa de colher os lírios que florescem em pleno pântano. Socorrer os cristãos falidos de todos os segmentos. Ao erguer essa Obra de Amor, o Mensageiro da Esperança recebeu uma outorga do Espírito Verdade. Os que conheceram a mensagem de Jesus e não conseguiram, ou desejaram ser fieis aos ditames de sua consciência, são as almas mais aliciadas pelos mandatários da perversidade. Utilizando-se dos dramas emocionais da culpa e do desamor a si mesmo, esses vilipendiadores da paz alheia os aprisionam e flagelam sem piedade. A mensagem de nosso diretor é iluminar a vida com esperança em quaisquer condições.

— O senhor me orientará?

— Você está sob responsabilidade de Inácio Ferreira nesta casa. Ele será seu tutor temporário.

— Doutor Inácio! Quem diria! Como quero agradecer-lhe pela cirurgia. Com que carinho me tratou! Ele esteve aqui e nada mencionou sobre o fato de ser o cirurgião. Que humildade!

— Amanhã ele virá vê-lo.

— Professor, perdoe-me minha intransigência! Perdoe-me... Encontro-me confuso...

Marcondes não resistiu ao volume das informações e à ternura de Cícero Pereira, deixando escorrer algumas lágrimas.

— Acalme-se! O choro far-lhe-á enorme bem. Assuma sua condição de paciente em tratamento e tudo ficará bem.

— O senhor conhece Eulália? - falou o dirigente um pouco refeito em sua fragilidade.

— Eulália está aqui no Hospital. Quando sair desta ala, certamente os passos de vocês se cruzarão novamente.

— Ela sabe que estou aqui?

— Acompanhou tudo pelos vitrais da sala cirúrgica; orando a Jesus para que pudesse, fora da sala, receber em seus braços a pequenina incubadora com aquele ser desprovido e deformado.

O dirigente não suportou a notícia. Mãos aos olhos, teve prolongada crise emocional. Seu pranto, seguido de suspiros de dor, banhava-lhe a alma em novas esperanças. Disse em voz alta e sofrida sobre o quanto se arrependia. Vez por outra, retirava as mãos com as quais tentava segurar as lágrimas e olhava o professor que lhe *afagava a* cabeça. Por fim, ele se abraçou ao seu tutor como uma criança, rendendo-se ao perdão e ao sossego íntimo. Após algum tempo, no intuito de recompor o companheiro, disse o professor:

— Posso chamar novamente nossas companheiras Ermance e Selena para o diálogo?

— Sim, sim! - e limpou suas lágrimas com um lenço ofertado por Cícero Pereira.

10

Os Ovóides

"Quais os sofrimentos maiores a que os Espíritos maus se vêem sujeitos?"

Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Mesmo o que as sofre teria dificuldade em vos dar delas uma idéia. Indubitavelmente, porém, a mais horrível consiste em pensarem que estão condenados sem remissão"

O Livro dos Espíritos, questão 973.

Fomos, então, convidadas a regressar ao quarto. Percebendo-lhe os olhos marejados, a fim de não sermos indelicadas, Selena pronunciou:

— Irmão Cícero, gostaria de fazer algumas questões sobre o vídeo da cirurgia, desde que não cause constrangimento. Posso?

— Estamos em visita de amor e aprendizado, minha irmã, fique à vontade! Não se preocupem com Marcondes. Em verdade, seu estado é sintoma de melhora. Nesta casa de amor, as lutas uns dos outros são lições vivas para a caminhada de todos. Não se acañhe em indagar. Quanto mais, melhor!

— Enquanto fazíamos as visitas na ala, Ermance explicava-me detalhes da história espiritual do nosso querido companheiro. Também tive minhas histórias afetivas... e...

— Seja bem clara, Selena! - interveio o professor. Nós quatro, nessa singela reunião, formamos a escola espontânea da vida. Não será justo com a Misericórdia Celeste, tão abundante conosco, adiarmos mais as lições de que necessitamos. Basta a fuga que empreendemos enquanto na carne.

— Não sei se serei inconveniente... Posso utilizar a história de Marcondes para minhas indagações?

— Marcondes, responda você mesmo.

— Só agora começo a perceber a natureza de minhas faltas e o bem que me faz colocá-las sob a luz da Verdade. Creio, Selena, que suas indagações ajudarão aos meus raciocínios ainda intimidados pelo remorso.

— Embora não conheça, o nome Eulália calou-me fundo na alma... Se perguntar sobre ela, não te causará incômodo?

— São as perguntas de que mais anseio saber nesta hora - respondeu o dirigente algo entristecido e saudosos.

— Qual a situação espiritual de Eulália neste drama vivido pelos nossos irmãos, professor?

— Eulália foi uma abortista repetente. Adquiriu contas extensas nas questões afetivas, em inúmeras vivências levianas. Com esse comportamento, adotado em sucessivas oportunidades corporais, consorciou-se com as falanges desencarnadas da devassidão no mundo - pregadores da alucinação dos prazeres em detrimento das alegrias da alma. Foi uma fria destruidora de lares. Não acredi-

tava nos laços de família, uma vez que sua história, a essa época, foi vivida nos tristes cenários da Veneza das cortesãs, no ano 1315. Na sucessão dos atos tresloucados, exauriu suas forças ao longo do trajeto, passando a colher os frutos de suas malfadadas decisões. Foi na França, no ano de 1574, que ela atolou-se em lamentável história de devassidão. Preparada para renascer, depois de resgatada das malhas obsessivas de impiedosos vampiros, receberia vínculos do coração cruelmente lesados pela sua insânia. Corações que caminhavam para os labirintos sombrios da deformação perispiritual, depois de séculos no ódio desenfreado.

— Eulália os receberia como filhos? - indagou Selena tomada pela curiosidade.

— Ela receberia oito laços afetivos que tomavam o caminho da ovoidização, conquanto, guardando ainda algum lampejo de consciência. Todos seriam creditados à sua maternidade para reerguimento moral pelo acolhimento afetivo.

— Ela conseguiu? - Indagou novamente Selena.

— Infelizmente, não! Abortou a todos.

Diante da resposta, Selena teve um mau súbito como se a história lhe calasse fundo à alma.

— Está tudo bem, Selena?

— Sim! O assunto me toca profundamente... E só isso!

— Tome um pouco de água.

Selena suspirou para continuar, quando Marcondes exclamou:

— O senhor disse que foi nessa época a sua grande queda!...

— A Lei tem códigos inderrogáveis. O circuito de forças gerado pela maldade tem vida específica. Eulália, nessa época chamada Condensa Isabelle Pyrré, de família nobre na corte francesa, trazia a marca psíquica da mulher de muitos crimes ocultos. Sua constituição perispiritual adaptou-se vibratoriamente ao campo de "forças de retração", ou seja, uma teia psíquica na qual são capazes de pernoitar longamente os efeitos de suas atitudes irresponsáveis. Foi assim que os oito filhos expulsos se agregaram ao seu psiquismo em regime de vampirismo espontâneo. Passaram a viver nove almas em um só corpo...

— Professor! - interrompeu Selena - mas e a interferência dos espíritos amigos?!

— Como disse, Eulália era repetente obstinada. E da Lei que, depois de todos os recursos da Bondade, cada alma seja entregue às suas obras, em regime expiatório sob sanção da dor corretiva.

— Isabelle desencarnou nessas condições?

— Ao longo desse "condomínio psíquico", seus desafetos entraram automaticamente em processo de ovoidização depois dos abortos. Tudo era previsível segundo os técnicos da reencarnação. Ou reencarnavam, ou se acoplavam à mãe. Um quadro expiatório cujos limites estavam todos superados, em razão do descaso contumaz do coração leviano de Isabelle. Ela passou para a vida dos espíritos, carregando em si os efeitos desastrosos de suas decisões. Socorrida e amparada novamente, já é seu terceiro retorno nessas condições. Teve oito ovóides alojados em seu útero até a pregressa experiência como Eulália.

— Mas, professor! - exclamou Marcondes - é possível? Tenho dificuldades em assimilar essas ocorrências.

— Por qual motivo?

— Parecem-me injustas!

— Somente quando estamos prontos para olhar o passado e analisar a trilha sangüinária do mundo, da qual raríssimos de nós escapamos, poderemos entender as razões de semelhantes tragédias da caminhada. O que falta ao homem espírita é visão sistêmica, processual. Desconhecendo detalhes da trajetória de Eulália-espírito, fica difícil compreender o resultado infeliz de suas atitudes. A Lei Natural é a mesma em qualquer circunstância. Não lhe passa na mente o sentido divino dessa experiência?

— Nem imagino! - respondeu Marcondes com sinceridade.

— Eulália abriga, na sua intimidade, oito almas dilaceradas pela maldade. Não lhe ocorre que, nessa condição desditosa, ela é a mãe em regime de expiação? Não lhe passa pela mente a idéia de que o ventre de nossa irmã é visto pela Celeste Misericórdia como uma "acolhedora incubadora defensiva"? Que seria desses oito enfermos se estivessem à solta nas mãos criminosas dos vampiros inteligentes? Que seria da própria mãe na mão dos gênios da maldade? A situação de Eulália é a da "sanção corretiva". Dor-resgate, dor-evolução. Suas enfermidades dolorosas foram freios contra a loucura desenfreada. Suas energias físicas foram mantas psíquicas

para os filhos implantados. É a lei de solidariedade em níveis inferiores. *A cada qual, segundo suas obras.*²³ Eulália, foi gerada em tumultuada gravidez. Aos três anos de idade, apresentou a primeira anomalia, um corrimento com constituição sangüínea. Aos seis, seu abdômen era tomado por inchaços intermitentes. Raramente, ela conseguia se ausentar do corpo com facilidade para o sono refazente. Aos nove, teve seu primeiro ciclo menstrual, anovulatório. Aos onze, teve um quadro semelhante a uma gravidez tubária, porem sem relacionamentos sexuais, experiência que se repetiu - formas teratológicas eram geradas sem cópula. Cistos e miomas, rins e vesículas alterados em seu funcionamento. E, por fim, o câncer destruidor. Todo esse rol de dores foi alvo das mais diversas formas de abrandamento em favor de nossa irmã. Entretanto, a dor-sentimento, aquela que retumbava na sua intimidade consciencial, constituía prova da qual nenhum de nós tinha o direito de interferir. De longe, as dores físicas poderiam ser comparadas aos gládios de depressão e solidão vividos por Eulália. Já imaginou o que significa para uma mulher sentir a desesperadora sede afetiva de acalentar um rebento e não consegui-lo? Nossa irmã, em razão de seu quadro, carregava mais grave prova. Sentia que tinha os filhos no próprio ventre, embora não soubesse explicar a raiz de tal emoção. Em face disso, psiquiatras eminentes catalogaram-na como candidata a psicoses graves. Seus sonhos eram povoados de crianças que lhe achincalhavam o corpo com magotes dilacerantes. Acordava com insônia persistente, acariciando o abdômen como se estivesse grávida para, depois de alguns segundos, despertar completamente da miragem e entregar-se à tristeza. Vezes sem conta, ouvia sonidos e silvos, acreditando-se louca. Eram expressões sonoras das formas desumanizadas que portava em si própria.

Marcondes ouvia a tudo como se fosse narrada sua própria história. Ensimesmado, com o olhar fixo no professor, parecia distante no tempo. Repentinamente, tomado de muita emoção expressou:

- Aquele ser que saiu de mim é meu filho!
- Marcondes, está tudo bem? - perguntou o professor.

²³ Apocalipse, 20:12

— Vejo cenas na minha mente. Uma mulher parisiense muito bela. É Isabelle Pyrré. Meu Deus! Que nitidez de visões! Nunca experimentei algo assim! Ela é linda! Ela é linda! Que saudades, professor!...

Num átimo, professor Cícero pediu-lhe que fechasse os olhos e colocou a mão direita no centro frontal de Marcondes, como fizesse leve massagem no sentido horário. O dirigente recobrou sua lucidez e mostrou-se defasado em razão da experiência. Refeito, depois de instantes, ele indagou:

— Sou o pai de um daqueles oito?

— Sim, Marcondes. Seus laços com Eulália ultrapassam a fronteira do tempo presente. Sua história transcende o mero encontro extraconjugal da recém-finda vida corporal.

— Deus! Tem piedade de nós!

Novo pranto tomou conta de Marcondes, emocionando, igualmente, Selenia e a nós.

— Acalme-se, amigo! Sua experiência com Eulália, conquanto o adultério infeliz, não significa falência e queda. Seu caso é de negligência e adiamento que, descuidadamente, muitos companheiros de lide doutrinária têm se entregado.

— Não consigo mensurar a extensão de minha falta, professor!

— Agradeça a Deus, meu filho, por estar nesta casa de bênçãos. Não queira saber o que acontece com irmãos da doutrina que fazem o mesmo trajeto, acrescido da leviandade no coração... Aqui você terá tempo e ocasião para realizar o serviço de reerguimento que lhe aguarda. Por isso, abdique, enquanto é tempo, da prepotência que vem tomando conta de muitos corações sinceros de nossa seara em função do orgulho do saber.

— Tudo me parece muito trágico e sublime ao mesmo tempo! Que diferença há entre um ato de negligência e leviandade? Não teremos sido levianos, Eulália e eu?

— O bem e o mal se confundem. Que é o mal senão o desejo do bem interpretado sob fascínio do egoísmo? Os negligentes são aqueles que poderiam, mas não quiseram, vencer o mal em si mesmo. São mais descuidados que irresponsáveis. Os levianos são aqueles que sequer desejaram tentar a melhora, optaram pelo cami-

nho do erro, apesar de conhecerem a Verdade. Imagina onde estariam você e Eulália, se estivessem entregues aos despenhadeiros da levandade incontida nesta hora?

— Mas e nossa atitude? Não devíamos!... Eu aceitava com tanta lealdade as minhas tendências nessa área... Esforcei-me com sinceridade para não tomar esse caminho, a despeito dos impulsos enfermos que carregava... Não sei explicar como cheguei nesse ponto...

— Não basta aceitar as imperfeições. É mister senti-las a fim de reeducá-las a contento. Há muitos companheiros de ideal repetindo frases chavões acerca de si mesmo, sem internalizá-las realmente nas fibras do sentimento. Quando sentimos o dever, somos impulsionados aos mais amplos vôos de elevação.

— Que conseqüências existem para um negligente, professor? São menores que para um leviano?

— As conseqüências são claras: culpa, morte, doença, remorso tardio... O preço está sendo pago. Contudo não é da Lei que o homem seja punido, e sim que tenha chances de remissão, quando apresente as mínimas possibilidades para esse mister. É o seu caso e de Eulália. Quanto aos levianos, chegará o momento em que você poderá comprovar por si mesmo os efeitos de suas ações. Nesta casa, temos milhares deles!... Futuramente, em visitas fraternas, verá com seus próprios olhos.

— Como está Eulália hoje?

— Bem melhor. Trabalha ativamente na câmara dos ovóides nesta casa e se tornou, por seus méritos, a responsável por alimentá-los e realizar tarefas somente afeitas a técnicos muito experientes.

— Não poderia vê-la agora?

— Para o seu próprio bem, esse reencontro se dará na hora oportuna. Espere um pouco mais.

— E quanto a mim? O que farei pela minha paz?

— Um futuro de esperanças o aguarda. Acredite em Doutor Inácio, na sua experiência, e confie-lhe o seu coração.

— Farei isso.

— A propósito, Marcondes - interferiu Selena que acompanhava tudo atentamente - dentro de alguns dias visitarei o meu grupo espírita em companhia de Doutor Inácio e Dona Maria Modesto.

— Aquela senhora no vídeo da cirurgia? - indagou Marcondes.

— Ela mesma. Estou exultante com a oportunidade!

— Fico feliz por você, Selena. Pelo visto, seus caminhos como espírita não foram tão infelizes quanto aos meus!

— Tive minhas lutas, mas encontro-me em paz.

— Fico pensando, se tivesse a coragem de confessar meus segredos...

— Pegando um gancho nessa fala de Marcondes, professor, esses segredos estão sendo muito comuns entre os amigos espíritas? - interferiu Selena.

—Fale por você, querida amiga!

—De minha parte, creio ter sido sempre muito transparente.

—Nem sempre isso vem ocorrendo. Infelizmente, o movimento espírita está tomado por uma crise epidêmica.

—Crise epidêmica?! - mostrou-se curiosa a dirigente.

— A mesma que atacou Marcondes.

— Que epidemia é essa? - manifestou Marcondes.

11

Visão ampliada

"Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis"

Tiago, 5:16

—Você foi vítima da epidemia de sigilo - destacou o professor.

—Epidemia de sigilo?...

— É a atitude de conveniência que sustenta uma espécie de acordo de omissão coletiva. Fenômeno sutil da vida interpessoal. Uma vez assumidas as responsabilidades doutrinárias, seja em que nível for, muitos companheiros têm confundido quantidade de tarefas com elevação espiritual. Assumem cargos, varam os anos em experiências e sentem-se enormes, grandes em espiritualidade, refletindo velhas tendências religiosistas dos prelados de outros tempos. Evidentemente, quem aparenta grandeza espiritual tem que mantê-la, por isso evitam tratar a qualquer tempo sobre as lutas interiores que, segundo imaginam, os diminuiriam no conceito coletivo da seara - grave ilusão! Não dispondo de franqueza suficiente para tratar de seus conflitos íntimos com naturalidade, emudecem quaisquer referências às tormentas pessoais e deixam de ser sinceros consigo e com os outros. Passam a vida mantendo aparências de iluminação e deixam de cuidar de assuntos essenciais para seu equilíbrio e sua felicidade, nutrindo infundado receio de perderem a autoridade que supõem possuir.

O dirigente ruborizou-se ante a fala do professor. Seu ímpeto foi utilizar a rispidez ante o incômodo na intimidade. Apesar do impulso, recobrou a lucidez e resolveu indagar:

— Estamos evitando dialogar sobre nossas necessidades profundas? É isso?

— Exatamente. Fala-se muito sobre o que se deve fazer nos ambientes doutrinários, mas não tem havido o espaço desejável para tratar e sanar os conflitos pessoais, as angústias ocultas. A vergonha e a culpa têm afastado muitos corações bem intencionados da atitude de lealdade consigo próprios. Escasseia a honestidade emocional, a transparência nas relações. Pense por você mesmo e reflita se não deixou de tratar temas que lhe oneravam as emoções, no terreno secreto de sua mente aflita e sobrecarregada!...

Bastou que o abnegado servidor mencionasse semelhante questão, e a mente de Marcondes enveredou por vastos assuntos que não teve coragem de dividir com ninguém, enquanto no corpo. Agora, inevitavelmente, teria que olhá-los de frente, acrescido do prejuízo de ter perdido o tesouro do tempo para solucioná-los na

vida física. E, como se o professor ouvisse as mentalizações do interlocutor, arrematou:

— Dificilmente o homem na Terra assume a tarefa sacrificial de sua transformação definitiva para melhor. Os aprendizes espíritos não escapam dessa situação. Avançam lentamente no escaldante terreno da melhoria espiritual. O cerne da proposta da doutrina é o desafio, por vezes doloroso, de resgatarem-se através da realização do auto-encontro. Nesse circuito fechado de sigilo, acerca de questões essenciais do auto-aprimoramento, estabelece-se um exagerado dimensionamento dos problemas e passam a imaginar consigo mesmos: "Se as pessoas soubessem o peso de minhas provas!..." Assim, julgam-se sob severos carmas e penetram nos escaninhos da autopiedade, carcomidos pelo cansaço, cedendo à pressão de condutas de fuga e desvario em lamentável desculpismo. Através de mecanismo defensivo, desenvolvem a crença de atenuamento dos débitos, ante a proporção imaginária que acalentam sobre a extensão de suas expiações. E terminam por encontrar, nas tarefas doutrinárias, a sua penitência de remissão no alívio das culpas. Por fim, assumem "dupla personalidade", em crescente incoerência com os princípios renovadores da doutrina. No silêncio que se mantém junto a seu grupo doutrinário, encontramos o que podemos nomear como solidão em equipe, uma verdadeira prova voluntária e perniciosa ao crescimento de todos.

—Poderíamos chamar essa postura de hipocrisia? -intercedeu Selenia com curiosidade.

—Em alguns casos, encontramos a mentira intencional. No entanto, esse processo tem se tornado uma questão cultural. Um remanescente do religiosismo que impera nas mentes. Assumem-se valores exteriores como sinônimos de santidade na alma. São os velhos costumes hierárquicos enraizados no psiquismo humano.

—Isso estaria ocorrendo também nos campos da administração do movimento espírita? - indagou Selenia, que guardava muitas mágoas no assunto.

—É um mal da comunidade doutrinária que tem atingido larga fatia dos seareiros. Precisa ser debatido e extirpado. É esperado que as células do Cristianismo Restaurado imitem a Casa do Caminho no cultivo da franqueza edificante. As atividades sagradas do

movimento espírita têm sofrido com intensidade dessa epidemia. O sentimento tem sido uma moeda de pouco ou nenhum valor nas iniciativas administrativas, quase sempre recheadas de formalismo e cerimoniais, calando enriquecedoras idéias que vertem do Mais Alto que seriam temperos de revitalização do afeto, da solidariedade e da concórdia.

— Além da ausência de sinceridade, haveria outro efeito nocivo dessa atitude de omissivo silêncio sobre nossas mazelas? - continuou a dirigente com sua perspicácia.

— O prejuízo mais nocivo dessa postura coletiva se verifica no campo íntimo daqueles que se acostumam com tais convenções, porque se adaptam a um processo doentio de negação dos sentimentos, em contraposição aos alvitreiros claros da consciência. Semelhante quadro da vida mental, embora seja muito comum entre os homens, opera desagradáveis desarmonias no campo psíquico e torna-se um pasto fértil para a obsessão pacífica e sutil, como você terá oportunidade de verificar em suas futuras atividades de visita fraternal neste Hospital. Para os espíritos, iluminados com o clarão das verdades imortais, o desafio é ainda maior, considerando a extensão dos apelos expedidos pela consciência.

— De minha parte, só posso defender-me, porque não tive em quem confiar! - afirmou Marcondes com profundo tom de lamento.

— Confiança, amigo querido, é virtude que se constrói.

— Bem que ansiei por alguém para me ouvir, confessar! Porém, como confiar segredos e perder a autoridade perante os companheiros?

— Que autoridade, Marcondes?!

— A autoridade da experiência.

— Amigo, existem dois tipos de homens. O homem experiente, aquele que edifica habilidades no esforço nobre e perseverante em favor de seu crescimento. Existe também o homem sábio, aquele que aprendeu a fazer uso da sua experiência pelo bem da maioria. Muitos de nós apegamo-nos ao histórico de serviços

prestados na seara, enredamo-nos em desprezível atitude de onipotência.

— Estará afirmando, professor, que devemos negar o que já aprendemos? Igualar-se a quem sabe menos? Isso é falsidade em meu entendimento.

— Desapego da folha de serviço não implica negar a bagagem. O que importa é não transformá-la em troféu de presunção. Ninguém e nenhum grupo, a pretexto de abafar o individualismo, deverão proceder em campanha ao descrédito ou indiferença dos mais vividos. De quem mais tem mais se espera. Espera-se apenas mais comprometimento, humildade e melhor uso do tempo... Essas são algumas expressões de autêntica grandeza moral, quase sempre esquecida.

— Mas como ficam os baluartes consagrados da coletividade espírita nesse enfoque?

— Um dos traços mais claudicantes para os alicerces da regeneração espiritual da Terra é a consagração irrestrita de expoentes da cultura, médiuns ou organizações espíritas históricas. Observa-se um pernicioso e sutil costume em nossa seara, de conferir regalias aos mais experientes por parte dos que os amam e a nociva atitude de líderes em se julgarem credores de tais obrigações. Poucos são os que desenvolvem a criatividade que lhes enseje abdicar das imagens idolatras sem ferir a admiração alheia. Ninguém necessita negar ou repudiar o reconhecimento e a consideração alheia. A questão é dos excessos decorrentes do hábito humano de entronizar "pequenos deuses" em seu caminho com os quais anseia contar para fugir ou abrandar o volume de suas próprias lutas.

A conversa fluía espontânea quando Selena, que absorvia os ensinamentos do professor, resolveu participar novamente:

— Este Hospital atende a alguma especialidade no tratamento dessa epidemia de sigilo?

— Temos desenvolvido técnicas terapêuticas com esse fim. Oportunamente, vocês participarão desses encontros salutareis com Dona Maria Modesto na "*tribuna da humildade*". Uma ocasião

de tratar abertamente sobre suas lutas mais íntimas. Um confissão público...

—E no seu aspecto mais abrangente, qual o objetivo dessa casa? - replicou a companheira, ampliando os horizontes da conversa.

—Problemas da mente e do ser, as dores da alma. Tratamos as diversas alienações nas quais, comumente, envolvemo-nos em desafios da vida corporal.

— Se este nosocômio atende a problemas com alienação, posso inferir que estou enquadrado como um doente mental conforme já me disse o humorado Doutor Inácio?- indagou Marcondes.

—A doença mental, para os planos espirituais, tem dimensão infinitamente versátil. Seu quadro pode ser considerado como um transtorno mental não classificado nas fileiras humanas da ciência. Chamamo-lo de *auto-suficiência espiritual*. São delírios de supremacia evolutiva que nos levam acreditarmos ser quem não somos, conduzindo a uma recusa crônica do afeto espontâneo. Essa ação mental gera um desastre de proporções incalculáveis no sistema da afetividade no qual se encontram as autênticas matrizes daquilo que somos. Um enquistamento prolongado no personalismo, seguido de bloqueios do afeto. Tudo começa no orgulho -doença mental original - atingindo o sistema afetivo da criatura, deixando-o aos frangalhos em razão da rejeição infligida aos impulsos do coração. O orgulho é o sentimento de superioridade pessoal refletido no estado mental em forma de ilusões. É a maneira desenvolvida pelo nosso egoísmo para camuflar a realidade do que somos, a fim de vivermos a fantasia do que gostaríamos de ser. Em palavras singelas, é o uso do cérebro com negação dos sentimentos.

— Terei negado a minha própria realidade durante a reencarnação, é isso?

— Tomou contato superficial e insuficiente com sua verdade pessoal.

— Pelo simples fato de negar sentimentos?

— Não é tão simples assim!

— Por quê?

— A maioria dos habitantes no corpo vive suas relações dessa forma.

— Posso concluir, então, que todos que conhecem a doutrina passarão por dramas como o meu?

— Formou-se no mundo físico, a cultura de que certos sentimentos são traços de fraqueza, sendo rejeitados a pretexto de manter uma imagem, um padrão, uma fachada. Porém, se não pulsarem para fora, haverão de pulsarem para dentro, ocasionando lesões afetivas profundas. Enquanto no corpo, semelhantes lesões podem ser percebidas através de manifestações sutis e perfeitamente controláveis no campo mental. São os súbitos remorsos que brotam na tela mental. Raramente, admitimos aferi-los com lealdade, desconsiderando-os com total repúdio. Assim, de negação em negação, o equilíbrio do campo afetivo é perturbado, reduzindo a sensibilidade para o exterior, entronizando em seu espaço a personalidade institucional, ou seja, um amante de formalidades evoluindo para o perfeccionismo. Depois da morte, semelhantes "pulsões" não são mais controláveis, vindo a eclodir-se nos mais variados quadros, dependendo da gravidade alcançada nos recessos da consciência. Daí surge o monoideísmo, as fixações mnemônicas, o sono prolongado, o coma mental, o estado confusional da ideação, a ausência de controle sobre o pensar; os remorsos depressivos, o escoamento da matéria afetiva bloqueada e muitas outras formas de manifestações íntimas cuja melhor definição é a auto-obsessão em nível severo, exigindo cuidados e terapêuticas muito específicas.

— Em meu caso, qual desses quadros reflete com mais exatidão o que passei?

— O arrependimento tardio, isto é, o remorso. Sua dificuldade em desligar-se de certas lembranças que o incomodam, são situações conflitantes adquiridas na Terra e das quais não se livrou até agora pelo auto perdão. Tais lembranças, em verdade, são núcleos catalisadores de velhas pendências não resolvidas em remotas existências carnaís.

— Então, se entendi corretamente, ao recusarmos sentir o que sentimos, provocamos lesões?

— Tudo depende de como se trabalha internamente com esses sentimentos e de suas origens nas pregressas experiências corporais. A negação sistemática dos impulsos de amor ao próximo, tido muitas vezes como romantismo dispensável, quase sempre

significa estacionamento da inteligência afetiva e doença para a alma. É o mesmo que deixar de olhar para si mesmo, porque o sentimento é o espelho da consciência no templo do Espírito. Algumas vezes, essa negação é milenar, razão pela qual alcança níveis de enfermidade grave.

— Temos então uma inteligência afetiva?

— Temos várias inteligências, e o homem do futuro vai descobri-las através dos caminhos científicos. Nas academias científicas do mundo, alguns experimentos estudam as *múltiplas inteligências* do ser, podendo ser mais bem exploradas para a felicidade e a paz interior nos rumos do progresso. Apesar dessas conquistas, o homem apenas arranha semelhante tema.

— E meu arrependimento durante a doença no corpo não valeu de nada?

— Teve enorme valor. Mas não foi arrependimento, e sim remorso.

— Que diferença existe?

— Remorso é tortura, arrependimento é libertação. A culpa e o desejo de melhora são os termômetros do remorso.

O arrependimento completo tem três ingredientes: o desejo de melhora, o sentimento de culpa e o esforço de renovação.

— E o que me falta nessas etapas?

— Falta-lhe agora aprender a se perdoar para que seu remorso na carne seja um caminho de paz para sua vida interior. Allan Kardec, estudando a comunicação de um criminoso arrependido, teve o ensejo de destacar: "*O Espírito só compreende a gravidade dos seus malefícios depois que se arrepende.*"²⁴

— Poderei conseguir esse estágio neste plano de vida?

— Conseguirá em larga escala. Um dia, entretanto, pedirá o retorno ao corpo para consumir suas conquistas.

— Esta doença de *auto-suficiênda espiritual* tem atingido muitos espíritas? - indagou o dirigente como quem ainda não tinha perdido o costume de transferir a curiosidade para os problemas alheios.

²⁴ Lucas, 17:20.

— Os espíritas falam bastante nos lugares exteriores para depois da morte. Colônias e umbrais são descritos com minúcias. No entanto, o estudo das repercussões íntimas e a relação com a consciência deveriam ser mais estudados e mensurados para dilatar as concepções humanas em torno da morte. A morte nos devolve a nós mesmos longe das ilusões impostas pela matéria. E justo nos despojemos primeiro dos pesos inúteis que carregamos para, somente depois, promovermos a ascensão pessoal com maior leveza mental -respondeu o professor levando o aprendiz a voltar a atenção a si próprio.

— E como ficam meus esforços? Embora não tivesse o hábito de uma análise minuciosa, julgava sinceramente estar pronto para a morte em razão da missão a mim confiada!

— Os amigos espíritas precisam vigiar com muita cautela o fascínio que têm votado a suas folhas de serviços. Bastas vezes confundem quantidade de tarefas e realizações com ascensão evolutiva, como se fizessem carreira na espiritualização. Muitos corações de ideal, em todas as atividades doutrinárias têm passado pelas tarefas sem se educarem através delas. E quanto mais expressivas e coletivas são elas, mais aumentam os riscos de vaidade e tropeço. Temos, nessa casa de recuperação, vastos pavilhões de médiuns, divulgadores, escritores, evangelizadores da juventude, presidentes de centros espíritas, dispensadores da caridade pública. Todos abençoados com as luzes da Doutrina Espírita, entretanto não conquistaram sua luz própria. Engrandeceram-se no orgulho com a cultura e a experiência das práticas e negligenciaram o engrandecimento moral de si mesmos, através da reeducação dos hábitos e da aquisição de virtudes eternas. É um engano milenar da ilusão humana ainda afeiçoada a vantagens exteriores, sem a consolidação dos ensinamentos Cristãos no próprio coração. Como disse o Senhor: "*O Reino de Deus não vem com aparência exterior.*"²⁵

— Sinto-me como se meu esforço fosse em vão! Quanta renúncia, quanta devoção! Para que tanto trabalho no plano físico?

— Não existe esforço sem valor. Convenhamos, no entanto, o trabalho doutrinário, para boa parcela de nossos companheiros de

²⁵ *O Céu e o Inferno*, 2a. parte, capítulo VI.

ideal no plano físico, tem sido apenas medida defensiva contra o tempo mal usado, evitando maiores deslizos ou problemas desnecessários...

— Experimento diante de suas colocações, uma enorme sensação de perda de tempo!

— Quando você tiver acesso às suas vidas pregressas, terá como dimensionar com melhor juízo os passos vitoriosos de sua existência recém-finda. O fato de não ter realizado tanto quanto podia, não lhe tira os méritos que são múltiplos e valorosos. Todavia não posso deixar de lhe advertir que raríssimos são os corações que chegam por aqui sem essa sensação de tempo perdido... A vida física impõe-nos muitas miragens sobre nossos mais profundos anseios. Nossas pretensões pessoais são muito sutis algumas vezes. Ainda teremos uma senda muito longa de educação com os reflexos do personalismo na esfera do coração.

— E porventura terei algum julgamento aqui neste Hospital acerca de minhas falhas?

— Absolutamente! Tudo é misericórdia, trabalho, recomeço e preparação. Chegamos, muitas vezes, a discutir as fichas reencarnatórias dos pacientes sempre com o propósito de amparar-lhes, da melhor forma possível, os objetivos de crescimento e paz definitiva.

— E qual será o tratamento para a minha enfermidade aqui na vida espiritual?

— Comece com a humildade em aceitar suas falhas com plena disposição de repará-las o quanto antes. Muitas almas vinculadas ao Espiritismo revoltam-se com os resultados de sua vida física, ou continuam mantendo-se iludidas sobre suas falhas. Isso lhes adia em muito a recuperação; algumas vezes, chegam a reencarnar quase da mesma forma que desencarnaram. Toda revolta será injusta nesse passo. Precisamos convir, só colhemos o que plantamos conforme nossas obras.

Marcondes renovava com rapidez o seu estado espiritual. A curiosidade tomava o lugar da prepotência e da pseudo-sabedoria. Sua visão, depois de décadas de cultura espírita no cérebro, dilatava-se sob impulso do afeto, do desejo sincero e despretenso de aprender. Sua alma abria-se para a vida, sua sede de saber voltava-

se para o autoconhecimento, tão desprezado ao longo de sua reencarnação. Novos dias de luz o aguardavam na nova caminhada. Pouco mais de trinta dias no Hospital Esperança havia lhe valido anos a fio na absorção íntima do sentimento de imortalidade.

A nova dimensão permitia-lhe devassar um mundo novo de leis e acontecimentos. Mais sensível e introspectivo em relação à Verdade, o experiente dirigente era espontaneamente convocado, igualmente, a um mundo novo de sensações e emoções.

Nem sempre, chegar a locais de refazimento e educação na erraticidade é indício de sossego interior. Marcondes, na medida em que alargava a visão, desenvolvia a angústia pertinente à esmagadora maioria dos que deixam o corpo perecível. Uma aflição tomava o lugar da arrogância. Assaltado pelas horas vazias, logo lhe foi indicado o trabalho como medicação inadiável em favor de sua paz. Seguindo orientações bem encadeadas, passou a integrar as equipes de colaboradores operosos do nosocômio.

12

Nossas Obras

"Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos?"

Algumas vezes, é isso efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que andais errados na elaboração e na execução dos vossos projetos. Muito influem nesses casos aposição e o caráter do indivíduo. Se vos obstinais em ir por um caminho que não deveis seguir, os Espíritos nenhuma culpa têm dos vossos insucessos. Pós mesmos vos constituís em vossos maus gênios"

O Livro dos Espíritos, questão 534.

Selena, por sua vez, aguardava com ansiedade o momento de sua visita ao centro espírita que dirigiu na cidade mineira. Sua visi-

ta à reunião de transferência da diretoria seria sua primeira excursão ao plano terreno. Ali a vida a esperava com preciosas lições... -

Antes de partirem, Dona Modesta sentenciou-lhe:

— Filha, como te sentes ante a perspectiva da visita?

— Apreensiva. Estranha-me a minha reação, pois, até então, outra coisa não desejava senão fazer essa visita. Agora, parece-me que o peito carrega uma dor, uma angústia. Muito estranho!...

— Seus sonhos, como têm sido?

— Tenho sonhado muito com Angélica, minha substituta. Nela encontro minha esperança da continuidade das obras deixadas na Terra. Orientei-a com farta dose de conhecimento e experiência para essa hora. Por outro lado, meus sonhos dão-me a impressão que ela está atrás de uma grade e não consegue chegar até mim. Isso me aflige, e, quando acordo, tenho a nítida sensação de separação, de impossibilidade de chegarmos uma à outra.

— Compreendo...

— Creio que seja saudade, apenas isso!

— Talvez, Selenia! Talvez! - exclamou Dona Modesta que sabia com detalhes o que acontecia.

Possuindo a bondade e a consciência pacificada, Selenia não apresentou nenhuma dificuldade na volitação. Acompanhada por Doutor Inácio, Dona Modesta e uma equipe de defensores chefiada por Irmão Ferreira - servidor incansável de nossa casa de amor - seguimos para a capital mineira.

O coração de Selenia encontrava-se quase incontrolável com a oportunidade. Nas imediações do bairro singelo onde se localizava a organização doutrinária, todo o grupo passou automaticamente por um processo de adensamento vibratório. Era como se andássemos no solo terreno e respirássemos o oxigênio. As criaturas nas ruas faziam seu percurso alheio à nossa presença.

— Paremos por aqui - orientou Dona Modesta a algumas quadras do local. Como está a situação, Ferreira?

— Vossa mercê se cuide, minha patroinha. Nada tá fácil por estas bandas! - respondeu irmão Ferreira com seu típico palavreado e sotaque nordestino.

— Mantiveram o cerco?

— Os cabra se arrupiam de vez e montaro guarda. Não tem quem entre lá!

Selena, atenta ao diálogo, mostrou-se preocupada. Sem entender o ocorrido, seguimos a pé depois de orarmos em conjunto. Dona Modesta, a par de tudo, preveniu:

— Selena, procure manter toda tranqüilidade em seu íntimo. O êxito depende de sua atitude.

— Temos algum problema?

— Temos.

Ao chegarem à construção - uma casa bem cuidada e pequena- vislumbraram uma cena dantesca. O centro estava totalmente rendido na mão de astuta falange da maldade. Alguns seres estranhos que mais lembravam anões gordos e totalmente esbranquiçados estavam no portão de entrada. Tinham a pele gordurenta. À distância, pareciam pedras que exalavam desagradável odor. Vigias por todos os lados, armados como bandidos prontos a atacar. Uma cerca, feita de peças estranhas retorcidas como metal, continha um símbolo da suástica em cada mourão. Dela partia uma irradiação pestilencial. Notava-se que uma luz partia de dentro da casa espírita em direção ao alto, entretanto, não esparramava-se pelas paredes, verticalizava-se como se fosse soprada por forte vento para cima. A oração feita pela diretoria mantinha uma conexão com outras esferas. A luz não era percebida pelos capangas. Ampliando o poder mental, pudemos entrever Angélica, possível continuadora das iniciativas de Selena, conduzindo a reunião.

— Dona Modesta a senhora vai deixar esse grupo infeliz aqui? - externou a ex-dirigente.

— Pouco posso fazer, minha filha.

— Certamente querem prejudicar a transferência da diretoria.

— Não tenha dúvida, Selena! Observe e mantenha-se em prece. Vou entrar sem que me percebam.

— Vamos.

— Não, Selena! Você não poderá.

— Não poderei?...

— Se passar daqui, eles terão conhecimento da nossa presença e então teremos um prejuízo real para a tarefa em curso.

— E como vou acompanhar a reunião?

— Você ouvirá tudo. Espere aqui.

Dona Modesta entrou sem dificuldades, sorrateiramente. Dotada de largo poder mental, furou o bloqueio vibratório sem alarde. Dentro da casa espírita, instalou pequeno componente condutor na mesa, e Selena, lá fora, passou a acompanhar através de um aparelho semelhante ao fone de ouvido. Após a prece, Angélica pronunciou:

— Irmãos! Hoje temos árdua tarefa pela frente. Um novo momento para esta casa de Jesus. Selena, nossa devotada seareira, foi colher seus frutos no além. Nossa reunião visa a analisar sua substituição e os novos planos para as tarefas.

Selena exultou com a referência e por ouvir a voz de Angélica.

— Todos sabem que nossa companheira abrilhantou os serviços deste celeiro de bênçãos - prosseguiu Angélica. Ninguém, porém, desconhece os efeitos de seu temperamento controlador, em razão de algumas decisões excessivamente fortes, com as quais nenhum de nós nunca concordou.

Nessa altura Dona Modesta tomou o pequeno microfone e orientou a ex-dirigente que mantivesse calma.

— Creio, a menos que esteja equivocada, que Selena foi respeitada e obteve o tributo da amizade de todos nós, mesmo com tais discordâncias. Sua rigidez, entretanto, não ensejou que pensássemos livremente no serviço do Cristo e sim em pontos de vista pessoais. Ainda que nessa condição, realizamos abundantemente. Contudo, proponho, nessa hora, uma decisão de coragem e fidelidade a Jesus, a quem realmente muito devemos. Proponho duas medidas básicas e desafiadoras que constituirão os alicerces de muitos outros caminhos. Primeiro, a administração em grupo e, segundo, a reativação do serviço de intercâmbio, extinto por Selena, em razão de sua visão sobre mediunidade.

Selena se mostrava apática com o que ouvia, ímpetos agressivos nasceram em seu coração. Doutor Inácio postou-se ao seu lado, segurando-lhe o braço no intuito de evitar o pior. Angélica, apesar da firmeza, falava com ternura e autenticidade. Sua fala ponderada, entretanto, ofendia sofregamente a ex-presidente que não resistiu ao teste, manifestando:

— Falsa! Sua falsa! - dirigindo-se a Angélica.

— Sossegue, Selena! Sossegue, ou pode estragar tudo - alertou Doutor Inácio.

— Estragar! Mais que ela está estragando. Que vontade de arrumar um médium nessa hora e lhe mandar um recado. Que raiva, meu Deus! Eu não acredito no que ouço!

Tomada de ira, ela gritou aos brados, descontroladamente:

— Que espécie de pessoa é você Angélica? Pode me ouvir, sua...? Isso é hipocrisia! Que adiantou tanto amor a essa casa para ter sua traição? Falsa! Falsa!...

A reação não podia ser pior. Os vigias escutaram a fala j amarga de Selena e armaram-se para lutar.

— Procurem! Procurem! Temos intrusos... Escutei algo nas redondezas... Sinto cheiro de anjos no pedaço... Avisem os demais que estão no trecho... Chamem reforços!

Uma algazarra se estabeleceu. Selena, já sem controle, entrou em crise mental de revolta e medo, similar aos efeitos da síndrome do pânico. Mãos suarentas, batimento cardíaco acelerado, tremores... Foi retirada às pressas para o Hospital com baixíssima pulsação energética a ponto de desfalecer. Irmão Ferreira, como se já previsse o incidente, tomou as providências para proteger o andamento da reunião. Os capangas reforçaram a guarda, mas não vendo ninguém, aquietaram-se.

Já no Hospital, acomodada em leito apropriado, na mesma ala restrita que Marcondes ficou alguns dias antes, encontrava-se adormecida e ainda muito agitada. As mãos fechadas esmurravam a cama, requerendo correias de contenção. Rosângela, a enfermeira da ala, Dona Modesta e Doutor Inácio acompanhavam o desenrolar do quadro. Trinta minutos se passaram sem respostas desejáveis. A paciente entrou em regressão espontânea. Depois das mãos contidas, foi a vez dos pés que também foram presos com amarras. Babava e respirava a longos haustos. Sessenta minutos e, em uma espécie de transe profundo, Selena começou a balbuciar algumas palavras em diferente língua... Era um francês fluente e claro. Dona Modesta, dotada de xenoglossia no tempo, traduzia com facilidade.

— Qual seu nome? - interrogou Dona Modesta.

— Condessa... Condessa Pyrré...

— Em que ano estamos?
— 1573. Um ano depois da matança assassina...
— Matança?...
— ... São Bartolomeu.
— Em que país?
— França. Estou na Paris dos católicos. O "Reinado" do Papa Gregório XIII.

— Por que dos católicos?
— Deus está conosco.
— O que acontece com você neste momento?
— Estou no calabouço a mando dos Médicis. São traidores e interesseiros. Sou das últimas vítimas de Carlos IX, o mais vil e fraco dos reis franceses... Minha própria filha traiu-me...

— Quem?
— Elise... Elise Pyrré... Tentei poupá-la das atrocidades da corte... Em vão... Ela traiu-me para se ver livre de mim, do meu controle... Não sabe em que mãos vai acabar... Pobre Elise!

— Por que foi presa?
— Catarina, a rainha-mãe, detesta-me.
— O que você fez a ela?
— Roubei-lhe o marido. E o faria novamente. Amava-o. Odeio Catarina. Odeio a religião protestante. Gosto do povo. Detesto os rituais, são falsos... São falsos... São falsos!... São falsos!...

Selena entrou em "convulsão monoideísta" e não cessava de repetir a expressão.

Doutor Inácio propôs a sedação. Não se podia fazer muito por agora. A fixação em recordações estava na periferia dos fatos. Necessário que o quadro mental apresentasse uma melhora. Não basta regredir ao passado, quando se tem objetivos terapêuticos. O importante é detectar emoções essenciais, vivências interiores que servem de grilhões e, o principal, desatar os "nós afetivos"... Sob observação continua, foi levada ao posto próximo. Permaneceria sob vigilância redobrada.

Seria submetida a uma regressão mediúnica induzida quando passadas vinte e quatro horas. Dona Modesta "receber-lhe-ia" o inconsciente profundo, o corpo mental de Selena, para tratar-lhe as raízes de seu drama. Medicada a contento, ela adormeceu. Saindo

dos aposentos, já com a hora avançada, Doutor Inácio e Dona Modesta travaram um diálogo descontraído sobre o assunto. Estavam exaustos, mas não perdiam o bom ânimo.

— Inácio, que dia abençoado! - exclamou Dona Maria já um tanto defasada das lutas do dia.

— Eu diria endiabrado! Os homens na Terra não imaginam o que seja uma rotina dessas...

— Dar sem receber, dar por amor de realizar! Quantos não terão extensas lutas com esta lição nesse outro lado da vida!

— Inclusive os espíritos!

— Inclusive os espíritos! É verdade!

— Estamos há exatas quinze horas em tarefa contínua. Só hoje visitei, por três vezes, a Terra. Não reclamo de nada, mas se tivesse meu cigarrinho de volta, acho que trabalharia mais quinze horas sem mau humor...

— Inácio! Inácio! Essa é a luta da qual estamos falando. Despojar-se dos costumes humanos!

—E ainda tem espírita achando que somos espíritos superiores!

— Se Deus nos perdoou por isso, há de perdoá-los também - brincou Dona Modesta.

— Deus, sim! Eu..., nem tanto... Ainda hoje, realizei consulta em meu gabinete a um desses dirigentes que mais gostam de uma mesa que de gente, velho companheiro das adjacências de Uberaba, e imagine o que o ele queria!...

— O quê, Inácio?

— Que eu ficasse lhe fazendo sala. Batendo papo como fazem os mentores, disse ele... Disse também que estava muito feliz em estar onde estou, porque isso é sinal de superioridade e, como estava muito cansado da reencarnação, adoraria descansar alguns dias ao meu lado.

— E você... naturalmente...

— Naturalmente, dispensei-o como faço com qualquer pessoa iludida o bastante para ter essa miopia moral.

— Inácio, Inácio! O que disse a ele?

— O de sempre... Descansar depois da morte é coisa de carola e velho...

Os dois riram incontinentamente.

— Realmente há muita ilusão!

— Houve outro, um desses "enciclopedistas espíritas" que leram tudo sobre a doutrina, que ainda zombou de mim um dia desses. Passava por um corredor já cansado, com mau humor pior que o habitual, depois de quase vinte horas de trabalho, e sabe o que ele me disse?

— O quê?

— Doutor Inácio, que cara é esta? Até parece que o senhor está cansado?! Espírito superior não cansa, ouviu?! Aprenda a usar sua mente!

— E você...

— Eu lhe dei o troco merecido. Disse a ele que não estava cansado, estava arrependido de ter morrido. Devia ter ficado na Terra uns mil anos para não encontrar mais com religiosos. No sanatório espírita de Uberaba, pelo menos, essa segurança eu tinha. Não era obrigado a lidar com as tricas e futricas do movimento doutrinário!

— E ele?...

— Ele ainda me perguntou se tinha algo me incomodando.

— E você, naturalmente... - debochou Dona Modesta.

— Naturalmente, eu me calei, porque, se falasse naquela hora, seria um desastre!

— Se contarmos nos livros, realmente nossos irmãos terão dificuldade em acreditar sobre a realidade desse momento. Veja só o estado de meus cabelos, coisa horrível, meu Deus! Olhe a cor de meu guarda-pó! - e passou as mãos sobre os dejetos secos expelidos por Selenia e vários outros atendimentos naquele dia. Quem imagina que também cansamos e precisamos do sono e dos aparelhos de recomposição energética? A grande maioria imagina-nos dotados de superlativo poder mental, capaz de tudo providenciar num passe de mágica. Usar a mente! Pensam que, ao morrer, tudo se resolve com a mente como se ela se soltasse do cérebro e...

— Passássemos a ter asas na cabeça - completou Doutor Inácio.

— É por aí, Inácio... Ao imaginar uma vida espiritual angelical, o homem adormece nas visões religiosas e estabelece um falso dimensionamento sobre a erraticidade.

— Não bastasse isso e, quando chegam aqui, ainda querem mudar o que Deus criou! Adoram dar pitacos e sentem-se os donos do pedaço.

— Donos do pedaço! Expressão humana que cabe bem na história de Selenia.

— A senhora estudou a ficha com mais atenção... Teremos uma incisão anímica?

— Não há outra saída. Dentro de vinte e quatro horas, faremos uma varredura no inconsciente.

— E quando a senhora acha que Marcondes e Selenia poderão saber da história?

— Na hora certa acontecerá, Inácio!

— O destino, enlaçando almas até no plano espiritual... Quem diria! Mais uma para aqueles que julgam ter a "chave do céu"! Se a reencarnação é palco de laços de afeto e desafeto, a imortalidade é o camarim onde os homens carnaís se despem das fantasias das ilusões para que se olhem como devem no espelho da realidade.

— Uai! - disse Dona Modesta como uma típica mineira - virou poeta, Inácio?...

— Não, Dona Modesta! Foi apenas uma crise psiquiátrica...

O bom humor permanente, a despeito do cansaço, não roubava nunca daqueles dois a chance de debocharem das mais sérias e profunda[^] questões da vida. Essa característica pertinente a ambos era-lhes medicação e refazimento.

— Vamos descansar, Inácio, pois afinal de contas...

— Afinal de contas, temos horário para cumprir e a quem dar satisfações amanhã bem cedo.

13

Técnica Anímica

“A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito. completa e inopinadamente, após a morte?”

Não, vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção”

O Livro dos Espíritos, questão 305.

A paciente estava há mais de vinte horas neste estado de coma mental. Monitorada por avançada tecnologia, seu quadro inspirava cuidado especial. Seu diagnóstico era delicado, uma fixação mnemônica em vivência pretérita. Selena guardava vínculos estreitos com Angélica (Elise Pyrré), dirigente encarnada que lhe substituiu nas tarefas, e que fora sua filha. Sentimentos hostis tomavam conta de seu campo emocional à maneira de virulenta patologia cardíaca. Aliás, essa era a matriz da cardiopatia prolongada que a despejou do corpo físico. A utilização de técnicas anímicas de regressão poderia surtir efeitos positivos. Dona Modesta guardava larga experiência no tema. Utilizando-se de seus recursos mediúnicos, far-se-ia intermediária do corpo mental de Selena, a fim de serem executadas delicadas cirurgias. Passado o efeito das medicações sedativas, ela apresentava sinais vitais estáveis e pouca lucidez mental. Fizemos a oração junto à enfermeira Rosângela, a médium, Doutor Inácio e dois especialistas em neurocirurgia. Dona Modesta postou-se ao lado da cama, em transe profundo.

— Selena, pode me ouvir? - indagou Doutor Inácio dirigindo-se à médium.

— *Bonsoir merci!*

— Essa não é mais sua língua. Você está no Brasil, Selena!

— Eu não sou... Selena - disse ofegante como se acordasse de uma só vez e com os olhos esbugalhados - eu não sou Selena! Selena não existe! É uma réplica infeliz...

Enquanto isso o corpo espiritual de Selena na cama contorcia-se e suava abundantemente.

— Qual seu nome?

— Condessa Pyrré, descendente da família De Guise.

— A condessa já reencarnou como Selena.

— Não! Selena é uma réplica de mim. Jamais existiu ou existirá. Elise está a meu lado e me ama... Há,há,háL. Ela me ama... Querem chamá-la de Angélica! Isso é obra de Catarina, a malvada dos Médicis...

— Engano seu, Selena. Elise hoje é Angélica. Está na carne. Nada tem a ver com Catarina.

— Catarina é a encarnação do mal na humanidade.

— Que ela lhe fez de tão mal?

— Envenenou o coração de seu filho para roubar-me Elise.

— Terá ela algum motivo?

— Nenhum...

— Não minta, minha filha. Aqui é o país da Verdade.

— Ela é vingativa.

— Por quê?

— Seu esposo me amava. Fui uma concubina sem intenções para tal... Catarina está aqui?

— Não.

— Mas eu sinto como se estivesse.

— Não, engano seu. Procure acalmar. Ela não está aqui. Estamos em outro tempo, Selena.

— Selena não existe...

— Então vamos ver se não existe. Observe seus pais, Selena. Volte à idade de dez anos. Veja aquela caixa de presentes que lhe foi dada por seu avô Totonho. Viu?

— Sim. Eu me lembro. Meu presente preferido. Vovô Totonho... Onde está?

— Lembra como conheceu o Espiritismo? Pequenina ainda... Qual o seu nome?

— Não sei... Talvez seja...

— Selena. Repita comigo: Selena, Selena, Selena.

— Selena...

— Isso. Esta é sua identidade atual.

Nessa altura, os especialistas aproximaram-se e colocaram na cabeça de Selenia uma touca que irradiava ondas de intenso magnetismo, provenientes de um fino dueto a ela interligado. Dona Modesta sentia, na mesma região, uma ardente onda de calor. Após alguns segundos, podia-se ver nitidamente, saindo dos lóbulos frontais da médium, uma massa gelatinosa purulenta de cor amarela. Fenômeno parecido com a emissão de ectoplasma. Uma grande gota do lado esquerdo, outra do direito. A matéria escorria pela face, e Doutor Inácio a examinava em silêncio. Depois de alguns minutos, nova dose daquela gosma escorria com mais intensidade, desta vez, exalando um desagradável odor. Rosângela prontificou-se a recolher o material cuidadosamente em pequenos chumaços de algodão. Por onde escorria o líquido, notava-se na face da médium, como se estivesse queimada a pele. Marcas visíveis de uma oxidação. Selenia apresentou imediata alteração no seu quadro. Seu batimento cardíaco, sempre lento, passou a pulsar em ritmo normal. Foi então que Doutor Inácio chamou a atenção da enfermeira para o seio esquerdo da médium, totalmente empapado na mesma substância. Rosângela, com carinho e respeito, abriu-lhe a roupa e passou ao asseio necessário. A médium permanecia em total inconsciência. A operação chegou ao fim.

— Modesta pode me ouvir?

— Sim, Inácio... regresso lentamente... o fio foi cortado. Angélica está livre.

— Graças ao bom Pai.

— Como está Selenia? - perguntou Dona Modesta ainda de olhos fechados.

— Todos os seus sinais são alvissareiros. Ela dorme como uma criança.

— Solte as amarras dos braços e pernas.

Mesmo ainda recobrando a lucidez, a médium preocupava-se com a paciente esquecendo-se de si.

Terminada a técnica, passamos a outras atividades da rotina. Dona Modesta deixou um recado para Selenia. No dia seguinte, viria visitá-la para os esclarecimentos necessários. Passadas duas horas exatas, a paciente recobrou a consciência. Teve fome e pediu

de comer. Cuidou do asseio e, já refeita, conquanto fraca, iniciou uma amizade com a enfermeira.

— Qual o seu nome?

— Rosângela. Sou enfermeira nesta ala restrita.

— Estou na ala restrita?

— Sim. Você passou por um quadro que exigiu cuidado.

— Não foi você quem cuidou do Marcondes quando esteve aqui?

— Isso mesmo! Vejo que começa a se recordar dos fatos. Fico feliz!

— Que tipo de tratamento foi o meu, Rosângela?

— A senhora estava com "pinças pretéritas". São pontos emocionais de ligação com o passado muito intensos e crônicos. A senhora se lembra de algo?

— Alguns nomes estão como um eco na minha mente... Elise... Pyrré... Tenho a impressão de já ter ouvido esse nome aqui mesmo no Hospital...

— Ouviu!

— Ouvi?

— Lembra de Eulália?

— A... a amiga de Marcondes?

— Ela mesma! Eulália foi Isabelle Pyrré.

— Sim, é isso mesmo... Agora me lembro melhor! Mas e Elise?... Há alguém com esse nome ou?...

— Tem. Elise foi irmã de Isabelle.

— Os nomes me causam um desejo de chorar Rosângela... Que acontece comigo?

Ela caiu em pranto sentido.

— São recordações, Selena. Logo você entenderá! Procure se acalmar e refazer seu estado. Dona Modesta estará aqui amanhã e lhe responderá. Quanto ao choro, não segure, deixe fluir, minha amiga!

A noite passou célere para Selena, afogada em muitas lembranças da oportunidade carnal recém-findas. Com muito custo conseguiu adormecer e repousar. Na manhã seguinte, tinha outra disposição. Estava mais animada e alegre. Desejou sair do leito. Ro-

sângela a conteve, pedindo aguardar a visita de Dona Maria Modesto.

Não passava de sete horas e trinta minutos, quando ela chegou elegantemente vestida.

14

Cargos e Responsabilidades

"E chegou a Cafarnaum, e, entrando em casa, perguntou-lhes: Que estáveis vós discutindo pelo caminho?"

Mas eles calaram-se, porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior.

E ele, assentando-se, chamou os doze e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos.

E, lançando mão de um menino, pô-lo no meio deles, e, tomando-o nos seus braços, disse-lhes:

Qualquer que receber um destes meninos em meu nome a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber; recebe não a mim, mas ao que me enviou"

Marcos 9:33 a 37

— Dona Modesta! Não via a hora de conversarmos!

— Aqui estou, amiga querida! Como passou a noite?

— Bem, muito bem! Tenho a impressão de ter um coração novo!

— Ótimo! Pretendo tirar você desta cama mais rápido que pensa.

— E a senhora?... Posso saber aonde vai nessa elegância? - manifestou a convalescente com humor.

— Vou a Terra. Tenho muitas visitas e compromissos por lá, hoje.

— Jamais imaginei uma rotina como a de vocês. Conversei muito com Rosângela e impressionei-me com o ritmo de trabalho por estas bandas.

— Abençoado trabalho, Selenia!

- Dona Modesta... eu...
- Já sei! Quer saber tudo. Tim-tim por tim-tim!...
- Tenho algum problema grave?
- Nem tanto! Uma obsessão crônica, envelhecida.
- Uma obsessão? É sério?
- É sério.
- O obsessor foi assistido?
- E como!
- Onde está?
- Aqui.
- Aqui?!
- Diante de mim.
- A senhora está de muito humor hoje.
- Não é só humor. E fato. O obsessor, caso prefira utilizar essa indesejável expressão, está aqui, na minha frente.
- Eu?
- Você vê mais alguém aqui no quarto?
- Mas...
- Quero lhe fazer uma pergunta, Selenia - assim expressou a benfeitora mudando o tom da conversa.
- Faça!
- Qual o significado de Angélica, sua companheira de lides espíritas, para você?
- Sinto coisas horríveis por ela depois do que ouvi na reunião de diretoria.
- Já sentia isso antes?
- Eu...
- Sem máscaras, Selenia!
- Sim, já sentia. Angélica causava-me um misto de carinho e necessidade de posse. Não admitia vê-la longe de minhas ordens, ou...
- Ou?...
- Não admitia vê-la agindo sem minha permissão ou contrariando minhas opiniões. Creio que seja a filha que não tive, ou... quem sabe... era um carma meu...
- Ela se queixava disso?
- Muito. Mas não tinha razões para isso.

— Qual era a queixa?
— Dizia que a sufocava. Chamava-me de controladora.
— E você era?
— Nem um pouco. Apenas me sentia muito responsável por ela.

— Engano seu, amiga querida! Engano seu! Você não só a controlava como a impedia de crescer. Em verdade, sua atitude foi um grilhão na vida de Angélica.

— Dona Modesta, não fale assim comigo, pois minhas intenções eram as melhores.

— Minha filha, chegou a hora da verdade. Olhe-se no espelho a consciência. E imperiosa sua confissão.

— Confissão?...

— Confessar medos, Selenia. Confessar interesses! A maioria das criaturas que deixam a vida corporal chegam aqui com densas carapaças psíquicas encobrindo seus medos. Medos cultivados às ocultas durante seu trajeto de vida.

— De que medo a senhora está falando?

— Quem deve saber é você, amiga. Pense!

— Por vezes, passava algumas idéias sem sentido pela minha cabeça.

— Fale sobre elas.

— Achava Angélica muito imatura e entusiasmada. Excessivamente bondosa... Acreditava demais nos espíritos e nos líderes do movimento... Demasiadamente criativa.

— Onde se oculta seu receio nessas questões?

— Não que eu tivesse receio, mas...

— Selenia! Selenia! - interrompeu dona Modesta. Pare de contornar o problema. Seja clara. Era receio, ou não era?

— Era Dona Modesta! Era sim. Desculpe-me por rodear demais. É difícil este assunto para mim e ainda não me sinto muito bem.

— Compreendo. Todavia é seu instante de cura, companheira. Chega de fugas e desculpas. Meu papel é auxiliá-la no enfrentamento íntimo. Preferível a dor da verdade que o cáustico da mentira prolongada. Fale!

— Eu tinha medo de Angélica roubar meu lugar. Tinha zelo com o trabalho. As idéias dela eram avançadas demais. Não me inspiravam segurança. Muito afoita e cordata. Apesar disso, catalisava os demais e...

— E...

— Precisava podá-la por receio de não acompanhá-la. Não conseguir manter minha posição...

— Posição?...

— Meu cargo! Foi com tanto sacrifício e renúncia que cheguei até onde cheguei. Eu tinha as melhores intenções. Será que fiz mal?

— Preciso convir que, o desejo sincero a que você chama de melhores intenções costuma ser inegável em muitos casos. Isso, porém, não é suficiente para a criação de laços autênticos e duradouros, tecidos através da lealdade aos nossos reais sentimentos. Conviver é um desafio, Selena! Ainda que imbuídos das melhores intenções, nosso egoísmo é saliente demais para permitir-nos conviver à luz das propostas do autêntico amor. Você não fez nada por maldade. Quase sempre, nossos relacionamentos são como uma casa sobre a areia, sujeita a ruir perante frágeis intempéries. Porque não possuímos qualidades morais suficientes, adotamos dois caminhos nos relacionamentos.

— Quais?

— O controle e a indiferença. Raramente escapamos a esses desatinos ético-emocionais. Não fomos educadas para conviver. Somos recém-egressos do instinto. Somente agora iniciamos os primeiros passos na senda do altruísmo, do desprendimento, da solidariedade, e caridade cristã. A noção que trazemos de família e amizade esta sufocada por lastimável dose de interesse pessoal e amor próprio. Se não conseguimos controlar alguém, quase sempre utilizamos o mecanismo da indiferença, isto é, a negação da diferença. O tema é extremamente profundo e sutil. Por essa razão, a fraternidade e a construção do afeto nos círculos de convivência, ainda são obras sofríveis para almas como nós.

— Não se inclua, Dona Modesta, apenas para me aliviar! - falou descontrolada.

— Para aliviá-la?

— Claro que sim, pois como poderia uma trabalhadora como a senhora se colocar nessa condição?

— Você não me conheceu e ainda não me conhece bastante, minha filha. Natural que queira me poupar, considerando suas noções ainda encharcadas pelas teorias espíritas que trouxe da Terra. É possível que me tenha na conta de um espírito superior, ou algo assim, entretanto, prepare-se para se decepcionar.

— Decepcionar-me?!

— Não queira saber o que é passar uma semana a meu lado... Boa parte dos espíritas imaginam as esferas espirituais como lugares santificados, repletos de vultos do Espiritismo, aguardando-os de braços abertos depois da morte. Não foram poucos os que chegaram aqui procurando Allan Kardec e todos os demais expoentes da doutrina. Alguns mais enlouquecidos queriam ver Jesus... Acreditavam ter pagado todas as contas tão somente por passarem algumas décadas na distribuição de gêneros alimentícios e agasalhos...

— Difícil acreditar, Dona Modesta!

— Muita vez, quando encontram alguém conhecido, esperam um par de asas sobre os ombros. Contudo, quando começam a conviver conosco, decepcionam-se em suas expectativas e...

— E...

— Então começam os problemas.

— ?

— Percebo sua dúvida, Selena, e, como mineira que não dei-xei de ser, vou lhe contar um caso. Quando desencarnei, Doutor Bezerra de Menezes chamou-me para assumir uma enorme responsabilidade nesta casa. Seria a condutora do pavilhão no qual se encontravam os casos mais complicados de cristãos falidos e enfermos. O pavilhão dos líderes e servidores coletivos. Com poucas semanas de tarefas, um grupo de almas afoitas reuniu-se para apresentar queixa sobre minha conduta firme. Não aceitavam uma mulher conduzindo-os. Estávamos no ano de 1964, imagine como era o preconceito contra a mulher!... Estavam revoltados por serem dirigidos por uma espírita que não tinha folha de serviço junto a órgãos e entidades de unificação. Questionavam: "*Como pode uma*

dirigente de sanatório psiquiátrico ser nossa tutora? "Queriam alguém melhor e mais amável.

— Não consigo acreditar nisso! - atalhou Selenia com espontânea surpresa.

— Não queira saber quanta balbúrdia e burburinho gerou tal ocorrência aqui no Hospital. Foram dias difíceis para todos nós. Fiquei muito magoada e nem imaginava que algo assim pudesse acontecer com alguém, muito menos comigo, que nunca pleiteei nada em torno de cargos e títulos. Chorei muito na véspera e procurei Eurípedes, que me acalmou. Ele me disse que tudo seria resolvido. Tivemos então que marcar uma reunião com Bezerra para decidir o caso.

— E como foi? - interrogou ansiosa a ouvinte.

— Um deles tomou a palavra e expôs em nome dos demais o ocorrido. Eram vinte ao todo. Doutor Bezerra ouviu tudo com extrema serenidade. Eu nem ocupei em dizer nada, porque nem imaginava o que dizer. A vontade que tinha era... Bom deixa pra lá!

— Que dor deve ter sentido a senhora!

— Você nem imagina quanta dor. Após a palestra do representante do grupo, o bondoso Bezerra disse com determinação:

— *Irmãos em Cristo, aprecio a sinceridade de todos e as intenções justas pelo bem desta Casa do Cristo. Certamente, ao apresentarem suas queixas, devem ter, também, escolhido alguém que preencha os predicados morais que levaram o nosso diretor geral, Eurípedes Barsanulfo, a aprovar o nome de Dona Modesta na condução desse pavilhão.*

O representante do grupo externou:

— *Não, Doutor Bezerra. Não tivemos essa preocupação por desconhecer as razões da escolha de Dona Modesta. Apenas não concordamos com a decisão. Tem havido muito incômodo com as suas ações determinadas e demasiadamente, digamos..., sinceras... -falaram em tom de ironia.*

— *Sendo assim, peço fraternalmente licença aos irmãos para um acordo - externou Doutor Bezerra. Se me responderem com sinceridade a duas questões, considerem a transferência de Dona Modesta para outras atividades. Concordam que seja assim?"*

— *Claro! Claro!* - manifestaram todos, um a um, repletos de imponência, pois adoravam esse tipo de reunião decisória.

— *Qual de vocês, enquanto na Terra, devotou-se ao próximo sem limites de sacrifício na escola do amor?*

O grupo permaneceu em silêncio. Olhavam um para outro como se não entendessem a indagação. Pareciam esperar outro gênero de questionamentos. E, ainda sem digerirem a pergunta, Doutor Bezerra voltou à carga com ternura e firmeza:

— *Quais obras de amor deixaram na humanidade em nome do Cristo afim de que os homens lembrem seus nomes na posteridade?* Ninguém respondeu absolutamente nada. Olhavam-se confusos. A reunião foi encerrada e já se passam mais de quatro décadas nas quais me encontro em serviço ativo neste pavilhão. Todos eles eram excelentes trabalhadores na seara, mas ainda carcomidos pelo interesse pessoal. Fizeram muito, entretanto descuidaram do amor. Operaram maravilhas pela teoria espírita, pela doutrina. Todavia, como ocorre a muitos, esqueceram o próximo. Não sabiam conviver, não sabiam enxugar uma lágrima, tinham péssimos relacionamentos, não suportavam ser contrariados, adoravam controlar e serem servidos, eram fascinados com suas folhas de serviço, mimavam os cargos e, no fundo, adoravam excluir. Uma grande diferença existe entre o tarefeiro e o servidor, o trabalhador e o operário.

15

Projeto Essencial

"Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, afim de que daí não viesse dano para a obra!"

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XX, item 5.

—Estou estupefata diante de sua história! -expressou Selena.

—Você aprenderá muito por aqui, minha filha. Morrer tem suas vantagens!...

— Dona Modesta, seja franca comigo!

— Quer minha opinião sobre Angélica? - antecipou a benfeitora.

— Sim.

—Selena, vários casos de personalidade controladora explicam-se em razão da energia que a criatura emprega para tomar conta da vida, uma tentativa de não se decepcionar, não se frustrar. Quase sempre, são pessoas magoadas e com medo de serem ofendidas novamente depois de algum incidente doloroso. A maioria dos espíritos vem se preocupando demasiadamente com as obsessões de desencarnados para encarnados, entretanto desconhecem o quadro lamentável de obsessões que pululam nas relações humanas. É necessário convir que os desencarnados, devido a barreiras vibratórias pertinentes às dimensões, têm um limite de atuação sobre os homens no corpo. Mesmo com tantas opções de ação por parte dos espíritos, os encarnados, por vibrarem em faixas físicas idênticas, continuam sendo os mais influentes obsessores com os quais os homens deveriam ocupar-se. O egoísmo que ainda nos é peculiar tem mil modos de desrespeitar o livre-arbítrio e engendrar a hegemonia pacífica sobre o próximo.

— Então... terei exercido uma obsessão sobre Angélica?

— Sem dúvida!

— Meu tratamento tem algo a ver com ela?

— Claro!

— Seria essa a razão dos sonhos que tinha com ela chegando ao portão do Hospital sem conseguir entrar?

— Não eram sonhos. Eram fatos reais. Angélica a procurou noites a fio ao emancipar do corpo físico.

— As vozes não eram alucinações?

— Não, não eram. Você ouvia Angélica a distância. Ela criou uma dependência doentia. Por outro lado, sua partida também foi

um alívio. Essa a razão das palavras firmes que expressou durante a reunião no centro espírita e que tanto te magoaram.

— Senti-me traída...

— Mas não foi. Há muitas pessoas sentindo-se traídas sem avaliar a extensão do que existe no coração alheio. Existem controladores da vida alheia que oprimem sem saber, ofendem sem desejar. Angélica foi sua filha na personalidade de Elise Pyrré, irmã de Isabelle Pyrré, hoje renascida como Eulália.

— Então Eulália...

— Eulália, a quem o nome chamou a sua atenção na visita a Marcondes, foi Isabelle, a filha rebelde que lhe causou muitas decepções. Tentando prevenir a seqüência de desastres na família, você, como mãe na personalidade de Condessa Pyrré dos Guise, passou a zelar com excessos por Elise. Você foi ferida demais por Isabelle e tentou poupar Elise controlando-a, super protegendo-a. É a primeira vez em alguns séculos de encontros que ela se sente livre para ser o que gostaria. Sua ausência pela morte, em outras ocasiões, não significava o fim do cativeiro para Angélica. Agora, no entanto, creio que será bem diverso este epílogo.

Selena não suportou as revelações e rendeu-se a incontrolável pranto. Dona Modesta a acolheu nos braços como uma criança indefesa e assustada. Afagava a cabeleira lisa da companheira como se o fizesse a uma filha. Ainda soluçando e com voz embargada, a paciente ainda encontrou forças para perguntar:

— E o centro espírita?! Por que o cerco dos capangas?

— Expressiva parcela de casas doutrinárias se encontra em situação parecida, graças à natureza do campo vibratório que gravita nos relacionamentos entre seus tarefeiros. Os sentimentos determinam a qualidade espiritual dos ambientes.

— De que natureza é esse campo?

— Quando existe honestidade emocional e afeto, os campos são de alegria e bem-estar.

— Mas existe, porventura, algum centro espírita cujo campo não seja dessa espécie?

— Lamentavelmente!... Não se assuste em dizer que, alguns centros erguidos em nome de Jesus Cristo, têm sido pasto de obsessões e doenças graças à natureza enfermiza de seus condutores.

— Inacreditável! Por vezes, chego a pensar que estou tendo uma miragem! Ou... ou sendo vítima de um engodo!

— Ou ouvindo uma obsessora, você quer dizer.

— Por aí, Dona Modesta!

— É natural! Basta ser um espírita sem noções claras sobre o que se passa por aqui para ter essas sensações...

— Não deveríamos avisar aos amigos no plano físico sobre o assunto?

— Se você não acredita, estando aqui, acha que eles acreditariam se lhes endereçássemos algum apelo?... No tempo adequado, abriremos o véu...

— Não consigo entender a razão de semelhante ocorrência na casa que presidi. Tínhamos um bom relacionamento. Com problemas, é verdade, mas sincero. Mesmo com minhas falhas, o trabalho prosseguiu com bons resultados.

— Selenia, que critérios temos adotado para aferir resultados na seara do Cristo? Serão eficazes? Ou fruto de nossa análise ainda interesseira e auto promotora? Mais que resultados palpáveis externamente, ou para os beneficiados do centro espírita, importa aferir a construção íntima que edificamos através da escola dos relacionamentos. Será que os trabalhadores sentem nossa ausência quando faltamos? Somos queridos e esperados por quem partilha-nos a tarefa no dia-a-dia?

— Acreditava que o ambiente era bom em nossa casa!

— E era!

— Então qual a motivo daqueles espíritos cercando o centro?

— Sua decisão impensada! O alvo das críticas de Angélica na reunião de diretoria.

— A suspensão das tarefas mediúnicas?

— Exatamente!

— Uma casa doutrinária sem o serviço de intercâmbio intermundos é como um reduto isolado por altas paredes em pleno deserto do materialismo.

— Fiz mal com minha atitude?

— Mais do que pode supor, Selenia.

— Ai, meu Deus! É muita notícia ruim para um só dia! Estou com uma nítida sensação de falência como se nada de bom tivesse

realizado durante a vida física... - envergonhada, cobriu o rosto com as mãos.

—Engana-se! Suas realizações contabilizam um saldo positivo logrado por poucos.

—Preferia não falar nesses assuntos! Entristecem-me... Creio que...

— E seu momento de aferição - novamente intercedeu a Dona Modesta. Não temas e nem fujas! Quanto antes enfrentá-lo, melhor para sua paz. Ao fechar as portas para a mediunidade, qualquer organização humana está decidindo pela horizontalidade de suas experiências. A relação com a sociedade invisível representa a alma do Espiritismo. Espiritismo sem mediunidade é espiritismo de homens. O Espiritismo do Cristo é luz, verdade, elevação e progresso. É Espiritismo com espíritos. Doutrina Espírita quer dizer doutrina dos espíritos... Grave bem: dos espíritos!

— O propósito foi evitar os abusos e...

— Sabemos disso! - interrompeu a orientadora. Sua iniciativa não obedeceu a interesses personalistas. Isso não os livrou do peso das pressões psíquicas. Pior que fechar as portas da mediunidade é abri-la somente a quem se deseja.

— Explique melhor, Dona Modesta.

— O exercício mediúnico atravessa um grave processo deflagrado a algumas décadas, que conduziu ao rompimento com a espontaneidade. A título de instituir cuidados que se fizeram necessários - fato que ninguém pode contestar - criaram-se normas e padrões muito rígidos. O exercício mediúnico precisa ser ressignificado.

— Jamais conseguiria agradar a todos em minha posição! Tive problemas sérios com a mediunidade em nosso centro.

— Não se trata de agradar e, sim, fazer o melhor a nosso alcance de conformidade com as propostas do Cristo e do codificador. Infelizmente, existe muito "espiritismo sem espíritos..." O motivo? É fácil responder: os homens fundaram casas e mais casas. Poucos foram os que consolidaram grupos. Muito fácil reunir pessoas. Difícil é unir pessoas. Sem equipes fraternas e afetuosas, não teremos serviços criativos e ricos de entusiasmo e alegria. Sem is-

so, como avançar em direção ao espírito do Cristo? A mediunidade não deve ser analisada apenas como uma atividade da casa espírita. Em verdade, ela é a alma das tarefas espirituais. O termômetro pelo qual se podem aferir as lutas e valores de uma organização e seus integrantes. A relação entre homens e espíritos constitui o cerne da proposta espírita, isto é, a consolidação do sentimento de imortalidade no coração.

— Poderei cooperar na mudança dessa história? Terei como intervir para que o meu grupo espírita tome outro rumo? Estou abismada com a situação que criei. Amava tanto o Centro Espírita Paulo e Estêvão! Lembro-me do dia em que tudo começou...

— Amiga, por muito menos, as trevas têm tomado sob domínio muitos grêmios espíritas. Basta manter a atual noção de caridade com desencarnados, mantendo a tarefa apartada da casa.

— Não entendi...

— Existem grupos inúmeros que foram sitiados por inimigos inteligentes cujo propósito jamais foi o de acabar com o centro. Essa técnica está em desuso há boas décadas. Os gênios da maldade concluíram que, melhor que fechar centros, é mantê-los inoperantes, medíocres, improdutivos, escravos de convenções inúteis... Assim, aproveitam da tendência humana de estagnar mentalmente na rotina e incentivam o marasmo. Fácil ação! O psiquismo humano está congestionado pelo dogmatismo e pela preguiça. O ritmo da mente humana está afinado com a época da mordomia, da lentidão, da vida sedentária e monótona a que se acostumaram em milênios e milênios, sem tecnologia e estímulos para o progresso. Pensar pouco, fazer mais. Mais ação, pouca filosofia. Caridade, sim, estudo, somente o necessário.

— Deus, tome conta!...

— Com esse comportamento, conheço grupos que, em sua invigilância, discutem anos a fio, sem progresso, alguns assuntos que, para eles, tornaram-se essenciais, tais como: "O mesmo médium que recebe 'espíritos sofredores' pode, igualmente, receber 'espíritos de luz'?", "É necessário que os médiuns assentem-se sempre no mesmo lugar?", "O consumo de carne no dia da reunião.". Assuntos que até poderiam ter alguma utilidade tornam-se "bandeiras de pontos de vista". Criam celeumas, ficam melindrados, apóiam-se em

textos e discutem como velhos religiosos bem-informados, debatendo questões de pouca utilidade.

— Enquanto discutem, acontece a acomodação!

— Com isso, o homem acomoda-se na ritualidade, na repetição, no padrão. Bane-se a criatividade, o novo e a experimentação, estabelecendo uma noção de segurança em torno de "formas usuais de fazer..." A educação moderna preconiza em um dos seus quatro pilares: o "aprender a fazer". Todos os grupos doutrinários na atualidade são convocados a "reaprender a fazer".

—Um nó em meu "cérebro"... Isso é o que sinto!

—E por acaso você ainda tem "cérebro"? - as duas gargalharam.

—Puro costume, Dona Modesta. Costume velho! Então a questão é "aprender a fazer"?

— Não basta!

— Não?

— Urge um projeto essencial, sem o qual...

— Sem o qual nada dará certo! - atalhou Selenia, completando a fala.

— Isso mesmo.

— Que projeto é esse?

— Concomitantemente com o "aprender a fazer", o programa dos tempos novos prevê o "aprender a conviver". Sem conviver no amor, não conseguiremos segurança autêntica na obra do Cristo. Compete-nos estimular esse projeto essencial. Sem ele, nenhuma organização doutrinária terá êxito em quaisquer outros projetos, por mais nobres e inteligentes que sejam. A obra de Nosso Senhor Jesus Cristo nunca exigiu tanta atenção como agora ao inesquecível apontamento "(...) *sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas.*"²⁶

— Por qual razão?

— Está havendo muita confusão sobre o que seja ser Cristão. Uns querem a mansidão e terminam no sentimentalismo. Outros, a pretexto de serem sagazes, estagiam no cálculo. Os senti-

²⁶ Mateus, 10:16.

mentalistas tombam na convivência. Os calculistas, na arrogância. A arrogância é a atitude daquele que possui dilatada visão intelectual e nega seus sentimentos em favor das inabaláveis convicções pessoais. Convivência é a postura de quem está na mansidão, e nega os apelos da consciência em favor da verdade. A arrogância é alimentada pelo egoísmo. A convivência é fruto do medo de enfrentar desafios e crescer.

— Quer dizer que o maior desafio presente na seara é aprender a conviver?

— Aprender a amar é nosso maior desafio! Como amar sem boa convivência? Nesse início do século XXI, estamos em plena campanha, no mundo dos espíritos, para elastecer os parâmetros de utilização das forças mediúnicas na Terra. A exemplo do ocorrido com os baluartes da doutrina no alvorecer do século XX, estamos trabalhando por modelos novos de intercâmbio entre as esferas. Para isso, os grupos doutrinários haverão de se lançar à postura da investigação fraterna. Fica, porém, a pergunta: como investigar, com desejável utilidade, as questões relativas à mediunidade em grupo, se não existe convivência tecida na confiança e no amor? Que espécie de questionamentos e avaliações poderão ser levantadas onde existam discórdia e instabilidade nos relacionamentos?

— Compreendo. Os projetos são abortados! O movimento está cheio deles...

— Doutor Bezerra, em nome do Espírito Verdade, nomeou esse projeto essencial como *Humanizarão na Seara Espírita*. Mais importante que o Espiritismo teórico, urge a aplicação de suas lições éticas. Nada nos impedirá o amor que todos temos à doutrina, essa fonte interminável de consolo e luz, todavia o centro das cogitações da própria doutrina é o amor que devemos uns aos outros. Esse o foco essencial.

— Que é mais importante: a "obra do Cristo", ou as pessoas nela inseridas? - indagou Selena.

— Boa pergunta! A legítima obra do Cristo constitui-se de pessoas que aprenderam a se amar. Que nos valerá erguer paredes, escrever livros, distribuir gêneros, instituir pactos, se não aprendemos a perdoar, a aceitar críticas, a gostar dos diferentes, a tecer relações com os antipáticos, a gostar de relacionar? A obra de Je-

sus, em verdade, estabelece-se no reino íntimo do coração e projeta-se nos benefícios da convivência pacífica e educativa. Sem isso, existem apenas movimento e treino emocional para o futuro...

— Então voltemos ao caso que a senhora contou. E se aqueles dirigentes "topetudos" não tivessem a diretriz sábia de Bezerra, como ficaria a obra? A senhora seria retirada do cargo aqui no Hospital?

— Minha filha, a pretexto de amar, não vamos ser descuidados, e a pretexto de sermos cuidadosos não vamos ser individualistas.

— No meu caso, tive que fechar as portas para a mediunidade devido a médiuns personalistas e abusos sem conta. Melhor o serviço com qualidade, que exercer uma atividade com desequilíbrio. Optamos por fazer bem aquilo que tínhamos condição...

— Selenia - apartou Dona Modesta - seja fiel à verdade. Optamos, ou optei?

— Sim, é verdade... Foi uma opção pessoal. No fundo, ninguém mais concordava...

— Opção ou imposição?

— Imposição.

— Imposição pessoal. Esse é o registro em sua ficha reencarnatória. Angélica fez o que pôde para dissuadi-la. De fato, para evitar o abuso, são necessárias medidas disciplinadoras, mas não exterminadoras ou irreversíveis. Que se preparasse o médium. Interrompesse o intercâmbio por algum tempo e depois regressasse com mais tranquilidade e equilíbrio. Isso, o ideal.

— E agora, o que será do "Paulo e Estêvão"?

— Espera-nos muito trabalho para "limpar a área".

16

O Servo de Todos

“Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo”

Mateus, 20:26

— Sinto-me como se a vida física não tivesse existido, ou fosse curta demais. Seus esclarecimentos causam-me um profundo estado de frustração. Os méritos que supunha possuir parecem estourar como frágeis bolhas de sabão!

— Não é esse o meu propósito!

— Eu sei! Eu sei... mas tenho consciência de que realmente desperdicei muitas oportunidades...

Percebendo o olhar triste de Selena, Dona Modesta ponderou:

— Qual de nós, no presente estágio de evolução, não peregrina pela negligência, pela desatenção no uso das oportunidades e das nossas habilidades?

— Esse enfoque faz-me experimentar ainda mais a sensação de que uma vida dedicada ao Espiritismo nada cresceu em minha alma.

—É um juízo comum nos primeiros tempos do desencarne. Raríssimos escapam dessa vivência angustiada.

—Será que o trabalho doutrinário teve alguma utilidade real? Que diferença faz ser espírita, afinal?

—Essa é uma pergunta clássica em nossa Casa de Amor. Somos doentes complexos. O que nos distingue dos demais enfermos nos hospitais da Terra, é o anseio pela cura. Consideremos, entretanto, que essa aspiração superior, freqüentemente, não ultrapassa o ato de admitirmos racionalmente nossas enfermidades. Nem sempre identificamos pelo coração a extensão das necessidades de aprimoramento. Nossa virtude consiste em estarmos sinceramente

arrependidos do mal praticado outrora. Quem genuinamente se arrepende, fortalece as intenções enobrecedoras. Quando passamos a sentir nossas necessidades de aprimoramento, as aspirações sinceras da alma fluem como se o dique que as represava abrisse suas comportas.

— Fui péssima dirigente! Antes não tivesse tanta capacidade de enxergar com perspicácia!

— A perspicácia, minha filha, é habilidade extremamente útil. O problema é nossa formação moral, nossos ímpetos.

— Ímpetos?

— Vou lhe contar algo pessoal. Fui uma mulher perspicaz. Trazia comigo essa bagagem da inteligência de várias outras experiências carnavais. Todavia essa conquista, desprovida da compaixão, é facilitadora da vaidade, quiçá do interesse pessoal. Regrada pela tolerância incondicional e pela ausência de preconceitos, é promotora do progresso, rompendo os densos véus da ilusão.

— A senhora não me passa a impressão de uma mulher perspicaz. Age com tanta discrição e simplicidade. Os perspicazes adoram se salientar.

— Estou aprendendo a transformá-la em virtude.

— De que forma?

— Quando a perspicácia é dosada de personalismo, transforma-se em astúcia, prepotência e instrumento de domínio, características básicas da arrogância, e a arrogância é o traço moral mais palpável do egoísmo humano. Por outro lado, essa habilidade intelectual incentiva a criatividade, a percepção de futuro e a síntese que, sob as lentes da moral, promove o avanço. Jesus, Dotado de excelente perspicácia, preveniu a Pedro sobre a negação, alertou a Judas sobre a traição, colocou a multidão diante de sua consciência quando iam apedrejar a pecadora, percebeu os valores do publicano Zaqueu, considerado um larápio pelo povo, e focalizou a virtude em Saulo por sondar-lhe a alma amante dos valores espirituais. Graças à Sua incomparável compaixão, acolheu Pedro diante da culpa, isentando-lhe de julgamentos, socorreu Judas nos umbrais da erraticidade, orientou a mulher adúltera a não pecar mais, prestigiou as intenções de Zaqueu acima das convenções mundanas e convocou

Saulo para o serviço redentor. Perspicácia sem amor é corrosivo das relações sinceras e dos projetos de espiritualização.

— A senhora me perdoe o desabafo, mas há certas pessoas que...

— Que?...

— Se não tivermos muita atenção, elas tomam conta do trabalho e nos deixam para trás. Mais a mais, na condição de mulher responsável, procurava zelar pela tarefa que me fora entregue, fazendo o melhor que podia.

— E de quem é o trabalho, minha filha?

— Do Cristo.

— Então, por que essa preocupação? Se nos deixarem para trás, certamente o Cristo, que sabe de nossas reais necessidades e de nossos escassos valores, não nos deixará. No fundo, sua atitude traduz o espírito da competição, Selena.

— É o que costumava sentir nas pessoas que me cercavam. Como se elas competissem comigo o tempo todo!

Isso me obrigava a criar sempre alternativas de defesa para o trabalho.

— E você não competia com elas? - falou a benfeitora com bondade nas palavras.

— De jeito nenhum!

— Equívoco, minha filha! Grave equívoco da ilusão humana ainda pertinente à maioria de nós, os seguidores de Jesus!

— Equívoco?! Porventura a senhora acha que competi na tarefa? - pretextou Selena com receio do que ouviria.

— Os discípulos sinceros da mensagem cristã hão de possuir abundante humildade para aceitar em si mesmos que, por mais valorosos sejam os nossos esforços na senda do bem, inevitavelmente, em razão dos reflexos milenares, ainda guardamos severo espírito de competição. A luz do espírito imortal, quem se declara distante da atitude de arrogância demonstra desconhecimento, ou prefere ignorar quanto ainda somos dominados por seus ímpetos, que assumem máscaras diversas, quais sejam: prepotência, autoritarismo, ciúme, controle, teimosia, julgamento, apropriação da verdade e inveja.

— Mas Dona Modesta, eu amava as tarefas que fazia. Como falar em competição?

— O amor que começamos a devotar ao bem não é capaz de excluir totalmente nossas tendências milenares. A luz e a treva digladiam em nossa intimidade. Não esqueçamos igualmente, minha filha, que podemos amar as atividades, no entanto a competição ocorre mesmo é nas relações uns com os outros.

— Nunca me imaginei arrogante ou competindo. Nunca me vi desse modo. Se alguém na Terra me falasse isso, jamais aceitaria. Na verdade, não me sinto convencida mesmo com a sua explicação tão lúcida.

— Essa é uma das características psicológicas dessa enfermidade moral. Estamos tão habituados a ela que não sabemos mensurar seus efeitos em nossa vida. A arrogância é o mais envelhecido sentimento do período da razão, amplamente vinculado em suas origens ao instinto de posse. Daí surge o impulso da competição, essa fria assassina da fraternidade. De alguma forma, competir é uma atitude natural e necessária ao progresso. Porém, sob indução da vaidade e do orgulho, assume feições destrutivas, psicopáticas. A arrogância é a excessiva valorização de si, cujo reflexo mais proeminente na convivência é a competição e o julgamento.

— E a senhora ainda me diz que morrer tem suas vantagens!... Não consigo, honestamente, perceber-me nessa condição. Minha cabeça admite o que a senhora coloca. Meu coração, porém, nada me diz. Sinto-me distante dessa realidade.

— Selenia, querida companheira, dispa-se das ilusões! - externou com sua sabedoria a servidora uberabense.

— Ilusões?...

— Essa "radiografia moral" é pertinente a todos nós e não é só de uma existência, mas de várias. A arrogância é o traço mais antigo de nossa personalidade perdulária e rebelde. O serviço de descobrir seus traços em nós próprios demanda, por vezes, dores acerbadas e experiências marcantes nas relações humanas.

— É muita notícia ruim pra um só dia! Isso é jeito de tratar uma convalescente? - externou a aprendiz em tom conformista e humorado.

— Como é bom descobrimos tais doenças da alma quando estamos internados. Pobres daqueles que a descobrem nos "infernos" onde há escassez de acolhimento e desconsideração pelas nossas intenções legítimas.

— A senhora acredita que eu deveria ter me abdicado de minha perspicácia para acertar mais? Ser mais discreta, calada?...

— Ninguém deve se abdicar das habilidades que possui como conquista, apenas educá-las à luz do Evangelho. Quando lhe disse que fui uma mulher muito perspicaz, em verdade, estagiei longamente nos desatinos da arrogância. Até hoje, há quem me deteste por aqui e na Terra, em razão de meus ímpetos nem sempre educados.

— A senhora?!

— E por que não? Falhei em um dos pontos mais cruciais da arrogância a pretexto de ser convicta e determinada.

— Qual?

— A mais destrutiva forma de arrogância é a fascinação que nutrimos pelas certezas pessoais, especialmente em relação à intenção e conduta alheias. Nesse passo, em diversas personalidades, ela agrega à perspicácia, transformando-se em intransigência, teimosia e autoritarismo, através de manifestações de convicções irredutíveis. Os pontos de vista, os julgamentos e toda idéia definitiva acerca de fatos e pessoas, quase sempre, traduzem o espírito enfermiço do orgulho, a necessidade compulsiva que temos de nos sentir superiores a alguém. Sendo que esse alguém pode ser quem, de alguma maneira, tenha tocado em nossas mazelas interiores e, ainda que sem intenções, fez-nos sentir pequenos, frágeis e desprovidos moralmente.

— Por que agimos assim? - expressou-se Selena completamente absorta pela exposição e admitindo sua imperfeição com sinceridade.

— Porque a essência da arrogância nas relações humanas consiste na disputa sutil para provar quem é o maior. Por essa razão, temos que recorrer à sublime recomendação do Cristo.

E tomando do Novo Testamento leu: *"E chegou a Cafarnaum e, entrando em casa, perguntou-lhes: Que estáveis vós discutindo pelo caminho? Mas eles calaram-se, porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior. E Ele, assentando-se, chamou os doze e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos. E, lançando mão de um menino, pô-lo no meio deles, e, tomando-o nos seus braços, disse-lhes: Qualquer que receber um destes meninos em meu nome a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, recebe não a mim, mas ao que me enviou."*²⁷

— Parece que continuamos a disputar entre nós, até hoje, quem é o maior, não é mesmo Dona Modesta? - falou Selena com nítida alteração em seu estado de humor.

— Ai de nós, querida amiga, se não verificarmos que apenas iniciamos os primeiros passos de uma longa jornada no bem! Nossa arrogância, qual uma lente de aumento, faz-nos sentir como "campeões do Evangelho" somente porque começamos a dar direção nova às parcas qualidades que possuímos, esquecendo-nos a condição de esbanjadores milenares dos bens celestes, conforme a saga do Filho Pródigo do Evangelho.

— Que dor sinto na alma diante de sua colocação! Creio que, igualmente, tenha falhado com Angélica nesse terreno.

— Melhor assim. É a dor benfazeja do bisturi da verdade, dissecando as espessas camadas da ilusão.

— Mesmo doendo tanto, ainda anseio saber como dominar esse monstro interior.

— *"Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo."*²⁸ — consultou mais uma vez o Evangelho.

²⁷ Marcos 9:33 a 37

²⁸ Mateus, 20:26

— Servo? Como soa mal essa palavra! Nunca gostei de ouvi-la nos estudos. Para mim tinha o sentido de ser capacho.

— Somente nós que sofremos da doença da arrogância sentimos mal diante dessa palavra. Nela encontra-se a solução para nossos problemas de altivez. Mas esse é um tema que deixarei para sua meditação. Oportunamente retornaremos a esse aspecto.

— Sua fala alterou-me por dentro. Não me sinto nada bem! Como pode uma simples conversa incomodar tanto?!

—Fale do que sente, Selena!

—Sinto-me muito indigna do amparo que tenho recebido. Um misto de desânimo e desespero apossa-se de minha alma. Uma angústia. Com tanta mediocridade em nossos atos, por que vocês ainda se interessam por nós? Por que Eurípedes ergueu um Lar para cristãos transviados com tanta falácia entre nós, os espíritas? Por bondade?! - falou transtornada.

— Porque o ritmo do universo é o amor, seja em que instância for. Da bactéria ao anjo, a alma da vida é o amor. Compaixão, misericórdia, tolerância e solidariedade são expressões da Bondade Celeste. Juntas, constituem a força de atração para o progresso. Sem esse empuxo, como avançar? Nós, os cristãos em busca da luz da imortalidade, somos os lírios no pântano, a esperança de novos dias. *"Vos sois o sal da terra e a luz do mundo."*²⁹ Somos depositários de excelsas expectativas. Jamais as cumpriremos sem infinitas doses de tolerância superior e arrimo espiritual.

— Com tanta arrogância, como esperar tanto de nós? - lamentou Selena.

— Filha, precisamos rever muitos conceitos. Em meio ao lodçal da prepotência, temos uma conquista sem a qual ninguém chega a melhores patamares de evolução.

— Uma conquista?!

— O desejo básico ou desejo-matriz.

— ? - Selena demonstrou não entender.

— A intenção.

— Intenção?

²⁹ Mateus, 5:13 e 14

— O que nos faz alvo da amorável complacência dos Planos Maiores é a intenção. É o nosso fio de ligação com a energia cósmica do amor. O mecanismo mental do arrependimento que conduz a mente ao estado de saturação edifica a intenção nobre. Por ela, auferimos a garantia daquilo que buscamos diante da vida.

— E que relação fazer entre nossa arrogância e a intenção?

— Somos portadores de intenções honestas de melhora. Porém isso não exclui os efeitos da altivez em nossas atitudes. Com as melhores e mais legítimas intenções de acertar, ainda ferimos uns aos outros através de tropeços e embaraços, que resultam em dissidências e dores que gostaríamos de não mais experimentar.

— Preciso ser franca com a senhora. Toma-me um estado íntimo horrível! Uma tristeza intensa! Creio que não dou conta de continuar a conversa.

— O que prevalece nesse momento?

— A depressão toma meu coração. Durante a reencarnação, nunca fui alegre; esperava melhorar meu humor nesse plano. Tenho a impressão que nem sequer levantarei mais desta cama. Neste momento, toma-me uma sensação muito estranha...

— Parecida com...

— Parecida com o que senti em nossa visita ao Centro Espírita Paulo e Estêvão. Suor frio, palpitação cardíaca, idéias desconexas... Parece que parei de sentir...

— Respire fundo!

Após a orientação, Dona Modesta, em estado alterado de consciência, colocou o indicador no peito de Selenia, fazendo leves fricções no sentido horário. A paciente respirava com certa dificuldade. A testa lívida, olhares esgazeados. Parecia que iria explodir.

— Agora, Selenia, fale o que vem em sua mente.

— Não posso!

— Fale, minha filha. Liberte-se desta angústia! - disse a benfeitora com determinação.

— Eu detesto viver. Eu queria morrer. Deixar de existir. Creio que eu nem exista. Arrependo-me de ter mexido com o Espiritismo. Sei lá, acho que não acredito em nada do que aprendi na doutrina.

— Ninguém morre.

— Eu morri, sim, senhora! Não duvide de mim! Não discuta meus sentimentos. Ou a senhora não acredita no que falo? Será que vão começar a me receber mediunicamente? Só falta essa hipocrisia da vida para completar a minha loucura controlada. Logo eu que fechei as portas para a mediunidade!

— Vá, Selena, fale mais. Não meça palavras nem se preocupe com o vai dizer. Fale!

— Eu amo Angélica demais para merecer tanta desídia. Ela não tem noção da gravidade da situação e fica me recriminando. Agora, certamente, vai formar um complô contra mim. Nunca mais serei lembrada naquela casa. Que ódio... Que ódio...

— Em relação a quê?

— Em relação a tudo. Quero sair desta cama e não consigo. Nossa conversa está sendo horrível. Não gosto da senhora...

— Fale mais!

— A senhora me lembra alguém... Alguém muito má... A senhora estava naquele cenário da França, eu sinto isso. Não sei quem era... Tenho imagens horríveis na cabeça! Que ligação tem com o filho de Catarina? Sei que tem alguma! Então é minha inimiga - Selena fechou os olhos e começou a espumar pelos cantos da boca. Que a senhora quer com Elise? Está interessada em ajudar Angélica, porque sabe que é minha Elise? Eu a detesto, Dona Modesta, eu a detesto, saia da minha frente agora, eu não quero vê-la mais, saia... saia!

Com a ajuda de alguns enfermeiros, aplicaram um passe sedativo, e a paciente foi silenciando o desabafo, caindo em prostração psíquica acentuada. Dona Modesta, com extrema ternura, limpava-lhe a salivagem abundante. Ela entrou em estado de "epilepsia de desoneração", um processo de limpeza de "crostas psíquicas", acumuladas no perispírito, decorrentes de desvios do afeto. Acalmando-se um pouco, foi recostada no leito para se recompor.

— Será medicada, Selena. Não tenha receio. Isso não impedirá de trabalhar, esteja certa! Está se sentindo melhor?

— Estou cansada. Como se estivesse trabalhando há milênios. Evitei os remédios na Terra e quanto pude e agora sou obrigada a tomá-los! Que acontece comigo dona Modesta? Enlouqueci? O que foi isso?

— Tome-os sem revolta, minha filha, e agradeça por tê-los à disposição. Por um período de dois meses, você estará em tratamento antidepressivo.

— Ai, Dona Modesta! Está voltando uma sensação ruim. Não me sinto nada bem! Uma ansiedade de realizar misturada com uma preguiça de sair deste leito!

— Fique tranqüila, vai atenuar no correr dos minutos. Tome um pouco desta água - foi servida uma boa dose de água com efusão de magnetismo da natureza.

Passados alguns instantes sem diálogo, Selenia, esforçando-se para aproveitar a ocasião, indagou de chofre:

— Por onde começar no futuro?

— Vejo que melhorou! - brincou Dona Modesta que se manteve em oração à cabeceira da maça. Angélica é nossa esperança de mudança. Por outro lado, muitos daqueles que a apoiaram a decisão impensada de fechar as portas para a mediunidade serão fortes barreiras. São explorados pelos adversários que sitiaram a casa.

— Quem são esses espíritos?

— São fortes inimigos da doutrina, filiados ao *vale do poder*.

— *Vale do poder?*

— Em outro momento, tamanha a delicadeza do tema, voltaremos nesse assunto...

— Será que nosso centrinho, tão humilde e apagado, tem tanta importância assim para as trevas?

— Não fale assim, minha filha!

— Que temos feito para atrair essa atenção? Qual a razão desse ataque?

— Os motivos podem variar ao extremo. A base é sempre a mesma: segurar o progresso. Alguns casos dessa natureza, como ocorrem no "Paulo e Estêvão", dão-se em razão de contas pessoais de seus dirigentes.

— Como?!

— Existem duas pessoas lá com graves débitos a saldar... Os adversários sabem disso com minúcias...

— Uma, sou eu, com certeza!

— Não tenha dúvida.

— E a outra é...

— Angélica! - interrompeu Dona Modesta, Além da filha super protegida na pele de Elise Pyrré, ela consorciou-se com um dos Médicis, a gosto de Catarina, a rainha-mãe. Sua trajetória terminou em deploráveis ações na política interesseira, sob chancela da religião no século XVI.

— Pelo visto, todos nós temos contas com a malfadada "França dos Médicis"...

— Certamente... Os adversários da causa espírita conhecem sobejamente nossos traços egocêntricos. Atuam, excitando o temperamento ao sabor de nossas tendências. A tática é desacreditar-nos uns perante os outros através do leque de atitudes derivadas da arrogância, esfriando as relações e indispondo-nos a conviver e confiar. São criadas as ilhas produtivas. Núcleos de trabalho ativo que se fecham em si e não se abrem para formar um sistema de rede, intercâmbio e solidariedade. E assim se encontra a comunidade espírita ao alcance de sórdidas e planejadas intenções do *vale do poder*...

— E como fazem para nos atingir na prática?

— Apenas insuflam a competição velada, induzindo julgamentos sobre a vida alheia com os quais, através da "maledicência envernizada", procuramos diminuir uns aos outros. Assim, nascem demandas sutis que estiolam os laços afetivos e detonam os projetos de trabalho. E o exemplo típico do mau uso da perspicácia aplicada para denegrir e destacar deficiências e desvios.

— Que lamentável! A senhora explica, e minha mente voeja em direção ao "Paulo e Estêvão". Fui um instrumento do mal sem intenção para tal. Como dominar essa nossa arrogância, meu Deus?!

— Você já percebeu a arrogância em alguma pessoa?

— Em muitas pessoas.

— Aquilo que vemos nos outros são reflexos leais do que somos, ou pistas seguras de que temos algo similar dentro de nós. Nossa tarefa de educação consiste em disciplinar nossos impulsos ególatras. Seguir a meta em direção aos mundos melhores nos

quais: "*o homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se.*"³⁰

A conversa corria agradável entre as duas quando bateu à porta do quarto o Professor Cícero que realizava suas visitas rotineiras.

— Olá! Como vai nossa Selena? - falou com carinho.

— Lutando para melhorar e conhecer a Verdade, professor!

— Esse é o problema de ter uma tutora como Dona Modesta - os três riram da provocação.

— Foi bom o senhor ter chegado, professor. Já estava me retirando para outras tarefas, e a nossa paciente precisa muito de suas palavras confortadoras. O senhor me conhece bem e sabe que a minha língua, muita vez, saltita da boca para fora como um chicote educativo. Sua presença vem em bom momento. Volto quando puder, minha amiga. Cultive o otimismo, pois a vida a espera com muito labor.

— Obrigada, Dona Modesta. Que fique claro o quanto adorei suas "chicotadas"... Ainda que elas não tenham sido suficiente para expelir minha arrogância!

— Ah! Quase me esqueci de algo importante! -regressou Dona Modesta como se captasse nas "ondas do universo" algo de valor para a ocasião.

— Mais chicotadas? - brincou Selena.

— Apenas uma lembrança para que suas meditações tenham maior alcance. Nunca, em tempo algum, passou pelo coração e pela mente de Angélica tomar o seu espaço de trabalho. Ela lhe tributa um enorme carinho e reconhecimento.

— Mais uma vez, não sei se estou aliviada, ou se me culpo por saber disso.

— Apenas medite, minha filha! E no que tange aos semelhantes, guarde esse ensino: com raríssimas e honrosas exceções, costumamos trazer para cá os juízos que deles fizemos, que, inevitavelmente, são construídos a partir de nossas próprias imperfeições e pela natural incapacidade de avaliarmos com fidelidade as intenções alheias e sua história particular de evolução.

³⁰ O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo III, item 10

— Sinceramente, creio que errei largamente em relação à An-gélica.

— Não se esqueça de que, a pior atitude de arrogância é a de colecionar certezas sobre a vida, sem reciclá-las conforme o ritmo evolutivo de nossa *humanização*. A solução vem da capacidade de servir. Aquele que se fizer o servo de todos será o maior na obra do Cristo

17

Horizontes Mentais

"Crer em Deus e na vida futura é, consequentemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer idéia exata do presente"

Obras Póstumas, O egoísmo e o Orgulho, estudo feito por Allan Kardec.

Tão logo a servidora do Cristo saiu, foi a paciente, um tanto refeita, quem puxou o diálogo.

— Estou demasiadamente surpresa com os assuntos da medi-unidade. O senhor tem conhecimento do meu caso?

— Trabalhamos em equipe, Selena. Doutor Inácio, Rosângela, Dona Modesta e mais alguns trabalhadores estudaram com afinco sua ficha antes mesmo de sua chegada aqui. Sabendo que viria para cá, preparamo-nos todos para o mister de orientá-la.

— Professor, uma perguntinha boba, não tem ninguém que esteja bem neste Hospital?

— O que é estar bem? Talvez os que trabalham por amor estejam enquadrados nessa definição. Nós outros, os que carecemos do serviço para crescer e se libertar a caminho da vivência do amor, estamos buscando ficar bem. Já estará muito bom quando o trabalho for nosso principal patrimônio. Concorde?

— Tem razão. Doutor Inácio já me falou que devo ser grata a Deus por estar nesta casa de amor, considerando a extensão de minhas faltas. Agora, depois dos esclarecimentos que recebi, entendo melhor essa advertência.

— Não considere sua atitude como falência. Decerto poderia ter tomado outra direção. Isso não corrompeu sua consciência. Falhou na mediunidade, acertou em muitas outras frentes de amor.

— Por que é dada essa importância à mediunidade, professor? Não é como qualquer outra tarefa?

— Não, Selena, não é! A mediunidade, por assim dizer, é o fim maior a que se propõe a doutrina no seu aspecto prático, ou seja, quebrar as linhas demarcatórias entre dimensões, conduzir o homem à verdade e dar-lhe condições para vencer o materialismo, essa estrada milenar trilhada nos cinco sentidos.

— Através dela, criamos um laço com nosso destino, é isso?

— De onde viemos? Para onde vamos? O que fazemos na Terra? Célebres perguntas que necessitam serem reconsideradas em suas nuances. Que sabem os próprios espíritos reencarnados sobre elas, senão algumas informações periféricas?! Qual companheiro de lides estará suficientemente instruído sobre as raízes espirituais de seu retorno à carne? De onde partiram? Com que programa? Qual era sua real condição moral e mental antes do retorno? Que causas anteriores os levaram a passar por esse ou aquele estado na erraticidade? Que informes possuem os amigos matriculados nas fileiras doutrinárias sobre o futuro que os aguarda na imortalidade? Que cogitações ou probabilidades podem levantar sobre a sua chegada na vida imortal? Que vínculos guardam com o mundo dos espíritos? Quem são seus guias, seus espíritos familiares, suas afinidades e seus adversários? E, sobretudo, será que guardam consciência lúcida sobre o que fazem na Terra, ou apenas imaginam que sabem?

— Mas a codificação nos informa claramente sobre tudo isso?

— Informa princípios gerais, mas não pode oferecer as particularidades que são pertinentes à história de cada alma, conforme a trajetória individual. Isso faz com que, em muitos casos, as informações auferidas não ultrapassem os limites da inteligência acostumada a se apropriar de idéias novas, com sentimento de presunção. Conhecer o passado, buscar compreensão espiritual sobre todos os fatos do presente e fazer projeções para o futuro é a tarefa lúcida de superar a rotina da mente, ainda escrava de estreitos horizontes intelectuais, sem o benefício da contextualização. Estar informado não garante o ato da transformação. É necessário ir além e entender como utilizar a cultura espiritual para a aquisição da conscientização. Ter noções mais verdadeiras sobre o passado comprometedor, que leva a grande maioria dos homens a envergarem a túnica de carne na vivência terrena, é fator de crescimento e reeducação desde que tais informações sejam destinadas a ampliarem a avaliação pessoal nos rumos da auto-educação.

— Mas o que me intriga, professor, é que os médiuns não nos ajudam o quanto deveriam!...

— É verdade! Muitos, teoricamente maduros para o contato com revelações desse porte, não têm encontrado o ensejo benedito de mensurarem algum fato concreto sobre seu passado e a extensão de suas necessidades. Permitem-se imaginar que são missionários virtuosos com avultados compromissos de santificação da coletividade. Daí nasce a sensação de superioridade com a qual confundem responsabilidades e compromissos com iluminação e elevação espiritual, gerando ilusões que têm prejudicado em muito as tarefas e a si próprio.

— E ainda com graves conseqüências para a coletividade...

— Com poucas exceções, a comunidade espírita absorve o mau exemplo de seus líderes, passando a criar ídolos com pés de barro. As tarefas para eles deixam de ser tão agradáveis e proveitosas em função da instauração de rigidez hierárquica, distanciando as pessoas e banindo o clima de familiaridade. Não é por outro motivo que encontramos climas inamistosos em muitas agremiações

nas quais seus dirigentes assumem postura de proprietários da verdade e das casas, comportando-se como exímios missionários. Entretanto, a mais lastimável perda ocorre no campo íntimo, ao elaborarem um complexo mecanismo emocional sob a influência do orgulho.

Percebendo claramente que Selenia não havia entendido essa questão do orgulho, o professor explicou:

— Muitas almas, na tarefa da condução espírita, quando sinceras e realmente comprometidas com seus anseios de melhora, carregam angústias dilacerantes em seu íntimo, por lealdade consciencial. Lutam para abafar os impulsos de vaidade e tentam se entregar ao compromisso, fazendo o melhor. Todavia, o combate interior com suas mazelas causa-lhes tormentas sem conta, porque, perante a coletividade que dirigem, guardam maior soma de deveres e responsabilidades, sendo justo esperar o enobrecimento de sua conduta. Nesse quadro, ante suas falhas pessoais, instala-se um processo impiedoso de cobranças contínuas, onerando seu campo mental com excessos de exigência para manter aparências. Nasce então as defesas inconscientes sob ação sutil do orgulho. Imaginam-se dotados de grandeza espiritual que os obriga manter "posturas de direção". Somando-se ao seu drama íntimo, ainda existem os muitos problemas próprios da tarefa, e, nesse torvelinho de pressões internas e externas, a criatura é levada, pouco a pouco, ao desânimo consigo e com a atividade, abrindo então oportunidade para explorações mentais obsessivas que ainda mais o fazem acreditar na sua suposta grandeza, ou abatendo-se no desânimo. Surge um forte campo afetivo de mágoa e decepção com os quais muitos dirigentes abandonam tudo, escolhendo a infeliz postura de críticos do movimento espírita pelo resto de suas existências.

— E como as revelações advindas das atividades mediúnicas poderiam auxiliá-los?

— Concedendo-lhes respostas satisfatórias para suas angústias. Esclarecendo-lhes quem são realmente, de onde vieram, com qual missão estão imbuídos e quais são suas necessidades mais emergentes. Alargando seus horizontes mentais para que seus passos sejam mais acertados.

A fala precisa do professor fez a mente de Selena voar. Lembrou-se da casa que dirigiu, de seus problemas íntimos, de Angélica... Começava a perceber que nunca procurou entender, sob esse enfoque mais vasto, as ocorrências que lhe marcaram a experiência carnal. Percebeu então que suas noções de vida eram frágeis e interesseiras. Visões rasas da mente humana, escrava da rotina, das convenções e do vício do orgulho em pensar que sabemos tudo sobre o que nos cerca.

Percebendo a introspecção da companheira, continuou o instrutor:

— Na medida em que o homem amadurece espiritualmente, apossa-se, proporcionalmente, de sua bagagem milenar. Em muitos casos e em certos níveis, guardar noções mais avantajadas sobre a trajetória espiritual favorece o progresso do espírito. Não se trata de advogar a atitude leviana e despropositada; de consultar o passado por pura curiosidade. Importa dilatar concepções sobre suas necessidades e valores a fim de ajuizar com mais proveito as origens de muitos males e utilizar melhor suas habilidades sob um prisma mais amplo e consciente. O codificador deixou claro essa questão em uma de suas sábias palavras ao afirmar: *"Crer em Deus e na vida futura é, conseqüentemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado para fazer idéia exata do presente."*³¹

— No entanto, parece-me que essa não é a realidade de nossa comunidade... - lamentou Selena.

— O movimento humano, em torno das idéias espíritas, tem conseguido grandes realizações e vitórias, contudo encontra-se na sua infância... Sua etapa de maioridade será atingida após o terceiro período de setenta anos de sua existência. No início do século XXI, teremos céleres mudanças levadas a efeito pela terceira geração de espíritas, chamada por Bezerra de Menezes como sendo a *geração solidária*. Temos muito trabalho nas lides doutrinárias. Urge deflagrarmos um processo de formação de frentes produtivas de serviço com base na relação intermundos. Somente assim encon-

³¹ Kardec, Allan. O Egoísmo e o Orgulho, *Obras Póstumas*

traremos eco no coração do servidor espírita a fim de que seus horizontes sejam ricos de entusiasmo. É preciso ver além de si mesmo para evitar o contágio do desânimo, ou o apelo da acomodação. Em razão dessas medidas que muito exigirão de nosso plano, Selenia, é que vim lhe fazer um convite.

— Convite?!

— Amanhã teremos mais uma de nossas habituais reuniões de preparação para os serviços intercessórios. Seria muito valiosa a sua presença. Sua bagagem de conhecimento acerca das questões espirituais da existência carnal ampliou-se em demasia. Informação sem trabalho é caminho para enfermidade.

— O senhor tem extrema capacidade para ler o mundo íntimo! Não vejo a hora de poder realizar algo de mais concreto por essa casa ou pelo "Paulo e Estêvão". Terei condições?

— Não tenha dúvidas, minha filha. Não tenha dúvidas! Estarei te aguardando para nossa reunião. Você encontrará por lá alguns amigos. Deus a abençoe e até amanhã.

— Obrigada, professor! Que abençoe igualmente o senhor. Apenas uma pergunta: sobre o que estaremos estudando amanhã?

— Faremos alguns esclarecimentos sobre o Hospital Esperança.

— Que ótimo! Tenho muita curiosidade sobre o assunto. Estarei lá.

18

Obra de Amor

*"Por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa?
Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral."*

O Livro dos Espíritos, questão 793.

Na manhã do dia posterior, Selenia, atendendo ao convite do professor, aprontou-se para a ocasião. Sua fisionomia ainda abatida dava notas da tristeza com as recentes decepções.

Ao chegar à porta da sala de reuniões, uma agradável surpresa para seu coração sofrido: Marcondes lhe retribui o ramalhete de lírios em nome de Eurípedes.

— Marcondes! Quanta bênção imerecida! - ela falou com olhos marejados.

— Fico feliz que eu tenha sido o portador. Retribuo sua generosidade de outrora.

— Meu Deus! Eu não mereço! E como está você? - indagou com a voz embargada de emoção.

— Sinto ainda algumas dores abdominais. Apesar disso, intimamente, melhora a cada dia.

Logo, todos foram convocados por auxiliares amoráveis ao início da atividade. Reuniam-se meia centena de internos em condições razoáveis de recuperação. Todos espíritas.

Dispostos em forma circular, iniciou o professor sua explanação com um largo sorriso:

— Amigos, Deus nos guarde em paz. Nosso encontro visa a oferecer mais detalhes sobre esta casa. Após semanas de internação, as fichas de vocês notificam auspiciosas melhoras em seus quadros. Conquanto muitos estejam internos em alas diversas, trazem em comum algumas predisposições para a colaboração. Alegra-nos semelhante atitude considerando a extensão de nossos afazeres. Façamos uma oração e comecemos.

Após uma prece, realizada com ternura incomparável por um dos servidores presentes, o professor iniciou sua explanação:

— O Hospital Esperança é uma obra de amor, erguida no plano espiritual por Eurípedes Barsanulfo, cujo objetivo é prestar abrigo e orientação aos seguidores do Cristo, que não conseguiram, ou não quiseram adotar o compromisso da vivência de Sua mensagem de amor. São as almas mais facilmente aliciadas pelas fúrnas da maldade em razão da disputa do gênio do mal com o Cristo. Os mentores de Mais Alto que avalizaram o projeto foram Agostinho de Hipona e João Evangelista entre outros integrantes da Equipe do Espírito Verdade. Sob convocação direta do Cristo, Eurípedes foi chamado, antecipadamente, em sua reencarnação gloriosa, para erguer este porto de pacificação para almas atormentadas pelo arrependimento tardio ante as clarinadas do Evangelho.

Acionando um controle remoto, surgiu ao alto um projetor holográfico que se localizou bem no centro da sala. Mais um toque e produziu uma imagem global do Hospital, inclinada em ângulo de quarenta cinco graus, que rodava lentamente. Parecia uma maquete quadridimensional com um nível de realidade surpreendente, pois havia movimento, cor, perspectiva perfeita e colocava à mostra os limites entre atmosfera física e espiritual.

— Vejam esta imagem! É o formato do Hospital, visto de cima. Lembra um cata-vento com cinco hélices. É uma homenagem de Eurípedes à nossa galáxia. Cada hélice é um pavilhão. Ao centro, temos esse vitral em forma de uma cúpula, similar às mesquitas, que é a parte mais nobre e na qual nos comunicamos com as esferas mais elevadas. Os pavilhões se dividem conforme a natureza das necessidades de seus internos. Todos nós aqui presentes estamos vinculados ao pavilhão Judas Escariotes, coordenado por Dona Maria Modesto Cravo que já conhecem bem. Sob tutela de Judas Iscariotes, o Doutor Bezerra de Menezes iniciou as atividades desse pavilhão na década de quarenta. Judas é protetor dos cristãos visionários, quais nós próprios, que enxergamos demasiadamente sobre as necessidades do mundo, mas protelamos, quase sempre, a nossa própria libertação.

Os presentes olhavam com profunda atenção. Conservando o mesmo ângulo e abrindo um pouco mais o diâmetro da imagem, novas dependências foram surgindo. Jardins suspensos, áreas naturais em torno da construção... Agora parecia uma pequena cidade que se estendia em colméias ou bairros vizinhos. Uma visão aérea e panorâmica.

— Vejam que, especificamente, entre dois desses cinco pavilhões, saem dois corredores que partem do centro do subsolo. Observem que o formato agora nos lembra um moinho com suas pás girando e a suas hastes de sustentação como sendo esses dois corredores. Logo lhes mostrarei mais detalhes, em outra imagem, sob nova perspectiva. Estes corredores são os portais de entrada e saída para outras dimensões. Atingem cento e vinte metros de comprimento cada um. O corredor de entrada é o *Portal de Acesso* - Professor Cícero destacava essa parte da edificação com uma luz amarela. O outro corredor, de saída, é o *Portal Dimensional*. As alas restritas, as enfermarias para espíritos em estado grave e pacientes circunstanciais, as prisões, ficam

naquele *Portal de acesso*. Esses corredores, que são os "pés do moinho", ficam nos dois andares subsolos.

O professor colocava a imagem na posição em que desejassem os aprendizes. Alguns se levantavam de suas cadeiras e se aproximavam ante a exuberância da projeção. Podiam perceber claramente pessoas se movimentando na holografia como se, na verdade, a imagem estivesse sendo filmada concomitantemente com a apresentação. Mudando o ângulo de foco, continuou dizendo:

— Agora vejamos em linha horizontal como se estivéssemos entrando pela portaria. Observem que são cinco andares em todos os cinco pavilhões - e rodou a holografia como se desse uma volta completa, contornando horizontalmente o Hospital. Abaixo deste nível, temos o *Subsolo 01* e *Subsolo 02*, totalizando sete andares em cada um dos cinco braços. Nos subsolos, há maior ligação com as regiões abismais e com a própria Terra. Uma cortina vibratória, que por hora vamos abdicar de explicar, separa esses níveis dimensionais sem, contudo, deixar de fazer parte da mesma obra. Observem aqui na portaria de entrada - e aumentou a proporção da imagem focalizada. Esta é uma réplica em tamanho natural da Casa do Caminho. Temos Pedro, Paulo e outros apóstolos reproduzidos em suas imagens naturais e reais, colhidas em arquivos de Dimensões Superiores e esculpidas por artistas de nossa casa. Além da réplica, quem visita o lugar pode ouvir, através de clariaudiência no tempo, os diálogos dos primeiros aprendizes do Cristo. É um verdadeiro templo de meditação e recolhimento. Agora, prestem atenção no versículo esculpido na entrada, narrado em João, capítulo treze, versículo trinta e cinco que diz: "*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.*"

Quanto mais era mostrado, mais os participantes se encantavam em completa mudez, embora suas mentes fervilhassem de interrogações. Durou quase cinqüenta minutos a exposição. Muitas outras dependências fizeram parte da amostragem. Encerrada a fala, o professor se colocou à disposição para o diálogo e o debate por mais quarenta minutos. Foi Marcondes quem iniciou, indagando:

— Existe possibilidade de localizar o Hospital em relação à geografia da Terra?

— A "Casa de Eurípedes", em suas origens, está intimamente ligada à história do Sanatório Espírita Uberabense, fundado pela famí-

lia de dona Maria Modesto Cravo. O Hospital Esperança faz parte do Planejamento do Espírito Verdade no transporte da árvore do Evangelho para o Brasil. Logo depois de lançada as bases da doutrina em plena França positivista, o Espírito Verdade trouxe as sementes doutrinárias para esse rincão que, há esse tempo, já estava predestinado, há quase quatrocentos anos, em se tornar o celeiro da mensagem cristã à luz da imortalidade. Eurípedes reencarna em 1880, deixando na vida espiritual um projeto em andamento, no qual faz parte Dona Modesta e um número imenso de almas. Em 1899, dona Modesta regressa ao corpo. Na sua juventude, reencontra com o apóstolo de Sacramento. É curada por ele e recobra o compromisso assumido. Eurípedes retorna à vida espiritual em 1918 para continuar seu projeto, e Dona Modesta assume o compromisso de erguer o pólo de ligação terrena com a obra já iniciada no mundo espiritual e, temporariamente, sob tutela de Doutor Bezerra de Menezes, desencarnado em onze de abril de 1900. O Sanatório Espírita Uberabense foi inaugurado em 31 de dezembro de 1933. Na erraticidade, Eurípedes lança as sementes do Hospital Esperança em plena década de trinta. O entrelaçamento desses núcleos de amor e redenção foi cada dia se estreitando, a ponto de tornar-se o primeiro núcleo avançado de ligação do Hospital Esperança com a Terra.

— Professor- pediu a palavra um trabalhador do estado do Amazonas - por que o nome Hospital Esperança?

— Devido ao momento expiatório da Terra. Quem sofre, adoece psiquicamente, os sonhos fenecem, as emoções enregelam. Somente a esperança é capaz de acender na alma o desejo de galgar os degraus da caminhada humanizadora, ante os golpes cruéis da dor. A transposição de ciclos expiatórios e provacionais para a regeneração significa, evolutivamente, urna "cisão de reinos". E a saga do homem, assumindo seu estágio humanizador, deixando para trás as velhas bagagens enfermizas do instinto e do egoísmo. Impossível fazer semelhante mudança sem sofrimento e desolação. O raciocínio é apenas uma faceta da conquista humana. Enquanto o homem não se educar para amar, não poderá ser considerado um "ser humano". A esse respeito, Allan Kardec recebeu lição incomparável das hostes celestes nestas palavras:

"Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a

desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que hão percorrido a primeira fase da civilização."³²

— O senhor estaria dizendo que nós ainda não nos humanizamos? - rebateu o mesmo participante.

— Na ótica da evolução universal, humanizar significa aprender a viver integrado à obra do Criador. E, para bilhões de almas, neste momento de dor das sociedades terrestres, viver é o mesmo que carregar um pesado fardo; o fardo de ter consciência de si mesmo. Se viver já é uma tormenta para muitos, imagine o quanto teremos que avançar a fim de nos integrarmos com às Leis Naturais.

— Do jeito que o senhor coloca, parece que a Terra está mais atrasada do que somos capazes de imaginar. Estaríamos, porventura, no reino animal?

— Quase isso, meu irmão! Somente perdendo o corpo para aquilatar com precisão a natureza dos problemas terrenos. Essa a razão de nós, os desencarnados, trazermos o coração repleto de gratidão em situações em que o homem encarnado só enxerga desgraça.

— Professor - pediu a palavra um seareiro de Londrina - por qual motivo os seguidores do Cristo são as almas mais aliciadas pelas furnas? Não deveria ser o contrário, isto é, serem os mais protegidos face o esforço e devoção nas fileiras da caridade?

— São os mais aliciados, porque, com raras exceções, desencarnam com culpas inconfessáveis. Os espíritas reencarnados carecem retificar, em muito, os seus conceitos sobre o que seja ser cristão. Uma cultura perigosa se insufla nas comunidades doutrinárias, cujo cerne é a idéia falsa do que seja ser espírita. Quase sempre, esse conceito exige espetáculos de grandeza moral inacessíveis à maioria esmagadora dos discípulos da doutrina. Para atender a essa expectativa estimulada através da cultura espírita, homens e mulheres adotam condutas pudicas e artificiais, quando o que mais necessitamos no momento é sinceridade no intuito de mostrarmos-nos como somos e humildade para iniciar o serviço autêntico de reno-

³² *O Livro dos Espíritos*, questão 793.

vação. O homem engana a si mesmo, e depois a morte o devolve à sua consciência. É assim que, ao sair do corpo com o chumbo da culpa, é puxado para baixo e naufraga em tormentas que constituem *plugs* automáticos com as sociedades inferiores.

— E o amparo, onde fica?

— Essa é a pergunta mais comum que ouvimos por aqui. Sem nenhum desrespeito à sua formulação, ela traduz a infantilidade da visão de quantos desconhecem a extensão dos serviços da Divina Providência. A bondade de Mais Alto jamais cessa em estender benesses até mesmo para os escravos da perversidade, quanto mais aos devotos do bem. Entretanto, muita ilusão permeia a visão de nossos correligionários espíritas a esse respeito. Imaginam-se isentos de lutas após a morte, tão somente em função das extensas folhas de serviços prestados nas tarefas. Até mesmo o Amor Celeste, para ser bem recebido, solicita educação interior, pois, do contrário, pode ser interferência infeliz nas necessidades de aprendizado de muitas almas. Já resgatamos companheiros espíritas em lamentáveis estados de loucura fora do corpo, cuidamos de suas carências imediatas e, quando foram convocados a servir e melhorar, fugiram desatinados em direção aos *Portais de Saída*, no rumo de suas planações. Tinham o Espiritismo no cérebro e traziam o coração na retaguarda. Para nós, que nos acostumamos ao auto-conhecimento fora dos cinco sentidos, o conceito de ser espírita passa por esse parâmetro: o coração que pulsa ininterruptamente em busca da luz. Basta isso para que o amparo, em qualquer instância, possa ser eficaz sem ser conivente.

— Como definir isso, professor: "coração que pulsa ininterruptamente em busca da luz"? - insistiu o mesmo confrade com curiosidade.

— São aqueles que jamais desistem de melhorar.

— Só isto?!

— Meu irmão, para almas que fazem "cisão de reino" como nós, isso é tudo desde que seja sincero; vindo do fundo da alma. O desejo de melhora talvez seja a qualidade mais evidente em nosso estágio evolutivo, por traduzir que já cansamos do mal, da estagnação. Tudo ao mais virá daí, ou seja, o progresso, o desligamento dos vícios, enfim a vitória interior. Enquanto isso, nossos irmãos na

seara, quase sempre tomados de escassa tolerância e compaixão, esperam uns dos outros mais do que podem oferecer, criando desânimo e puritanismo totalmente desnecessários. O desejo de melhora é o efeito de um longo trajeto de amadurecimento do Espírito.

Quem o possui sem artificialismo vai ao Pai. Ninguém o improvisa de uma para outra hora.

A reunião continuava como inestimável ocasião de esclarecimento e introspecção. Levantou-se um cavaleiro_ perto da imagem projetada e apontou, indagando:

— Observei que estes corredores abaixo do nível do solo estão mais pardacentos. Qual a razão?

— Como disse anteriormente, são elos com dimensões inferiores. Lá ficam dependências para casos mais graves, inclusive celas. Existem algumas histórias de resgate, nas quais seria imprudente colocar alguns pacientes na intimidade dos pavilhões. Nos chamados *Portais de Acesso* - e manejou novamente a imagem projetada que passou a mostrar com detalhes a narrativa - como podem ver, temos estes cômodos, logo na entrada, na divisa entre as regiões inferiores e os limites do Hospital. Sob guarda intensa e cuidados muitos especiais, são alojamentos apropriados para avaliar a real possibilidade da internação, ou aguardarem a amenização de quadros enfermiços para posterior transferência a outras organizações de nosso plano.

— Ocorrem casos de desistência? Não quererem ser internados?

— Nem sempre é desistência, mas imantação. Leis que governam acima das nossas possibilidades de ação. Leis que determinam a posição de cada um de nós na Obra da Criação. São histórias entristecedoras, entretanto, mesmo regadas pela Misericórdia não conhecemos nenhuma que escapasse da lei que determina: *a cada um segundo suas obras*.³³

— Quando o senhor mostrou os portais disse que lá são tratados pacientes circunstanciais. Quem são eles?

— São os desvalidos que pedem socorro. Desafortunados que se enroscaram em armadilhas ou brigas. Corações tombados pelo

³³ Apocalipse, 20:12.

vício. Mães aflitas. Filhos desnutridos. Pais preocupados. Criaturas feridas, acidentadas ou maltratadas. Enfim, não há como descrever tanta penúria e sufreguidão nas zonas de interação com as regiões inferiores. Nos portais, temos verdadeiro centro de caridade pública muito similar ao pronto-socorro na Terra. Casos graves chegam por ali. Grande parcela é temporária. Alguns vêm em busca de um naco de pão, sentem fome, frio e loucura. Machucados, uns; inconscientes, outros. Sangue, dor e carência se misturam aos pedidos de ajuda para outros que estão chafurdados em ciladas, presos em magotes no caminho. Ali recebemos todo tipo de tormenta humana. Raríssimos, porém, obterão todos os cuidados que suplicam, face às suas intenções voltadas para baixo. Não anseiam permanecer no Hospital, mas gostariam que fôssemos onde estagiam. Assim, como entre os encarnados, existem, por aqui, muito imediatismo e interesse particular.

— Não existem defesas nessa parte?

— É uma faixa espiritual de inúmeras lutas que, por agora, abdicarei de expô-las. Há quem imagine os benfeitores do além, dirigindo um Hospital como este atrás de uma escrivadinha, ditando normas e pareceres. É neste local singular do Hospital que encontramos nosso diretor, Eurípedes Barsanulfo, na maioria de suas horas de trabalho. Quando o amor do venerando apóstolo não é absorvido pelos atormentadores e atormentados, entram em campo as defesas da justiça, que determinam ações corajosas na extinção do mal que grassa. A bondade não exclui a ordem. Nossa casa conta com excelentes estrategistas nesse sentido para que a maldade calculada não invalide os planos socorristas do amor.

— Posso perguntar? - pediu um cooperador do Triângulo Mineiro.

— Temos ainda alguns minutos para mais duas perguntas.

— Já ouvi falar desse Hospital através de Chico Xavier em 1980, mas não imaginava a grandeza desta obra. Gostaria de saber quantos internos tem o hospital e se todos são espíritos.

— Cada braço (ou pavilhão) alberga aproximadamente dois mil leitos, totalizando um fluxo de dez mil internações rotativas nos cinco pavilhões. Além disso, temos os casos do subsolo que chegam, em tempos de lotação, a quase cinco mil histórias diferentes,

que nem sempre resultam em internações. O Hospital Esperança, após setenta anos de atividade tornou-se uma referência mundial de posto avançado de socorro na erraticidade. As comunidades de todo o orbe, orientem-se ou não pela mensagem de Jesus, contam com seus ofícios. Hoje, temos milhares de leitos indiretos distribuídos em enfermarias e núcleos improvisados, junto a inúmeras entidades de amor na Terra, sob orientação e amparo desta casa. Muitos centros espíritas fazem parte deste conglomerado de auxílio e recuperação, conquanto tenhamos, nesse campo, variadas organizações cristãs de outras designações em atividade exemplar. Cada pavilhão atende a necessidades específicas e procuramos agrupar os pacientes por afinidade de pensamentos e necessidades. Isso nos facilita, a princípio, os atendimentos. Há pavilhões de evangélicos, católicos e assim por diante. Assim como temos este pavilhão Judas Iscariotes, designado a líderes cristãos, especialmente espíritas, temos setores próprios para os umbandistas e mais algumas denominações cristãs.

— Por que vim parar aqui? - perguntou por fim Selena à queima-roupa, dando a entender que divagava em profundas reflexões de ordem pessoal. Pela minha idade, quando no corpo, o Hospital nem tinha sido fundado ou estava em seus primórdios. Portanto, ficarei sabendo de onde vim realmente? São programadas reencarnações aqui no Hospital?

— Embora não seja um serviço de prioridade do Hospital, cerca de mil e quinhentas reencarnações já foram projetadas e executadas integralmente em setor apropriado; isso sem contar os milhares de casos nos quais houve a participação no encaminhamento para outros núcleos especializados em renascimento carnal. Todos vocês, que já tiveram prévia seleção por parte de técnicos para conhecerem as informações pertinentes às suas necessidades atuais, em tempo oportuno, terão acesso livre às suas fichas reencarnatórias. Em nossa biblioteca, existe uma repartição destinada a essa finalidade. Será nesse local, Selena, que obterá muitas respostas para velhas perguntas feitas no silêncio da alma. O Hospital Esperança, pode-se afirmar, é um grande pronto-socorro e um centro preparatório para casos específicos de seguidores da mensagem Cristã.

— Posso fazer uma última pergunta, professor? -indagou Marcondes.

— Que seja a última para cumprirmos nosso horário.

— Que razões haveria para um pavilhão somente de líderes cristãos como este no qual estamos incursos?

— O pavilhão dos dirigentes é uma das tarefas mais exigentes de toda essa obra de amor. A necessidade dos líderes cristãos exigiu maior quota de serviços especializados, estabelecendo atividades singulares. Somos os intérpretes da mensagem cristã, quem mais a entende pelo raciocínio, ao tempo em que somos os que a menos sentimos no pulsar das atitudes. Essa condição determinou nosologias muito diferenciadas para quantos se inspiram nas palavras do Cristo. De fato, nossa história reflete um trajeto particular, de um grupo espiritual com caracteres psíquicos pertencentes a certas classes de exilados de capela. Assunto complexo que, oportunamente, será motivo de estudos para cada um, conforme suas aspirações. A rigor, nós, os líderes cristãos de qualquer denominação religiosa, somos espíritos com complexas necessidades no campo do sentimento. Amamos a mensagem cristã, ela nos toca profundamente, todavia somos ainda dominados por velhas artimanhas da vida mental, cujos registros se perdem na noite dos tempos...

O professor interrompeu a atividade pontualmente no horário previsto. Orou em agradecimento e saiu ligeiramente para outros afazeres, deixando em todos os presentes o desejo incontido de indagar e conhecer outras nuances. Na condição de educador, ele sabia que essa curiosidade seria extremamente benfazeja aos dias vindouros daquele grupo de aprendizes. O resultado pôde ser percebido imediatamente, pois todos permaneceram no recinto trocando impressões entre si sobre o que cada um sabia além daquilo que fora exposto.

19

Ala Restrita

“Levantar-se-ão falsos Cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas de espantar; a ponto de seduzirem os próprios escolhidos”

O evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XXI, item 5.

Em tempo comparativo ao da Terra, Marcondes e Selena viveram todas as experiências narradas até agora, em menos de sessenta dias. Aprenderam sobre a vida espiritual em algumas semanas mais que durante toda a vida física. Guardando espontânea alegria na convivência com seus orientadores, não apresentavam ainda as mesmas disposições com seus colegas de ala. Apesar de polidos, seus diálogos ainda eram superficiais e nutriam repugnância pelos internos, fato que tentavam ocultar como se estivessem em local inadequado. Procuravam quem lhes compartilhasse os pontos de vista como de costume. O dirigente de Goiás e a líder mineira ainda traziam arrogância e impetuosidade, maledicência e competição em sua conduta - joio mental cultivado em décadas de descuido nos serviços doutrinários, sob as ilusões do orgulho, que refletiam milênios de perdição.

Conquanto as imperfeições, nossos amigos iniciaram o doloroso processo de desilusão e busca da realidade. Marcondes começou a avaliar a extensão de sua conduta arrogante em sua existência recém-finda. Selena passou a interligar a dor da "depressão suportável", com suas atitudes controladoras. Ampliaram-se os horizontes mentais. Novos sentimentos brotaram quais fossem flores que desejassem embelezar a criação.

O tesouro mais valioso que uma alma pode ter depois da morte é saber mensurar os reflexos de suas atitudes na intimidade. Nossos irmãos são exemplos dos trabalhadores da *última hora* que realizaram a contento. Entretanto, por descuidos pertinentes à caminhada eivada de lutas a vencer, ambos renderam-se ao teste da negligência.

A bondade que semearam lhes subtraiu as dores da queda consciencial. As intenções que cultivaram livraram-lhes dos grilhões do inferno. Para o servidor de Jesus, semelhantes vitórias são as expressões claras do dever a cumprir. O Senhor da Vinha, entretanto, propôs-nos um contributo para além da obrigação. *"Quem pedir o vestido, dê igualmente a capa, aquele que quiser mil milhas, ande duas mil, o que te bater uma face, oferece-lhe a outra."*³⁴ Além da obrigação, espera-nos o sacrifício. Além da justiça, espera-nos o amor.

Nenhum bem espalhado deixa de abençoar-nos o caminho. Somente o amor aplicado apazigua a alma nas sendas do aperfeiçoamento, iluminando por dentro a criatura. Servir, servir e servir. Trabalhar sem cessar. Essas são as indicativas seguras de equilíbrio, libertação e paz após a morte.

Marcondes e Selenia colheram os louros da merecida oportunidade de amparo e orientação. Seus corações, no entanto, sangravam de angústia por experimentarem o mais lastimável efeito da negligência, isto é, a sensação de tempo perdido ou mal aproveitado. As primeiras decepções narradas até agora constituíam uma demonstração tácita de que a vida nos devolve, a nós mesmos, depois da morte física.

Que o trabalhador de Jesus repense seus caminhos, seus hábitos e suas propostas de vida. Grande desafio de desapego e disciplina apresenta-se a quem deseja seguir o Mestre.

Não basta evitar o mal do qual somente agora começamos a nos desvincular. Imprescindível ir além e criar todo o bem possível na caminhada. Como instaurar semelhante conduta sem rever nossa parcela pessoal de participação na obra do Cristo?

Após esse período de adaptação, nossos dois personagens começaram uma nova empreitada moral. Mais amplos vôos de espiritualização os aguardavam no serviço redentor. Os diálogos instrutivos com os servidores do Hospital, acrescidos dos contatos profícuos com diversos internos nas alas em que se encontravam - espíritas e cristãos de diversos matizes - acresceu-lhes enorme soma de perspectivas.

³⁴ Mateus, 5:39 e 40.

Ficava claro: erraticidade é o tempo da colheita. Após a semeadura da vida corporal, hora de aferir a realidade das escolhas. O retorno de Selena ao ambiente de tarefas doutrinárias e a cirurgia de Marcondes atestavam o irretocável resultado de suas atitudes durante a reencarnação. Ambos estavam carentes da misericórdia celestial.

Chegava o instante de aprofundar em seus dramas, ampliar a visão sobre os efeitos de sua trajetória naqueles que lhes partilharam a senda.

Para prevenir maiores dores, a didática do amor prescreve o trabalho edificante como medida insubstituível. Nossos amigos foram convidados a conhecer de perto os seguidores de Jesus, atolados em desvios lamentáveis. Ante a tormenta alheia, dimensionariam com mais exatidão suas próprias realizações. Conhecendo os casos graves de arrependimento tardio, perceberiam mais vastos horizontes acerca da caminhada humana no aprimoramento incessante de si mesmos.

Selena foi convidada a passar algumas semanas fora do Hospital Esperança em magnífico núcleo educativo coordenado por Odilon Fernandes.⁽²⁾ Local onde reveria seu tema desprezado, a mediunidade com Jesus.

Marcondes, por sua vez, transferiu estada para outras alas do pavilhão Judas Iscariotes. Atendendo ao pedido de Eurípedes, ficaria integralmente aos cuidados de Dona Modesta e Doutor Inácio, na condição de auxiliar direto de ambos.

— Satisfeito na nova casa? - indagou, irônico, o Doutor Inácio.

— Satisfeito, nem tanto. Diria que me sinto em casa.

— Você terá razões de sobra para ficar satisfeito, pode estar certo!

— Quando começarei as visitas? Terei que fazer algum curso?

— Começará já. O curso serão as visitas. Começaremos visitando Jandira, no subsolo.

— Dona Modesta não virá conosco?

— Modesta está muito ocupada no momento. Vamos! Marcondes estava alojado no andar térreo, onde se situava a administração geral daquele pavilhão. Dirigiram-se para o elevador, desce-

ram ao andar *subsolo 01*, local somente permitido com autorização de responsáveis devido à gravidade dos casos. Passando pelos postos de enfermagem fraterna, Doutor Inácio e o auxiliar eram saudados com alegria. Os corredores possuíam luz mais fraca. Chegando à ala de destino, uma placa acima da porta dizia ala restrita. Vinte quartos, sendo dez de cada lado, e uma enfermaria coletiva ao fim do corredor. Alguns pacientes transitavam mudos, com olhares esgazeados. Muitos enfermeiros, em plena tarefa, passavam pelos dois com pacientes em maças. Ouviam-se gritos estridentes em alguns quartos. Marcondes revela-se tenso.

— Assustado, Marcondes?

— Nunca gostei muito de hospital psiquiátrico.

— Não é hospital psiquiátrico. É uma ala de recuperação mental.

— E qual a diferença?

— Passei a vida dentro de um hospital psiquiátrico e jamais presenciei um índice de recuperação como ocorre aqui.

— Devido ao método?

— Sem dúvida! Nisso reside a diferença.

— Que método é empregado?

— Amortterapia.

Os dois andavam, até que foram abordados por uma mulher de baixa estatura. Bem penteada e com olhar fixo, aproximou-se de Marcondes com os braços cruzados. Vez por outra, levava o indicador nos lábios como se espalhasse uma substância e novamente cruzava os braços. Chegando perto, disse:

— Eu sei o seu nome.

— É mesmo?! - falou Marcondes em tom de piedade pela condição da doente.

— Converse com ela! - estimulou Doutor Inácio.

— Qual o seu nome?

— Jandira. Jandira Alves de Assumpção. Muito prazer, Senhor Marcondes de Faria.

— Como ela sabe meu nome, doutor?

— Pergunte a ela - respondeu o médico.

— Você me conhece de algum lugar, Jandira?

— Conheço o tempo universal e o espaço que o separa.

— Creio não ter entendido! - exclamou o dirigente um tanto constrangido.

— Marcondes - interrompeu Doutor Inácio - fique com ela por alguns minutos. Estarei logo ali - e apontou o posto próximo.

— Venha ao meu quarto. Vou lhe contar umas histórias - convidou Jandira.

— Posso, doutor? - solicitou o visitante.

— Vá com ela. Não tenha receios.

O quarto de Jandira era o de número seis. A porta aberta era indício de que estava em bom dia. A ala confinava doentes em condições severas, e nem todos poderiam ter toda a liberdade desejável. Olhando pela porta para averiguar se ninguém ouviria a conversa, expressou aos sussurros:

— Eu leio pensamentos e preciso adverti-lo sobre o que acontece neste lugar.

— Pode falar!

— Estive presa nas furnas e descobri coisas absurdas. Bezerra de Menezes e a tal Dona Modesta estão presos lá. Eles são emissários da ilusão. Esses que aparecem aqui, neste Hospital, são falsos. São clones - falou Jandira com ansiedade e um misto de medo em ser ouvida. Este lugar é uma réplica da mistificação. Estamos todos sendo enganados pelo demônio. Na verdade, também fui espírita e descobri coisas fantásticas.

— Sim, fale sobre essas coisas absurdas. Estou curioso - manifestou Marcondes com evidente interesse.

— O Espiritismo é uma farsa. Fomos enganados.

— Que é isso?! - debochou o dirigente.

— Veja pelo senhor - e agarrou os braços de Marcondes - se não tinha dúvidas sobre a existência dos espíritos e da mediunidade. Aposto como se arrependeu depois da morte de deixar de fazer muitas coisas que de gostaria!...

— Não! A senhora está enganada.

— Então por que não acreditou nas comunicações de seus médiuns?

— Como a senhora sabe disso?

— Está na sua mente. Não adianta esconder, eu posso ler. Se o senhor acreditasse em problemas depois da morte, teria uma amante?

— A senhora está sendo inconveniente. Vamos parar com isso. Com licença, tenho que chamar o Doutor Inácio.

— Não! Essa é a sua hora da verdade - Jandira correu para a porta e a trancou.

— Abra essa porta, com licença - pediu Marcondes assustado.

— O senhor não vai sair enquanto não me ouvir. Ouvir a verdade!

— O que a senhora quer de mim. Que verdade é essa?

— Salvá-lo da farsa. Estamos sendo enganados. Eurípedes é o conselheiro de Lúcifer, que transfigurou e criou este lugar para nos escravizar. Quando nossa cabeça estiver boa, eles vão nos dar serviços escusos junto aos homens na Terra.

— Perdoe-me, mas a senhora está louca.

— É isso que querem que pensemos. Por que o senhor acha que veio a esta ala? Pode estar certo de que existe um quarto para o senhor aqui. Eu fui escolhida para ser uma mensageira infiltrada. Aqui fico sabendo de tudo. Sei, por exemplo, sobre o caso amoroso de sua esposa e posso lhe dizer o que quiser.

— Como soube disso? - interrogou com visível curiosidade.

— Sei tudo. Tenho poder. Quer saber?

— Saber?!

— Quem era o homem traidor... - dessa vez foi Marcondes quem olhou para os lados a fim de averiguar se ninguém ouvia.

— Fale-me o que sabe.

— Foi José, seu amigo de doutrina.

— Meu Deus! Eu desconfiava! - expressou-se completamente envolvido e surpreso.

— Ele sabia de seu caso com Eulália e pensou que você não tinha mais interesse pela esposa, então se aproximou e...

— Jandira, abra a porta, tenho que sair. Se você não abrir, eu vou pegar a chave em sua mão.

— Nem tente! Eu conheci o monstro da mentira de perto. Domino técnicas. Ele é horrível! Parece coberto de lodo e fede a enxofre. E enorme e assustador. Sou agora sua escrava, porém, que-

ro formar uma equipe para fugirmos deste lugar e... Preciso destruir o centro espírita que fundei. Ajude-me!

— Jandira! Jandira! - entrou Doutor Inácio no quarto com a chave sobressalente-, contando mentiras novamente?!

— Não, doutor! Nada disso! Não é Senhor Marcondes?! - falou a paciente, pedindo a anuência com uma fisionomia intimidadora.

— Vamos, Marcondes! Continuemos a visita - intimou o médico.

— Até logo, Jandira - despediu o dirigente.

— Estarei esperando você para... Você sabe! - ainda arrematou a paciente.

Ao sair do quarto, Marcondes parecia outro. A psicossfera da paciente afetou-lhe sobremodo.

— Doutor Inácio, eu estou mal!

— Vamos ao posto.

— Não sei se vou agüentar.

— Venha, vou lhe ajudar - e deu-lhe o braço. Assentando-o perguntou:

— Que houve, Marcondes?

— Parece que não tenho controle sobre meus pensamentos. Recordo-me de médiuns que passaram pelas minhas tarefas e um forte sentimento de culpa... Estranho! Muito Estranho! Estou com raiva de minha esposa e...

— Fale de suas sensações.

— Parece que estou sendo sufocado por algo. Aquela mulher falou de um monstro, e é como se visse uma enorme serpente com pernas humanas olhando para mim, na minha frente. O que está acontecendo, doutor? Está tão forte que a escuto dizendo-me algo.

— O que ela diz?

— Sou a rainha da verdade! Sou a rainha da verdade!

Estou perdendo os sentidos, eu... - Marcondes perdeu os sentidos por completo.

Somente após uma hora, ele retomou a consciência. A visitaçõ foi interrompida e ele regressou ao quarto com recomendação de não permitir as cenas mentais.

Na manhã do dia seguinte, Doutor Inácio foi chamado ao quarto de Marcondes. Ele recusava alimento e não queria levantar-se.

— Que sente, Marcondes?

— Revolta. Muita revolta. Por que será? Estou irritadíssimo... Não dormi bem.

— O que lhe aconteceu ao longo da noite?

— Não sei o que aconteceu. Acordei revoltado.

— Revolta em relação a quê?

— Depois que conversei com aquela mulher...

— O que ocorreu?

— Passei a ter uma revolta de ser espírita.

— Ou de ser quem é?

— Talvez isso! Só sei que um desgosto terrível apossou-se de minha alma, como por encanto. Serão as vibrações dela? Talvez esteja ouvindo o que não gostaria!

— ?...- Doutor Inácio levantou os ombros em gesto de dúvida.

— Sinto-me como um verme, doutor.

— É o ruir das máscaras, Marcondes.

— Tenho revolta inclusive de acreditar... - falou com rancor.

— Acreditar?...

— Acreditar que valeu a pena ser espírita. Por que isso não me deu o sossego, a paz?

— É o lado oculto que surge.

— Onde a misericórdia tão pregada nesta casa?

— O Pai ama a todos indistintamente. Apesar disso, veja a Terra como se encontra. Dor, cansaço, doença... E da Lei que sejamos amparados incondicionalmente, todavia a mesma Lei também estipula que respondamos por aquilo que já temos condições. Se a misericórdia fosse suprir a responsabilidade, ela seria conivência com nossos erros e um "furo" na evolução.

— Não vou dar conta.

— Diante de sua revolta, qual atitude você tomaria agora se tivesse liberdade de opção.

— Parar com a vida. Sair daqui correndo para um lugar que não sei onde é... Desistir. Vontade de não existir.

— Desistir?!

— Desistir de viver.
— Fale mais! Fale das pessoas!
— Gostaria, por exemplo, que o senhor não existisse. Que esse Hospital nunca fosse criado. Gostaria de chamar Jesus Cristo e dar-lhe uma bofetada sem piedade. Se pudesse, eu o pregaria na cruz com muito ódio. Fiz muito e, de repente, a sensação que me assalta é de perda de tempo. Incompetência. Parece-me que nada valeu ou vale a pena. Será que...

— Quê?...

— Será que estou deprimido? Por que estou assim, doutor? Quanta surpresa e sofrimento ainda me esperam?

— Você está perdendo o piso meu caro.

— Piso?...

— São as convicções que colocamos como ponto de apoio da vida terrena. As bóias psicológicas de segurança estão afundando. Emergem os medos, as dúvidas, as questões emocionais não solucionadas e que foram soterradas sob o peso das mentiras que escolhemos para serem as nossas verdades.

— Estarei revoltado comigo, portanto?

— A revolta é o estágio em que estacionam os arrogantes quando percebem serem impotentes.

— Como?

— Por trás da arrogância, na maioria dos casos, esconde-se um revoltado. Alguém que não aceitou os alvitre da realidade. Para não tombar na depressão, assume a prepotência e a insanidade da insolência.

— No fundo, minha revolta tem um pouco de medo. Encontro-me muito inseguro e chego a pensar se morri mesmo, ou se tudo que me acontece aqui é uma hipnose...

— Muitos passam esse drama mental. Eu mesmo já experimentei semelhante loucura passageira nesta casa. E, vez por outra, ainda tenho alguns lapsos ocasionais...

— O senhor também é bastante arrogante, não é, doutor?

— Sou um arrogante que não minto mais para mim. Um arrogante autêntico e leal comigo mesmo. Há uma boa diferença entre nós nesse sentido.

— O senhor quer dizer que ainda sou um arrogante iludido...

— Como ambos somos arrogantes, não custa confirmar sua tese...

— E qual definição teria para meu tipo de arrogância?

— O arrogante é alguém que acredita nas ilusões de supervalorização de si mesmo. Quanto a você, defina-se por si.

— Minha arrogância deixa-me inseguro, compreende?

— Ao contrário, Marcondes, somos arrogantes por sentirmos inseguros, temerosos e fracos. Diga-me algo que nesse instante lhe traria segurança.

— Estou tomado por um receio de ferir a pureza doutrinária. De estar aceitando algo contra o Espiritismo. Chega a passar pela minha mente que estou sendo vítima de uma "mistificação perfeita" neste lugar... Acreditei no que a Jandira falou...

— É assim mesmo, Marcondes. Esse é o reflexo inevitável das sementes que cultivamos no canteiro da vida mental, enquanto no corpo. Em meu caso, foi bem pior. Já desencarnado, sonhei durante anos com o cigarro. Tinha sonhos em que colocava os pés sobre minha mesa no sanatório e baforava prazerosamente. Era um cigarro enorme e, quando recobrava a lucidez do sono, era tomado por uma crise terrível de irritação e chegava a alucinar. Nessas crises, perdia a crença em tudo.

— Se essa é a verdade, por qual razão nós espíritas fomos enganados. Por que André Luiz não deu mais detalhes? Por que Emanuel não escreveu sobre os fracassos dos espíritas após a morte?

— Pare de cobrar dos outros, meu amigo, e olhe para você mesmo. Parece que esqueceu tudo que aprendeu nas últimas semanas.

— Gostaria mesmo de esquecer tudo que vi e ouvi por aqui. Se puder, quero voltar para a pureza doutrinária. Sinto-me muito ameaçado com o que constato neste plano.

— Então, só há uma solução...

— Qual?

— Volte para a matéria e recomece.

— Nem pensar. Quero distância da carne por agora. Será que não tem alguém aqui no Hospital como eu? Alguém que sinta saudades do que é o verdadeiro Espiritismo, das tarefas?

— Marcondes, para sua decepção, o que você está vivendo é a realidade. Você já sabe disso.

— Não aceito.

— Então se deprima! Essa é a saída para quem se revolta com a Verdade.

— Só desejaria a pureza do Espiritismo. Por que tem que ser diferente neste plano.

— Engano seu. Os homens no plano físico é que criaram idéias desconexas com a verdade.

— Mas não há ninguém que cultive a pureza aqui?

— Sim, existe. E você os conhecerá a seu tempo. Contudo, fique sabendo, amigo, que poucas foram as vezes que essa expressão foi usada em favor da lúdima preservação dos princípios doutrinários. Em razão de nossas lutas morais, a aplicação verdadeira desse termo é a de endossar o limite da verdade que conseguimos entender e assimilar. Passou disso, é perturbação. Os espíritos que a tentam manter nesta casa terminam desesperados e levados a alas restritas com crises lastimáveis de confusão mental.

— Jandira falou que viu Bezerra e Maria Modesta aprisionados nas furnas...

— E viu mesmo!

— Como pode?

— São clones. Embora ela defenda que os clones são os que estão aqui conosco. Inclusive existem centros espíritos totalmente tomados por eles através de mistificação mediúnica. Outros são ludibriados por criaturas como Jandira sob hipnose e exploração de adversários. Em alguns lugares -pasmе! - espíritos como ela, são recebidos como mentores. Os médiuns acreditam facilmente em suas teorias. Como tem enorme conhecimento da doutrina, ela ludibria com mestria as mentes incautas.

— Com que intuito?

— Os adversários sagazes da causa têm plena consciência da impossibilidade de exterminarem os centros. O propósito é apenas retardar e incensar a morosidade, a preguiça. Inúmeras agremiações encontram-se totalmente tomadas por esse gênero de obsessão coletiva e inteligente.

— Qual a historia dessa mulher, meu Deus?!

— Jandira tem uma história complicada. Tudo começou com uma mentira. Auxiliada e orientada em uma casa espírita, começou a freqüentá-la. Em pouco tempo, foi orientada mediunicamente sobre uma missão de fundar um centro espírita. Assim o fez com muita luta. Depois de anos em atividade, sucumbiu ao peso de terrível obsessão que a levou ao suicídio. Ninguém descobriu tratar-se de um suicídio. Jogou o próprio veículo em um declive acentuado. Todos supuseram um acidente. Prisioneira das furnas da mentira, padeceu anos em explorações diversas, formando um quadro psicótico grave.

— Estava sendo usada para prejudicar o centro?

— Os amigos encarnados a tomaram como benfeitora em razão de haver fundado o centro. Pela mente, chamavam-na e a veneravam. Ninguém, porém, conhecia-lhe os dramas íntimos e menos ainda a trajetória de responsabilidades imputadas a quem não tinha condições de exercê-las com equilíbrio. Grandes responsabilidades em ombros frágeis. Essa é uma velha técnica para desmoralização pública da doutrina. Após o desencarne, ela era portadora de propósitos sinistros para derrocada total do centro. Caso conseguisse, seria promovida na hierarquia das sombras.

— Santo Pai! E quem a resgatou?

— Dona Modesta, a pedido de Eurípedes. Ela foi resgatada dentro do próprio centro espírita que fundou, em uma noite de descuido dos seus manipuladores das sombras.

— Por que Eurípedes se interessaria por uma pessoa assim, falida como espírita?

— Porque a misericórdia tem como mãe a compaixão. Jandira é um exemplo do lírio no charco. Um enorme potencial usado pelas furnas do mal. Essa alma traz sobre os ombros o peso de ser um expoente da história da França revolucionária. Uma caluniadora dos Girondinos. Jandira, quando resgatada, já "governava" três casas espíritas com suas mentiras, sob jugo de uma das mais doentias falanges da maldade na erraticidade, o *vale da mentir a...*

— E agora, como ficou o centro que a venerava? Sem mentor?

— Jandira era usada pelas sombras. Embora fossem autênticas suas comunicações através dos médiuns da casa, ela articulou, sob

hipnose, uma tremenda armadilha com idéias e orientações inteligentes, todavia infundadas. Agora que se retirou e depois de feita uma limpeza na área, as coisas vão se encaixando.

— Limpeza na área?...

— É o termo que usamos quando nos referimos à remoção das causas da obsessão.

— Conseguiram então retirar os espíritos que a usavam e também ao grupo. É isso?

— Conseguimos remover os mantenedores da situação no plano físico.

— Quer dizer que o problema vinha de lá para cá?

— Quase sempre é assim. Os adversários dão o empurrão inicial e a ribanceira corre por conta dos encarnados.

— E como vocês resolveram essa história?

— Separando pessoas.

— Como? Separando pessoas!...

— Não sabia que, em alguns casos, torna-se a única solução?

— Jamais imaginei mentores separando pessoas. A proposta espírita é de união.

— Contudo, diante desse quadro delicado, em muitos casos, somos constrangidos a usar de acordos com as sombras. Quando essas posturas fascinadoras colocam em risco o progresso da maioria, optamos pelo mal menor através da diplomacia no encaminhamento da ocorrência.

— E nesses acordos...

— Nesses "negócios", entre outras medidas, inclui o afastamento de pessoas nas mais diversas posturas. Cada caso é um caso.

— Doutor Inácio! Minha cabeça vai explodir. Creio que desencarnei fora do tempo. Não pode ser! Não pode ser, meu Deus! É assim que as coisas são por aqui? Ai!... Preciso de fôlego. Quanto mais sei sobre vida espiritual, mais me sinto falido, incompetente e vazio. Já que o senhor me mentoreia, responda-me, pelo amor de Deus, será que valeu a pena ser espírita, volto a indagar?

— É a trajetória de todos nós quando não fizemos tanto quanto podíamos. A propósito, você me chamou de mentor?

— Foi o que disse, doutor. Não venha me dizer que...

— Digo, sim! Não se lembra de uma conversa que já tivemos? Aquela do "bom capeta"?...

— Lembro-me.

— Pois então! Chame-me do que quiser. Menos de mentor. Mentor neste Hospital é Jesus Cristo.

— Doutor, como ela sabe tanto a meu respeito? -referiu-se à Jandira.

— Jandira é médium dotada de forças excepcionais. Os gênios da perversidade sabiam disso. Como ela tinha fortes laços com a conduta da mentira, foi enganada durante quase toda a sua existência carnal. Por conta dessa criatura, uma nação inteira sofreu com suas mentiras, vindo ao suicídio pela primeira vez no século XVI, na corte francesa.

— E quanto ao que ela me disse?

— Sobre?!

— O Hospital... A farsa do espiritismo e...

— E...

— Sobre minha esposa!

— Sabia que perguntaria.

— É verdade, doutor?

— Um paradoxo, Marcondes! De uma boca tão mentirosa, Deus faz luzir alguma verdade.

— Então é verdade?

— Em parte.

— Esse é outro motivo de minha revolta - falou Marcondes, socando a cama com irritação. O senhor acredita que estou sentindo ciúmes por atraso?! Já que não tinha certeza quando na carne, agora sinto saudades, ciúmes e revolta. Muita revolta.

— Pois saiba que não ocorreu o que pensa. José, realmente, tentou de toda forma, porém sua amada esposa, Josefa, manteve-se firme no posto do dever.

— Ainda assim, sinto revolta...

— O teatro acabou, amigo!

— Teatro?...

— A vida terrena tem sido um palco para a grande maioria das pessoas. Representam uns para os outros, escondendo aquilo que sentem e fazem.

— O senhor está me chamando de...

— Tolo! Sim, é isso mesmo! Somos tolos demais. Que definição melhor pode receber quem diz acreditar em uma vida após a morte e fica teatralizando a reencarnação? Mesmo que Josefa o houvesse traído, que autoridade para exigir tributos de honra teria você, mantendo um caso com Eulália?

— ! - Marcondes calou-se envergonhado.

— Sinto muito pela franqueza, mas não dá para brincar com esse assunto.

— Prefiro vê-lo brincando!

— Eu também me prefiro assim. Digamos que hoje estou tão deprimido quanto você.

— Começou a brincar!

— Estou falando sério. Tenho também minhas crises. Para sua desgraça, estamos os dois na tristeza neste dia. O melhor que fazemos é orar e respirar um ar nos jardins. Levante dessa cama e vamos sair daqui, antes que nos internem os dois nas alas restritas.

Marcondes levantou-se do leito, trocou as vestes, fez asseio e saíram, ele e Doutor Inácio. Nos jardins do Hospital, o movimento era grande naquela manhã. O astro-rei tinha seus raios focados na sublime obra de Barsanulfo. Após atravessar algumas quadras, os dois amigos pararam na praça dos lírios, local preferido por Eurípedes. Uma bela praça arborizada e limpa. Assentaram-se em bancos confortáveis e reiniciaram o diálogo:

— Quando venho aqui, sempre tenho saudades da Terra e fico pensando que devia ter perdido mais tempo por lá.

— Pois de mim, só posso dizer o contrário. O senhor trabalhou muito, Doutor Inácio?

— A vida inteira! Cuidando de loucos, acho que enlouqueci e não percebi. Acabei sendo útil, mesmo doente.

— Confesso que às vezes tenho uma tremenda raiva de suas colocações, mas tenho que lhe confessar que nunca ninguém conseguiu entrar tão profundamente em minha alma. Sou-lhe grato, amigo! - e pegou as mãos de Doutor Inácio em gesto de agradecimento.

— Esteja certo de que ainda pretendo lhe causar muita raiva!

— Vejo que os jardins nos fizeram bem.

— Sempre fazem, sempre fazem! O espírito de Eurípedes, e por que não dizer, de Jesus, está nesta praça. Vê esse flamboyant?

— Sim.

— Abrace-o e pense em Jesus.

Marcondes seguiu instintivamente a ordem. Abraçou a árvore e fechou os olhos. Uma doce paz invadiu-lhe o coração.

— Que sente homem?

— A revolta passou! Sumiu por encantamento. Estou leve. Calmo. Pela primeira vez, sinto-me assim depois do desencarne.

— Então está pronto para ouvir! Jandira disse a verdade. Ela foi aprisionada no *vale da mentira* e viu o "monstro".

— Existe esse lugar?

— Existe também o "monstro" a que se referiu.

— Aquela mesma imagem que vi?

— Bem parecida! A falange da mentira cresce assustadoramente, na humanidade, os seus tentáculos de domínio e manipulação. Hoje, a grande tática dessa falange é contar a verdade. Já que a vida de todos nós, em algum aspecto, tornou-se uma mentira, contar a verdade significa estarrecer e derrotar. Além disso, o foco dessa falange é a descrença.

— O senhor sabia que ela me diria aquelas coisas, por isso me deixou lá?!

— Sabia que ela lhe diria algo.

— Por que não disse o senhor mesmo?

— Porque Deus tem mecanismos mais sábios que minha impulsividade. Pela boca de Jandira, muitas verdades necessárias

são ditas a seu modo. Mesmo no torvelinho da insanidade, surgem raios de lucidez que expressam a sabedoria do Pai em sua obra magnânima. Veja que você já não é mais o mesmo depois desse contato. Quem diria que uma paciente psiquiátrica seria médium de suas necessidades?

— É verdade! Magnífico!

— Um médium equilibrado lhe diria o mesmo. Naturalmente, de outra maneira.

— E não teria um desses para me orientar?

— Temos, mas estão muito ocupados para isso. Portanto, nada mais justo que buscar os que precisam. Jandira precisa muito de alguém para passear nos jardins, conversar e que leia o Evangelho para ela.

— Eu...

— Sim, você poderia. A pergunta é: você quer?

— Tenho medo.

— Ótimo! É um sinal de responsabilidade, pelo menos nesse caso. Você começa hoje mesmo, à tarde.

— Assim! Já?

— Estamos aguardando alguém para isso há tempos. Jandira está aqui há quase um ano e tem sido muito bem assistida. Todavia, se lhe dermos tempo, atenção...

— Está bem. Conte comigo! A propósito, doutor, apenas uma pergunta: terei que ir buscá-la naquela ala?

— Está com medo?

— Foi traumático para mim. Nunca pensei que havia uma casa do Cristo desse jeito.

— Arrumarei alguém para trazê-la até aqui.

— Estou muito disposto!

— Excelente. Senti sua sinceridade. Só espero que não vire Pinóquio!

— Pinóquio?!

— Espero que não passe a adorar as mentiras de Jandira.

— Que bom vê-lo assim, doutor! Está se sentindo melhor?

— Quem é o doutor aqui sou eu. Pare de perguntar e vamos ao labor. Você vai visitar Jandira e diga que acredita em tudo... De-

pois, no iniciar da noite, procure o professor no segundo andar. Ele o espera com outras lições. Felicita-me vê-lo com novo humor, contudo, mantenha vigilância sobre suas emoções.

— Está bem, doutor. Farei isso.

⁽¹⁾ Mateus, 5:39 e 40.

⁽²⁾ Odilon Fernandes foi um trabalhador exemplar na cidade de Uberaba, Minas Gerais. A entidade sob sua supervisão na vida espiritual chama-se "Liceu da Mediunidade".

20

Segundo andar

Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo"

Mateus, 20:26

Naquele mesmo dia, às dezoito horas, o ex-dirigente goiano chegou ao segundo andar. Era uma enfermaria coletiva. Tudo traduzia ordem. O professor já esperava Marcondes e o saudou:

— Há quantos dias não vejo o amigo bondoso!

— Lembrei-me muito do senhor, professor. Realmente há semanas que não o vejo. Incrível o tamanho deste Hospital!

— Nem tão grande assim é o Hospital e sim o trabalho. Venha, vamos a minha sala. Conversaremos um pouco.

Acomodados, iniciaram um debate esclarecedor sobre as enfermarias do segundo andar.

— Aqui, encontramos, em sua maioria, quadros de arrependimento tardio.

— Consciência cobrando os atos?

— Nem sempre, Marcondes. Dialogando com nossos irmãos, perceberá que a queixa generalizada refere-se ao que deixaram de fazer.

— Arrependidos pelo que não fizeram?

— Exatamente. Em outras palavras, negligentes.

— Então vejo que mais uma vez encontro-me onde preciso.

— Todos nos encontramos aqui por necessidade, meu filho, e não por méritos. O caminho para a frustração começa na aceitação gradual da negligência. É um processo psicológico, estimulado na mente, do trabalhador do bem, que excede nas concessões em benefício próprio. Através da alegação de necessidades pessoais, relaxa na conduta em excessiva ocupação consigo, tornando-se um esbanjador dos recursos celestes do tempo e das regalias materiais. Raros sabem utilizar tais beneplácitos como oportunidades para trabalhar e servir, aprender e amar com mais intensidade. Faremos uma visita educativa no intuito de que avalie essa senda sutil do aprendizado humano.

— Por que a existência de quartos separados?

— O que delimita a divisão entre as alas é o desejo constante de cooperar. A grande maioria, neste local, fala em méritos pessoais e quer ser servido. Alguns chegam ao despautério de fazerem cobranças, então são convidados ao quarto próprio... Querem mordomias, vão tê-las... Depois de alguns dias, estão deprimidos e são transferidos para o setor competente.

— Interessante!

— Lamentável, eu diria, pois recebem tudo, e, no entanto, a grande maioria não perdeu a mania de mandar e exigir.

— São todos espíritas?

— A maioria. Temos alguns protestantes e outros líderes cristãos. Sem dúvida, os espíritas dão mais trabalho.

— Doutor Inácio pediu para procurá-lo. Alguma razão especial?

— Antes de incursões mais amplas, gostaria de deixar claro uma informação que poderá ser útil. Visitaremos uma ala cujos pacientes recuperam-se muito lentamente de dramas bem recentes. São dirigentes com fortes crises de depressão, incursos, alguns deles, em estados psicóticos. No geral, são doentes mentais graves sob controle de medicações e terapias muito específicas.

— E por que não ficam nas alas restritas do subsolo?

— São histórias mais brandas. Muitos, aliás, já passaram por lá e continuam a tratar-se nesse andar.

— Nesses casos, a psicose ocorre depois da morte ou já havia se expressado quando ainda no corpo físico?

— São psicoses tardias, ou seja, já se encontravam em estado latente, vindo a ser ativadas a partir das experiências infelizes, vividas nas regiões inferiores nas quais estagiaram por longo período. Todos foram resgatados em penosas condições mentais e agora, após pouco mais de um ano de tratamento, apresentam-se mais bem-humorados e dispostos à conversa.

— Terão facilidades em falar de seus dramas?

— É o que mais necessitam neste momento, com o objetivo de desabafarem. Costumam repetir a mesma história quantas vezes puderem. Você poderá perguntar à vontade.

— Foram todos dirigentes?

— Não. Foram líderes espíritas todos eles, considerando que líder é todo aquele que influencia um grupo, possuindo, ou não, cargo hierárquico. Em comum, trazem o fracasso nos seus projetos reencarnatórios. Não foram maus, foram omissos.

— Pelo que aprendi com o senhor, não existe fracasso...

— No sentido de ser irremediável, não existe falência. A consciência, entretanto nunca deixa de cumprir com sua função orientadora e relembra-nos, continuamente, o que combinamos conosco antes do renascimento. Quando não queremos ouvi-la...

— Novamente a negligência! Nunca pensei sobre esse tema à luz dos princípios espíritas. Jamais imaginava que adiar o bem que podemos fazer, iria nos criar tanto embaraço! Mas de que maneira a negligência pode trazer alguém a essa situação?

— Alguns, através das atitudes de falta de cumplicidade com o objetivo essencial da proposta espírita, assumiram uma fé de superfície. Outros se devotaram aos compromissos doutrinários, todavia ingressaram pelas artimanhas do personalismo, em posições de supremacia da verdade, ostentando suas largas folhas de serviço. Sob o fascínio do orgulho, estabeleceram condutas preciosistas nas quais pretendiam ser as referências para a coletividade. As maiores ilusões se verificam entre esses últimos. Fascinaram-se com crenças e pontos de vistas pessoais, estabelecendo excessivo apego às suas convicções.

— Como identificar mais claramente o ato de negligência em suas experiências?

— Em ambas as situações, detectamos a negligência nos deveres de profundidade para com o próximo e consigo, em prejuízo do excessivo prestígio aos valores institucionais e movimentos de adoração exterior... Foram escravos da casa e das práticas. Na casa, adoravam a si mesmos; nas práticas, supunham-se padrões a ser copiados. Em ambos, demonstravam valor exclusivo em sua forma de entender e interpretar, consolidando uma crença individual, arrogante e inquestionável. E, quando tal quadro era acompanhado de algum cargo expressivo perante a comunidade, ampliavam ainda mais as chances de personalismo e austeridade em suas formas de conceber o Espiritismo. São os novos "Doutores da Lei", que encham o cérebro de conhecimento com o qual pretendem ser autoridades sobre imortalidade...

— E foram trabalhadores de boa-vontade?

— Todos, sem exceção.

— Não consigo entender, professor!

— Boa vontade e conhecimento não bastam como quesitos de equilíbrio. Sem eles, evidentemente, não teremos as condições necessárias no campo exterior para a manutenção de nossas tarefas, entretanto, somente com eles, não efetivamos os serviços de profundidade da alma nas escaladas da renovação interior. Além de boa vontade e informação, é imperiosa a aquisição da consciência sobre nossas necessidades espirituais e seus respectivos caminhos de superação a serem adotados. Do contrário, seremos operosos no bem alheio, defendendo-nos das horas vazias e da obsessão, sem edificar, na intimidade, as defesas morais e as experiências indispensáveis para galgar a vitória sobre as mazelas milenares. Mazelas, diga-se de passagem, que jamais serão vencidas somente com movimentos de rotina nas abençoadas tarefas das quais participamos. Mais que voluntariado, urge o compromisso de elevação persistente e diário em todos os instantes da existência, ultrapassando o campo das doações espontâneas em horas marcadas.

— Para entender melhor, gostaria de saber se esse andar inteiro é dedicado aos dirigentes?

— Na verdade, para os dirigentes, é reservada a área maior. Consideremos como dirigente todo aquele líder em nome da mensagem cristã. Assim temos dois andares no subsolo para casos mais graves e cinco andares acima do nível térreo para continuidade dos tratamentos. Os sete andares compõem um dos braços do Hospital. Ao todo, temos trinta e cinco andares distribuídos em cinco braços à semelhança de um cata vento. Lembra do exemplo que usei na palestra? Cada "pá do moinho" é um pavilhão visto de cima, e as bases - duas colunas de sustentação - são os corredores de entrada e saída do Hospital, no andar *subsolo 02*, o mais perto das vibrações terrenas. É onde se encontram os portais.

— E por que um pavilhão, especificamente, para dirigentes?

— Para facilitar os serviços e melhor proveito dos próprios pacientes que guardam vivências similares.

— Mesmo tendo fracassado em seus planos, obterão algum mérito do serviço que prestaram?

— Sem dúvida. O bem sempre oferece algum tipo de fruto. Trabalharam muito e não perderam seus méritos, contudo, pelo fato de não haverem sanado suas contas com a consciência, descuidando do compromisso primordial de transformação interior, não fizeram todo o bem que podiam e deveriam... Eis a maior negligência.

A referência tocou profundamente a Marcondes, que se manteve calado. Professor Cícero acrescentou:

— Os casos aqui presentes são dos que se mantiveram sempre distantes, ou chegaram a distanciar-se, dos deveres essenciais a que concita o Evangelho: o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Foram enriquecidos pela caridade e o desejo de melhora junto às tarefas de amor do centro espírita, de onde jamais deveriam ter se afastado completamente. Após as oportunidades de promoção que foram recebendo para gerir interesses coletivos, só tiveram tempo e atenção para assuntos e problemas atinentes a eventos, relações convenientes, cerimônias e planos de hegemonia, os quais tomaram como sendo missões a eles confiadas pelo Mais Alto...

As explicações claras do benfeitor não deixavam dúvidas. Marcondes passou a refletir nas tarefas de amor junto ao centro espírita no qual atuou por anos a fio na cidade goiana. Suas atividades revelavam-se agora, em sua mente, como sublime avalista do

relativo estado de tranqüilidade e equilíbrio. Desejando continuar a entrevista sobre os conceitos sábios do professor, indagou:

— Que função primordial têm os dirigentes para o progresso do movimento espírita?

— São os vanguardeiros, determinam linhas de pensamento, portanto tornam-se referências de ação em menor ou maior escala. Quaisquer movimentos humanos que se prezem devem preparar bem os seus líderes. A função de sua participação junto às comunidades sob sua condução é de vital importância para o progresso e a ordem. Em todos os tempos da humanidade, os líderes constroem a história, insculpem rumos e definem o futuro. O movimento em torno das idéias espíritas precisa fazer algo pelos seus condutores com urgência, embora, com toda franqueza, não tenhamos visto, até então, muitas manifestações. Tínhamos esperanças de que os líderes, agrupados em torno do *Pacto Áureo*, fossem sensíveis e corajosos em investimentos sólidos nesse sentido, no entanto, passados alguns anos do compromisso solene de unificação, firmado em cinco de outubro de 1949, constatamos muitas iniciativas de valor, sem prioridade na formação de mentalidades coerentes e fortes junto àqueles que, de fato, moldam o movimento espírita...

— O meu irmão teve vivências desagradáveis junto às direções de unificação, quando na carne?

— Deixei o corpo físico aproximadamente um ano antes da formalização do *Pacto Áureo*, presenciando pruridos de hegemonia que muito me preocuparam já naquela época. Sempre fui contrário ao conceito institucional de unificação, vindo mesmo a ter severos episódios de desentendimento junto aos líderes nacionais e regionais, no intuito de operarmos no campo da coesão de almas e não de instituições. Hoje, com alguns decênios de meu retorno ao mundo espiritual, já repensei algumas iniciativas tomadas por mim, na vida física, quanto à sua forma de execução. Contudo a essência das idéias que defendi torna-se cada dia mais necessária e urgente à seara...

— Que iniciativas seriam essas?

— Conforme assevera Jesus, "*o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.*"³⁵ Os dirigentes espíritas devem priorizar, o quanto antes, no plano físico, uma campanha pela *humanização* na seara. Sem proximidade humana e respeito, fraternidade e convivência saudável, jamais teremos união e concórdia - a alma de qualquer movimento cristão.

Os apontamentos do professor instigavam a curiosidade, contudo, considerando a hora, convidou Marcondes aos deveres do amor. Fizeram uma contrita prece e dirigiram-se à ala em pauta para aquela noite de aprendizado.

O aprendiz mostrava-se estarecido por ver os quadros mentais em que se encontravam aqueles homens, mulheres e jovens. Tiveram a oportunidade de ter em mãos o "Talento do Espiritismo", no entanto o enterraram pelo medo de assumirem responsabilidades maiores na vitória sobre si mesmos. Cícero deixava-o à vontade e observava, com muita atenção, seus movimentos. A certa altura disse:

— O tratamento espiritual de toda alma frustrada em seus projetos reencarnatórios deve ser a esperança. Na Terra, comenta-se com exatidão que *esperança é a última que morre*. Aqui, nosso lema é *a esperança deve ser a primeira a renascer*. Depois disso, partimos para as conquistas em outros patamares emocionais. Sem esperança, a alma é "morta". Esperança é o filete divisor entre o cumprimento da justiça e a ação da misericórdia divina conforme as escolhas de cada um. Quando vemos novamente o sorriso nas faces desses corações que sucumbiram sob o peso da ilusão, entendemos que ainda existe o desejo de recomeço, um ótimo sintoma de recuperação!

— Então a doença mais grave nesse setor seria a desesperança?

— Não é bem assim. Onde floresce a misericórdia, brota a esperança. As almas aflitas e sem rumo encontram na compaixão a excelsa ventura de recomeçarem. O sentimento de culpa e fracasso, inferioridade e abandono precisam ser supridos pela expansão da tolerância. Sem isso o mundo será uma eterna fonte de cobranças e

³⁵ Marcos, 2:27

impiedade. A bondade é a semente da paz. Qual de nós não carece do "colo paternal"? Qual de nós, sob a luz da oração, não mendiga um naco de piedade para nossas lutas e quedas? A mais grave doença das almas nessas alas chama-se vício de prestígio.

— Vício de prestígio?!

— Sim. Uma doença milenar que acomete a maioria esmagadora das almas vinculadas à sublime escola da Terra. Seu princípio básico é a necessidade de ser amado, algo divino e natural nas leis da vida. Entretanto surge como viciação e doença a partir do instante no qual a vontade tornou-se impotente para dominar esse sentimento ao longo dos tempos, transformando-se em exigência e paixão escravizante da mente em variados processos de egocentrismo. Sua origem é o egoísmo. O imperioso desejo de ser amado manifesta-se, nesse caso, em impulsiva necessidade de admiração, destaque, reputação pessoal, notoriedade e atendimento a caprichos pessoais. Forma-se então um psiquismo propenso a gerar correntes mentais centrípetas em regime de circuito fechado sobre si mesmo, desarmonizando, paulatinamente, o sistema afetivo do ser. Nessa ótica, nossos profissionais das ciências psíquicas adotam, por aqui, uma classificação para além dos padrões científicos da Terra, considerando como principais expressões psicopatológicas o personalismo, a inveja, o ciúme, a insegurança, a indiferença, a apatia, o melindre, a revolta e outras manifestações com as quais o egoísta age nos meios em que estagia na sua caminhada espiritual.

— Esse vício manifesta-se entre os dirigentes espíritas? O professor apenas abriu os braços, juntou as mãos espalmadas num movimento de respeito e piedade, exclamando:

— Veja o resultado! A colheita feita conforme a plantação! Nos enfermos deste pavilhão, encontramos uma espécie de transtorno afetivo não catalogado pela psiquiatria humana.

O ex-dirigente olhava com piedade para aqueles corações acamados. Eles pareciam não o perceber, tamanho estado de alheamento. Continuou o orientador informando:

— São casos processados a partir de uma inadequação de sentimentos, devido ao acentuado nível de indiferença dos que optam pelo estranhável amor institucional. Amam mais aos cargos e à doutrina que ao seu próximo. Um estado mental que poderia ser

chamado de delírio de grandeza assinala nossos assistidos. Esse vício é alimentado pelo orgulho que afeta a imaginação da criatura, levando-a a formar uma imagem idealizada de si, um autoconceito falso e exacerbado com o qual passa a fascinar-se. Tais estados de desalinho favorecem as fixações mentais no monoideísmo, levando a criatura a variados quadros de angústia e perturbação depois da morte. Coadjuvando esse estado psíquico, encontram-se as reminiscências de outras existências corporais, em que a alma habituou-se a ser reverenciada e aplaudida graças a sua posição de destaque social ou cultural. Somam-se a isso muitas companhias espirituais sedentas dos eflúvios do elogio e das sensações causadas pelas futilidades do realce, ou ainda pelo prazer do reconhecimento pessoal, intensificando a dependência de prestígio. Muita vez, esses acompanhantes espirituais são adversários ferrenhos da causa doutrinária, que deterioram o quanto podem a auto-estima do encarnado e inflam-lhe a frustração, para que a vítima procure as compensações em experiências de prazer fugidio, ou na posse de alguma forma de vantagem pessoal, tombando, em definitivo, nos seus ardis...

— E por que os dirigentes espíritas estão carregando para cá esses quadros doentios graves?

— Por suporem-se grandiosos demais, quando deveriam sentir-se apenas como aquele que enverga maior cota de responsabilidade sobre os ombros, com o dever de ser o exemplo para todos. Esqueceram a recomendação sábia do Mestre que diziam seguir: *"Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo."*³⁶ O conhecimento espírita não lhes tem sido o bastante para renovar a conduta de vida, além do que, sem humildade, jamais transformaremos a nós mesmos. Se os irmãos de ideal não começarem a se aceitar como doentes em busca de alta, guardando no ímo de si próprios a alegria pelo simples ato de servir, sucumbirão, inevitavelmente, ante essas ciladas sutis do orgulho. A santidade de superfície é um engano em prejuízo próprio. Quem não dá conta de renovar-se tanto quanto deveria, preci-

³⁶ Mateus, 20:26

sa assumir humildemente sua condição, pedir ajuda, adequar o esforço e caminhar adiante. Livrar-se do mau hábito de fazer cena e representar perante a consciência.

21

Lição Áurea

"Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transitados que, pendo o céu, caem nos abismos do erro" O Espírito de Verdade. (Paris, 1860.)

O evangelho Segundo espíritismo, capítulo VI, item 5.

A visitação ao segundo andar continuava rica de lições. Já passavam das dezenove horas, e o ambiente estava calmo. Os pacientes aprontavam-se para o recolhimento e o repouso. O professor, após prestar as informações a Marcondes, convidou-o para conhecer um cooperador valoroso que estava de passagem naquela noite.

— Não posso acreditar!... Meu Deus! Doutor H.?!³⁷ O senhor por aqui!

— A seu rogo. Sou eu mesmo. E o senhor é?...

— Sou Marcondes, um admirador de sua obra. Graças ao senhor, o movimento espírita foi presenteado com os magníficos livros da literatura mediúnica de Francisco Cândido Xavier. Jamais supus que um dia nos encontraríamos.

— Nada fiz além de editá-los. Nada de especial - falou com espontânea humildade.

— Modéstia sua Doutor H.!

— Posso lhe pedir um favor? - falou o valoroso trabalhador.

— Claro!

— Não me chame de doutor. Isso me faz muito mal.

³⁷ Identidade do espírito resguardada em função dos familiares ainda reencarnados.

- Como queira. Perdoe-me a ofensa.
- Não se trata de ofensa. Não há o que perdoar. Tal referência evoca recordações que tenho esforçado por esquecer. Causa-me um incômodo.
- Compreendo perfeitamente!
- Prefiro apenas o nome H., e já é demais.
- Imagino quantos dividendos de paz sua alma carrega em função da tarefa.
- Nem tanto, Senhor Marcondes! Nem tanto...
- Qual o motivo de sua alegação? O senhor pode ser chamado o "pai" da literatura mediúnica espírita. O movimento deve-lhe o tributo de construir o maior parque gráfico espírita do mundo.
- O movimento não me deve nada. Ao contrário, eu, sim, sou um devedor insolvente.
- Com tanto êxito em sua tarefa?!
- Equívoco, meu amigo. Pura ilusão! Somente depois que largamos o mundo físico, avaliamos com nitidez as expressões de arrogância e grandeza às quais, em muitas ocasiões, entregamo-nos em nome do serviço cristão.
- Arrogância?!
- Costumamos operar muito por fora de nós, esquecendo, voluntariamente, o labor de sossegar a consciência e construir a paz interior. A tarefa do livro certamente beneficiou e beneficia milhões de corações, contudo tive meus desvios clamorosos... Por mim mesmo, pouco fiz. Na condição de intérprete do pensamento cristão, durante séculos sucessivos, venho carregando a culpa da adulteração nas letras evangélicas. A tarefa do livro espírita seria minha alforria...
- E não foi? - interrompeu Marcondes. _ Não!
- Por qual razão?
- Não resisti à prova e cometi as mesmas falhas. Nós, espíritas, precisamos rever algumas concepções sobre o que nos espera após a morte. Ao imaginarmos que quantidade de realizações é sinônimo de vitória, cometemos grave erro conceitual. Em

nome das crenças que acalentei, semeei o joio em diversas oportunidades. No intuito de fortalecer a imagem e o alcance da organização unificadora à qual servi durante décadas, tomado de sincera honestidade de ideais, acabei por descuidar novamente em relação às celestes mensagens entregues pelo Pai às minhas decisões... Conquanto acolhido e amparado por benfeitores amorosos que me estimulam a pensar no êxito, não consigo livrar-me da desagradável sensação de angústia ao recordar o mal que poderia ter evitado caso edificasse o bem sem fronteiras nas duras linhas do sacrifício... Amei. Amei muito, é verdade. Todavia dirigi meu amor para casas e valores perecíveis. Mesmo o livro espírita, esse tesouro inestimável, é apenas um recurso de crescimento. Apenas o bem eterno permanece na intimidade. Regozijo-me em saber que, ainda nessas condições, sou reverenciado por Tutores Maiores com créditos imorredouros. Mas aqui estou eu, Marcondes... Livre para o recomeço... E, não tenha dúvida, apesar das lutas da consciência, sou alvo de misericórdia infinita.

— Não consigo acreditar! Quem diria que também os trabalhadores da unificação teriam seus tropeços!

— por que não? Não somos falíveis como qualquer outro?

— Sim, mas...

— Já sei o que quer dizer: nós que ocupamos as fileiras unificadoras passamos uma imagem de muita capacidade.

— O senhor me desculpe, pois começamos a conversar e, quando vejo, já passei dos limites! Se preferir, posso evitar o assunto.

— Não se perturbe por mim. Depois de quase três décadas nesta esfera, já melindrei tudo que tinha para melindrar.

— De fato, era justamente o que desejava expressar! Essa imagem perfeita foi a que formei das organizações e lidadores da unificação.

— Vá se acostumando, amigo. Poucos superam o teste da autenticidade.

— O problema da hipocrisia?

—, Não se trata de hipocrisia, e sim de orgulho. Através dos papéis sociais que representamos perante a coletividade, enredamo-

nos em complexo processo psicológico e emocional. Raríssimos homens públicos conseguem expressar-se com honestidade emocional à sua própria consciência. Quase sempre, escondemos nossa sensação de inferioridade e impotência atrás dos cargos que impressionam a multidão, com idéias de grandeza e valor espiritual. De minha parte, essa atitude onerou-me com conflitos medonhos que até hoje me perturbam a marcha.

— Como vencer tal prova, H.? Também tive minhas derrotas nessa área!

— Aprendendo o auto-amor. Quando nos amamos como somos não encontramos motivos para nos encantar com exterioridades. A vida espiritual revela-se como sendo uma caixa de surpresas para o nosso entendimento. Por mais dilatadas informações doutrinárias, sempre haveremos de rever e ampliar muitos conceitos neste plano.

— O senhor poderia dar-me uma noção clara dessa questão?

— Em meu caso, por exemplo, seria de se esperar, obviamente, a continuidade do trabalho ativo junto às fileiras unificadoras, depois do decesso carnal; contudo não foi o que ocorreu...

— Nos primeiros anos, cheguei a cooperar mais de perto com os rumos da organização que dirigi. Porém as lutas intestinas e os aspectos íntimos de meus companheiros pesaram sobremaneira em meu psiquismo, vindo a infringir-me danoso estado emocional. Em verdade, o problema, antes de tudo, era meu, e não deles. Depois da morte, passamos a enxergar "demais" e...

— E passamos a entender o lado subjetivo das atitudes humanas?!

— Exatamente. Passei a presenciar diálogos, idéias, propostas e, até mesmo, manipulações lamentáveis que me causaram terrível desajuste. Volto a dizer: os problemas não eram eles, e sim minhas próprias recordações. Em muitas ocasiões, agi de igual forma ou até pior. Só que, agora, percebo com mais nitidez e realidade os efeitos indesejáveis de nossas ações. Consegui aquilatar com mais clareza a extensão do sentimento de posse e a fascinante sensação de poder. Pobre de nós os servidores do Cristo, se não iniciarmos uma acirrada campanha a favor da diversidade e do desprendimento das ilusórias folhas de serviço!... Diante de semelhan-

tes fatos, não tive opção; fui transferido para outras atividades no intuito de aprender a servir, cultivando a alegria de realizar sem controlar, fazer sem me sentir o maior.

— E o senhor não costuma ter...

— Recaídas?

— Não desejo constrangê-lo, apenas aprender.

— O senhor não me constrange. Ao contrário, gratifica-me falar de meu aprendizado. Hoje me sinto bem melhor, embora, algumas vezes, solicito a permanência nos ambientes administrativos para aferir minhas próprias reações. Estou mais resistente e consciente do que me espera. Apesar disso, estou aprendendo outro gênero de serviço, pelo qual me encontro profundamente atraído, substituindo o meu interesse pelas questões organizativas da seara.

— Posso saber qual tarefa tem preenchido seu coração?

— Estou cooperando com vários benfeitores na tarefa de auxiliar médiuns na psicografia, em diversas partes do Brasil. O amor ao livro espírita continua sendo a tônica de minhas aspirações, conquanto agora procure analisar sob aspecto diverso o valor das letras doutrinárias. Minha tarefa consiste em zelar para que uma singela página possa brotar, no mundo físico, revestida de enobrecedores sentimentos. Médiuns anônimos, amantes do bem ou mesmo em desajuste, têm sido alvos de nosso esforço despretensioso.

— Perdoe-me a colocação, mas um homem com sua experiência, o que pode aprender com essa iniciativa?

— O valor do desinteresse e do desapego. Algo que não fez parte de minhas vivências nos roteiros do Cristo, até hoje.

— Confesso minha incompreensão! Com que objetivo esse aprendizado?

— É simples, Marcondes... Muito simples! Renascerei, brevemente, na condição de médium, para ressarcir minha própria consciência... Através da própria psicografia, reverei meus dramas interiores adquiridos em instantes de insanidade e egoísmo pessoal e institucional. Preciso vencer o homem velho que vive em meu campo intelectual. Haverá assim de aprender a fidelidade e o total desapego das obras personalistas. Venho semanalmente a esta ala. Procuro seguir as orientações de não me envolver em demasia.

— Os pacientes aqui alojados neste setor...

— São líderes da unificação. Com raras exceções, os amigos da unificação que aqui se aportam chegam cansados pelo peso das mágoas. Suas histórias, a exemplo da minha própria, quase sempre, são agravadas pela angústia, quando descobrem não serem tão essenciais o quanto imaginavam aos ofícios de Jesus.

O professor que se mantinha calado até então, manifestou:

— Por isso Inácio o enviou para cá esta noite, Marcondes. A palavra de H. é seu ingresso em novas experiências com lideranças cristãs.

— Uma boa forma de começar, não é, professor?!

— Eu diria uma excelente forma de continuar! Observando o trânsito de ida e vinda dos pacientes no

corredor e passando pelas portas dos quartos, interrogou Marcondes:

— E qual o estado de nossos correligionários?

— Pela fisionomia, você já deve perceber... - foi H. quem respondeu.

— Parecem atordoados.

— "Emburrados", eu diria.

— "Emburrados"?

— Não se entendiam na Terra, continuam não se entendendo por aqui. Brigam durante o dia e, agora à noite, encontram-se deprimidos e fracos.

— Mas ninguém toma nenhuma iniciativa?

— Se tomarem, logo eles estarão se procurando para "tricotarem".

— "Tricotarem"?! O senhor quer dizer que continuam suas tricas?

— Sejamos claros!... Tricas, não. Política de bastidor!

— Até aqui existem essas condutas?

— E por que não? A mente adoecida traz para cá suas enfermidades.

— Surpreendente! Como lhe disse, conhecia bem esse comportamento na seara, todavia não imaginava que os unificadores continuassem agindo assim...

— Eu mesmo, quando desencarnei fiz parte de grupo similar na erraticidade. Saudade do ambiente de unificação! Do movimento espírita com todas as suas querelas!

— Como pôde ter saudade disso?

— Esqueceu o tempo que passei presidindo uma entidade unificadora? Mais de duas décadas! Fora um longo trajeto feito antes desta etapa nos rincões da liderança.

— Por vezes, fico tentando entender histórias como a sua, H. Nunca imaginei que décadas de louvor a tão honrosa instituição, ainda mais na condição de presidente, pudessem lhe trazer até esse ponto.

— Estou melhor do que mereço e relativamente feliz considerando o que deixei de fazer, pois o mal que fiz atingiu principalmente a mim mesmo. O movimento espírita, os livros e a instituição unificadora não tiveram prejuízos irreparáveis com minhas decisões. Sendo assim, a vida entregou-me a mim mesmo para aferir meu aproveitamento. E aqui estou revendo conceitos e livre dos cargos. Pronto para o recomeço onde falhei.

— Parece que temos uma ilusão coletiva na seara em relação aos vultos do Espiritismo! Não lhe supunha nessa condição.

— Não tenha dúvidas disso, Marcondes. Para sua reflexão, vou passar o que aprendi a esse respeito. Os vultos do Espiritismo cujos serviços mereceram biografias honrosas nem sempre estavam a serviço do Cristo.

— Não compreendi a assertiva.

— É que os verdadeiros vultos do Cristo, além de servirem à doutrina, serviram ao próximo nas linhas do amor e do sacrifício. Foram almas que aprenderam a sair de trás das mesas para o abraço caloroso de afeto, ou para estender a solidariedade com as mãos fraternais. Poucas biografias, verdadeiramente, acumulam, em seus dados, esse traço indiscutível que promove o servidor da causa espírita à condição de apóstolo incansável da Boa Nova entre os homens. Você constatará, inclusive, que por aqui alguns baluartes inesquecíveis da seara, credores das homenagens e biografias lavradas pelo movimento doutrinário na Terra, encontram-se em padecimentos atroztes nas mais conturbadas furnas de dor...

— Quando estamos a serviço do Cristo?

— Quando vamos além da casa e servimos à causa.
— Mas a casa também é do Cristo!
— Quando excluímos o próximo da casa do Cristo, ela se transforma no campo estéril de nossas vaidades.

— Seja mais claro, por gentileza.
— O pioneirismo da ação unificadora representa a coragem e o desejo sincero de manter intactos os princípios-luz da doutrina. Historicamente, ela cumpriu o papel a que se propunha: coordenar, reunir esforços dispersos. O preço pago para isso foi a criação de uma forte referência de autoridade para servir de âncora. Contudo, o sistema se tornou tão forte que engoliu as aspirações sinceras de fraternidade. A assinatura do *Pacto Áureo*, em cinco de outubro de 1949, deveria significar o compromisso da unificação em ser o exemplo de uma mentalidade promotora de união, cuja tarefa precípua seria contagiar a seara de alegria e entendimento. O orgulho ensandeceu os pensamentos, e enxergaram-se privilégios em um documento que constituía um clamor ao sacrifício de servir com humildade, diminuir para que a obra do Cristo fulgurasse exuberante. A proposta que deveria balizar a fraternidade legítima, em verdade, criou um colapso no sistema. Para se defender e manter a casa, fomos infieis com a causa... Sempre com a melhor das intenções... Nesse ponto, falhei amargamente... Poderia assumir a postura de pólo das aspirações de nossos Tutores Maiores, entretanto, preferi a ilusão do momento...

— Que medidas o senhor poderia ter tomado e não tomou?
— Lutar pelo espírito de concórdia legítima com respeito às diferenças, tratar melhor quem não fosse filiado, ouvir mais a minha consciência, incentivar e apoiar a criação de novas editoras, não distanciar das bases de amor dos centros espíritas, mais gentileza com os médiuns... Em síntese, cuidar melhor das relações, ser afetivo e inclusive. Poderia, se tivesse ousado, colocar a tarefa unificadora na condição de parceira da sementeira. No entanto, como disse, o sistema ficou maior que nossas forças...

— Creio que, se o senhor fizesse isso, seria literalmente excluído da engrenagem...

— O que seria ótimo para mim! Contudo tive que enfrentar a morte que tem o poder de colocar-nos, inexoravelmente, no lugar

que deveríamos ter ocupado durante a vida terrena, destruindo nossas ilusões.

— Mas... e os livros?

— Se eu não fizesse, outro faria. A obra não carece de operários no que tange a missões de natureza coletiva. Sempre haverá alguém ao mister, pois Jesus não coloca sobre a cabeça de um só homem os alvitreiros que interessam a todos. Talvez, no meu caso, tenha sido apenas o homem certo na hora propícia.

— Ainda bem que não optou por esse caminho. Os livros salvaram e orientaram milhões de vidas. Como dizer que não foi um trabalho de amor? Hoje, a seara lhe deve muito pela sua parcela de devoção.

— Marcondes, na seara do Cristo, ninguém deve nada a ninguém. Se assim o fosse, na minha condição de credor, supostamente poderia efetuar cobranças. A lei é de cooperação abnegada e incondicional. Jesus nada nos devia e passou pelo testemunho da cruz a fim de orientar-nos os passos. Quem o segue deve dispor-se sempre a servir e passar, servir e passar sem cessar.

— Mas, se não houvesse uma representação social digna ante a sociedade, como ficaria o Espiritismo?

— Eis uma questão a debater. De minha parte, fico a pensar: de que valerá um Espiritismo com representatividade social sem homens para honrar sua mensagem ética?... A igreja acumulou o maior poderio social com sua influência, mas raríssimos dignificaram suas propostas morais.

— Então estaria contra a organização do movimento?

— Não sou contra nada. Sou a favor do amor que desprezei. Não teço críticas aos rumos sociais do Espiritismo, apenas considero a extensão da omissão em relação à sua mensagem. A questão é de *humanizar* de nossa seara.

— Por várias ocasiões, tenho ouvido essa terminologia sem compreender-lhe o sentido.

— Quando recebemos o apelo do Mais Alto pela *humanização*, é porque precisamos focar o homem antes das práticas, o homem em direção ao amor.

— Mas e as práticas espíritas nessa ótica, como ficam? Sofrerão enxertias? Qualquer um poderá chegar com sua diversidade, e isso continuará sendo Espiritismo?

— Não, Marcondes. Quando falamos em diversidade relativamente aos princípios doutrinários, pronunciamo-nos, sobretudo, conclamando aos que já formularam conceitos nítidos sobre questões espirituais, para que dilatam seus limites no campo da "atitude de amor", ou seja, a postura de amar os diferentes e suas diferenças. A palavra de ordem é alteridade, a convivência harmoniosa com a diversidade da vida, particularmente com a diversidade do ser humano.

— Se assim é, por que não escreve a seus companheiros de lide, alertando sobre essas questões?

— Sua ponderação é justa. Quando estamos encarnados, entretanto, preferimos as opiniões pessoais. Leriam minhas palavras e logo acusariam o médium de filtragem imprecisa ou mistificação. Mais a mais, a instituição na qual mourejei está distante do Espiritismo com espíritos, da mediunidade livre e espontânea...

— A que lições o senhor tem se dedicado atualmente?

— Estou aperfeiçoando o que Bezerra de Menezes chama de *lição áurea*: a compaixão. Troquei a escrivanhinha pelas maçãs. Através de visitas semanais a este setor, revejo meus atos e amplio meu raio afetivo para com as lutas humanas, comuns a todos em aprimoramento, especialmente aos irmãos de doutrina. Em um mundo de sofrimento como a Terra, a medicação mais requisitada é a misericórdia para com nossas fragilidades. Sem compaixão e tolerância irrestrita, jamais nos entenderemos.

— E qual tem sido seu aprendizado nesse particular?

— Estou percebendo que é imperioso sentirmo-nos responsáveis uns pelos outros. Sem compaixão, não seremos misericordiosos. Sem misericórdia, não suportaremos uns aos outros na continuidade da tarefa. Grande distância medeia entre amor com o próximo e amor pelo próximo. Fui adepto do segundo. Os próximos setenta anos da comunidade espírita revestem-se de um período decisivo. O caráter humanitário prevalecerá. O homem que ama o Espiritismo nem sempre aprendeu como amar seu próximo. A experiência institucional é uma escola para almas cujas lutas convergem para a

vitória sobre o interesse pessoal. Por não sabermos lidar com as diferenças, acomodamo-nos na indiferença, base de variados transtornos mentais, defesa psíquica para deixar de sentir o que não queremos. E um mecanismo emocional, seguido da atitude de evitar visibilidade aos sentimentos. A compaixão é viver o que se sente sem receios. O ponto de equilíbrio das emoções em direção ao amor aplicado.

Marcondes silenciou. Percebendo sua expressão de tristeza, indagou o Irmão H.:

— Que houve? Falei algo que não devia?

— São as lembranças. Como doutrinador, falhei terrivelmente nesse aspecto. Os médiuns, para mim, eram "máquinas dos espíritos". Para mim, indisciplina era motivo de descaso e repúdio. Estranho!...

— Que foi, Marcondes?

— Pela primeira vez, desde que cheguei a este plano, abriguei a curiosidade em saber como se encontram os meus companheiros na carne.

— A compaixão conduz-nos à equanimidade, à diversidade. Lutei muito pelo amor à causa, agora procuro servir à causa do amor. Cobramos demais uns dos outros e esquecemos a indulgência, um dos pilares da caridade, para com nossos confrades. Nossas expectativas são inspiradas no versículo que diz: "*Muito será pedido a quem muito foi dado*".³⁸ Somente aqui na vida espiritual, interpretei com mais amplitude essa fala evangélica. O texto diz "*Muito será pedido*" e não "*Muito será cobrado*". Na convivência com os emissários bondosos dessa casa de amor, constatei que a única expectativa que o Mais Alto nutre em relação a cada um de nós, durante a imersão no corpo físico, é que jamais desistamos de aperfeiçoar a nós mesmos. Jamais desistir de nós mesmos! Quanto ao mais...

— Fui um descuidado nesse terreno. As tarefas que conduzi não passavam de espaço de manifestação de meu individualismo. Apesar disso, Nosso Senhor abençoou-me com extrema compaixão.

³⁸ Lucas, 12:48.

— Não se cobre tanto, Marcondes. Pouquíssimos de nós saem vitoriosos nesse tema.

— Pelo menos não desisti de realizá-las. Menos mal!

— As tarefas não constituem objetivo em si mesmo. O que importa são as lições educativas, os exercícios afetivos para consolidar a disposição de fazer o bem. As tarefas são campos sagrados de educação dos valores de nossa espécie.

— Confesso ainda não acreditar que alguém com seu trajeto destaque semelhante incômodo íntimo! Se assim foi com o senhor, nem quero saber o que me espera!

— Não pense assim. Com o tempo, a experiência ampliará seu leque de observações.

— E quanto ao amparo, H.? Os trabalhadores da unificação são bem protegidos? Há um amparo especial?

— Claro que sim. Do contrário, não agüentaríamos as ameaças do aprendizado. Ocupar a posição que ocupei, ainda mais por tantos anos, requer muita assistência espiritual. Imprescindível convir, o amparo existe por conta da obra e não por méritos pessoais ou por conta da instituição. A honrosa missão da proposta unificadora no seu contexto histórico foi a de zelar do mais valioso patrimônio espiritual da humanidade, a Doutrina dos Espíritos, e não de homens.

— Sendo assim, por que os benfeitores não o alertaram sobre os perigos da ilusão, chamando-lhe para as falhas das quais hoje o senhor lamenta?

— Eles nunca foram omissos. Advertiram com compaixão. Na minha chegada ao mundo espiritual, criei muita queixa a esse respeito, por não entender a natureza compassiva da participação dos amigos espirituais em minha faina educativa junto à unificação. O tempo mostrou-me a inconveniência da postura. Basta falar na obra "Paulo e Estêvão", cuja publicação na década de quarenta, quando dava meus primeiros passos em tarefas pela coletividade, encerrava uma mensagem completa sobre os riscos da institucionalização do Espiritismo, como ocorreu com a Casa do Caminho. Essa pérola estava sempre sobre a minha mesa, mas distante de minha atenção e interesse.

Percebendo a exigüidade do tempo, o professor, com manifesta humildade, sugeriu que Marcondes fizesse a última indagação, a fim de não interromper o programa de trabalho do servidor.

— Tenho vivido um drama enorme em relação à pureza doutrinária neste plano. Qual a sua orientação?

— Que busque a pureza dos sentimentos, a honestidade emocional. E, se deseja mesmo saber o que penso, creio, por motivos bem fundamentados, adquiridos depois da morte física, que nossa necessidade de fidelidade aos textos doutrinários é mais um problema de consciência que de amor!

— Em que aspecto?

— Já adulteramos demais a palavra do Cristo e hoje temos "neurose de lealdade filosófica" - respondeu, humorado, o velho tarefeiro.

— Nunca esquecerei nosso encontro. Sua palavra libertou-me de terríveis conflitos.

— Não é minha palavra. É o magnetismo da verdade que se assenhoreia de seu coração.

A conversa, inesperadamente, teve um instante de suspense. H. olhou pelas janelas, como divisasse ao longe algo muito valioso. Fechou os olhos por uns segundos, fixou o olhar de Marcondes e assinalou:

— O senhor não tenha dúvidas sobre a história. Tudo tinha que acontecer como aconteceu. Somente entendendo o que significa o transporte da árvore evangélica, teremos compaixão com os acontecimentos que talharam o Espiritismo em terras brasileiras. Esteja certo, meu confrade querido, de que, para milhões de almas, se não existisse um ambiente com pujante dose de formalidades e institucionalismo, certamente não se interessariam novamente pela mensagem do Cristo. Fora desse contexto, jamais produziriam algo útil em favor da espiritualização de si mesmos. O Mais Alto sabe disso, eis a razão de serem tão compassivos com homens como eu... O Espiritismo, sem dúvida nenhuma, trouxe luz para os caminhos humanos. Painéis que nunca foram descerrados para o homem tereno passaram a fazer parte do imaginário e das ações de milhões de almas que aderiram aos seus princípios lógicos e confortadores. Todavia, quaisquer arroubos de vaidade quanto à nossa condição

espiritual é mera invigilância e descuido, que pode ser comparado a um vaga-lume crédulo na sua condição de campeão da luz, tão somente porque lampeja aqui e acolá em locais sem luminosidade. Nossa condição, ainda que com a incondicional aceitação da doutrina, é a de aprendizes incipientes nos temas da vida imortal e da evolução, conquanto devamos assinalar que isso não deve exonerar-nos da responsabilidade de ser aquele vaga-lume disposto a oferecer seu contributo sem pretensões e, persistentemente, rumo aos apelos a que todos somos convocados para a vanguarda.

Ao fim do dia, depois do encontro com Jandira, a visita ao segundo andar e o diálogo com H., Marcondes encontrava-se exausto, embora de bom humor. Chegava o instante do repouso. No outro dia, a rotina o esperava com muito a fazer. Naquela noite, ainda sobrou-lhe tempo para a reflexão. Em meio às intensas lições, recordou-se novamente do anseio em conhecer seu mentor. Quem seria ele? Por qual motivo, até aquele instante, não se pronunciara? Bailando nessas indagações, o discípulo adormeceu com o pensamento no bem.

22

Subsolo 02

Todo aquele que crerem mim ainda que esteja morto, viverá!.

João, 11:25

As histórias do segundo andar impressionaram o novo aprendiz. Algumas horas de visitação, seguidas do instrutivo diálogo com H., incendiaram-lhe a curiosidade. A vida, no entanto, chamava-o a dilatar concepções sobre suas próprias experiências. Foi então convidado, pelo doutor Inácio a visitar o subsolo 02.

- Ninguém pode vir aqui sem um preparo interior.
- Terei condições, Doutor Inácio?

— Hora de medir suas resistências. Mais a mais, aqui se encontra boa parcela de sua última viagem carnal...

— ?...

O ambiente demonstrava a natureza dos casos graves que albergava. Nos corredores, muitos quartos apresentavam-se como celas carcerárias. Não havia enfermaria coletiva. Luzes baixas e gritos pavorosos. Diversas salas cirúrgicas e alguns salões com enorme número de máquinas parecidas com as incubadoras terrenas. Muitos pacientes monitorados por vasto contingente de aparelhos. Doutor Inácio e Marcondes vestiram roupa anti-séptica apropriada.

Toucas, máscaras, sapatos, camisões e calças de cor-azul claro. Ao entrarem, externou o médico uberabense:

— Venha! Modesta nos espera.

— É aqui que ela trabalha?

— É aqui que ela "mora", eu diria. Apesar de dirigir o pavilhão, passa a maioria de suas horas neste turbilhão de dor.

Ao avistarem Dona Modesta em meio a alguns biombos no posto, cumprimentaram-na:

— Como vai, Dona Modesta?

— Com muita esperança - respondeu, expressando manifesto cansaço. E você, Marcondes?

— Aprendendo muito.

— Modesta, como foi a noite? - indagou o médico.

— Conseguimos alguns passos significativos. Resgatamos o pivô da história. Agora será menos penoso libertar Marina das garras *aos justiceiros*.

Mudando o assunto, falou Dona Modesta.

— Fico feliz que tenha chegado ao subsolo Marcondes.

— Modesta, será que... - Doutor Inácio apontou para o biombo desejando abri-lo.

— Creio que será uma forma muito trágica de começar suas experiências, mas venha, Marcondes, olhe!

O dirigente olhou a criatura deitada na maça e chocou-se com o que viu. Estarrecido, porém apoiando-se na experiência dos dois servidores, disse:

— Desculpe, Dona Modesta... Vou vomitar... - e saiu para um canto, completamente indisposto.

— Respire fundo, amigo! Pense em Jesus Cristo...

— Doutor Inácio, o que é aquilo? Estou me sentido fraco e...

— Feche os olhos e pense em Jesus, sinta o Cristo. Lembre-se que é seu momento de desenvolver defesas em nome do amor.

— Inácio, não será melhor que Marcondes tenha mais tempo?

— Não. A solução de Marcondes está aqui, lembra-se?...

— Ah! - e colocou a mão na testa, num gesto típico -sim, recordei! Leve-o então à câmara dos ovóides.

— Está melhor? - perguntou Dona Modesta amparando-lhe a testa.

— Dona Modesta, perdoe-me a fraqueza. Uma coisa é ler sobre isto. Outra é vivê-la.

— Não há porquê pedir perdão, amigo. Siga com Inácio. Ele vai levá-lo ao seu destino.

— Agradeço-lhe, Dona Modesta - e saiu ainda olhando assustado para o biombo.

Caminhando pelos longos corredores, foi o psiquiatra de Uberaba quem puxou assunto:

— Antes que me pergunte, já vou lhe explicar quem é aquela criatura.

— É humano, doutor?

— Completamente, não! Apenas em metamorfose temporária. Na literatura espírita, você deve ter lido algo sobre os *dragões*.

— É um *dragão*?

— Exatamente.

— Mas aquela aparência³⁹...

— Para que você tenha noção onde pode chegar a mente! Agora procure se desligar. Vamos visitar um local muito delicado que solicita-nos o clima da oração e do sentimento puro.

— Aonde vamos?

— À câmara dos ovóides.

— O senhor captou meu desejo?

³⁹ Nota da autora espiritual: abstemo-nos dos detalhes por não constituir objetivo deste trabalho.

- Digamos que estou virando médium...
- Tinha muito desejo de visitar aquele...
- Aquele?...
- O ovóide que foi retirado de mim pela cirurgia.
- Ele está lá.

Na entrada, uma enorme placa com os dizeres: *"Todo aquele que crer em mim, ainda que esteja morto viverá".*⁴⁰ A pedido do médico, Marcondes ficou em uma ante-sala que funcionava como local de encontro. O ex-dirigente pesquisava os detalhes do local. Quando folheava um pequeno livro de reflexões, teve uma surpresa que mudaria sua vida na erraticidade:

- Marcondes, veja quem está aqui!

Ainda assentado, foi levantando lentamente com os olhares esgazeados, o coração disparou, os olhos marejados dirigiram-se ao médico como se solicitasse uma autorização e o doutor disse:

- Não vai abraçá-la?!
- Eulália! Minha querida... - abraçaram-se ternamente.
- Marcondes, que saudades! Que saudades!... - ela chorou copiosamente.

— Você está mais jovem e bela - e deslizava a mão pelos cabelos da companheira.

— Eu fui informado de que estava no Hospital, mas aprendi a esperar.

— Acompanho-lhe também os passos. Graças à Dona Modesta e esse médico irreverente - mostrou-se bem íntima do médico, apontando e balançando o indicador por duas vezes - tenho sido aconselhada a aguardar esse momento com paciência.

— Vou deixá-los a sós por um instante. Apresente sua tarefa a ele, Eulália. Regresso logo. E tenham juízo...

- Pode deixar, doutor. Deixe Marcondes aos meus cuidados.
- Eulália, eu...

Eulália solicitou carinhosamente silêncio.

— Não vamos falar de nós aqui. Teremos tempo e lugar para isso. Venha, quero lhe mostrar o que faço no Hospital -e pegou o companheiro pela mão.

⁴⁰ João, 11:25

— Veja só!

Marcondes não sabia se olhava para ela, ou para o que lhe mostrava.

— São ovóides. Eu vi no filme de minha cirurgia.

O interesse do aprendiz se dividia entre aquelas almas penalizadas pela máxima loucura e o olhar de Eulália. Ficavam em pequenas incubadoras do tamanho de uma caixa de sapatos, similares àquela usada em sua cirurgia. Algumas maiores, outras minúsculas. Ao todo, passavam de três mil histórias. Ninguém poderia supor que aquela ante-sala viria desembocar em um salão que ocupava quase metade do corredor subsolo 02. Médicos e auxiliares movimentavam-se em intenso trabalho. Nos casos em que as incubadoras eram abertas para análise, ouviam-se alguns silvos, zunidos estranhos, incomparáveis, emitidos por aquelas criaturas. Marcondes, muito atento a tudo, vivia uma emoção inédita, dividido entre a dor de ver aqueles quadros e a alegria de reencontrar Eulália. De repente, algo muito forte, como se fosse uma energia de atração fez Marcondes largar a mão de Eulália, virar-se para o lado contrário onde andavam e afirmar:

— Lá estão eles! - apontando para algumas incubadoras perto da parede.

— Quem?

— Nossos filhos!

Eulália não suportou a emoção e deixava as lágrimas rolares espontâneas sem dizer palavra por alguns instantes.

— Como você sabe?

— Não sei explicar. São eles?

— Sim, são eles. Oito ovóides que carreguei no ventre. Meus filhos amados.

— Por isso você está aqui!...

— Pretendo recebê-los novamente na carne. Antes, porém, trabalho pela recomposição de suas formas. Veja, olhe este aqui. Seu último nome foi Mareei Pyrré. Olhe só como começa a formar uma perninha deste lado.

— Meu Jesus! Quanto tempo leva para isso?

— Nestas quase duas décadas de serviço, é a primeira forma mais parecida com membros humanos entre todos.

— Qual deles é... Você sabe...
— Este estava com você - apontou para o menor de todos.
— Está diferente da filmagem.
— Com o tempo, perdem a cor arroxeada e a matéria viscosa que om envolvia.

— Isso é bom?
— Ótimo!
— Posso!...
— Claro! Toque-o assim.

Pegando a mão de Marcondes, Eulália juntou o indicador e o dedo médio, localizando o que seria a cabeça, orientando para passar de muito leve e com carinho os dois dedos.

Depois de alguns toques de ternura, o ovóide parecia ter acordado. Vibrava como o coração humano. Inchava e desinchava. Um zunido forte foi ouvido, e Marcondes assustou-se. Imediatamente, verificou uma intensa dor na região genital, sendo levado, rapidamente, de volta à ante-sala.

— Sente-se melhor? - perguntou-lhe Eulália.
— Que aconteceu?
— Frequência vibratória.
— Ele sabe quem sou?
— Não. Mas sente.
— Jesus! O que se lê nos livros nem se compara à realidade. São frios e úmidos. E...

— Repugnantes... Não tenha receios de se expressar - interveio Eulália.

— É verdade - confirmou Marcondes.
— Somente sob a luz do amor, pode-se amar essas criaturas.
— Apesar disso, sinto-me atraído para eles.
— São nossos compromissos...
— Concorde. Ainda que não saiba o que posso fazer por eles.
— Está passando a dor?
— Está diminuindo.
— Vai passar.
— Você está aqui este tempo todo, desde o desencarne?
— A câmara tornou-se meu lar, Marcondes. Logo depois de socorrida, após a morte, passei por cirurgias complexas até extirpar

o último ovóide. Chegaram a diagnosticar que, somente regressando à carne, poderia ser feita a desvinculação de dois deles. Entretanto, graças a hábeis servidores do Cristo, do Mais Alto, fui encaminhada à colônia específica de ovóides, onde recebi tratamento adequado.

— Sinto-me refeito!

— Vamos chamar o Doutor Inácio e...

— Não. Agora não - interrompeu o cavalheiro, segurando-a pelo braço e olhando-a com firmeza.

— Marcondes, sei de seus sentimentos. Eu também estou como um caldeirão de saudade e alegria. Mas, devido aos nossos impulsos nem sempre dignos, pediria que todo nosso encanto afetivo fosse vivido na companhia de nossos tutores em favor de nós mesmos. Compreende?

— Sim, Eulália! Desculpe-me.

— Não há nada para ser desculpado, meu amor - e apertou as mãos do companheiro com incontido carinho, beijando-lhe a face com respeito.

— É que estou como um menino ao revê-la!

— Eu também! Porém, desta vez, nosso encontro obedece à incomparável ocasião de recomeço e aprendizado. Compete-nos agir como filhos sob guarda dos nossos orientadores no que tange ao futuro. Se nos permitiram o reencontro depois da fuga dos deveres, é para que possamos recompor o passado e construir nossa felicidade eterna.

— Esteja certa de que é meu desejo, Eulália. Custe-me quanto custar! Dou-me por satisfeito em abraçar-te sem culpa. Mesmo amando-a tanto, ainda não havia experimentado tão sublime emoção.

— Ocorre o mesmo comigo.

— Quero pedir-lhe perdão, Eulália.

— Perdão? Pelo quê?

— Por envolvê-la em provas desnecessárias.

— Prova voluntária, seria o termo adequado. Nada é desnecessário Marcondes. Já posterguei em demasia o compromisso que me aguarda a cooperação junto a estas almas. Não tenho mais tempo e preciso de seu apoio.

— Chamemos Doutor Inácio. Que de sua boca venha o melhor para nós - externou Marcondes com sinceridade.

O par afetivo mostrava-se disposto a conter seus impulsos amorosos, destinando suas emoções de afinidade para o serviço do amor universal. Consultaram o médico amigo que em resposta lhes disse:

— Um momento novo se avizinha para vocês dois. Eulália prepara seu retorno e você, Marcondes, ingressa em vivências indispensáveis ao seu ajustamento. Além disso, temos uma notícia boa para ambos... - e fez um suspense.

— Fale logo, doutor, quer nos matar do coração.

— Mortos não morrem, minha filha... - caçouu.

— Já tivemos um momento tão belo em nosso reencontro, que boa notícia poderemos ter?

— Selená está de regresso hoje à tarde, depois do longo curso com Odilon Fernandes.

— Selená?! Minha mãezinha de outrora! Não vejo o instante de abraçá-la. É muito para meu coração em um só dia.

— Faremos, portanto, uma reunião com Modesta, dentro de alguns dias, a fim de traçarmos metas de trabalho e crescimento. Enquanto isso, ambos acompanharão Modesta e a mim nos atendimentos do *segundo andar*. Existem vários casos que constituirão preciosas lições às suas novas experiências. Vamos ao trabalho!

O encontro entre Selená, Marcondes e Eulália foi coroado de ventura. Os laços se reataram em bases de esperanças com os compromissos futuros para o bem de todos.

23

Tribuna da Humildade

"O Espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo partilha-do, como crença, apenas por algumas pessoas?"

Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza, e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos"

O Livro dos Espíritos, questão 798.

O aprendizado não cessava. Marcondes e Selena renovavam-se a cada dia. Cada história revelava-lhes um mundo novo de reflexões acerca da imortalidade.

Aproximando o momento no qual traçariam os planos para o futuro sob os auspícios de Dona Modesta, foram convidados a conhecer uma das mais divulgadas tarefas de recuperação do Hospital Esperança, a *tribuna da humildade*.

Naquela tarde, o grupo compunha-se de vinte e cinco participantes. Entre eles, dez evangélicos, cinco espíritas, cinco terapeutas que orientavam a técnica e alguns convidados e cooperadores.

Nos corredores do pavilhão Judas Iscariotes seguia Dona Modesta, matrona, acompanhada de Marcondes e Selena que se dirigiam para a tribuna.

Uma sala pequena para cinquenta pessoas, disposta em círculo, com um pequeno púlpito. A disposição didática era interessante, porque, ao contrário do habitual, o palestrante ficava em posição abaixo do nível da platéia, lembrando mais as construções de teatro ao ar livre que propriamente um ambiente para exposição.

Antes do início, Selena interrogou:

— Qual o objetivo da técnica?

— Uma promoção para trabalhadores que completam algum tempo de labor junto ao pavilhão Judas Iscariotes. O objetivo é vencer as escaramuças acumuladas durante a última reen-

carnação, e que ainda refletem desfavoravelmente em seus afazeres.

— Quem falará hoje?

— Pastor Jânio.

— É pastor mesmo, ou apenas apelido?

— Um evangélico.

— Mas...

— Selenia, estamos na hora do início, depois, teremos tempo para o diálogo. Vamos nos assentar - concluiu Dona Modesta.

Um terapeuta de nome Carlos fez a abertura da reunião e convidou o nosso irmão para assumir. Jânio é homem de meia idade. Devoto dos ramos protestantes, fundou e atuou, por décadas, nas igrejas evangélicas no nordeste do Brasil, estado do Ceará. Como não tinha dificuldades com público, assumiu a tribuna, olhou-nos a todos por um instante e pareceu emocionar-se ao olhar para Dona Modesta. Então pronunciou:

— Amigos, perdoem-me a emoção. É estranho que um homem acostumado a grandes públicos esteja, literalmente, engasgado ao olhar para esta pequena platéia. Quero dizer, inicialmente, como fui orientado pelo meu terapeuta: consultaram-me, previamente, e aceitei colocar minha vida em aberto. Se estivesse na Terra, teria motivos de sobra para esconder o que vou dizer. Porém, aqui, na vida espiritual, perdi todas as razões para uma vida de mentiras.

Tive uma juventude detestável, atolada no vício, até conhecer Marisa, a mãe de meus três filhos e a mulher responsável pela minha trilha religiosa. Filha de evangélicos devotos, Marisa conquistou-me o coração e incentivou-me os cuidados cristãos à luz da religião. Fundei uma igreja adesa a um enorme grupo já consagrado do evangelismo social. Quando percebi como é fácil aglutinar multidões e convencer-lhes, perdi de vez o sentido de minha vinculação ao Evangelho. Planos nefandos, rotulados por iniciativas louváveis para a causa, incendiaram-me os pensamentos. Pastores experientes induziram-me a crer em uma senda inevitável para quantos servem ao Senhor: a riqueza e a ostentação.

Com o argumento de sermos instrumentos poderosos de convencimento, passei ao consumo das idéias estratégicas sem laço com o coração.

Marisa, mãe zelosa e habituada aos argumentos dos seus pais, jamais me questionou as decisões, fazendo parte de tudo com a alma. Eu, no entanto, passei a ter metas de conforto e luxúria.

Somente minha mãe, mulher espírita, dada à assistência aos pobres, preocupava-se com meu destino. Porém, entre o vício de outros tempos e o homem de agora, minha mãezinha preferia o homem religioso a que me converti.

Nunca assumi para ninguém... Detestava consultar a bíblia... Sempre achei enfadonhos os textos... Quando lia algo que me tocava o sentimento, abria um canal para culpas infundáveis; afinal quem era o Jânio senão um jovem ex-viciado e agora um pastor ganancioso? Sentia-me pequeno, inferior. Apesar de agraciado por multidões, tinha vontade de estiolar o cérebro. Os conflitos aumentavam. A ansiedade tomava-me de assalto. Quando tive a coragem de consultar um dos grandes pastores, veio o conselho: "seu problema é um só, Jânio! Mulher... mulher...". Então o último hausto de honestidade esvaiu-se de vez.

Preferi o equívoco, pois me agradou a idéia de que uma "autoridade" maior abonasse minha conduta com o seguinte argumento: "pessoas dedicadas como nós temos alguns descontos perante Deus..." A igreja estava abarrotada de fieis hipnotizados. Mulheres belas e sofridas à procura de homens nobres e atenciosos. Foi fácil, mais uma vez, foi fácil...

Minha mãe, novamente, foi convocada a agir, pois uma das crentes de que abusei passou a freqüentar-lhe o centro espírita. Sempre tinha um bom argumento, e tudo ficava como estava, a caminho da queda. O prazer durante um bom tempo fez sentir-me melhor, mas depois... Aí sim, veio o pior... A depressão! Não conseguia esconder a tristeza, o enfado, a loucura por dentro. Não tive alternativa ante o volume cruel de obrigações, senão pretexto uma longa viagem com a família. As tricas políticas por fim afastaram-

me do púlpito. Em uma noite de dor, não suportei e dei cabo da vida...

Vejam essa marca.

E, surpreendendo a todos, abriu a camisa, mostrando o peito com larga marca cicatrizada por todo o tórax, parecendo uma velha casca de maracujá toda enrugada.

— No corpo físico, jamais alguém veria uma cicatriz dessa natureza. Somente na vida espiritual pode-se aferir os efeitos do suicídio no perispírito. Aqui, entretanto, a cada dia que olho no espelho para mim mesmo... - ele caiu em pranto convulsivo, sendo auxiliado por seu terapeuta com um lenço. Olho para mim mesmo e penso na vida, penso em tudo que fiz, penso na parte boa de toda a minha história que resolvi esquecer: os filhos queridos ainda pequenos, a mulher sincera, a benção da religião, a mãe bondosa que não sei onde se encontra...

Jânio parou por um instante sob o influxo da emoção.

O público presente mantinha-se atento à fala do companheiro. Os mais sensíveis, entre eles Dona Modesta, deixavam as lágrimas lavar a face. E o pastor continuava:

— Que fiz para merecer socorro? Não imagino. Mas essa mulher que aqui está - e apontou para Dona Modesta -, tornou-se minha nova mãe, retirando-me de charcos de dor e loucura. Passados cinco meses nesta casa de amor e misericórdia, ainda carregando o peso da culpa e as dores cruéis no peito, só posso mesmo agradecer e oferecer-me para algo fazer em favor de alguém. Gostaria muito de pedir perdão a algumas pessoas. Como não sei se as verei, peço licença a vocês presentes para me permitirem um ato de amor em favor da minha paz.

Jânio olhou com atenção para a platéia e, como se sondasse o íntimo de cada qual com sua capacidade de percepção magnética, repentinamente, ajoelhou-se em frente a um dos presentes, e beijou-lhe os pés. Não conhecia a pessoa, nem sabia o nome e disse em voz alta:

— Meu irmão qual o seu nome?

— Célio

— Então, Célio, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem glorifico, peço-lhe perdão, a ti meu irmão, porque mesmo

não lhe tendo ofendido diretamente, nem lhe conhecendo, vejo mágoa em seu olhar, vejo tristeza em sua fisionomia. Perdoe-me, Célio, não errei por intenção. Fui um equivocado, um iludido por mim mesmo. Amo a Jesus e quero segui-lo. Perdoe-me irmão querido - e prorrompeu, novamente, em prantos, sendo abraçado efusivamente por Célio que demonstrou aceitar plenamente a atitude do Pastor.

Todos estavam emocionados ao extremo com a sinceridade de Jânio. Não resistindo ao ato de perdão, seu terapeuta o recolheu em abraço fraternal e pediu a Célio que assumisse a tribuna para falar o que desejasse. Jânio acalmara sua alma. Sua fâcies alterou, tornando-se leve, esboçando um sorriso e, de seu peito, uma fraca luminosidade podia agora ser percebida. Do alto, um filete de luz prateada, porém com altíssimo potencial de amor, penetrava seu centro gástrico em profusão de bondade e ternura.

Os trabalhos continuavam. Depois do pronunciamento sensibilizado de Célio, Jânio regressou à tribuna para responder a várias questões dos evangélicos presentes. Em verdade, o tribuno fez uma catarse do grupo, aliviando suas próprias lutas. Terminadas as alocações que duraram sessenta minutos, os grupos se dispersaram, ficando Dona Modesta, Marcondes e Selena.

— Dona Modesta, que acontecerá com ele agora? -interrogou Selena.

— Estará mais aliviado e com novas amizades. Viram como os evangélicos o cercaram?

— Ainda bem que nós espíritas não temos erros tão clamorosos! - expressou Marcondes.

— Só mesmo quem não conhece com profundidade os dramas possíveis poderia afirmar algo assim, meu caro Marcondes!

— Pelo menos suicídio eu nunca ouvi dizer que exista entre os espíritas. Quero dizer, com exceção de Jandira que está nas alas restritas.

— Meu filho! Meu filho! Não queira saber do sofrimento de muitos amigos de lide em plena sombra. Em nossa ala de suicidas, temos inúmeros casos de espíritas.

— Dona Modesta! Será possível?! Nem os espíritas escapam? - indagou Selena com curiosidade.

— Nem mesmo os espíritas escapam. Viram a narrativa de Jânio. A depressão é doença sutil que vem assolando muitos amigos de ideal, que não reconhecem, com humildade, sua condição enfermiza. Temos casos de suicidas espíritas que jamais admitiram a possibilidade de consultar um psiquiatra.

— O que seria um contra-senso!

— Contra-senso por quê, Marcondes?

— Onde já viu um espírita necessitar de psiquiatra? Isso seria admitir que não se vive o Evangelho, ou pior, que a doutrina não está sendo suficiente para nosso equilíbrio e orientação.

— Ledo engano! A questão não está na doutrina, nem no Evangelho e sim em nós, os espíritas. Somente desconhecendo a natureza de nossas necessidades, ou tentando ignorar a extensão de nossa inferioridade, pode-se exarar uma declaração como esta, pois, em verdade, a superlativa importância pessoal tem sido uma enfermidade comum entre amigos de lide. Você lembra das lições obtidas com H. na ala dos unificadores?

— Lembro.

— Pois fique sabendo que muitos daqueles que já se encontram no segundo andar, em melhores condições, optaram pelo suicídio.

— Não consigo imaginar como um espírita, particularmente um líder espírita, pode chegar a tal ponto.

— É mais fácil que você possa imaginar, Marcondes. O caso de Jânio ilustra bem esta trajetória.

— A senhora quer dizer que alguns espíritas fazem o mesmo percurso dele?

— Alguns fazem percurso pior.

— Então não são espíritas!

— Marcondes! Pense em sua experiência pessoal, amigo querido, e diga-me se poderia se considerar espírita.

— Sabe de uma coisa, Dona Modesta?!

— Diga.

— Estou deixando de acreditar nos espíritas.

— Se me permite a sinceridade, acho que o senhor nunca acreditou.

— Talvez! Talvez!

- E digo mais: por pouco não deixou de acreditar na doutrina.
- Isso também, Dona Modesta?!
- Pois tenho motivos para acreditar que sim.
- Quais?
- Pelo interesse com o qual você assistiu à preleção de Jânio.
- Não entendi bem... A senhora quer dizer que...
- Quero dizer - interrompeu a matrona - que você adoraria fazer algumas perguntas e não teve coragem, porque diziam respeito às suas crenças mais íntimas. Se estivesse na Terra, uma hora dessas, abandonaria tudo e seguiria outra designação religiosa, envolvido pela sinceridade de Jânio.
- Dona Modesta! Não seja indiscreta, porventura andou lendo meus pensamentos?
- Mais que isso...
- Não fiz as perguntas, porque o grupo de evangélicos deve ter lá seus problemas e abafaram o homem após a fala. Não queria me envolver em coisas de protestantes...
- Acha mesmo que foi colocado neste grupo a mercê do acaso?
- Não existe acaso, não é mesmo, Dona Modesta?!
- A Doutrina Espírita é uma bênção de alívio e paz para quem a busca e absorver-lhe as lições. Todavia, para quantos estacionam na superfície de seus ensinamentos, transforma-se em fardo consciencial. Por essa razão, alguns confrades recorrem a alternativas. Cansam de espiritismo!
- Cansar de espiritismo?! Nunca havia pensado nisto! Confesso-lhe que, se pudesse fazer ou viver algo aqui que não envolvesse a doutrina, seria uma experiência interessante. Quem sabe estudar filosofia?
- Estudar filosofia e continuar se enganando? Este cansaço, Marcondes, é proveniente do descompasso que criamos na interiorização dos princípios doutrinários. O Espiritismo brilha somente para quem lhe oferece um espelho translúcido no coração capaz de refletir-lhe a claridade infinita e benfazeja.
- Dona Modesta, posso perguntar? - indagou Selenia.
- Já perguntou.
- Que faz Jânio neste Hospital?

— Prepara-se para trabalhar pelo bem das igrejas reformadas. Guarda vínculos estreitos com o Hospital, porque foi um pedido de sua mãe que, ao fim da existência tornou-se espírita. Ele fará um trabalho específico e árduo de convencimento e mudança de conceitos entre os evangélicos aqui presentes, para se adaptarem à realidade que querem negar.

— Temos por aqui alas específicas de evangélicos?

— Todos os seguidores e amantes da mensagem cristã encontram asilo nesta casa.

— Como são tratados, considerando que os orientadores do Hospital são espíritas?

— Com carinho e respeito incondicionais. Essa a orientação de Eurípedes e do próprio Cristo quando asseverou: "*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*".⁴¹ Há almas, nesta casa, com saudade das diversões terrenas. Temos um centro cultural que reproduz parte dessas manifestações, com fins de entretenimento educativo através de teatro, música e cinema. Temos também uma capela com fins terapêuticos para aquelas almas que sequer encontram motivos para continuarem a viver. Carecem de manifestações exteriores. Apesar disso, não é incomum encontrar alguns espíritas freqüentando-a em preces sentidas e autênticas. Nosso nosocômio é um centro de recuperação que reproduz muitos cenários terrenos com fins motivacionais e restauradores. Claro que, em colônias mais ajustadas às finalidades ascensionais do espírito, certamente tais manifestações são abolidas, objetivando a consciência. Aqui no Hospital Esperança, apesar de sua feição educacional, não conseguimos, por agora, escapar de sua característica eminentemente socorrista, atrelada ao mundo terreno.

Observando a fisionomia absorta de Marcondes, Dona Modesta provocou:

— Está intrigado com a capela, Marcondes?

⁴¹ João 13:35.

— Como lhe disse, Dona Modesta, acho que vou parar de ficar surpreso. Não duvido de mais nada. Vou tentar ver tudo com naturalidade.

— Sua fala merece umas palmas - manifestou a orientadora com alegria - pois esse é o espírito da vida: naturalidade. Vivê-la como ela é. Celebrando a existência com fraternidade ao diverso, ao apostado, ao contrário. Felizes são aqueles que conseguem caminhar dessa forma. Distantes da terrível doença do preconceito e da indiferença.

— Por qual razão a senhora nos trouxe aqui? -intercedeu novamente Selena, que estava muito reflexiva sobre as novas informações daquela hora.

— Esta é a *tribuna da humildade*! Já passaram por aqui alguns espíritas conhecidos, fazendo de seus mais singelos "pecados" um verdadeiro tributo à autenticidade. Outros, em situações mais graves, tiveram a coragem de revelar desvios clamorosos de sua vida corporal.

— Expondo-se assim, de forma pública?!

— Mais cedo ou mais tarde, todos nós teremos que tratar nossas mais secretas amarguras e feridas. É o preço pela liberdade. Teremos que apontar nossas chagas para que o Médico Divino possa sará-las. E apontar significa olhá-las no espelho da consciência. Só é capaz de operar dignamente, nesse sentido, aquele que adotar a postura mental da humildade. Humildade é o ato de amarmo-nos como somos. A tribuna, para esses, não passa de uma técnica auxiliar.

— Parece-me muito cruel ter que se expor assim. Como será usada esta informação depois? Não sei quanto ao mundo em que me encontro, mas, no plano físico, se agíssemos assim, certamente seríamos macerados. Nossas informações seriam usadas contra nós e aí daquele que se expor!

— Não posso discordar de semelhante verdade. Aqui, porém temos objetivos bem definidos e só participam da tribuna os pacientes que tiveram suas fichas exaustivamente analisadas. O ato de se expor em nosso plano é sinônimo de alguém que, primeiramente, expôs-se a si próprio. Assim como a regressão de vidas passadas é recomendável em alguns casos, a "tribuna psicológica" só terá efei-

tos benéficos para determinadas almas com traços peculiares de auto conhecimento.

— Em síntese, qual a função da tribuna?

— Sobretudo, encorajar os outros a se assumirem. Ampliarem seu lento trabalho de desilusão, retirarem máscaras. Existe um acompanhamento de especialistas terapêuticos de diversas modalidades, cujas qualidades morais são resultado de longo serviço de amor à dor alheia. Cinco, entre vinte e cinco integrantes do grupo de hoje, são psicólogos e admiráveis estetas das ciências da alma. Terapeutas psíquicos.

— Somente novatos a freqüentam?

— Somente quem deseje vencer a si. Temos sessões mais profundas em que alguns corações mais conscientes, de posse de muitas informações de suas vidas pretéritas, explicam as falhas da existência recém-finda sob a ótica de sua trajetória milenar. Algo maravilhoso e profundo, capaz de fazer nascer a sublime virtude da compaixão quando entendemos que aquilo que parece queda, na maioria dos casos, é avanço e crescimento, considerando as transatas existências carnavais.

— Meu Deus!

— Que foi, Marcondes?

— Passou uma bobagem pela minha cabeça.

— Não é bobagem. Antes fosse do jeito que você pensou.

— A senhora está lendo meus pensamentos?

— Mais que isso, repito...

— Mais?!

— Leio seus sentimentos

— O que senti?

— Desejo sincero de que esta fosse a realidade dos centros espíritos.

— Será possível que, um dia, venha a ser assim, Dona Modesta?

— Não tenha dúvida.

— Quando?

— Quando os espíritas desistirem dos estereótipos e laborarem pela maioria. Segundo Doutor Bezerra, temos setenta anos para instauração deste período; o *período da maioria*.⁴²

— É muito tempo...

— Um piscar de olhos...

— Permita-me uma pergunta meio rude, ante suas colocações, seria crível admitir que os espíritas estivessem teatralizando moral?

— Inconscientemente.

— Explique melhor, por favor.

— Não o fazem por deliberação, intencionalmente. Apenas se defendem do que não desejam expor...

— Então teatralizam.

— Teatralizamos.

— Não me incluo nessa postura.

— Não se inclui por pura ausência de lucidez quanto a seu mundo subjetivo.

— O que a senhora quer dizer? - falou meio irritado o velho dirigente Marcondes.

— Que dificilmente alguém escapa de encenar virtude em nosso meio, amigo querido. Faz parte das etapas de avanço. Primeiro, os germens da reforma íntima fermentam longamente nos escaldantes caldeirões da intelectualidade. Somente depois, bem depois, é que se inicia uma metamorfose nos escaninhos do coração, no qual, definitivamente, processa-se a reforma autêntica, a conquista do *self*. Para cada um, esse tempo é diferente. Diante do exposto, poderíamos denominar o irmão Jânio como um protestante espírita!

— Pastor espírita?

— Assusta-lhe a nomenclatura?

— É a pureza novamente não é, Marcondes?

— Para mim, existe um só tipo de espírita.

— E os outros...

— Os outros podem se dizer espíritas, mas não são.

— Qual seu conceito do verdadeiro espírita.

⁴² *Seara Bendita*, Editora Dufaux - mensagem "Atitude de Amor".

— O de Kardec. Aquele que se esforça para domar suas más tendências.⁴³

— E se o pastor Jânio estiver enquadrado nessa condição?

— Mas ele não é um evangélico?

— Evangélico e verdadeiro espírita, segundo a conceituação Kardequiana. Como ficamos?

— Ainda assim! O que ele acredita ou sabe sobre mediunidade, reencarnação e os fundamentos espíritas?

— Kardec não fala que se reconhece o verdadeiro espírita por acreditar nos fundamentos espíritas.

— Está subentendido na fala do codificador, evidentemente, que ele se refere a quem crê.

— Marcondes, o que você acredita em relação ao futuro? Teremos homens espíritas, ou homens de bem?

— O Espiritismo é a revelação da Verdade. O homem terá que adota-la inevitavelmente.

— Nem por isso todos vão ter de se tornarem espíritas. Concorde?

— Discordo. Mais cedo ou mais tarde, terão de se tornarem espíritas.

— Você não acha que seria mais razoável pensar que todos adotarão os fundamentos da doutrina, mas cada qual conforme sua cultura e designação religiosa?

— Isso seria desfigurar o Espiritismo em sua pureza?

— E qual a pureza do Espiritismo?

— A que foi dada por Kardec.

— Kardec fez o Espiritismo possível em seu tempo. Sem retirar-lhe a condição de missionário da Nova Era, o codificador foi um homem de seu tempo, sujeito à cultura de sua nação. Veja que os próprios livros da codificação contêm larga influência da corrente positivista e mesmo da igreja. Conquanto tenha sido um investigador incomparável, esteve submisso, como não poderia ser diferente, ao "caldo cultural" de sua época. Vindo para o Brasil, a doutrina assimilou, por sua vez, os traços religiosos e sociais do nosso país.

⁴³ *O Evangelho Segundo Espiritismo*, capítulo XVII, item 4

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Que o Espiritismo chamado de puro é uma criação da cabeça humana, tomada pelo preconceito, e que os espíritas de hoje são um "novo cultural católico", um fenômeno social e histórico. As práticas e conceitos doutrinários foram talhados pelo arcabouço milenar do homem religioso.

— Não, Dona Modesta! Desculpe-me a interferência! A senhora está exagerando e misturando as coisas. Se todos pensarem dessa forma, onde vai parar o Espiritismo?

— Vai parar no lugar que ninguém, em tempo algum, conseguirá detê-lo de chegar.

— Onde?

— No terreno neutro. Vai se tornar uma crença geral como afirma a sabedoria do Espírito Verdade, mas não uma religião geral.

— ?...

— Vamos ler aqui um trecho de A Gênese XVII, item 3 2: "*A fim de chegarem a esta, as religiões terão que encontrar-se num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conforme à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá partir do campo oficial; em lugar de tomarem no alto o ponto de partida, tomá-lo-ão em baixo por iniciativa individual. Desde algum tempo, um movimento se vem operando de descentralização, tendente a adquirir irresistível força. O princípio da imutabilidade, que as religiões hão sempre considerado uma égide conservadora, tornar-se-á elemento de destruição, dado que, imobilizando-se, ao passo que a sociedade caminha para frente, os cultos serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das idéias de progressão.*"

— Como interpretar esse trecho?

— O Espiritismo não cria a renovação social e nem incute espiritualidade no povo. A Terra avança paulatinamente para a maioria na busca da noção abrangente de civilização. Essa maioria humana requer uma doutrina tão clara quanto o Espiritismo. As pessoas se espiritualizam com ou sem o Espiritismo.

— Suponhamos que seja como a senhora diz. E se eu quiser continuar espírita conforme o conceito que tenho de verdadeiro Espiritismo?

— É um direito que lhe cabe. Contudo entenda que não é verdadeiro para todos. Não será o caminho adotado pela maioria ante o inexeqüível fenômeno mundial de espiritualização. O seu conceito de pureza é parte nessa diversidade. Merece ser acatado como parte de um todo.

— Falando assim, sinto um enorme desânimo para com o trabalho dos unificadores, do esforço que fazem milhares de homens pelo bem da doutrina.

— Essa a questão! O bem da doutrina. O homem realiza o que pode de melhor no seu conceito pela causa, pela doutrina. No entanto, esquece que ela defende e prega o amor incondicional ao semelhante. Ama-se a doutrina e desama o alvo central dela própria. Uma incoerência que precisa ser corrigida.

— Isso me causa uma terrível insegurança.

— Em relação a quê?

— Aos exageros doutrinários, por exemplo!...

— Nesse enfoque, logo teremos "espíritas católicos", "espíritas umbandistas"...

— Teremos, não! Já temos! Além deles, começam a surgir os "espíritas psicólogos", "espíritas artistas", "espíritas administradores", "espíritas ocasionais" e outros tantos.

— E como fica essa situação? De espíritas, eles só têm o nome. Como disse a senhora, são ocasionais. São espíritas "em parte", ou seja, naquilo que lhes diz respeito.

— Explique melhor.

— O caso do psicólogo que se diz espírita, porque usa alguns conceitos espíritas em seu trabalho, podemos considerá-lo espírita?

— Sem dúvida.

— Ah, Dona Modesta! - debochou o dirigente - não consigo aceitar isso nunca! Só porque um psicólogo ou um umbandista utiliza alguns conceitos espíritas, dizerem-se espíritas?! É demais!

— Por que demais?

— E onde fica a vivência dos princípios? Quão distantes não estão do que propõe o Espiritismo!

— E o que propõe o Espiritismo?
— A reforma, a melhora, a ética do bem.
— Analisado dessa forma, pode-se fazer uma pergunta: como se encontram os que se dizem verdadeiros espíritas em relação a essa reforma, a essa melhora, a essa ética do bem?

— Fazendo o melhor que podem para honrá-la dentro dos centros espíritas, firmes na tarefa.

— Mas com as mesmas lutas de todo ser humano, concorda?

— Concordo. E o que tem isso a ver.

— Tem a ver que cada qual dará o passo possível em direção a essa melhora, e não se surpreenda de encontrar por aqui alguns homens como o pastor Jânio, que jamais ouviram falar em Espiritismo e oferecem testemunhos como o que você ouviu e que, no entanto, encontram-se melhores que muitos espíritas nesse conceito defendido por você. O maior problema do cristianismo primitivo foi ter banido o amor de suas relações. Se usasse hierarquia e ritual, mas amasse...

— A senhora está pregando um Espiritismo ritualizado em nome do amor?

— Sou a favor do amor acima de quaisquer conotações filosóficas e religiosas.

— E os conceitos doutrinários, como ficarão nesse caso?

— São irretocáveis, desde que os vivamos em espírito e verdade. O amor é o centro de convergência de todos os fundamentos espíritas. Se advogarmos os princípios sem exemplos de amor legítimo, estaremos vivendo o processo chamado institucionalização, isto é, o aprisionamento de sentimentos em detrimento das convicções. Essa atitude conduz ao desamor. E uma das suas mais viris manifestações chama-se indiferença, isto é, a ação emocional de quem não pretende interagir com os diferentes e suas diferenças.

— E o modelo criado pelos unificadores, pelo esforço de Bezerra de Menezes, cuja história se confunde com as nascentes do Espiritismo brasileiro?

— O modelo inicial foi necessário. O problema é torná-lo modelo definitivo. O próprio Doutor Bezerra tem visão clara sobre as necessidades do momento, sendo ele próprio o mentor desta nova etapa das idéias espíritas para o mundo. Acordos e iniciativas

conjuntas com condutores espirituais de diversas nações são celebrados constantemente. Há um clamor desses corações que amparam as nações da Terra no intuito de que as vertentes filosóficas do Espiritismo alcancem o território sob seus auspícios.

— Posso fazer mais uma pergunta atrevida?

— Adoro perguntas atrevidas!

— A senhora acabou de ler um trecho da codificação. Aqui mesmo no Hospital, já os vi em pleno uso nas diversas mesas de estudo; o que a senhora pensa dos livros de Kardec?

— São como uma bóia.

— Uma bóia?...

— Para que serve uma bóia? - indagou Dona Modesta em atitude professoral. Uma bóia é apoio a quem não sabe nadar!

— Nesse caso, sob aspecto espiritual, a humanidade inteira precisa dela.

— Precisam até que aprendam a nadar e singrar mares desconhecidos com o esforço pessoal.

— Quer dizer...

— Quero dizer que há muito por se desvendar. A codificação abriu o véu da imortalidade, para que o homem penetrasse o mundo desconhecido da vida futura. No entanto, o texto de Kardec não disse a última palavra. Ao invés de sermos tão textuais em relação ao codificador, deveríamos estudar sua postura coerente, sua sensatez, sua prudência e sua capacidade investigativa. O próprio codificador já renovou seu foco sobre o trabalho que ele mesmo realizou, acompanhando o progresso...

— O Espiritismo é a terceira revelação. É a Verdade.

— Caminho para a verdade e a vida.

— Caminho?

— Sem dúvida, o mais claro caminho oferecido por Deus ao homem para sua espiritualização na Terra.

— O melhor, eu diria!

— Prefiro não pensar dessa forma.

— Não? Por quê?

— O melhor para cada um tem conotações diversificadas. Voltamos à origem de nossa conversa. É mais interessante tornar-se um homem de bem, que um espírita dentro dessa concei-

tuação estereotipada. O Espiritismo dissecou a imortalidade. Abriu panoramas para analisar a continuidade da vida. Desvendou a "anatomia do céu" e orientou como alcançá-lo. Mas não disse tudo. Pequena ponta do imenso véu está aberta pela sabedoria dos ensinamentos espíritas. O mérito da doutrina é conferir lógica aos princípios religiosos de todos os tempos e conectá-los com a ética da benevolência aplicada. Indiscutivelmente, sem quaisquer reducionismos, o triunfo da doutrina não foi somente o de reafirmar a imortalidade, um princípio já consagrado em várias culturas, mas sim o de dissecar esse tema, esquadrinhando a "anatomia da morte", conferindo-lhe caráter comportamental. A lógica adveio da experimentação, e a ética sobressaiu dessa como sendo a alma das idéias espíritas. A lógica ilumina a razão para conquista de uma fé racional, e a ética impulsiona o ser para adoção dos caminhos libertadores rumo à consciência divina de nós mesmos.

— Confesso que a argumentação da senhora balança meus conceitos. Todavia não consigo aceitar, de coração, suas colocações. Para mim, o verdadeiro espírita é só um e não tem meio termo. O verdadeiro espírita é aquele que está na comunidade, seguindo os preceitos de Kardec.

— A comunidade espírita, em verdade, é um exemplo no que tange ao esforço sacrificial para vencer a rotina imprimida pelas ilusões mundanas. É uma seara bendita que deve ser interpretada como excelsa enfermaria para recuperação de nós próprios. Em que somos diferentes dos demais religiosos? Já vivemos a ética da imortalidade? Qual de nós venceu por completo a roda dos interesses pessoais? Quantos já desenvolvemos o pensamento reencarnacionista a ponto de iniciar o projeto do futuro retorno? Necessário avaliar que as vitórias e aquisições, à luz do espírito imortal, não passam de matrizes valorosas, porém embrionárias para germinações na longa peregrinação evolutiva. Não se equivoque! A comunidade espírita brasileira é um centro de recuperação para almas acentuadamente enfermas tanto quanto nós três...

— Perdoe-me a sinceridade que faz bem ao seu gosto, mas não sei se chamo a senhora de louca ou inteligente! -manifestou o dirigente com humor.

— Pouca diferença existe entre loucura e inteligência. Digamos que os inteligentes são loucos educados... De minha parte, creio que nem isso eu seja. Sou uma louca... Louca pelo Cristo!

A vida de qualquer discípulo não é mais a mesma depois de passar pela *tribuna da humildade*. A tarefa criada por Dona Maria Modesto Cravo, sob aprovação de nosso diretor, alcança índices gloriosos na libertação de almas aprisionadas às suas próprias mentiras.

Qual de nós não terá que subir a essa tribuna ao longo do espinhoso caminho da desilusão?

24

Geração Solidária

Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, aí voltarão, porquanto muitos há que o são porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo"

A Gênese, capítulo XVIII. A Geração Nova, item 29.

Após intenso labor em dias seguidos de auxílio e socorro, Dona Modesta convidou Cícero Pereira, Marcondes e Selena para um instante de entretenimento em sua residência, nas cercanias do Hospital Esperança.

O momento era de intimidade. A anfitriã conservava os velhos traços da mineira hospitaleira. Uma boa xícara de chá refazente era servida enquanto a conversa absorvia-os em clima de descontração.

— Quanta dor nessas plagas! - manifestou Selena.

— A vida espiritual tem também suas alegrias, não é mesmo, Dona Maria? - atalhou o Professor Cícero.

— É verdade! Muitas alegrias!

— Dona Modesta, fui informada, em conversas de rotina com servidores do Hospital, que a senhora guarda vínculos profundos com algumas criaturas no plano físico! Seria a mentora deles?

— Ah, Selena! A história é longa... Quer mesmo saber?

— Adoraria!

— Estávamos em plena década de quarenta. O Sanatório Espírita Uberabense comemorava conquistas essenciais junto ao trabalho desobsessivo dos pacientes. Inácio, na condição de médico humanitário e investigador, sob tutela de Eurípedes que se valia de minhas faculdades sensitivas, desenvolvia métodos de recuperação jamais imaginados. Nossas reuniões de intercâmbio obedeciam ao critério da espontaneidade. Que saudades desse tempo inesquecível!

Começaram a aparecer da parte de Doutor Bezerra, a esse tempo, alguns pedidos de socorro para almas tratadas com desvelado carinho pelo benfeitor. Seu amor era tanto que me penalizava pela situação daqueles espíritos. Alguns deles eram *justiceiros* - assalariados de organizações ligadas aos dragões da maldade.

Doutor Bezerra dizia: "O socorro medianímico a essas almas tombadas significa o trabalho paciente de investir no futuro luminoso da humanidade. Um dia, eles usarão a força e a inteligência de que são depositários na implantação do reinado do bem. Falta-lhes direção. Nossa tarefa, portanto, reveste-se de grande importância ante o contingente de medidas levadas a efeito pelos organizadores planetários em favor dos destinos regenerativos de nossa amada Terra. Laços estreitos nos ligam a esses corações na tessitura do tempo..."

Naquele tempo, nunca vou me esquecer, em um sábado, no início da década de cinqüenta, após desgastantes atividades no Sanatório, fui me refazer um pouco em meu quarto. Estava assentada na beira da cama, quando adentrou Eurípedes e falou-me:

— *Dona Modesta, temos que ter muito carinho com essas almas a que estamos assistindo nas reuniões de intercâmbio.*

Perguntei-lhe espontaneamente:

— *Benfeitor, existe algum motivo especial?*

— Nossos irmãos têm muito medo da reencarnação. Querem proteção e temem novos fracassos. Como peregrinaram pelo caminho obscuro da justiça impiedosa, sabem que também podem ser cobrados e castigados.

— Como poderei ajudar, querido benfeitor?

— Eles estão sendo preparados para um glorioso futuro. Sabem que a senhora tem o tempo de vida física traçado. Sabem também que é esperada por aqui para assumir graves responsabilidades junto ao Hospital Esperança. Então, muitos deles, especialmente os que guardam vínculos com nosso passado, têm nos pedido tutela e amparo. Regressarão nesta década e na seguinte com tarefas definidas.

— Terei condições para algo realizar?

— Eles esperam que os conforte com a promessa de assisti-los ao longo da tarefa de reerguimento consciencial na carne. Pedem o seu aval, Dona Modesta.

— Mas não seria melhor que Inácio, quem os "doutrina", fizesse essa fiança? Ou mesmo você, meu benfeitor, que já se encontra liberto do corpo e dando-lhes todo carinho?

— Eles sentem o seu amor de mãe. Querem a senhora e têm o nosso consentimento.

— E o que preciso fazer para que possam acreditar que vou ampará-los?

— Regressaremos com muitos deles nas reuniões para o diálogo promotor dessas promessas de luz.

— Mas poderei saber a razão de tão carinhosa manifestação de carinho de Doutor Bezerra com esses corações?

— Eles retornam como lírios de esperança, colhidos e preparados pelo paladino do amor, com missões junto à obra redentora do Cristo.

— Querido benfeitor! Com tantas lutas e sentimentos como podem ser mensageiros do Cristo?

— Trazem o coração encharcado de culpas e dores, entretanto são almas valorosas pelas disposições comunitárias que apresentam em suas inúmeras trajetórias carnavais... Dona Modesta, para que possa entender como Deus assiste almas desse porte moral, estude o belíssimo texto "A Geração Nova" contido em A Gênese de Allan Kardec.

Foi assim que me vi compelida a fazer infinitas promessas de tutela nos últimos quinze a vinte anos de minha peregrinação na carne⁴⁴, junto a inúmeras almas desoladas. Seja nas reuniões mediúnicas, ou mesmo fora do corpo, durante o repouso, envolvia-os em emotivos acordos de sensibilidade e ternura. Acreditavam solenemente em mim. Tornei-lhes mãe em espírito.

Eu passaria para cá e eles para o corpo. Com sinceridade, enquanto no corpo, não imaginava satisfatoriamente, dentro de meu espírito indagador, sobre como se daria semelhante destino.

Desencarnei, e uma das primeiras iniciativas de Doutor Bezerra foi dizer-me que precisava de conhecer meus filhos adotivos na Terra, que foram atendidos pelas minhas faculdades mediúnicas. Tinham entre dois a quinze anos de vida física. Lembro-me que a primeira criança visitada era ainda uma menina muito clara. Ao vê-la, chorei copiosamente sem saber exatamente a razão. Visitei um a um. Eram quase trinta. Todos, médiuns. Espalhados por esse país do Evangelho, passaram a ser parte intensiva de minhas realizações nesta casa de amor. Estão, pouco a pouco, com tenazes lutas interiores, buscando sua redenção. Com o tempo, assumirão suas tarefas doutrinárias.

Tenho procurado, com auxílio e orientação do Mais Alto, uni-los pelos laços sacrossantos da fraternidade e da afinidade de propósitos. O cumprimento do compromisso assumido significa a redenção espiritual para muitos deles.

Acompanhar os passos de meus tutelados tornou-se a mais gratificante tarefa. Tenho muitas alegrias quando os vejo ajustados, crescendo. Mas nem tudo tem sido facilidade e pura alegria. Muitos têm sofrido as cruéis lâminas da justiça que um dia aplicaram sem amor. À frente de responsabilidades imensas, sucumbem sob a expiação do orgulho e dos ímpetos de mando. Estão aprisionados às teias do personalismo, esse estado mental de centralização em si mesmo. Outros, conquanto as tenazes provas, prosseguem intimoratos, embora carentes de apoio incondicional.

— E a senhora prossegue assistindo-os? - perguntou Selena.

⁴⁴ Maria Modesto Cravo desencarnou em 08 de agosto de 1964.

— Com o tempo, vim a ser mais esclarecida sobre os meus laços com aquelas criaturas. Além de elos do pretérito, faziam parte do grupo de escolhidos por Doutor Bezerra para compor a *geração solidária*. O compromisso é mais amplo que eu mesma podia supor...

A história sensibilizava Selenia e Marcondes. Como de costume, o momento de entretenimento entre almas ávidas por aprenderem tornava-se repasto educativo. Curioso com a nova expressão, indagou Marcondes:

— Pode nos explicar o que seja a *geração solidária*?

— Creio que o Professor Cícero é a pessoa certa para falar do tema - colocou Dona Modesta. Ele, inclusive, depois do desencarne⁴⁵, chegou a cooperar no renascimento de alguns deles.

Sem pestanejar, o professor participou da conversa pela primeira vez.

— Em razão da índole mental dos que organizaram o movimento espírita brasileiro, Doutor Bezerra, antecipando medidas preventivas contra o excesso institucional, em plena década de quarenta, iniciou os preparativos para reencarnar oitenta líderes com tarefas definidas junto à coletividade doutrinária. A *geração solidária* tem esse nome, porque a solidariedade indistinta, acima de quaisquer preconceitos ou bandeiras, seria o traço moral marcante desse grupo. Somente os solidários constroem a benevolência efetiva. Se formos apenas tolerantes e bons trabalhadores sem o quinhão da solidariedade, corremos o risco de construir obras circunscritas ao raio de nossas necessidades e interesses. A solidariedade é composta pelo exercício da inteligência, da ação sacrificial e do desprendimento. É transcender o limite da primeira para a segunda milha, conforme o ensino de Jesus. Seriam, portanto, os arejadores, aqueles que fomentam o "oxigênio" ante os rigores das convenções, capazes de asfixiar os melhores programas de elevação e progresso.

— Seriam então preparados diretamente por Doutor Bezerra? - manifestou o dirigente.

⁴⁵ Cícero dos Santos Pereira desencarnou em 04 de novembro de 1948.

— Um grupo de educadores, ligados ao coração de Eurípedes Barsanulfo, passaram a ser os preceptores do projeto, tendo à frente Comenius⁴⁶ - almas de elevada estirpe moral, que prepararam os oitenta líderes com as mais legítimas noções da educação pelo coração, acendendo a chama da aspiração de um porvir redentor para todos eles. Até hoje, continuam velando pelos passos de nossos irmãos. Devidamente orientados, os oitenta servidores foram incumbidos de romper com os limites, ampliando os horizontes das áreas a que cada qual ficou responsável. Ampliariam conceitos e trabalhariam com intuits renovadores na comunidade doutrinária.

— Atuariam em quais áreas?

— Trinta deles, com programas na mediunidade, cuja missão seria dilatar a noção sobre a interação das sociedades física e espiritual, culminando em uma visão mais realista e multifacetada da vida extrafísica. Outros trinta seriam os expoentes da cultura, pensadores com a missão de fertilizarem a gleba com visão pluralista, rica de diversidade, cujos conceitos dilatassem a fé racional, dissolvendo o dogmatismo e o preconceito. E vinte operários para fundação de institutos com os traços organizacionais de cidadania espírita, uma interação de conhecimentos e um campo de trocas para alavancar o progresso social. A *geração solidária* tem por missão corroborar com a implantação do período social do Espiritismo previsto por Allan Kardec na Revista Espírita, em novembro de 1869. A esses oitenta corações foi entregue a santificada oportunidade de edificarem os pilares para o tempo da maioridade na coletividade doutrinária.

—Conseguirão mudar, sozinhos, a feição do movimento? Apenas oitenta pessoas?!

— São oitenta mentes com grande poder de influência e formação de opinião. Entretanto, em torno deles, estende-se uma cadeia de milhares de corações ligados pelos laços de cooperação e afinidade. Eles serão apenas os detonadores das referências de transição entre um tempo de mutações céleres e necessárias do conhecimento espírita. Esses oitenta arautos estimularão, em tese, a reno-

⁴⁶ Johann Amos Comenius, educador alemão.

vação dos modelos institucionais, das práticas doutrinárias e do perfil moral do verdadeiro homem de bem. Alargarão horizontes e referências éticas para a comunidade no início do milênio, focadas no trabalho em equipe e no compromisso com a causa, e não com a casa.

— Apesar das lutas que carregam, poderíamos considerá-los missionários?

— São almas com experiências sucessivas nas áreas em que assumiram compromisso. Os médiuns são corações que já estagiaram nas furnas da maldade, guardando em seu psiquismo, uma clara idéia das movimentações da perversidade. Dotados de larga resistência mental, serão sementes de serviços socorristas complexos na criação de novos modelos de relação espiritual. Os pensadores são os corações que desenvolveram a arte de comunicar idéias novas conectadas à base universalista do Espiritismo, convergindo a ação espírita para uma relação sadia e uma ética de cidadania com a sociedade. O grupo dos dirigentes é composto por almas que dominam larga habilidade para criação de novos modelos de trabalho e ação cooperativa em rede.

— Quer dizer que reencarnaram na década de quarenta? - voltou a participar Selena.

— Alguns nos fins de quarenta e, a maioria, na década de cinquenta.

— Esses oitenta líderes poderão falhar?

— São cartas vivas de esperança a serviço da obra redentora do Cristo. São as sementes férteis de novos tempos. Virão depois os cultivadores, os arautos de uma nova civilização no campo social. Existem chances enormes de se desviarem, entretanto o contingente de dor e amargura experimentado nos sucessivos fracassos de outras tentativas, ser-lhes-ão o esteio seguro e promissor. Além disso, pela envergadura da tarefa a que se submetem, serão alvo de muito amparo, tendo em vista a natureza árdua de suas missões.

— E como estão hoje?

— Pouco mais de vinte por cento cumprem suas tarefas a contento. Sessenta por cento estão inseguros sobre os rumos a tomar em suas atividades ante as ameaças do tradicionalismo. E quase vinte por cento já desistiram totalmente. Muitos diri-

gentes renderam-se ao comodismo. Alguns médiuns entregaram-se ao interesse pessoal, e quase todos os pensadores transformaram-se em rigorosos juizes da seara com sua habilidade de enxergar. Em tese, excetuando os que se mantiveram fiéis, os demais se fascinaram com as sugestões do cansaço e da excessiva capacidade de filosofar e questionar sem realizar.

— Meu Deus! Então vinte por cento desistiram?! Mas como pode ser? Não foram tão preparados por Bezerra?

— Suas idéias, amigo querido, refletem o espírito de menor esforço, uma ilusão comum à maioria dos seguidores do Cristo. Somente estudando com atenção o capítulo evangélico de Maria de Magdala, encontraremos entendimento preciso sobre quem são os trabalhadores da última hora. Esses vinte por cento não desistiram por simples opção. Em verdade, sequer chegaram a ter consciência da missão que lhes estava destinada. Sequer imaginavam o quanto os céus depositaram sobre seus ombros.

— Não foram então avisados?

— Diz *O Evangelho Segundo Espiritismo*, no capítulo XXI, item 9: "*Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus. O primeiro é humilde e modesto; o segundo, orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mendazes, parece sempre temeroso de que não lhe dêem crédito*".

— Portanto uma missão verdadeira nunca é revelada. É descoberta. É construída. Somente agora, depois do esforço sacrificial de quantos se mantêm firmes na empreitada, convém-nos dar notícias ao mundo físico sobre tal assunto, considerando a extensão das responsabilidades assumidas por esses arautos da diversidade. Esses oitenta homens e mulheres estão em plena maturidade das forças físicas. Essa Boa Nova chegar-lhes-á como estímulo renovador e confirmação oportuna aos roteiros luminosos que escolheram para suas existências.

- Não lhes incensará a vaidade?
- Para os decididos a servir, será visto como responsabilidade adicional. Para os indecisos, será um incômodo educativo. Para os desistentes, um alerta recuperativo.
- E... - ficou constrangido o aprendiz.
- Pode indagar à vontade, Marcondes. Não tenha receios da curiosidade inútil.
- Todos estão na carne?
- Sim.
- E se falharem?
- Os oitenta são os chamados. Se não fizerem, vamos às "esquinas", como diz a predica evangélica das Bodas⁽⁴⁾. Contudo alguns recursos de proteção e estímulo poderão ser suspensos.
- E qual o objetivo de serem retirados esses recursos?
- Deixarem os irmãos na carne colherem o fruto amargo da inconsciência com o qual aprenderão a melhor cuidarem dos tesouros celestes.
- Não será um ato de covardia e abandono? - interveio Marcondes um tanto alterado.
- Amigo querido, a misericórdia não pode incentivar a proliferação do joio na leira divina quando chega o instante inevitável da ceifa. Se ela atua incessante, ainda que abonando falhas e desajustes humanos, é porque, ao lado do joio nocivo, emergem lentamente as sementes viçosas de trigo. Porém, se as sementes promissoras, por algum motivo, deixam de ser lançadas na cova fria do sacrifício, para oferecerem o fruto desejável, então o Senhor da vinha deve tomar medidas para não perder sua colheita de esperança e paz.
- Tocada pela resposta, Selenia questionou:
- As missões de nossos companheiros permanecerão sempre restritas às áreas específicas?
- Nem sempre. Alguns deles, devido ao ímpeto de servir e aprender, poderão estagiar nos três campos distintos, sendo que serão mais hábeis, em particular, naquele que foram mais bem preparados. Encontraremos, por exemplo, médiuns que serão difusores da cultura nova, podendo vir a ampliar sua esfera de ação na fundação de institutos de cidadania.

— Quando serão preparadas novas missões para o movimento espírita?

— Minha filha, todos os dias são preparados mentes e corações pelo Espírito Verdade para servirem em Sua bra. Não imagine a *geração solidária* como um acontecimento isolado ou de importância histórica incomparável.

—Então Doutor Bezerra já preparou outros missionários?

—Não somente ele, mas todos os servidores do amor incondicional não cessam em medidas pela implantação do bem na Terra. A *geração solidária*. foi apenas a primeira leva coletiva de espíritos, que fizeram seu projeto reencarnatório a partir de uma missão delineada, integralmente, dentro do Hospital Esperança. Após quase uma década de funcionamento, já que foi criado, no início da década de trinta, os trabalhos foram se especializando a ponto de constituir um núcleo avançado de reencarnações, conquanto não seja sua especialidade. Doutor Bezerra solicitou a Eurípedes ajuda para a comunidade espírita nos idos de 1940. Eurípedes resgatou e preparou, pessoalmente, os oitenta. Depois deles, já tivemos milhares de almas com renascimento corpóreo programado nesta casa, sob tutela de nosso diretor.

— Todos no meio espírita?

— A maioria. Alguns servem em comunidades estrangeiras, onde o coração de Eurípedes guarda imensos compromissos.

— Pode me dar uma idéia?

— Na Grécia e na Abissínia.

— Apesar de não serem missionários, creio que esse grupo tem alguma qualidade em comum para terem sido escolhidos. Concorde, professor? - interveio novamente o ex-dirigente goiano.

— Concordo. São almas que trazem em comum uma excelente qualidade: estão cansados de errar. Faliram inúmeras vezes em tarefas coletivas. Guardam extensa bagagem política, intelectual e religiosa. Conhecem bem os atalhos da perdição.

— E essa qualidade lhes bastará?

— Cansados do mal, repudiam, antes de tudo, em si mesmo, o mal que irão combater na leira cristã. Tornam-se, dessa forma, portadores de uma apólice de segurança contra os velhos ímpetus de ver os problemas de fora e não por dentro. Com essa qualidade,

colocarão a missão acima de quaisquer outras realizações de suas vidas. Somente então descansarão de si próprios, servindo e amando, aprendendo e sacrificando.

— Perdoe-me a insistência, mas o senhor ainda não me respondeu. Somente com essa qualidade terão êxito?

— Jamais podemos assegurar êxito a quem quer que seja na reencarnação. Tomamos sempre providências cautelares. O Hospital Esperança lhes será abrigo e ninho de refazimento. Todavia, para ser mais claro, posso lhe assegurar que somente esse quesito pode não lhes ser o suficiente contra a lisonja e o personalismo. Confiamos muito mais em outra medida de vigilância adotada em seus projetos reencarnatórios.

— E qual é?

— A condição de parceiros afetivos. Corações que lhes serão arrimo emocional indispensável ao tentame.

— O senhor estará falando de proteção espiritual especial?!

— Não. A proteção será especial no que tange aos recursos de nosso plano. Nenhum projeto do amor sobrevive sem esse círculo de amparo, as trincheiras de amor ao Cristo. Os ataques sutis dos antipatizantes do bem se renovam a cada dia em inteligência e persistência. Contudo, por mais misericórdia de nossa parte - os que nos achamos fora da matéria densa - não ultrapassaremos o valor dos parceiros afetivos que o homem pode contar em seu próprio plano de ação.

— Que parceiros são esses, professor?

— Estou falando do lar, o sagrado átrio das operações de crescimento da alma. Estou falando da família, especialmente a família espiritual com a qual esses bandeirantes, inexoravelmente, haverão de contar ante tais desafios. Quaisquer grupos ou equipes que lhes devam amor sem exigências, ser-lhe-ão repasto e fonte de ânimo para a jornada.

— Família espiritual?... Hum! Hum! Velha questão subjetiva para mim, professor! Já tive muita decepção em acreditar que fulano ou beltrano fizesse parte de minha família espiritual. Sempre ouvi a expressão, mas somente agora, estando "morto", começo a me interessar por ela. Como reconhecer a família espiritual?

Dona Modesta, atenta ao diálogo, depois de terminar seu chá, com muita fleuma, dirigiu-se ao professor:

— Permita-me professor?

— Ninguém melhor para falar do tema que a senhora!

— A família espiritual é constituída pelos corações que, na tessitura do tempo, criaram laços afetivos profundos, sendo que, em muitas ocasiões, esses laços foram desprezados pela desonra moral. Ainda assim, perante o monturo das decepções e das mágoas, o amor é o esteio da família espiritual. Nesse capítulo das obras espirituais, muitos de nós somos colocados, pela reencarnação, no caminho de nossas afinidades. Como a Terra ainda é uma escola de reeducação, tais afinidades, resgatadas pelo esquecimento do passado, surgem nas fileiras dos serviços doutrinários, atraindo-nos para uma proximidade espontânea, um encanto para caminhar juntos no ideal de enobrecimento moral. Entretanto, se descuidarmos de viver os convites da Boa Nova evangélica, podemos reativar as sombras do pretérito. Nessa conjuntura, mesmo os afins serão convocados a intenso esforço de recuperação para se amarem, sendo-lhes exigido tributos de sacrifício e renúncia, abnegação e ternura no intuito de conseguirem manter as obras cristãs que ergueram sob a égide da espiritualização.

— Então nem mesmo as afinidades são garantias de êxito?

— Afinidade, assim como tudo que a vida nos brinda para celebrar o bem, são responsabilidades pelas quais devemos zelar com a máxima prudência, para que jamais se transformem em pasto de arbitrariedade, ou espelho para projetar nossas carências. Afinidade espiritual deve significar arrimo para confiança e estímulo para crescer sem os equívocos da ilusão. Seja como for, esteja certo que, mesmo entre os afins, a construção do reino do Cristo, na intimidade, exigirá tempo e devoção para a construção de relações sadias e duradouras, que libertem e edifiquem os valores imortais.

— Pelo que vejo, tinha conceitos muitos superficiais de afinidade espiritual.

— Para muitos, afinidade é estar com aquele que pensa da mesma maneira, ou que tem os mesmos gostos!...

— E não é?

— Os afins, à luz do espírito imortal, são aqueles que constroem juntos na fieira do tempo, a devoção espontânea e o respeito incondicional, fazendo-se amigos honestos e companheiros leais ao regime da confiança espontânea, ainda mesmo que divirjam sobre os mais variados pontos de vista. Na obra do Cristo, os afins são aqueles que decidem se amar, apesar das diferenças...

A conversa tomava rumos instrutivos sem perder o encanto do momento festivo, um verdadeiro recreio educativo. Professor Cícero e Dona Modesta, que já haviam repetido a mesma história infinitas vezes, contavam-na como se fosse uma novidade, com desvelo.

25

Planos para o futuro

"Para quem iremos nós Senhor se tens a palavra de Pida Eterna?"

Mateus, 6:28 a 30

Chegara o dia da reunião com Dona Modesta. Seriam discutidos o destino e traçadas metas para Selenia e Marcondes. Ao todo, haviam passado seis meses de permanência com nossos amigos na "Casa de Eurípedes" -como é chamado, por muitos, o Hospital Esperança.

Marcondes e Selenia concluíram uma síntese de sua pregressa reencarnação. Apesar dos percalços naturais, com espantosa rapidez, adaptaram-se à rotina dos serviços enobrecedores. Restava-lhes, como era justo, talhar o caráter, rever pontos de vista, educar valores, cooperar. Ninguém se livra de si próprio. Essa é a grande lição da morte física.

Os dramas conscienciais, os impulsos, as enfermidades morais, persistem além-tumulo. A boa vontade e a alegria de servir - alma das tarefas doutrinárias - atraem proteção e misericórdia. Contudo a alforria mental é galgada por quantos se entregam ao afanoso trabalho de crescimento interior. Nem sempre a contenção de impulsos conduz à transformação. Nem sempre a atividade doutri-

nária significa libertação. Assim como nem sempre a experiência do conhecimento adiciona paz e serenidade.

Velhas ilusões de grandeza têm banido, de corações puros e bem intencionados, a oportunidade da reeducação. Inúmeros companheiros, avassalados por prestígio e facilidades, abandonam a essência e encantam-se com a forma, as exterioridades. O resultado inevitável desse trajeto de descuidos impensados é a negligência com deveres primordiais ao equilíbrio da alma após a morte. A sábia indagação do codificador e a inspirada resposta dos Sábios Guias merecem muita meditação:

"Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?"

— Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem."⁴⁷

Imperioso disputar o bem, abolir folgas, renunciar gostos.

— *"Oh verdadeiros adeptos do Espiritismo!... Sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai."*⁴⁸

Marcondes continuava procurando seu mentor. Selena tinha suas crises intermitentes de angústia em relação ao futuro da casa espírita.

No andar térreo, na hora aprazada, reuniram-se Dona Modesta, Doutor Inácio e o trio que começava a desenhar um futuro de bênçãos para a extensa família espiritual: Marcondes, Selena e Eulália. A benfeitora, após as saudações afetuosas, especialmente entre Selena e Eulália, coordenou a fala:

— Meus filhos, sempre chega o instante divino de falarmos sobre o futuro, tecermos planos em favor de nossa paz. Temos inúmeros casos similares nesta casa de amor, nos quais almas queridas arquitetaram o regresso à carne em bases de compromisso e reajustamento, crescimento e cooperação. O retorno de

⁴⁷ O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XX, item 4.

⁴⁸ O livro foi publicado pela Editora Didier.

Selena e Marcondes para cá preencheu de esperança o coração de Eulália, que rogou a Bezerra a

intercessão benfazeja em favor de suas lutas. Reunimo-nos aqui, não só para auxiliá-los a pensar esse futuro, mas também para encaminhar-lhes um apelo de nosso diretor, Eurípedes Barsulfo.

— Um apelo de Eurípedes para nós? É algo grave assim? - expressou Marcondes.

— Estamos reunindo informações sobre vários casos do Hospital Esperança para enviá-las aos homens. Eurípedes fez um convite aos administradores da casa nesse sentido. Compulsando os arquivos do Pavilhão Judas Iscariotes, sob nossa tutela, gostaríamos de destinar a história de vocês, com urgência, ao plano físico, no formato de um livro mediúnico. Vocês nos permitem?

— Dona Modesta! O que há de tão sério em nossa história para ser motivo de livro? - questionou Selena.

— Sua pergunta é muito feliz, Selena. É exatamente por não ter nada de tão extraordinário, assim que julgamos ser um relato oportuno aos irmãos de ideal. Lutas e frustrações pertinentes à expressiva maioria de nós, apenas isso! Nada tão sério; apenas os descuidos do caminho, suficientes, como todos sabemos, para causar-nos dor e decepção, angústia e aflição. Imagina-se entre os confrades de ideal que, tornam-se necessárias atitudes trágicas, para colher os espinhos da infelicidade nestas plagas. Temos catalogado, nos alfarrábios de Inácio, o "escriba" do pavilhão - caçou Dona Modesta - mais de setecentas histórias, entre as quais, pelo menos quatrocentas constituem uma casuística única, ou seja, ainda não revelada ao mundo físico pela literatura mediúnica. Queira Deus que os médiuns tenham fôlego e coragem para suportarem as refregas e nos ensejarem a bênção de remetê-las aos homens. Inácio prepara o médium de Uberaba para seu primeiro ensaio neste sentido.

— Já sei até o título que darei à obra! - interveio o médico.

— E qual será doutor? - indagou curioso o ex-dirigente goiano.

— *Sob as Cinzas do Tempo*.⁴⁹

— De que trata?

— O resgate de Torquemada, quando Modesta e eu nos encontrávamos ainda encarnados no Sanatório Espírita Uberabense.

— Dessa maneira - continuou Dona Modesta - conto com a colaboração de vocês. Além disso, temos anotações nas fichas de Marcondes e Selenia que falam de aspirações novas. O professor relata - e tomou de uma pequena folha de anotações - que Marcondes mostrou sensibilidade com os dramas do *segundo andar* e interesse em visitar os médiuns no plano físico que passaram pela sua direção. Selenia, após o ciclo de estudos junto a Odilon Fernandes, está muito empenhada em auxiliar o "Centro Espírita Paulo e Estêvão" na recondução de suas atividades espirituais. Não faltará trabalho. Tomaremos as providências pelo bem de todos. Quanto à Eulália, ela prepara seu retorno ao corpo. Logicamente, por essa razão, precisaremos de que alguém ocupe seu labor na câmara dos ovóides.

Sem pestanejar, reagiu Marcondes:

— Dona Modesta, se estiver em minhas condições...

— Muito bem! - interrompeu a matrona - está escolhido!

— Rápido assim? - e riram todos da forma como foi resolvida a questão.

— Apenas um ponto necessita ser acertado entre nós. Antes que ingressem em tarefas junto ao plano físico, recomendo que arejem suas concepções sobre as novas bússolas que guiarão a mediunidade com Jesus neste século da transição planetária. Eulália! - chamou Dona Modesta.

— Sim.

— Q que você acha de passarem algumas semanas no subso-lo 02 sob orientação do coordenador de ala?

— Excelente! Aprenderão sobejamente sobre o leque das forças psíquicas.

— Dona Modesta! - intercedeu Marcondes.

— Pois não!

⁴⁹ O livro foi publicado pela Editora Didier.

— Aproveitando nossa conversa, qual a opinião que a senhora tem sobre os livros mediúnicos que estão surgindo na atualidade? Nossas histórias não parecerão aos espíritas, digamos, fantasiosas?...

— Por mim, Marcondes, contaria esses quatrocentos casos do arquivo de Inácio, entretanto obedeco a ordens de Eurípedes. E mais a mais, se o fizesse, seria tachada de louca, enquanto o médium que fosse portador dos textos passaria por uma terrível inquisição psicológica. O movimento espírita reclama da qualidade das obras mediúnicas e, quando surge algo novo e consistente, estarrecem, recriminam.

— Tem surgido muita fantasia, Dona Modesta. É por isso! A pureza doutrinária tem sido muito agredida. Não sei onde vai parar o Espiritismo!...

— O Espiritismo vai para o caminho comum da humanidade, o progresso. Recorda-se de nossa conversa na *tribuna da humildade*? Não é a pureza filosófica que tem sido agredida, e sim o orgulho dos pseudo-sábios que criam resistência em aceitarem o que escapa às suas concepções pessoais. Acreditam saberem tudo sobre Espiritismo. Pureza doutrinária tornou-se uma questão ético-cultural. Aquilo que o homem não consegue entender é, por essa razão, suspeito, controverso, infundado e anticientífico, sendo assim digno de uma postura de antifraternidade.

— O assunto é complexo!

— Tão complexo, Marcondes, que inúmeros companheiros espíritas, depois do desencarne, mesmo vendo a realidade a olhos nus, ainda suspeitam estarem sendo vítimas de uma mistificação no mundo espiritual. Querem pureza doutrinária até mesmo com a obra do Criador. Aqui mesmo no Pavilhão dos Dirigentes, todo dia, aparece esse tipo de ocorrência. Querem fazer pureza doutrinária com a vida. Não aceitam técnicas, idéias e práticas, alegando que não são doutrinárias. E quando nos olham, sentem-se inseguros e nos vêem com "cara" de mistificadores.

— Eu ainda me sinto assim, Dona Modesta. E quando ouço colocações enfáticas da senhora, fico mais inseguro.

— Enfáticas?...

— Você ainda não viu nada! - atalhou Doutor Inácio, zombando.

— Posso ser sincero?

— Franqueza é virtude, meu filho. Fale o que pensa - redarguiu Dona Modesta.

— Não estaria havendo um problema de filtragem com os médiuns? Uma obsessão coletiva para descaracterizar o Espiritismo?

— Agora sou eu quem diz: esse é um assunto complexo! Os médiuns são depositários de imensa responsabilidade. São canais de esperança dos céus para a Terra. Envergam sobre os ombros a condição exarada por Paulo: *"tesouros em vasos de barro."*⁵⁰ ...

— Sendo que a mediunidade é o tesouro e os médiuns são os vasos! - interrompeu, com ironia, Marcondes, que sempre interpretou os médiuns como doentes e devedores.

— Sua colocação, apesar de refletir sua indiferença para com a luta dos médiuns, é sábia - retrucou Dona Modesta.

— A senhora disse que franqueza é virtude!... -emendou Marcondes.

— Os médiuns deveriam ser vistos como pessoas comuns, falíveis. Todavia são alvos de onerosa expectativa de quantos lhes partilham a caminhada. Os homens emprestam-lhes uma supervalorização injustificável. Nesse clima psíquico, o mediuneiro, que não consegue construir defesas morais dignas e zelar por uma conduta rica de autonomia, poderá chafurdar-se, na teia dos reflexos da comunidade onde respira.

— A senhora está confirmando que existe um problema de filtragem?

— Estou confirmando que precisamos de rever conceitos sobre médiuns, mediunidades e Espiritismo. Largar essa mania emocional de fidelidade ao texto de Kardec e buscar fidelidade à postura de Kardec, à postura de investigador. Estou falando de abertura mental para o novo. A "cara" do Espiritismo brasileiro, conquanto

⁵⁰ II Coríntios, 4:7

represente o anseio de milhões de mentes, jamais servirá de modelo para idéias que, em verdade, são universais. Os princípios exarados pelo Espiritismo não lhe pertencem e nem a seus adeptos, muito menos a quaisquer entidades doutrinárias. São universais, portanto cada povo o apropriará à sua cultura, às suas necessidades, criando um campo de diversidade que convergirá para um único ponto, a ética do amor.

— Do jeito que a senhora fala, passa-me pelo pensamento os receios que tinha quando na carne.

— Quais receios, meu filho?

— Isso que a senhora prega significa uma miscelânea. Para mim, essa concepção levará as pessoas a fazerem do Espiritismo o que bem entenderem.

— Foi para isso que o Espiritismo surgiu no mundo. Para que o homem o absorva dentro de suas possibilidades e de conformidade com suas crenças e cultura.

— Então a senhora prega um sincretismo com as idéias espíritas? E isso? Onde fica a unidade doutrinária?

— A unidade deve ser buscada no campo ético do Espiritismo. Quanto à interpretação de seus princípios e práticas, meu caro, não tenha dúvidas, jamais haverá unidade.

— Então de que vale o trabalho da unificação? Para que o trabalho de tantos médiuns e líderes que suaram por uma "identidade espírita"?

— Nesta diversidade, meu filho, devemos incluir, como ponto desta mesma diversidade, a característica do Espiritismo brasileiro. O problema é querer tomá-lo como modelo universal dos seus fundamentos... No mundo dos espíritos, temos uma opinião partilhada em comum acerca da história do Espiritismo brasileiro. Seu grande mérito foi ter conectado princípios universais com ética e nobrecedora, isto é, ter criado uma ponte entre fundamentos religiosos e conduta.

— Mas seja temos um modelo endossado pelo Espírito Verdade, por que criar novidades?

— De que endosso você fala? De nossa parte, o único endosso que conhecemos das esferas mais elevadas ao contexto da co-

munidade espírita refere-se à sua conotação humana, ao valor que se emprega ao seu conteúdo moral.

— Então me explique por qual razão a grande maioria apoia os rumos do Espiritismo brasileiro?

— Pela natureza dos que nele reencarnaram. Esse panorama, todavia, mudará celeremente. Regressam os espíritos de "segunda e terceira vez" com concepções mais ampliadas das bases doutrinárias.

— Perdoe-me Dona Modesta, mas não consigo me abrir para essas idéias. Se a visão espírita que me serviu é contemplada nesse contexto de diversidade, então prefiro ficar com ela, por segurança.

— Amigo, abra seus olhos e enxergue mais longe. Se você estivesse na carne, ainda teria essa opção, diga-se de passagem, lamentavelmente. Porém, você está na vida da verdade.

— Está difícil crer no que vejo. Mesmo depois de seis meses morto, tenho a impressão de que estou na Terra, e nada mudou. Apesar de saber que mudou, não sinto dessa maneira... Vejo, mas não acredito que exista, compreende?

— Compreendo! E se eu lhe der um presente?

— Um presente?...

— Cuidado, Marcondes - intercedeu Doutor Inácio com humor - presente de Modesta costuma ser uma "dor de cabeça"!

— Você não nutre um intenso desejo de conhecer seu mentor?

— Até que enfim alguém tocou nesse assunto! Poderei conhecê-lo?

— Claro! Eulália, explique a Marcondes.

— Meu querido - externou com afeto a companheira - lembra do centro de umbanda que costumava freqüentar em busca de alívio para meus problemas físicos?

— Aquele centrinho de macumba do tal Vovô Zequinha? - ironizou o dirigente.

— Isso!

— Que tem isso haver com...

— Você perseguiu tanto ao Januário, médium de Vovô Zequinha, lembra-se?

— Para mim, o tal Januário é um embusteiro.

— Marcondes! Marcondes! Meu companheiro querido, eis os equívocos da ilusão! Januário é um missionário do Cristo e Vovô Zequinha é o coordenador das "alas restritas" do Pavilhão Judas Iscariotes.

— E uma pilhéria! - expressou com ironia o ex-dirigente.

— Com a seriedade que todos estamos tratando os assuntos, acredita que seja pilhéria? - respondeu Eulália com firmeza.

— Quer dizer que o tal Vovô Zequinha existe mesmo? E é mentor, ainda por cima?

— Sim, Marcondes - novamente tomou a palavra Dona Modesta com determinação. E tenho uma boa notícia para você!...

— Dona Modesta, a senhora está insinuando que...

— Ele é o seu mentor. O seu mentor tão desprezado por você.

— É demais para mim. Eu...

— Você só voltou ao corpo por conta de Vovô Zequinha, meu filho - intercedeu Dona Modesta.

— Mas...

— Quando Eulália passou a freqüentar a Tenda Umbandista em busca de alívio para seus problemas físicos, Vovô Zequinha, através de Januário, trouxe-lhe paz interior aos dramas conscienciais do adultério. Tornou-se seu preceptor e amigo. Januário, igualmente, médium de rara sensibilidade afetiva, acolheu Eulália com esmerada atenção. Vovô Zequinha tentou enviar, infinitas vezes, recados pelos médiuns da atividade que você dirigia, mas quase sempre você preferia seu ponto de análise. Lembra-se de Egberto?

— Lembro-me. Era um médium perturbado de nossa atividade. Adorava entidades africanistas com seus chás e ervas suspeitas.

— Pois Egberto foi o médium mais fiel dos recados do benfeitor.

— Dona Modesta, como posso acreditar nessas questões? Tudo me parece estória. Permita-me a clareza, estória pra boi dormir!...

— E o boi dormiu mesmo, amigo querido!

— A senhora fala de mim?

— Quem descuidou tanto como você, meu filho, ante os apelos dos bons espíritos?

— Como poderia checar as informações de Egberto e...

— Você não se deu ao trabalho de respeitá-las -interrompeu dona Modesta -, quanto mais checá-las. Em verdade, sua postura foi de desprezo, desconsideração.

— Lamento! Reconheço ser verdade.

— Essa é sua história, meu filho. Não se envergonhe, apenas assum-a.

— Coisas como essas serão narradas em nossa história pela mediunidade?

— Claro! Mas agora quero saber: terei, ou não, o aval de vocês? - indagou resoluta a benfeitora.

— De minha parte, está ótimo, conte comigo -externou Selena prontamente.

— Para mim, não vejo problema - pronunciou Marcondes com orgulho. Apenas uma informação por caridade: o médium que vai narrar nossa história é um missionário? Será...

— Não! Não é quem você está pensando. Os médiuns consagrados da seara cumprem outro gênero de tarefa para com a causa, razão pela qual, para resguardarem segurança íntima, mantêm-se distantes dos cataclismos de diversidade. O médium do qual me sirvo está enquadrado no ensino do Espírito Verdade que assevera:

*"Nem tudo o que o homem faz resulta de missão a que tenha sido predestinado. Amiudadas vezes é o instrumento de que se serve um espírito para fazer que se execute uma coisa que julga útil. Por exemplo, entende um espírito ser útil que se escreva um livro, que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. Procura então o escritor mais apto a lhe compreender e executar o pensamento. Transmite-lhe a idéia do livro e o dirige na execução. Ora, esse escritor não veto à Terra com a missão de publicar a obra. O mesmo ocorre com diversos trabalhos artísticos e muitas descobertas. Devemos acrescentar que, durante o sono corporal, o espírito encarnado se comunica diretamente com o espírito errante, entendendo-se os dois acerca da execução."*⁵¹

— Tenho piedade do medianeiro que se atrever a publicar tais anotações!

— Pois tenho alegria em saber que esses conceitos chegarão ao mundo pelas mãos mediúnicas.

⁵¹ O Livro dos Espíritos, questão 577.

— A maioria nutrirá descrença. Eu mesmo ainda não creio no que vejo!

— Ainda assim, o médium, com sua "louca coragem", será um desafio de amor para o movimento espírita. Muitos homens podem não acreditar. Faz parte da lei da diversidade. Entretanto continuam com o dever de amá-lo. Será que conseguirão?

— Se eu estivesse na carne, além de não entender, certamente faria o que fiz: denegrir.

— Ótimo!

— Ótimo?! Por quê Dona Modesta?

— Melhor essa atitude que a indiferença.

— Melhor?

— Diríamos, menos mal! Quem denigre é porque teve seus interesses ou pontos de vista atingidos. O indiferente é ardiloso, calculista, e, em muitas ocasiões, reconhece em sua intimidade, o valor das idéias contra as quais se defende através da indiferença.

— E quanto a Vovô Zequinha - indagou constrangido, quando poderei conhecê-lo nas enfermarias do subsolo?

— Andando pelas alas, você o reconhecerá. Zequinha foi um dos médicos europeus mais renomados da história do século XIX. Sua tenda religiosa em Goiás é um dos postos mais avançados de amor fraternal do Hospital Esperança na Terra.

— Quer dizer que os núcleos representantes do Hospital no plano físico não são somente espíritas?

— Não são representantes, Marcondes. São parceiros no amor. São cooperadores ativos do bem. Toda entidade que se ergue em nome do Cristo, independente de designação religiosa, tem laços profundos com nossas atividades. O Centro Espírita Paulo e Estêvão, dirigido por Selena, em Minas Gerais, e a agremiação que você conduziu em Goiás seriam frentes avançadas de nossas tarefas. Próximos a vocês, nas cidades em que atuavam, tinham excelentes servidores que partiram daqui com tarefas definidas. Contávamos com sua ajuda, Marcondes, pois Egberto é tutelado de Eurípedes.

Contávamos com você, Selena, pois Angélica é uma esperança de Doutor Bezerra. Nossos irmãos Egberto e Angélica fazem parte da *geração solidária*. Egberto, médium de excelentes recur-

sos. Angélica seria uma renovadora dos conceitos práticos da doutrina. As oportunidades perdidas se foram e, não fosse a abundância da celeste misericórdia, que seria de nós neste momento? No entanto o tesouro desta casa é a esperança. Nossa tarefa consiste em fazer renascer, no escrínio das almas tombadas, o desejo de recomeçar com determinação e fé. Sem isso, que será de nós? Após nossas falhas sucessivas, quando convidados a retomar os compromissos ecoa em nossa memória a fala sábia e aflita de Pedro: "*Para quem iremos nós, Senhor, se tens a palavra de Vida Eterna?*"⁵²

Notamos a expressão tristonha dos companheiros. Sentiam um misto de vergonha e frustração. Nada falavam. Dona Modesta, todavia, fustigara-lhes as fibras morais com intuits nobres. Desprezaram a oportunidade de cooperar com almas que carregam sobre os ombros um farto desafio espiritual. Era necessário que divisassem o quanto os aguardava no trabalho de reequilíbrio de si mesmos. As obras deixadas no plano físico não poderiam ser interrompidas a esmo. Angélica, Egberto e a própria Eulália, que breve renasceria no corpo, eram alguns dos muitos laços de continuidade para os destinos dos dois trabalhadores. Imprescindível recomeçarem com acerto. Promoverem-se à condição de servidores espontâneos e amantes da causa do bem. Só um caminho restava-lhes: conhecerem de perto a extensão das lutas e dores dos que soçobram entre a culpa e ódio na erraticidade. *Os portais de acesso* do Hospital seriam o passo inicial, até que pudessem estender os passos com mais solidez e segurança, aos terrenos baldios dos abismos e da subcrosta. Consciente disso, recomendou Dona Modesta:

— Os planos futuros visam a metas libertadoras. Enquanto Eulália prepara Marcondes nas câmaras dos ovóides, Selena ampliará suas noções de mediunidade. Marcondes despertará a fibra do sentimento altruísta, vindo, posteriormente, a cooperar com as fileiras doutrinárias onde se situa Egberto. Selena, por sua vez, ameaçará maior uniformidade interior, através da alegria e da flexibilidade junto às lutas, ao lado de Angélica. Ambos poderão servir e aprender, desde que se rendam ao espírito da lídima fraternidade

⁵² João, 6: 68.

sem mesclas. Se vencerem os preconceitos terrenos, farão vãos de alteridade. Vamos deixá-los a cargo de Inácio Ferreira por estarem intimamente ligados ao seu coração.

Nessa hora, todos olharam para Doutor Inácio que, de pronto, assestou seu humor em tom baixinho:

— Se fosse vocês, não aceitaria esse carma...

— Deixe disso, Inácio. Creio que nossos amigos já não se assustam com seus pitacos.

— Doutor - falou Eulália sensibilizada - serei eternamente grata pelos seus esforços com Marcondes.

—Não seja por isso, minha filha. Fiz quanto pude. Nada mais.

—Vocês se transferirão, em definitivo, para as atividades - continuou Dona Modesta - do pavilhão Judas Iscariotes. Marcondes ficará sob tutela de Vovô Zequinha. Selenia estará cooperando com Inácio nas alas dos médiuns. Ainda hoje, mais à tarde, teremos uma apresentação de Dona Ivone do Amaral Pereira, que nos brindará com oportunas reflexões. Amanhã, gostaria de tê-los de madrugada, nos *portais de acesso* para que iniciem novas lições.

Os dias passavam ricos de labor e desafios. O Hospital só tinha uma rotina: servir e aprender. O crepúsculo daquele dia, no entanto, era esperado por Eurípedes há algum tempo.

Na sacada da enfermaria, busquei um ar fresco após os colóquios confortadores com nossos pacientes. Percebi nosso diretor nos jardins colhendo lírios, acompanhado por Dona Modesta, Doutor Inácio, Antuza Ferreira, Odilon Fernandes e mais alguns colaboradores ligados à cidade de Uberaba e região. Observava com atenção a cena. Eurípedes fazia parte daquele canteiro e vice-versa. Colhia as flores com carinho, mas sua mente... Ah! Sua mente estava longe!... Não pude registrar-lhe o pensamento, no entanto sua fisionomia absorta era um traço indicativo de que refletia com profundidade. Percebendo meu pensamento com sua ilimitada capacidade mental, olhou para cima e, sorrindo com simplicidade, disse-me:

— Veja, minha filha! - e espalmou as mãos sobre o ramalhete. Você sabe para quem são estes lírios?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e ele completou em francês vernacular:

— Mademoiselle, ele estará de retorno ainda hoje... Colocou então um lírio na mão direita e saiu celeremente, seguido pelo grupo de amigos. Já tinha a quem entregá-lo... Acabara de desencarnar o Lírio Redimido do Evangelho Redivivo... Chico Xavier, naquela tarde-noite, partiu nos braços de Maria de Nazaré ao encalço do Mestre Jesus...

Olhei para o alto, e recordando velhas cenas de tempos sagrados, recitei em voz alta, pensando nas lutas de quantos anseiam por seguir a Jesus: *"Olhai os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam;*

E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

*Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?"*⁵³

ANEXO I

A proposta das Atitudes de Amor de Bezerra de Menezes

A melhor campanha para a instauração de um novo tempo na Seara passa pela necessidade de melhoria das condições do centro espírita, que é a célula operadora do objetivo do Espiritismo. Lá sim se concretizam não só o conhecimento e o trabalho, mas a absorção das verdades no campo individual, consentidas em colóquios íntimos e permanentes que reproduzem os momentos de Jesus com seu colégio apostólico.

Por isso, temos que promover as Casas, de posto de socorro e alívio a núcleo de renovação social e humana, através do incentivo ao desenvolvimento de valores éticos e nobres capazes de gerar a transformação.

⁵³ Mateus, 6: 28 a 30.

Para isso só há um caminho: **a educação.**

O núcleo espiritista deve sair do patamar de templo de crenças e assumir sua feição de escola capacitadora de virtudes e formação do homem de bem, independentemente de fazer ou não com que seus transeuntes se tornem espíritas e assumam designação religiosa formal.

Elaboremos um programa educacional centrado em valores humanos para dirigentes, trabalhadores, médiuns, pais, mães, jovens, velhos, e o apliquemos consentaneamente com as bases da Doutrina.

Saber viver e conviver serão as metas primaciais desse programa no desenvolvimento de habilidades e competências do espírito.

O que faremos para aprender a arte de amar? Como aprender a aprender? Como desenvolver afeto em grupo? Como "devolver visão a cegos, curar coxos e estropiados, limpar leprosos, expulsar demônios"?

Muitos adeptos conhecem a profundidade dos mecanismos desencarnatórios à luz dos princípios espíritas, entretanto, temos constatado quantos chegam por aqui em deploráveis condições por não se imunizarem contra os padrões morais infelizes e degeneradores.

A melhoria das possibilidades do centro espírita indiscutivelmente facilitará novos tempos para o pensamento espírita, haja vista que estaremos ali preparando o novo contingente de servidores da causa dentro de uma visão harmonizada com as implicações da hora presente. Dessa forma, estaremos retirando a Casa da feição de uma "ilha paradisíaca de espiritualidade", projetando-a ao meio social e adestrando seus partícipes a superarem sua condição sem estabelecer uma realidade fictícia e onerosa, insufladora de conflitos e de medidas impositivas, longe das reais possibilidades de transformação que a criatura pode e precisa efetivar em si mesma.

Interagindo com o meio, em permuta incessante de valores e experiências, o centro espírita sai da condição de um reduto

isolado no cumprimento de sua missão e passa a delinear a formação de uma rede de intercâmbios, fenômeno esse que vem abarcando a humanidade inteira sob a designação de globalização.

Contudo, a interação da casa doutrinária com o meio deve ser ativa a ponto de transformar-se em pólo irradiador de benesses a outras co-irmãs e, igualmente, para o agrupamento social no qual encontra-se inserida.

Por isso, mais uma vez torna-se imprescindível renovar conceitos e reciclar métodos, a fim de atingirmos os patamares de instituições multiplicadoras da mentalidade imortalista e fraterna.

Esse processo de interação social reclama posturas novas, dentre elas a de abrir canais de permanente relação interinstitucional, na qual o centro espírita catalise fulcros de cultura e modelos experimentais, transformando-se em ambiente de diálogo e convivência para dirigentes e trabalhadores de outros grupos afins, passando suas vivências e aperfeiçoando suas realizações, ao tempo em que se converte em pólo espontâneo da união entre co-idealistas, no regime do mais livre pluralismo de concepções acerca dos postulados espíritas.

Mais uma vez a visão futurista do Codificador, prenunciando esse tempo, levou-o a declarar: "esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã".

A criação desses pólos são medidas salutareias contra o isolacionismo e, pela sua característica essencial de fortalecimento de idéias, ensejam uma relação mais participativa, descentralizada, operando entre os grupos a prática da solidariedade.

Incentivaremos não só a renovação cultural nas casas espíritas, mas também a estruturação das entidades específicas que, pela sua neutralidade institucional, obterão um trânsito mais in-

tenso junto à seara na dinamização de um arejamento cultural, no atendimento das necessidades humanas que abarrotam em solicitações e demandas.

Há serviço intenso a realizar, e devemos ver com bons olhos a multiplicidade de funções e a diversificação de medidas em favor dos clamores da sociedade.

Os dirigentes, ricos de boa vontade e espírito cooperativo, anseiam por novos horizontes, todavia, tem faltado quem se disponha a dividir vivências ou a edificar um ambiente que se constitua verdadeira oficina de idéias e diálogo para a criação de caminhos novos.

Serão esses pólos as cooperativas de afeto cristão que permitirão aos servidores e condutores das responsabilidades doutrinárias renovarem esperanças, quebrando os circuitos de rotina dentro do labirinto de obrigações a que se renderam no ramerrão do centro espírita. Serão pólos de arejamento e solidariedade mútua regidos por intenso e espontâneo desejo de somar que, em última análise, é a unificação no que de mais sublime exprime o sentido dessa palavra.

Estamos, portanto, meus irmãos e amigos do coração, instaurando o período da unificação ética, da maioridade das idéias espíritas através do melhor aproveitamento individual dos seareiros dispostos a mais amplos vãos de renúncia, sacrifício e amor à causa.

Assim, todos nós aqui hoje reunidos estamos convocados a cerrar esforços continuados ao programa renovador de nosso abençoado movimento espírita, com vistas a ampliar na humanidade a mensagem de esperança e libertação, trazida por Jesus e explicada com lucidez pelo trabalho de Allan Kardec.

Estamos em campanha.

Campanha pela unificação com amor.

Campanha pela renovação das atitudes.

Temos um problema na Seara: **as más atitudes.**

Temos uma solução para a Seara: **novas atitudes.** Seja essa a nossa campanha no bem pelos tempos novos a que todos somos chamados.

Todos aqui, mormente os que se acostumaram à docilidade e ternura de meu coração, não se surpreendam com a franqueza de minhas palavras.

Estejam certos que o sentimento é o mesmo e sempre será.

A clareza e a definição de minha fala são em obediência incondicional e servil a ordens maiores que cumprio em nome do Espírito Verdade.

Sem perder a fraternidade, vós outros que têm o acesso livre pela palavra mediúnica levai essa mensagem ao conhecimento de todos. Aqueles que hoje aqui se encontram temerosos ante as novas chances que logo envergarão na carne, levai convosco a esperança de que em plena infância serão bafejados pelas claridades desse momento de renovação, dentro e fora das movimentações espirituais a que se matricularão. Aqueles que servem a outras fileiras de obrigações junto à humanidade, cooperem com nosso ideal incentivando a superação dos preconceitos e abrindo picadas para a penetração das idéias espíritas frente à sociedade.

Enaltecendo a comemoração, da qual ainda agora quase todos aqui presentes tivemos a bênção de acompanhar junto aos irmãos no Congresso Espírita Brasileiro, pecamos ao Senhor da Vida que fortaleça sempre os ideais em nosso coração, para que as medidas salvadoras representem mãos estendidas e guiadas pelo coração sempre pulsante no bem, em favor das lutas e do aprendizado daqueles que receberam de Deus a gloriosa oportunidade de regressarem à carne no torrão brasileiro, fruindo das benesses do Consolador Prometido. Amparemos nossa bendita Seara em seus novos dias, relembrando sempre a nossos tutelados a importância do amor.

Rememoremos como fonte inspiradora de nossa campanha a sublime e inesquecível fala de nosso Mestre: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros".

Cícero Pereira

Trecho extraído da mensagem "Atitude de Amor", inserida na obra "*Seara Bendita*" psicografada por Maria José da Costa Soares de Oliveira e Wanderley Soares de Oliveira - Diversos Espíritos